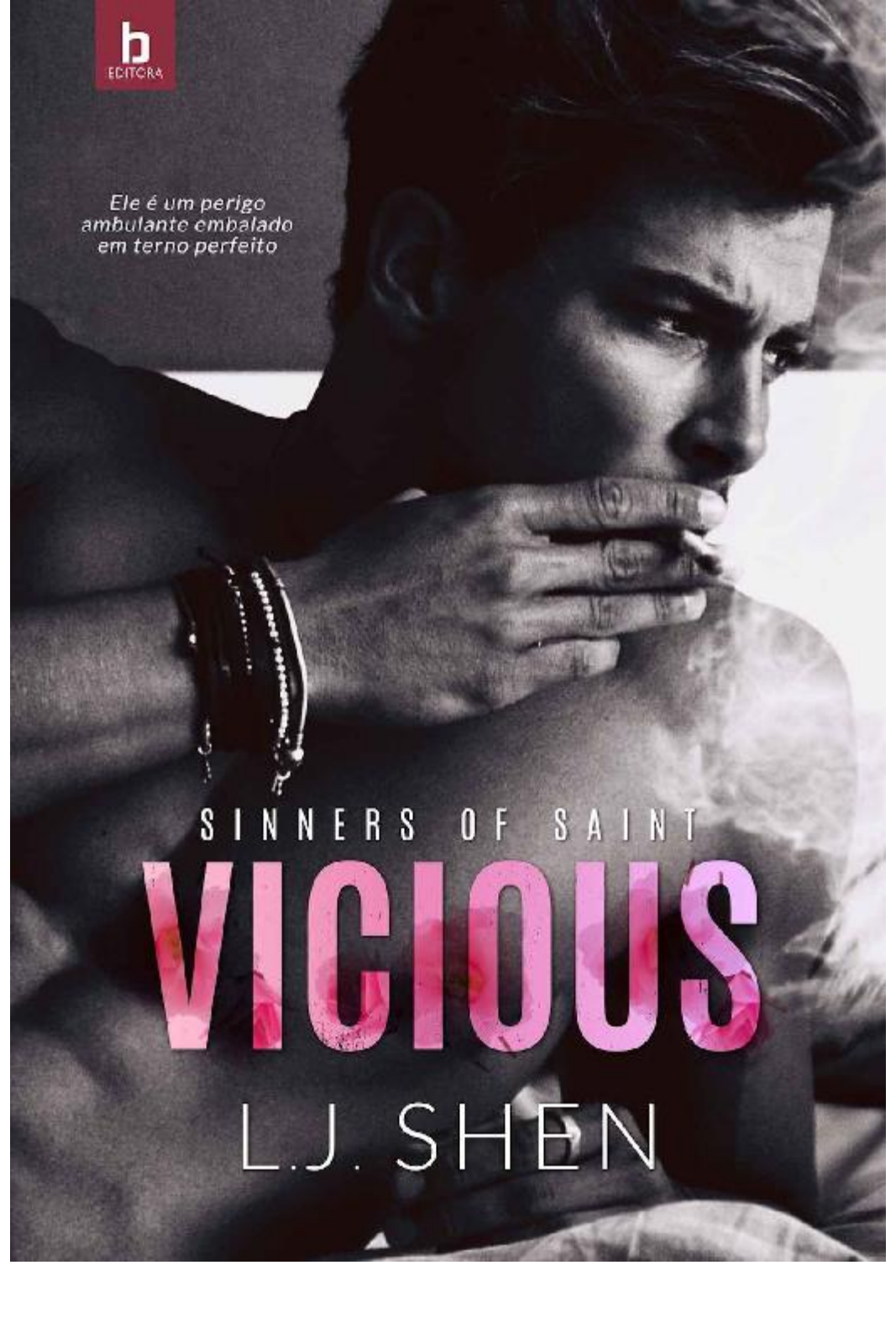


A black and white photograph of a man's face and upper body. He is looking down and to the right, with his hand near his mouth as if holding a cigarette. He is wearing several bracelets on his left wrist. The background is dark and moody.

b
EDITORA

*Ele é um perigo
ambulante embalado
em terno perfeito*

SINNERS OF SAINT
VICIOUS

L.J. SHEN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

*Ele é um perigo
ambulante embalado
em terno perfeito*

SINNERS OF SAINT
VICIOUS

L.J. SHEN

SINNERS OF SAINT

VICIOUS

L.J. SHEN

SINNERS OF SAINT

VICIOUS

L.J. SHEN

VICIOUS

Copyright © 2016 L. J. Shen

Copyright © 2021 Editora Bezz

Título original: *Vicious*

Tradução: Stéphanie Rumbelsperger

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Cover Model: Andrea Denver

Capa Original: Letitia Hasser, RBA Designs

Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Shen, L. J.

Vicious (Sinners of Saint, livro 1)/L. J. Shen; Tradução: Stéphanie Rumbelsperger. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2020.

Sobre <i>trademark</i> TM : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas a ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau de importância e credibilidade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

ÍNDICE

Playlist

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

AVISO DA EDITORA

Está é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora e da editora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física, verbal e linguajar indevido, assim como ações de *bullying* e uso de substâncias ilícitas. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Indicado para maiores de 18 anos.

*Amo-te como se amam certas coisas obscuras, secretamente,
entre a sombra e a alma.*

— Pablo Neruda, 100 Sonetos de Amor.

Para Karen O'Hara e Josephine McDonnell.

Playlist

“Bad Things” — Machine Gun Kelly X Camila Cabello

“With or Without You” — U2

“Unsteady” — X Ambassadors

“Fell in Love With a Girl” — The White Stripes

“Baby It’s You” — Smith

“Nightcall” — Kravinsky

“Last Nite” — The Strokes

“Teardrop” — Massive Attack

“Superstar” — Sonic Youth

“Vienna” — Billy Joel

“Stop Crying Your Heart Out” — Oasis

Na cultura japonesa, a importância da árvore da flor de cerejeira vem de centenas de anos. A flor de cerejeira representa a fragilidade e a magnitude da vida. É um lembrete de como a vida é linda, quase esmagadoramente, mas, também, dolorosamente curta.

Assim como os relacionamentos.

Seja sensato. Deixe seu coração mostrar o caminho. E quando encontrar alguém que valha a pena... nunca o deixe ir.





CAPÍTULO UM

MINHA AVÓ DISSE-ME uma vez que o amor e o ódio são os mesmos sentimentos, vivenciados sob diferentes circunstâncias. A paixão é igual. A dor é igual. Aquela coisa estranha que borbulha em seu peito? Igual. Eu não acreditava nela até conhecer Baron Spencer e ele se tornar meu pesadelo.

Depois, meu pesadelo tornou-se minha realidade.

Pensei que tivesse me livrado dele. Inclusive, fui estúpida o bastante para achar que ele havia se esquecido da minha existência.

Mas quando voltou, me afetou mais do que jamais pensei ser possível.

E igual a um dominó... eu caí.

Dez Anos Antes

Só tinha entrado na mansão uma vez antes, quando minha família chegou a Todos Santos. Isso foi há dois meses. Naquele dia, fiquei imóvel no mesmo piso de pau-ferro que nunca rangia.

Naquela primeira vez, Mama me deu uma cotovelada na costela.

— Sabia que este é o piso mais duro do mundo?

Ela deixou de mencionar que pertencia ao homem com o coração mais duro do mundo.

Por mais que me esforçasse, não conseguia entender por que as pessoas com muito dinheiro o gastariam em uma casa tão deprimente. Dez quartos. Treze banheiros. Uma academia de ginástica interna e uma escadaria teatral. As melhores comodidades que o dinheiro podia comprar... e, com exceção de uma quadra de tênis e uma piscina de quase vinte metros, tudo era preto.

O preto sufocava cada sentimento agradável que se poderia ter logo ao passar pelas enormes portas cravejadas de ferro. Parece ter sido decorado por um vampiro medieval, a julgar pelas cores frias e sem

vida e pelos lustres de ferro gigantes pendurados no teto. Até o chão era preto, fazendo parecer que eu pairava sobre um abismo, a uma fração de segundo de cair no meio do nada.

Uma casa de dez quartos para três moradores – dois deles mal ficavam ali – e os Spencer decidiram alojar a minha família na dependência dos empregados perto da garagem. Era maior do que nossa casa alugada, de tábuas de madeira em Richmond, Virginia, mas até aquele momento, ainda me incomodava.

Agora, não mais.

Tudo em relação à mansão Spencer era designado para intimidar. Rico e afortunado, no entanto, pobre de tantas maneiras. *Estas pessoas não são felizes*, pensei.

Olhei para os meus sapatos, os *Vans* brancos esfarrapados nos quais rabisquei flores coloridas para esconder o fato de que eram falsos, e engoli em seco, me sentindo insignificante até mesmo antes de *ele* me menosprezar. Antes mesmo que eu o conhecesse.

— Eu me pergunto onde ele está — sussurrou Mama.

Enquanto esperávamos no corredor, estremeci com o eco que ricocheteava nas paredes vazias. Ela queria perguntar se poderíamos ser pagos dois dias antes porque precisávamos comprar remédio para Rosie, a minha irmã caçula.

— Ouvi algo vindo daquele cômodo. — Ela apontou para uma porta no lado oposto do salão em forma de abóbada. — Bata lá. Vou voltar para esperar na cozinha.

— *Eu?* Por que eu?

— Porque — disse ela, me olhando fixamente de um jeito que atingiu a minha consciência — Rosie está doente e os pais dele estão fora da cidade. Vocês são da mesma idade. Ele vai te ouvir.

Fiz o que ela mandou, não por Mama, mas por Rosie, sem ter noção das consequências. Os minutos seguintes custaram todo o meu último ano e foram o motivo de eu ter sido arrancada da minha família aos dezoito anos.

Vicious achou que eu soubesse seu segredo.

Eu não sabia.

Ele achou que eu tivesse descoberto sobre o que estava discutindo

naquele cômodo aquele dia.

Eu não tinha a menor ideia.

Só me lembrava de me arrastar em direção à soleira de outra porta sombria, de meu pulso pairar a centímetros dela antes de ouvir uma rouquidão profunda vinda de um velho.

— Você conhece o procedimento, Baron.

Um homem. Provavelmente fumante.

— Minha irmã me disse que está trazendo problemas para ela outra vez. — O homem enrolou as palavras antes de levantar a voz e bater a palma da mão contra uma superfície dura. — Estou farto de você desrespeitá-la.

— Vai se foder. — Ouvi a voz calma de um jovem. Ele parecia... se divertir? — E ela que se foda também. Espere, é por isso que está aqui, Daryl? Você também quer um pouco da sua irmã? A boa notícia é que ela está na pista para negócio, se você tiver verba para pagar.

— Veja como fala, seu merdinha. — *Estalo*. — Sua mãe ficaria orgulhosa.

Silêncio, e então...

— Diga mais uma palavra sobre a minha mãe e vou te dar um bom motivo para obter esses implantes dentários sobre os quais tem falado com meu pai. — Escorria veneno da voz do homem mais novo, o que me fez pensar que ele poderia não ser tão novo quanto Mama achava.

— Fique longe de mim — advertiu a voz mais jovem. — Sou capaz de te arrebentar agora. Para falar a verdade, estou bem tentado a isso. A. Porra. Do. Tempo. Todo. Estou cansado de suas merdas.

— E que diabos te faz pensar que tem uma escolha? — O homem mais velho riu sombriamente.

Senti sua voz em meus ossos, como veneno corroendo meu esqueleto.

— Não ouviu? — gritou o mais novo. — Eu gosto de brigar. Gosto da dor. Talvez seja porque me facilita bastante aceitar o fato de que vou te matar algum dia. E eu vou, Daryl. Um dia, eu vou te matar.

Engasguei, atordoada demais para me mexer. Ouvi um estalido alto, depois, alguém caindo, arrastando algumas coisas consigo no percurso.

Eu estava prestes a correr – esta conversa obviamente não era para eu

ouvir –, mas ele me pegou desprevenida. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, a porta abriu e fiquei cara a cara com um garoto que devia ter a mesma idade que eu. Eu disse *um garoto*, mas não havia nada de juvenil nele.

O homem mais velho estava parado atrás dele, exausto, debruçado com as mãos abertas apoiadas na mesa. Livros estavam espalhados em volta de seus pés e seu lábio estava ferido e sangrando.

O cômodo era uma biblioteca. Indo do chão ao teto, prateleiras de nogueira cheias de livros de capa dura cobriam as paredes. Senti uma pontada em meu peito porque, de alguma forma, eu sabia que não havia jeito de algum dia ter permissão para entrar ali novamente.

— Mas que caralho? — O adolescente fervilhava. Ele estreitou os olhos, pareciam a mira de um rifle apontados para mim.

Dezessete? Dezoito? O fato de que tínhamos idades próximas por algum motivo tornou pior tudo a respeito daquela situação. Abaixei a cabeça, minhas bochechas ardiam com calor suficiente para queimar a casa inteira.

— Você estava ouvindo? — Seu maxilar se contraiu.

Balancei a cabeça loucamente dizendo que *não*, mas era mentira. Sempre fui uma péssima mentirosa.

— Não ouvi nenhuma palavra, juro. — Sufoquei-me com as minhas palavras. — Minha Mama trabalha aqui. Estava procurando por ela. — Outra mentira.

Nunca fui medrosa. Sempre fui a corajosa. Porém, não me senti tão corajosa naquele momento. Afinal, não deveria estar ali, na casa dele, e, definitivamente, não deveria estar ouvindo a discussão entre eles.

O adolescente deu um passo mais para perto e eu dei um passo para trás. Seus olhos estavam mortos, mas seus lábios eram vermelhos, carnudos e bem vivos. *Este garoto vai partir meu coração se eu permitir.* A voz veio de algum lugar dentro da minha cabeça, e o pensamento me surpreendeu porque não fazia sentido nenhum. Nunca tinha me apaixonado, e estava nervosa demais para sequer registrar a cor de seus olhos ou seu corte de cabelo, muito menos a hipótese de ter algum sentimento pelo garoto.

— Qual o seu nome? — Exigiu ele. Seu cheiro era delicioso: um

tempero masculino de menino-homem, suor doce, hormônios azedos e o leve traço de roupa lavada, uma das muitas tarefas da minha mãe.

— Emilia. — Limpei a garganta e estendi o braço. — Meus amigos me chamam de Millie. Você também pode me chamar assim.

Seu semblante não mostrava nenhuma emoção.

— Você está cancelada, *Emilia*. — Ele arrastou meu nome, zombando do meu sotaque sulista e sem nem ao menos tomar conhecimento da minha mão.

Retirei-a rapidamente, o constrangimento fazendo minhas bochechas arderem outra vez.

— Porra de lugar e hora errados. Da próxima vez que te encontrar em qualquer lugar dentro da minha casa, traga um saco para cadáveres porque você não vai sair viva. — Ele passou por mim como um furacão, seu braço musculoso esbarrando em meu ombro.

Sufoquei-me com minha respiração. Meu olhar voltou-se para o homem mais velho e nossos olhares se encontraram. Ele balançou a cabeça e sorriu de um jeito que me fez querer me encolher e desaparecer. Sangue pingava de seu lábio direto na sua bota de couro, preta como sua jaqueta surrada de motociclista. O que ele fazia num lugar como este, afinal? Ele apenas me encarou, sem fazer nenhum movimento para limpar o sangue.

Virei-me e saí correndo, sentindo a bile queimando na minha garganta, ameaçando vir para fora.

Desnecessário dizer, Rosie teve que se virar sem seu remédio esta semana e meus pais não foram pagos nem um minuto antes da data programada.

Isso foi há dois meses.

Hoje, quando passei pela cozinha e subi as escadas, não tinha escolha. Bati à porta do quarto de Vicious, que ficava no segundo andar no final do largo e encurvado corredor, a porta ficava de frente para a escadaria de pedra flutuante na mansão que parecia uma caverna.

Nunca estive perto do quarto de Vicious e desejei poder continuar assim. Infelizmente, meu livro de matemática foi roubado. Quem quer que tenha quebrado meu armário, tirou todas as minhas coisas de dentro dele e deixou lixo: latas de refrigerante vazias, material de

limpeza e camisinhas usadas caíam no instante em que abri a porta do armário.

Apenas mais um jeito não muito inteligente, mas mesmo assim eficaz, de os alunos do Colégio All Saints High me lembrarem de que eu não era nada além de uma ajudante barata por ali. A essa altura, eu estava tão acostumada a isso que nem ficava mais vermelha. Quando todos os olhares no corredor correram na minha direção, risos e risadinhas surgiram de todas as gargantas, ergui o queixo e marchei direto para a minha próxima aula.

All Saints High era uma escola cheia de pecadores mimados e superprivilegiados. Uma escola onde caso se vestisse mal ou agisse de certo modo, você não se encaixava. Graças a Deus, Rosie se misturava melhor que eu. E com o sotaque do sul, o estilo fora do padrão e um dos garotos mais populares da escola – Vicious Spencer – me odiando, eu não me encaixava.

O que piorava tudo era que eu não *queria* me encaixar. Esses garotos não me agradavam. Eles não eram legais nem receptivos nem muito inteligentes, não tinham nenhuma das qualidades que eu procurava numa amizade.

Só que eu precisava demais do meu livro se quisesse ter a chance de escapar deste lugar.

Bati três vezes na porta de mogno do quarto de Vicious. Brinquei com meu lábio inferior entre meus dedos, tentando absorver o máximo de oxigênio que conseguisse, mas isso não contribuiu em nada para acalmar a pulsação latejante em meu pescoço.

Por favor, não esteja aqui...

Por favor, não seja um imbecil...

Por favor...

Um ruído suave escoou da fresta sob a porta e meu corpo ficou tenso.

Risinhos.

Vicious nunca ria. Caramba, ele mal sorria. Seus sorrisos eram poucos e raros. Não, sem dúvida o som era feminino.

Eu o ouvi sussurrar algo indecifrável em seu timbre rouco que a fez gemer. Meus ouvidos queimaram e eu esfreguei de maneira nervosa as mãos no short de brim amarelo sem bainha que cobria as minhas

coisas. De todos os cenários que poderia ter imaginado, este era de longe o pior.

Ele.

Com outra garota.

Que eu odiava antes mesmo de saber o nome.

Isso não fazia sentido nenhum e, mesmo assim, me senti ridiculamente furiosa.

Contudo, ele claramente estava lá e eu era uma garota com uma missão.

— Vicious? — Chamei, tentando manter a voz estável. Alonguei minhas costas, mesmo ele não podendo me ver. — É a Millie. Desculpe interromper vocês. Só queria seu livro de matemática emprestado. O meu sumiu e eu preciso mesmo me preparar para aquela prova que temos amanhã. — *Deus te livre de estudar para a nossa prova*, murmurei.

Ele não respondeu, mas eu ouvi um suspiro profundo – *a garota* – e um farfalhar de tecidos e um barulho de zíper. Abrindo, não tenho dúvidas.

Fechei meus olhos e encostei a testa na madeira fria da porta dele.

Segure a barra. Engula o orgulho. Isto não vai ter importância daqui a alguns anos. Vicious e suas artimanhas idiotas serão uma lembrança distante, a cidade esnobe de Todos Santos será apenas uma nuvem de poeira do meu passado.

Meus pais agarraram a oportunidade quando Josephine Spencer lhes ofereceu emprego. Eles atravessaram o país nos arrastando para a Califórnia porque a assistência médica era melhor e não precisaríamos nem pagar aluguel. Mama era a cozinheira/governanta dos Spencer e papai era um pouco de jardineiro e faz-tudo. O casal residente anterior pediu demissão e isso não era de se espantar. Tenho certeza de que meus pais também não estavam tão entusiasmados com o emprego, mas oportunidades como essa eram raras e a mãe de Josephine Spencer era amiga da minha tia-avó, que foi como eles conseguiram o emprego.

Eu planejava sair daqui em breve. Assim que fosse aceita na primeira universidade fora do Estado para a qual me inscrevi, para ser exata. Só

que para isso, eu precisava de uma bolsa de estudos.

Para ganhar uma bolsa de estudos, eu precisava mandar bem nas notas.

E para mandar bem nas notas, precisava desse livro.

— Vicious — gritei seu apelido idiota. Eu sabia que ele odiava o seu nome verdadeiro e, por motivos alheios a mim, não queria aborrecê-lo. — Vou pegar o livro e copiar as fórmulas que preciso bem rápido. Não vou ficar muito tempo com ele. Por favor. — Engoli a bola de frustração que girava na minha garganta. Já era ruim o suficiente eu ter sido roubada – *mais uma vez* – sem ter que pedir favores a Vicious. As gargalhadas aumentaram. O tom alto e estridente cortou meus ouvidos. Meus dedos coçavam para empurrar a porta e abri-la, me lançando contra ele com meus punhos.

Ouvi seu gemido de prazer e sabia que não tinha nada a ver com a garota com quem ele estava. Ele adorava me provocar. Desde o nosso primeiro encontro do lado de fora da biblioteca há dois meses, ele estava determinado a me lembrar de que eu não era boa o bastante.

Não era boa o bastante para a sua mansão.

Não era boa o bastante para a sua escola.

Não era boa o bastante para a *sua cidade*.

A pior parte? Não era um modo de falar. Essa *era* realmente a sua cidade. Baron Spencer Junior – conhecido como Vicious por causa de seu comportamento desumano e frio – era o herdeiro de uma das maiores fortunas familiares na Califórnia. Os Spencer eram donos de uma companhia de dutos de petróleo, de metade do centro de Todos Santos – incluindo o shopping – e de três complexos de escritórios corporativos. Vicious tinha dinheiro suficiente para dar conta das dez gerações seguintes da sua família.

Mas eu não.

Meus pais eram empregados, tínhamos que trabalhar por cada centavo. Eu não esperava que ele entendesse, herdeiros nunca entendiam. Contudo, eu supus que ele pelo menos fingisse, como o resto deles.

A educação era importante para mim, e naquele momento, sentia que a roubavam de mim.

Porque as pessoas ricas roubaram os meus livros.

Porque este garoto rico em particular nem mesmo abria a porta do seu quarto para eu poder pegar emprestado bem rapidinho seu livro.

— Vicious! — Minha frustração tirou o melhor de mim e eu bati a palma da mão na porta. Ignorando a vibração que isso enviou para o meu pulso, continuei, desesperada. — *Qualé!*

Estava a um passo de me virar e sair andando. Mesmo que isso significasse que eu teria que pegar a minha bicicleta e cruzar a cidade pedalando para pegar o livro de Sydney emprestado. Sydney era a minha única amiga em All Saints High e a única pessoa de quem eu gostava na turma.

Mas, então, ouvi Vicious rindo e soube que eu era a piada.

— Adoro te ver rastejar. Implore, querida, e eu darei para você — falou.

Não para a garota no quarto dele.

Para mim.

Eu me descontrolei. Mesmo sabendo que era errado. Que ele estava ganhando.

Empurrei a porta e invadi seu quarto, apertando com força a maçaneta com meu punho, meus dedos estavam brancos e queimavam.

Meus olhos correram para a sua cama *king-size*, mal parando para assimilar o painel lindo sobre ela – quatro cavalos brancos galopando na escuridão – nem a elegante mobília escura. A cama dele parecia um trono, posicionada no meio do quarto, grande e alta, coberta com uma seda preta macia. Ele estava parado na beirada do colchão com uma garota, que era da minha turma de Educação Física, em seu colo. O nome dela era Georgia e seus pais eram donos de metade das vinícolas no interior de Carmel Valley. Os longos cabelos loiros de Georgia encobriam um de seus ombros largos e seu bronzeado caribenho parecia perfeito e suave contra a aparência pálida de Vicious.

Os olhos azuis escuros dele – tão escuros que eram quase negros – fixos nos meus conforme ele continuava a beijá-la vorazmente – sua língua fazendo várias aparições – como se ela fosse feita de algodão doce. Precisava desviar o olhar, mas não conseguia. Eu estava presa ao olhar dele, completamente imobilizada dos olhos para baixo, então,

ergui uma sobranceira, mostrando a ele que não me importava.

Só que me importava, sim. Me importava muito.

Na verdade, eu me importava tanto que continuei olhando para eles descaradamente. Para as suas covinhas quando ele enfiava a língua no fundo da boca da garota, seu olhar provocante e ardente que nunca deixava o meu, avaliando a minha reação. Senti meu corpo vibrando de um jeito desconhecido, rendendo aos seus encantos. Uma névoa doce e pungente. Era sexual, inoportuna e, mesmo assim, completamente inevitável. Queria me libertar, mas, por mais que me esforçasse, não conseguia.

Segurei ainda com mais força a maçaneta e engoli em seco, meus olhos baixaram para a sua mão conforme ele segurava a cintura dela e a apertava, brincando. Eu comprimi minha própria cintura por cima do tecido da minha blusa de girassóis amarelos e brancos.

Que diabos havia de errado comigo? Assisti-lo beijar outra garota era insuportável, mas, também, estranhamente interessante.

Eu queria ver.

Eu não queria ver.

De qualquer modo, não conseguiria *desver*.

Admitindo a derrota, pisquei, mudando meu olhar para o boné preto do *Raiders* que estava pendurado no apoio de cabeça de sua cadeira.

— Seu livro, Vicious. Preciso dele — repeti. — Não vou sair do seu quarto sem ele.

— Caralho, sai daqui, Criada — disse ele dentro da boca de Georgia, que ria.

Um espinho espetava meu coração, a inveja enchia meu peito. Não conseguia entender essa reação física. A dor. A vergonha. O *desejo*. Eu odiava Vicious. Ele era difícil, insensível e detestável. Soube que sua mãe morreria quando ele tinha nove anos, mas estava com dezoito agora e tinha uma boa madrasta que o deixava fazer o que quisesse. Josephine parecia doce e carinhosa.

Ele não tinha motivos para ser tão cruel e, mesmo assim, era desse jeito com todo mundo. Principalmente comigo.

— Não. — Por dentro, a raiva me envolvia, mas, por fora, permaneci inalterada. — *Livro. De. Matemática.* — Falei devagar, tratando-o como

o idiota que ele pensava que eu era. — Apenas me diga onde está. Vou deixá-lo na sua porta quando terminar. O jeito mais fácil de se livrar de mim e voltar às suas... atividades.

Georgia, que brincava com o zíper dele e já estava com seu vestido branco na altura dos joelhos aberto na parte de trás, grunhiu, afastando-se do peito dele por um instante e revirou os olhos.

Ela fez um biquinho de reprovação.

— É sério? Mindy? — Meu nome era Millie e ela sabia disso — Você não tem nada melhor para fazer na vida? Ele é muita areia *pro* seu caminhãozinho, não acha?

Vicious ficou me analisando durante um tempo, um sorriso pretensioso fixado em seu rosto. Ele era lindo *pra* caramba. Infelizmente. Cabelos pretos, brilhosos e com corte da moda: raspado nas laterais e mais comprido na parte superior. Olhos cor de anil, sem fundo em sua profundidade, brilhantes e endurecidos. Pelo que, eu não sabia. Sua pele era tão pálida que ele parecia um fantasma deslumbrante.

Como pintora, eu sempre passava um tempo admirando a figura de Vicious. Os ângulos de seu rosto e a estrutura óssea forte. Todas as extremidades harmoniosas. Definidas e evidentes. Ele foi feito para ser retratado. Uma obra-prima da natureza.

Georgia também sabia disso. Eu a ouvi não muito tempo atrás falando sobre ele no vestiário, depois da Educação Física. Sua amiga dissera:

— Cara lindo.

— Garota, mas com uma personalidade *horrível* — Georgia apressou-se em acrescentar. Um momento de silêncio passou antes de ambas saltarem uma risada.

— Quem se importa? — Concluía a amiga de Georgia. — Eu *pegava* ele mesmo assim.

A pior parte foi que eu não poderia culpá-las.

Ele era jogador e podre de rico, um cara popular que se vestia e falava do jeito certo. Um perfeito herói de All Saints. Ele dirigia o tipo certo de carro – *Mercedes* – e possuía aquela aura misteriosa de um verdadeiro alfa. Ele sempre dominava o ambiente. Mesmo que estivesse completamente calado.

Fingindo tédio, cruzei os braços e encostei o quadril no batente da porta. Olhei para a janela, sabendo que as lágrimas apareceriam em meus olhos se eu olhasse diretamente para ele ou para Georgiia.

— Muita *areia*? — Zombei. — Eu nem mesmo mexo com isso. Não gosto de me sujar.

— Mas você vai, assim que te irritar o bastante — atirou Vicious com a voz calma e sem senso de humor. Parecia que ele tinha arrancado as minhas entranhas e jogado-as no piso de pau-ferro intocado.

Pisquei devagar, tentando parecer indiferente.

— O livro? — Pedi pela milésima vez.

Ele deve ter chegado à conclusão de que me torturara demais para um dia só. Inclinou a cabeça de lado para uma mochila largada debaixo de sua mesa. A janela sobre ela tinha vista para a dependência dos empregados onde eu morava, permitindo-lhe uma visão perfeita diretamente para o meu quarto. Até agora, eu o pegara me olhando duas vezes pela janela e sempre me perguntava por quê.

Por quê, por quê, por quê?

Ele me odiava tanto. A intensidade de seu olhar queimava meu rosto todas as vezes que me olhava, o que não acontecia com tanta frequência quanto eu gostaria. Mas sendo a garota sensata que eu era, nunca me permitia remoer isso.

Caminhei até a mochila emborrachada da *Givenchy* que ele levava para a escola todos os dias e exalei conforme a abria, fazendo barulho ao remexer em suas coisas. Fiquei contente por estar de costas para eles e tentei bloquear os gemidos e os sons de sucção.

No segundo em que a minha mão tocou o livro de matemática branco e azul familiar, eu travei. Encarei a flor de cerejeira que havia desenhado na lombada. A raiva formigava na minha espinha, percorrendo as minhas veias, fazendo meus punhos cerrarem e abrirem. O sangue ferveu em minhas orelhas e minha respiração acelerou.

Ele arrombou a porra do meu armário.

Com os dedos trêmulos, puxei o livro para fora da mochila de Vicious.

— Você roubou o meu livro? — Virei-me para encará-lo, cada músculo do meu rosto estava tenso.

Isso era um agravamento. Uma agressão contundente. Vicious sempre me provocava, mas nunca havia me humilhado desse jeito antes. Pelo amor de Deus, ele roubou as minhas coisas e encheu meu armário com camisinhas e papéis higiênicos usados.

Nossos olhos se encontraram e prenderam-se um ao outro. Ele empurrou Georgia para fora de seu colo, como se ela fosse um cãozinho ansioso com quem ele estava farto de brincar, e se levantou. Dei um passo para frente. Estávamos cara a cara agora.

— Por que você faz isso comigo? — Sibilei, analisando seu rosto sem expressão e duro.

— Porque eu posso. — Ele sorriu para esconder toda a dor em seus olhos.

O que está te corroendo, Baron Spencer?

— Porque é divertido? — Acrescentou, rindo enquanto jogava o casaco de Georgia para ela. Sem lhe dirigir o olhar, ele fez um gesto para que ela fosse embora.

Claramente, ela era apenas um adereço. Um meio para chegar a um fim. Ele queria me magoar.

E conseguiu.

Eu não deveria me importar com o motivo de ele agir desse modo. Isso não fazia diferença nenhuma. O importante era que eu o odiava. Eu o odiava tanto que me fazia mal adorar sua aparência, dentro e fora do campo. Odiava a minha futilidade, a minha estupidez, em amar o jeito que seu queixo forte e quadrado ficava marcado quando ele lutava contra um sorriso. Odiava adorar as coisas inteligentes e espirituosas que saíam de sua boca quando ele falava na aula. Odiava o fato de ele ser um realista cínico enquanto eu era uma idealista incorrigível e, mesmo assim, adorava cada pensamento que ele pronunciava em voz alta. E odiava que uma vez por semana, todas as semanas, meu coração fazia coisas malucas dentro do meu peito porque eu suspeitava que ele pudesse ser *ele*.

Eu o odiava e era evidente que ele também me odiava.

Eu o odiava, mas odiava mais Georgia porque foi ela que ele beijou.

Sabendo perfeitamente que não poderia brigar com ele – meus pais trabalhavam aqui –, mordi a língua e corri para a porta. Cheguei só

até a soleira, porque sua mão calejada segurou meu cotovelo, me fazendo girar onde eu estava e jogando meu corpo direto em seu peitoral forte. Engoli um soluço.

— Brigue comigo, Criada — rosnou ele na minha cara, suas narinas inflavam como as de uma besta selvagem. Seus lábios estavam perto, perto demais. Ainda inchados de beijar outra garota, vermelhos em contraste com sua pele clara. — Pelo menos uma vez na vida, defenda o que é seu, caralho.

Sacudi-me para me livrar de seu toque, agarrando meu livro contra meu peito como se fosse um escudo. Saí correndo do quarto dele sem parar para tomar fôlego até chegar à dependência dos empregados. Abrindo a porta, corri para o meu quarto e me tranquei ali, estatelando-me na cama com um suspiro profundo.

Não chorei. Ele não merecia as minhas lágrimas. Mas eu estava furiosa, irritada e, sim, um pouco despedaçada.

Ao longe, ouvi uma música explodindo de seu quarto, ficando mais alta a cada segundo que ele aumentava o som no volume máximo. Demorei algumas batidas para reconhecer a canção. *Stop Crying Your Heart Out*, do Oasis.

Alguns minutos depois, ouvi o *Camaro* automático vermelho de Georgia, do qual Vicious sempre zombava porque *Que idiota compra um Camaro automático?*, disparar pela entrada arborizada da propriedade. Ela também parecia furiosa.

Vicious era perverso. Era ruim demais meu ódio por ele estar mergulhado numa casca fina de algo que parecia amor. Mas eu prometi a mim mesma que eu acabaria com isso, que romperia tudo, e libertaria o ódio puro em seu lugar antes que me atingisse. *Ele* – prometi a mim mesma – *nunca me arruinaria*.





CAPÍTULO DOIS

Dez Anos Antes

ERA A MESMA MERDA de sempre, outro final de semana na minha casa. Eu estava dando outra festa e nem me incomodei em sair da sala de TV/jogos para falar com os idiotas que convidara.

Sabia que tipo de caos fervilhava fora dali. As garotas que riam e gritavam na piscina curva, em forma de rim, na parte de trás da casa. O ruído das cachoeiras artificiais saindo dos arcos gregos na água e o estalo da borracha dos colchões infláveis contra a pele nua e úmida. Os gemidos de casais fodendo nos cômodos ao lado. A fofoca maldosa das panelinhas despencando nas namoradeiras e nos sofás luxuosos no andar de baixo.

Ouvi uma música, Limp Bizkit, e quem é o idiota que tem coragem de tocar *Lixo Bizkit* na minha festa?

Eu poderia ter ouvido todo o resto também se quisesse, mas não *ouvi*. Esparramado na minha espreguiçadeira em frente à televisão, com as pernas arreganhadas, eu fumava um baseado e assistia a um pouco de pornô anime japonês.

Havia uma cerveja do meu lado direito, mas não toquei nela.

Havia uma garota ajoelhada abaixo de onde eu estava sentado, no tapete, massageando as minhas coxas, mas tampouco toquei nela.

— Vicious — ronronou ela, avançando para a minha virilha. Ela subiu lentamente, montando em meu colo.

Uma morena bronzeada sem nome com um vestido vem-me-comer. Ela tinha cara de Alicia ou de Lucia, quem se importa. Tentou entrar

para a equipe de líderes de torcida na primavera passada. Falhou. Meu palpite era que esta festa era seu primeiro gostinho de popularidade. Ficar comigo, ou com qualquer um nesta sala, era seu atalho para o status de celebridade na escola.

Só por isso, ela não me interessava nem um pouco.

— Sua sala de TV é demais. Mas não acha que poderíamos ir para um lugar mais sossegado?

Bati na ponta do baseado, as cinzas caíram em um cinzeiro no braço da minha poltrona como um floco de neve suja. Meu maxilar contraiu.

— Não.

— Mas eu gosto de você.

Mentira. Ninguém gostava de mim e por um bom motivo.

— Não curto relacionamentos — falei no piloto automático.

— Tipo, dã... Eu sei disso, bobinho. Só que não faz mal se divertir um pouco. — Ela bufou, uma risada nada atraente que me fez odiá-la por se esforçar tanto.

Para mim, o autorrespeito passou longe.

Estreitei os olhos enquanto meditava sobre sua oferta. Claro, eu poderia deixá-la chupar meu pau, mas sabia muito bem que não podia acreditar em seu comportamento indiferente. Todas elas querem algo mais.

— Você deveria dar o fora daqui — falei, pela primeira e última vez. Eu não era seu pai. Não era responsabilidade minha alertá-la sobre caras como eu.

Ela fez beicinho, prendendo os braços atrás do meu pescoço e subindo pela minha coxa. Seus seios expostos encostaram em meu peito e seus olhos flamejavam de determinação.

— Não vou sair daqui sem um HotHole¹.

Ergui uma sobrancelha, soltando fumaça pelo nariz, meus olhos semicerraram de tédio.

— Então, é melhor tentar com Trent ou Dean, porque não vou te comer hoje, querida.

Alicia-Lucia saiu de cima de mim, captando, enfim, a mensagem. Ela foi rebolando para o bar com um sorriso falso, que se contorcia a cada passo que dava com aqueles saltos, e preparou para si mesma uma

porcaria de coquetel sem conferir qual bebida colocou dentro do copo grande. Seus olhos brilhavam ao analisar a sala, tentando descobrir qual dos meus amigos – éramos os (Quatro) Four HotHoles de All Saints High – estava disposto a ser seu passaporte para a popularidade.

Trent estava largado no sofá do meu lado direito, meio sentado, meio deitado enquanto uma garota aleatória esmagava seu pau, montada nele com a blusa puxada para baixo na cintura e seus peitos nus pulando de maneira quase cômica. Ele colocou a cerveja na boca e ficou mexendo no celular, entediado. Dean e Jaime estavam sentados numa namoradeira no outro lado, discutindo sobre o jogo de futebol da próxima semana. Nenhum deles tocou as garotas que chamamos para a sala.

Jaime, eu entendia. Ele estava obcecado pela Srta. Greene, a nossa professora de Inglês/Literatura. Eu não aprovava seu novo fascínio de merda, mas nunca lhe disse nenhuma palavra sobre isso. Dean, por outro lado? Eu não fazia ideia de qual era o problema dele. Por que ele não tinha agarrado uma bunda e entrado em ação como normalmente fazia?

— Dean, cara, onde está sua bocetinha da noite? — Trent ecoou meus pensamentos, deslizando o polegar pelo botão de seu *iPod*, navegando pela sua playlist, parecendo desesperadamente desinteressado na garota que estava comendo.

Antes que Dean pudesse respondê-lo, Trent empurrou a garota de cima dele no meio de uma estocada, dando um tapinha em sua cabeça gentilmente enquanto ela rolava no sofá. A sua boca ainda estava aberta, em parte pelo prazer, em parte pelo choque.

— Desculpe. Não está rolando para mim hoje. É o gesso. — Ele apontou sua garrafa de cerveja para seu tornozelo quebrado, com um sorriso de desculpas para sua parceira de foda.

De nós quatro, Trent era o mais agradável.

Isso dizia tudo o que alguém precisava saber sobre os HotHoles.

A ironia era que Trent tinha o maior motivo de todos para ser desprezível. Ele estava fodido e sabia disso. Não havia como ganhar uma bolsa integral para a faculdade sem o futebol. Suas notas eram

uma merda e seus pais não tinham dinheiro nem para pagar o aluguel, muito menos sua educação. Sua lesão significava que ele ficaria no sul da Califórnia e arrumaria algum trabalho braçal se tivesse sorte, rebaixando-se ao resto de seu bairro depois de passar quatro anos conosco, os garotos ricos de Todos Santos.

— Estou bem, cara. — O sorriso de Dean era calmo, mas o bater constante de seu pé, não. — Na verdade, não quero que seja pego de surpresa por nada. Está ouvindo? — Ele sorriu, nervoso, ajeitando a postura.

E, então, a porta abriu atrás de mim. Quem quer que tenha entrado não se incomodou em bater. Todos sabiam que esta sala era zona proibida. Este era o lugar particular de festa dos HotHoles. As regras eram claras. A menos que fosse convidado, não se entrava.

As garotas na sala olharam na direção da porta, mas eu continuei fumando maconha e desejando que Lucia-Alicia saísse do bar. Precisava de uma cerveja gelada e não estava a fim de conversa.

— Opa, oi. — Dean acenou para a pessoa na porta e eu juro que todo o seu corpo idiota sorriu.

Jaime cumprimentou com um aceno curto, ficando tenso onde estava e me olhando de um jeito que eu estava chapado demais para decifrar. Trent virou a cabeça, também grunhindo uma saudação.

— Quem quer que esteja na porta, é melhor ter a porra de uma pizza e uma boceta de ouro, se quiser ficar. — Cerrei os dentes, finalmente dando uma olhada sobre meu ombro.

— Oi, todo mundo.

Quando ouvi a voz dela, algo estranho aconteceu no meu peito.

Emilia. A filha da criada. *Por que ela está aqui?* Ela nunca saía da dependência dos empregados quando eu dava as minhas festas. Além do mais, ela não olhava para mim desde que saiu correndo do meu quarto com seu livro de matemática na semana passada.

— Quem te deu permissão para vir aqui, Criada? — Traguei meu baseado, inalei profundamente e soltei uma nuvem de fumaça rançosa e doce no ar, girando a minha poltrona para encará-la.

Seus olhos azuis resvalaram para mim por um instante antes de pousarem em alguém atrás de mim. Seus lábios formaram um tímido

sorriso ao ver a tal pessoa. O som barulhento da festa desapareceu e tudo o que vi foi seu rosto.

— Oi, Dean. — O olhar dela abaixou para seus *Vans*.

Seus cabelos caramelos compridos estavam trançados e jogados em um de seus ombros. Ela vestia uma calça *boyfriend* e uma blusa com estampa da *Daria*, sem combinar intencionalmente com uma jaqueta de lã laranja. Seu senso de estilo era juvenil e horroroso, e as costas de sua mão ainda tinham o desenho à caneta de uma árvore de flor de cerejeira que ela desenhara na aula de Literatura Inglesa, então, por que caralho ela ainda era sexy *pra* cacete? Não importava. De qualquer jeito, eu a odiava. Mas sua devoção aparente em tentar não ser sexy combinada com o fato de que ela realmente *era* sexy, sempre me deixava duro feito pedra.

Desviei meu olhar dela para Dean. Ele retribuiu seu sorriso. Um sorriso bobo que me implorava para quebrar todos os seus dentes.

Que. Porra. É. Essa?

— Vocês dois estão se pegando? — Jaime estourou o chiclete, fazendo a pergunta que eu nunca teria feito, despenteando seus cabelos loiros compridos com o punho. Ele não dava a mínima, porém, sabia que era algo que poderia me interessar.

— Caramba, cara. — Dean se levantou, dando um tapa na nuca de Jaime e agindo repentinamente como algum tipo de cara decente.

Eu o conhecia bem demais para não reconhecer que ele não era um. Ele já fodeu tantas garotas naquele mesmo sofá em que estava sentado que o lugar estava permanentemente marcado com seu DNA. Nós não éramos caras legais. Não éramos namoráveis, o que quer que isso quisesse dizer. Caralho, nós nem tentávamos esconder isso. E com exceção de Jaime, que dizia coisas sem sentido, conspirando como uma sagaz líder de torcida novata para ficar com a Srta. Greene, não curtíamos monogamia.

Isto, e apenas isto, me fazia detestar a ideia de Dean com a Criada. Eu já tinha drama suficiente com que lidar. Eu não queria estar perto quando partisse o coração dela, na minha casa. Despedaçando-se no *meu piso*. Além disso, por mais que eu não gostasse de Criada... não era para fazermos mal a ela. Ela era apenas uma garota do interior da

Virgínia com um sorriso enorme e um sotaque irritante. Sua personalidade era como a porra de uma música de Michael Bublé. Tão simples e despretensiosa *pra* caralho. Quero dizer, a garota até sorriu para mim quando me pegou olhando para seu quarto na dependência dos empregados como um tarado.

Quão idiota uma pessoa podia ser?

Não era culpa dela eu odiá-la. Por me bisbilhotar com Daryl aquelas semanas atrás. Por parecer e soar exatamente como a Jo, minha madrasta.

— Fico feliz por ter vindo. Sinto muito por ter que vir aqui, não percebi que estava atrasado. Não é lugar para uma dama — brincou Dean, pegando a jaqueta do braço do sofá de couro e correndo para a porta.

Ele jogou o braço sobre o ombro dela e minha pálpebra esquerda tremeu.

Ele pegou uma mecha do cabelo dela que caiu de sua trança, colocando atrás da orelha, e meu maxilar cerrou.

— Espero que esteja com fome. Conheço um lugar muito bom que serve frutos do mar perto da marina.

Ela sorriu.

— Claro. Estou dentro.

Ele riu, e minhas narinas inflaram.

E, então, eles saíram.

Eles saíram, caralho.

Meti o baseado de volta no canto da minha boca, virando de volta para a televisão. A sala inteira ficou em silêncio e todos os olhares caíram em mim, esperando por mais ordens, e por que caralho todos estavam irritados?

— Ei, você. — Apontei para a garota que Trent tinha dispensado no meio da transa. Ela estava arrumando o cabelo de frente para o espelho ao lado da minha plataforma de jogos. Dei dois tapinhas no meu colo. — Venha aqui e traga a sua amiga. — Fixei os olhos na outra garota. A garota que eu rejeitara há apenas alguns minutos. Que bom que ela decidiu ficar por perto.

Com uma garota risonha em cada perna, dei um trago no meu

baseado, puxei o cabelo da primeira garota para que ficasse de frente para mim e encostei meus lábios nos dela. Soltei o ar, disparando a fumaça dentro de sua boca. Ela sorveu tudo com um suspiro animado. — Passe adiante. — Roci a ponta do meu nariz na ponta do dela, meus olhos estavam pesados. Ela sorriu com a boca fechada e beijou a outra garota no meu colo, deixando a fumaça infiltrar-se em sua boca. Trent e Jaime me observavam o tempo todo.

— Eles devem ser só parceiros de foda — apresentou Trent, esfregando a mão em sua cabeça raspada. — Eu não sabia dessa merda até esta noite e Dean consegue guardar segredo como eu consigo ficar de calça numa festa da mansão da *Playboy*.

— É — apoiou Jaime — É o Dean, cara. Ele nunca teve uma namorada séria. Ele nunca teve *nada* sério. — Levantando, ele pôs sua jaqueta azul marinho nos ombros. — Seja como for, tenho que ir embora.

Claro. Para fingir ser algum idiota em *sites* de relacionamento e passar a noite fazendo sexo por mensagem com a Srta. Greene. Juro que se não tivesse visto o pau dele no vestiário, iria supor que Jaime tinha, na verdade, uma boceta.

— Mas vou te falar — acrescentou —, não pense demais nisso. Não tem como Dean sossegar de jeito nenhum. Ele vai para a faculdade em Nova York. Você vai ficar aqui com ela. Ela não conseguiu ser aceita em lugar nenhum, certo?

Certo.

Além disso, até agora, Criada não tinha arranjado uma bolsa de estudos. Eu sabia disso porque compartilhávamos a mesma caixa de correio, e eu vasculhei os envelopes dela para ver para onde a pequena Emilia Leblanc iria a seguir. Até agora, para o seu desespero, parecia que ela não iria a lugar algum.

Eu iria para uma merda de faculdade em Los Angeles a algumas horas de distância e ela ficaria aqui. Eu voltaria a cada dois finais de semana e ela ainda estaria aqui. Me atendendo.

Me servindo.

Me invejando.

Ela continuaria pobre e insignificante. Sem educação e menos qualificada. E acima de tudo... *minha*.

— Eu não estou nem aí mesmo. — Ri, agarrando a bunda das duas garotas, apertando a carne macia delas conforme as direcionava uma para outra.

— Chupem seus peitos para mim. — Minha voz era monótona. Elas fizeram o que mandei. Era tão fácil conseguir que fizessem, isso me deprimia *pra cacete*. — Então, onde estávamos? — Perguntei aos meus amigos.

As garotas e suas línguas estavam em guerra. Elas imploravam pela minha atenção como dois cachorros brigando por suas vidas em uma rinha clandestina. Elas não me ajudaram em nada e, evidentemente, eu me resenti com elas.

— Em profunda negação, aparentemente. Jesus. — Jaime balançou a cabeça, rondando a porta. Ele abraçou o ombro de Trent na saída. — Certifique-se que as garotas não façam nada de estúpido.

— Quer dizer... tipo, com ele? — Trent apontou o polegar na minha direção.

Franzi os olhos para ele. Mas ele não ligou. Ele era do bairro. Nada o assustava, muito menos minha bunda branca de rico.

Dentro de mim, a raiva aumentava. Logo, ela iria transbordar.

Eles tinham tanta certeza de que me conheciam. Tão certos de que eu desejava Emilia LeBlanc.

— Foda-se esta merda. Vou dar um mergulho na piscina. — Levantei de repente e as garotas caíram, aterrissando cada uma em um braço da poltrona, fazendo um som abafado.

Uma delas reclamou protestando e a outra berrou:

— Mas que diabos!

— Doidão demais — apresentei uma explicação meia-boca.

— Acontece. — A garota que estava fodendo Trent um segundo atrás sorriu compreendendo.

Eu queria dar uma surra nos pais delas quase tanto quanto queria acabar com Daryl. A disponibilidade delas me dava nojo.

— Você vai me ligar? — Alicia-Lucia deu um puxão na minha camisa. Seus olhos brilhavam com esperança.

Dei uma olhada demorada nela. Ela era bonita, mas não tanto quanto se achava. Por outro lado, estava ansiosa para agradar, então,

provavelmente não era a pior foda.

Eu a tinha avisado.

Ela se recusava a escutar.

E eu não era um cara legal.

— Deixe seu número no celular de Trent. — Virei-me e saí.

No corredor, as pessoas abriam caminho para mim, grudando suas costas na parede, sorrindo e erguendo seus copos vermelhos, me bajulando como se eu fosse a porra do Papa. E para eles... eu era. Este era o meu reino. As pessoas adoravam meu estilo do mal. Isso era a Califórnia e era por isso que eu nunca iria embora. Adorava o que as outras pessoas odiavam nela. Os mentirosos, os impostores, os mascarados e os falsos. Adorava como as pessoas se importavam com o que você tinha em seu bolso e não dentro da porra do peito. Adorava que eles se impressionavam com carros caros e espíritos pobres. Diabos, eu até adorava os terremotos e a porcaria do suco verde.

Essas pessoas que eu odiava eram meu lar. Este lugar, meu parquinho. Murmúrios surgiam em cada canto do corredor. Eu não costumava agraciá-las com a minha presença, mas quando o fazia, elas sabiam por quê. Hoje, ia dar merda. O ar se encheu de animação.

Fell in Love With a Girl, da banda The White Stripes, pulsava nas paredes escuras.

Não fiz contato visual com ninguém. Apenas olhei para frente conforme atravessava a multidão até chegar no porão debaixo da cozinha. Fechei a porta quando entrei. Estava silencioso e sombrio, como eu. Encostei as costas na porta, fechei os olhos e respirei fundo o ar úmido.

Droga, essa merda que Dean trouxe *era* forte. Não menti completamente quando disse que estava doidão.

Caminhei pelo cômodo, fechando mentalmente a porta para o resto do mundo. Para Daryl Ryker. Para Josephine. E até para as pessoas que não eram totalmente os vilões, como Emilia e meu pai. Passei os dedos pelas armas na parede que eu colecionara no decorrer dos anos. Passei pelo meu pé de cabra, meu punhal, meu bastão de *baseball* e meu chicote de couro. Nesse dia, me ocorreu que, com sorte, em breve, eu

poderia abrir mão desta coleção, que nunca usara, mas possuía porque fazia eu me sentir seguro. Principalmente, ter esta merda significava que Daryl não se meteria mais comigo.

Eu estava atrás de uma luta física, lentamente elaborada. Eu estava atrás de uma dor explosiva que viesse do nada. Resumindo, eu estava atrás de problema.

Quando, de mãos vazias, subi de volta as escadas para a piscina externa, parei na borda. A luz da lua iluminava o meu reflexo na água transparente. A piscina estava cheia de gente com sungas e biquínis de grife. Meus olhos vagaram pelo lugar, procurando por Dean. Era com ele que eu queria brigar. Para quebrar seu rostinho arrogante de garoto da casa ao lado. Mas eu sabia que ele tinha saído com Criada e, além disso, regras eram regras. Nem mesmo eu poderia quebrá-las. No instante em que pisei lá fora com minhas mangas enroladas até os ombros, fiz um convite a quem quer que quisesse lutar comigo para dar um passo à frente. Só não poderia chamar ninguém específico. Eles tinham que se voluntariar. Este era o jogo perigoso que jogávamos em All Saints High para passar o tempo: *Desafio*.

Desafio era justo.

Desafio era violento.

Acima de tudo, Desafio entorpecia a dor e proporcionava uma excelente justificativa para a minha pele marcada.

Não me surpreendi quando ouvi o bater do gesso de Trent atrás de mim. Ele sabia o quanto eu estava na merda e queria salvar a noite.

— Diga ao Dean para dar um pé na bunda dela ou eu direi — falou ele por trás de mim.

Balancei a cabeça, zombando.

— Ele pode fazer a merda que quiser. Se quiser comer aquela caipira, será a morte dele.

— Vicious — advertiu Trent.

Virei-me e o olhei de cima a baixo. Sua pele morena, cor de mocha, brilhava sob a lua cheia e eu o odiava por sua habilidade de se divertir com o sexo oposto com tanta displicência. Foder garotas aleatórias estava ficando entediante rápido demais. E eu nem tinha dezoito anos ainda.

— Essa merda com essa garota vai arrastar todo mundo para um caminho muito sombrio. — Ele tirou a camisa, expondo seu enorme torso musculoso. Ele era um filho da puta bombado.

Como sempre, continuei vestido. As pessoas nos olhavam avidamente, mas eu nunca me importei com esses imbecis. Eles queriam preencher suas existências insignificantes com algo sobre o que falar. Eu estava muito contente de lhes dar isto.

Fechei os punhos, inclinando a cabeça para os lados.

— Ah, você se importa comigo. Estou tocado *pra* caralho, T-Rex. — Segurei o lado esquerdo da minha camiseta preta acima do meu coração, zombando dele com um sorriso falso.

Georgia e seu grupinho de cabeças-ocas nos assistiam atentamente, esperando pelo monstro dentro de mim lançar-se sobre um de meus melhores amigos. Passei por Trent, meu ombro roçou no dele, caminhando em direção à quadra de tênis, onde lutávamos na maioria dos finais de semana. Ela era grande, isolada e espaçosa o suficiente para a multidão se sentar em um dos lados do nosso octógono improvisado.

— Me dê o seu pior, Rexroth — grunhi, tentando me acalmar. Tentando lembrar que Trent e Jaime estavam certos. Dean e Criada eram só um casinho. Lá pelo final do mês, eles já teriam terminado. Ele iria deixá-la – tomara que com a virgindade dela ainda intacta – magoada e furiosa, procurando por um substituto. Ela estaria frágil, insegura e vingativa.

E nessa hora, eu atacaria.

Nessa hora, eu lhe mostraria que ela não era nada mais do que minha propriedade.

— Vamos, T, traga a sua bunda machucada para a quadra de tênis. Só tente não sangrar por toda a porra do meu gramado quando acabarmos.



Presente

— OLHE POR ONDE ANDA, babaca! — Gritei enquanto esperava na esquina do lado de fora do moderno prédio comercial no Upper East Side.

A mancha de lama no meu vestido cinturado de marinheiro, o que tinha carinhas sorridentes, aumentava, espalhando-se rapidamente. Segurei meu celular entre minha orelha e meu ombro, engolindo um grito frustrado. Eu estava ensopada de lama, faminta, cansada e desesperada para que o sinal de pedestres ficasse verde. E, no topo da lista, já estava atrasada para o meu turno no *McCoy's*.

O rugido das buzinas no tráfego numa sexta-feira à noite carregava meus ouvidos. O problema de atravessar com o sinal de pedestres vermelho na cidade de Nova York era que os motoristas também eram nova-iorquinos, então, eles não se importavam em te atropelar se fosse necessário.

Ou ensopar as nossas roupas, a propósito.

— *Mas que diabos, Millie!* — Rosie tossiu em meu ouvido no outro lado da linha. Ela parecia um cachorro asmático. Minha irmã não havia saído da cama o dia todo.

Eu teria ficado com inveja se não soubesse o porquê.

— Um taxista acabou de me molhar de propósito — expliquei.

— *Sossega a periquita* — gritou ela de seu jeito próprio, especial, e eu a escutei se mexendo na cama, gemendo. — *Conte mais uma vez o que disseram.*

O sinal ficou verde. O reino animal composto pelos pedestres de Nova

York quase me atropelou assim que chegamos ao outro lado da rua, abaixando nossas cabeças sob o andaime. Meus pés gritavam de dor com os saltos altos conforme passava correndo pelos vendedores de comida e homens com jaquetas de lã, rezando para conseguir chegar antes que a refeição dos funcionários na cozinha estivesse acabada e eu perdesse a chance de comer alguma coisa.

— Disseram que, por mais que ficassem felizes por eu estar me interessando pelo setor publicitário, eu era paga para fazer café e preencher coisas, não para dar sugestões em reuniões criativas e compartilhar as minhas ideias com as equipes de projeto na hora do almoço. Disseram que eu era qualificada demais para ser uma assistente pessoal, mas que não tinham nenhuma vaga de estagiária de arte a ser preenchida. Também estão tentando “cortar o excesso” para continuarem economicamente esbeltos. Aparentemente, sou apenas esse... *excesso*. — Não consegui evitar e soltei uma risada amarga, já que nunca fui muito magra na vida... e não por opção. — Então, me despediram.

Soprei o ar, formando uma nuvem branca. Os invernos de Nova York eram frios demais, me faziam querer poder aparecer no trabalho vestindo a manta com a qual a gente se enrola na noite anterior. Deveríamos nos mudar de volta para o Sul. Ainda seria longe o suficiente da Califórnia. Sem falar que o aluguel era muito mais barato.

— *Quer dizer que restou apenas seu emprego no McCoy's?* — Foi a vez de Rosie suspirar, e seus pulmões fizeram um barulho estranho. A preocupação coloria sua voz.

Não podia culpá-la. Eu sustentava nós duas no momento. Não ganhava muito como assistente, mas, caramba, precisava dos dois empregos. Com os remédios de Rosie, não pagávamos as contas como antes.

— Não se preocupe — falei enquanto corria pela rua lotada. — Isto é Nova York. Tem oportunidades de emprego em todos os lugares. Você literalmente não sabe de onde o próximo emprego virá. Posso facilmente encontrar outro. — *Uma ova que eu encontraria*. — Ouça, tenho que ir se não quiser perder meu emprego noturno também. Já estou três minutos atrasada. Amo você. Tchau.

Desliguei e parei em outra faixa de pedestres, inquieta. Havia uma fileira densa de pessoas à minha frente esperando para atravessar a rua. Não podia perder meu emprego no *McCoy's*, o bar onde eu trabalhava no centro. *Não podia*. Olhei para os dois lados, meu olhar deteve-se no beco comprido e escuro imprensado entre dois edifícios enormes. Um atalho. *Não vale a pena*, disse uma vozinha dentro de mim.

Eu estava atrasada.

E acabei de ser demitida do meu emprego diurno.

E Rosie estava doente outra vez.

E tinha que pagar o aluguel.

Que se dane, serei rápida.

Corri, minha espinha vibrava a cada vez que meus saltos tocavam o asfalto. O vento frio golpeava as minhas bochechas como se fosse um chicote. Corri tão rápido que demorei alguns segundos para captar o fato de que alguém tinha me puxado para trás pela bolsa carteiro pendurada em meu ombro. Caí de bunda no chão, que estava molhado e gelado, e bem em cima do meu cóccix.

Não liguei. Nem mesmo tive tempo para ficar assustada ou com raiva. Agarrei a bolsa firme contra meu peito e olhei para cima para ver o agressor. Ele era apenas uma criança. Um adolescente, para ser exata, com um rosto salpicado de espinhas. Alto e magro, provavelmente tão faminto quanto eu. Mas a bolsa era minha. *Minhas* coisas. Nova York era uma selva de concreto. Eu sabia que, às vezes, para sobreviver, era preciso ser cruel. Mais cruel do que aqueles que são cruéis com você. Enfiei a mão dentro da bolsa, buscando meu spray de pimenta. Planejava apenas ameaçá-lo, ele precisava de uma lição. O garoto puxou a minha bolsa de novo e, de novo, eu a puxei para mais perto do meu peito. Encontrei a lata fria de gás de pimenta e a tirei de lá de dentro, mirando os olhos dele.

— Afaste-se ou vai ficar cego — avisei com a voz trêmula. — Digo que não vale a pena, mas a decisão é sua.

Ele arremessou o braço para mim e foi quando apertei o difusor. Ele torceu meu pulso com violência. O spray errou o rosto dele por centímetros. Ele deu um empurrão na minha testa e fui parar longe.

Senti minha cabeça girando por causa da pancada. Tudo ficou escuro conforme eu caía.

Uma parte de mim não estava ansiosa para voltar.

Principalmente quando a minha visão clareou e eu percebi que minhas mãos estavam vazias. Meu celular, minha carteira, a habilitação, dinheiro, duzentos dólares que eu devia ao meu senhorio, maldição, foi tudo embora.

Levantei-me, o asfalto sujo machucando as palmas das minhas mãos. O salto do meu sapato barato quebrou quando caí. Peguei-o quando me levantava. Avistando a silhueta do meu assaltante que se retirava à distância, com minha bolsa presa entre seus dedos, balancei o salto de madeira em sua direção com meu punho e fiz algo completamente fora do normal. Pela primeira vez em anos, eu xinguei *em voz alta*.

— E sabe do que mais? *Foda-se* você também!

Minha garganta queimava por causa do grito enquanto eu mancava a caminho do *McCoy's*. Não havia sentido chorar, embora me sentisse muito mal por mim mesma. Ser assaltada e demitida no mesmo dia? É, eu definitivamente iria tomar algumas doses escondida quando Greg, meu patrão, não estivesse olhando.

Cheguei ao *McCoy's* vinte minutos atrasada. O único fragmento de conforto era que o dono rabugento não estava lá, o que significava que meu pescoço estava seguro de ser demitida pela segunda vez nesse dia.

Rachelle, a gerente, era uma amiga. Ela sabia sobre a minha dificuldade financeira. Sobre Rosie. Sobre tudo.

No segundo que entrei pela porta dos fundos e a encontrei no corredor perto da cozinha, ela se retraiu e afastou meu cabelo lilás da minha testa.

— Vou descartar sexo bizarro e apostar que você é apenas desastrada — disse ela, franzindo a testa de um jeito compreensivo.

Expirei, fechando os olhos. Abri-os lentamente, piscando para afastar a névoa de lágrimas por cair.

— Fui assaltada no caminho para cá. Ele levou a minha bolsa.

— Ah, querida. — Rachelle me puxou num abraço apertado.

Minha testa caiu em seu ombro e eu suspirei. Ainda estava chateada,

mas o toque humano caiu bem. Reconfortante. Também fiquei aliviada por Greg não estar lá. Isso significava que eu poderia lamber minhas feridas em silêncio, sem tê-lo gritando com todas as garçonetes com a boca espumando.

— E fica melhor, Rach. Também fui demitida da R/BS Publicidade — sussurrei em seus cabelos cor de cereja.

Seu corpo enrijeceu contra o meu. Quando nos afastamos, seu semblante não era mais de preocupação. Ela parecia absolutamente horrorizada.

— Millie... — Mordeu o lábio. — O que você vai fazer?

Essa era uma pergunta *muito* boa.

— Pegar mais uns turnos aqui até me recompor e encontrar outro emprego diurno? Arrumar algum trabalho temporário? Vender um rim?

A última opção era obviamente uma piada, mas fiz uma anotação mental para pesquisar sobre isso quando voltasse para o meu apartamento. Apenas por curiosidade. *Ah, tá.*

Rachelle esfregou a testa, analisando meu corpo. Sabendo de como devia estar a minha aparência, abracei minha barriga e sorri fracamente para ela. Eu estava magra. Mais magra do que quando comecei a trabalhar aqui. E as raízes do meu cabelo lilás começavam a aparecer, mas eram de um castanho tão claro que não parecia tão ruim. Minha aparência física, principalmente com o salto quebrado e o vestido manchado, realçava a bagunça em que eu estava metida.

Os olhos de Rachelle travaram em meu pulso. Ela tirou o salto do sapato da minha mão, abrindo meus dedos e respirou fundo, fechando os olhos.

— Vou colar isto para você. Pegue os sapatos no meu armário e vá trabalhar. E sorria. Deus sabe que você precisa das gorjetas.

Assenti, dando um beijo molhado em seu rosto. Ela era uma heroína. Nem liguei que ela fosse pequena, quase oito centímetros menor que eu, e que seus sapatos fossem dois números menores. Corri para os nossos armários e enfiei o uniforme: uma camisa vermelha justa e curta que deixava a minha barriga à mostra, uma minissaia preta e um avental vermelho e preto com o nome *McCoy's* estampado nele. Era

vulgar, mas o bar era frequentado por caras de Wall Street e as gorjetas eram ótimas.

Empurrei as portas de madeira do salão e caminhei para o balcão com banquetas alinhadas, ignorei olhares sedentos – e não por álcool – que os homens me lançavam. Eu estava com vinte e sete anos. Aparentemente, a idade perfeita para o mercado da carne que Nova York tinha a oferecer. Mas estava ocupada demais tentando sobreviver para ter um namorado. Minha política era ser simpática com meus clientes sem dar a eles um incentivo falso.

— Oi, Millie — cumprimentou Kyle de trás do balcão. Ele tinha cabelos loiros penteados para trás, estudava cinema na Universidade de Nova York, morava em Williamsburg e se vestia como Woody Allen. Qualquer coisa para esconder o fato de que era, na verdade, da Carolina do Sul.

Sorri para ele enquanto a freguesia de sempre nas mesas, homens e mulheres de roupa social, verificavam as mensagens em seus telefones e trocavam histórias de como foi seu dia no trabalho.

— Noite movimentada?

— Tranquila até agora. Não surte — alertou ele —, mas Dee está puta com você por ter se atrasado outra vez. É melhor ir cuidar das suas mesas. — Ele acenou em direção ao lado direito do restaurante.

Dee era uma das outras garçonetes que trabalhavam às sextas-feiras comigo. Eu não podia culpá-la por estar chateada. Não era culpa dela eu estar lidando com problemas pessoais. Assenti e mostrei meu polegar para ele, porém, ele já estava absorto no livro que lia sob o balcão.

Trabalhar no *McCoy's* não era tão ruim. Nossa clientela falava baixo e bebia dispendiosamente, sempre dando quinze por cento de gorjeta ou mais. Balançando os quadris com *Baby It's You*, do Smith, fui andando até uma mesa no canto do salão. Era escuro e isolado do resto, meu lugar preferido porque, por algum motivo, sempre atraía as melhores gorjetas.

Eu o chamava de ‘meu canto da sorte’.

Dois homens estavam sentados ali, debruçados na mesa e absortos numa conversa abafada. Apanhei os cardápios debaixo do meu braço e

sorri para suas cabeças abaixadas, tentando chamar sua atenção.

— Olá, cavalheiros. Sou a Millie e serei sua garçonete esta noite. Posso trazer algo para vocês enquanto...

Ele. Foi quando parei. Porque no instante que o homem com cabelos pretos despenteados olhou para cima, meu coração capotou e minha boca congelou.

Vicious.

Pisquei, tentando decifrar a imagem na minha frente. Baron Spencer estava ali e, para o meu desespero, parecia mil vezes melhor que eu.

Alto, cerca de 1,80 m, suas pernas compridas esticadas de lado, com os olhos sombrios como sua alma e cabelos negros desarrumados que se enrolavam nas laterais, cobrindo suas orelhas estupidamente perfeitas. Maços do rosto salientes, sempre rosadas quando tocadas pelo frio, queixo quadrado e nariz afilado. Tudo em seu rosto era sereno e gélido.

Apenas o rubor de sua pele de porcelana me lembrava de que ele ainda era de carne, osso e coração, e não uma máquina programada para arruinar a minha vida. A cor em suas bochechas até dava às suas feições sombrias e taciturnas um brilho jovial.

Não fiquei surpresa em ver que a expressão te-desafio-a-foder-comigo ainda estivesse estampada em seu rosto, como uma música antiga que eu sabia de cor. Também não me surpreendeu ver que, ao contrário de mim, seu senso de estilo amadurecera com a idade. Impecável, no entanto, despretensioso. Ele vestia jeans azul escuro, sapatos *Oxford* marrons, uma camisa social branca e um blazer sob medida.

Casual. Discreto. Caro.

Nada sofisticado, mas o suficiente para lembrar que ele ainda era mais rico que 99,9% da população. Eu sempre mudava de assunto quando meus pais tentavam me atualizar sobre alguém de Todos Santos e eles nunca mencionaram Vicious. Pelo menos não nos últimos anos. Pelo que eu sabia, ele acordava todos os dias para fazer nada além de se vestir como um figurão rico.

Não consegui olhar em seus olhos, não consegui nem olhar em sua direção. Meu olhar se moveu para o homem que estava sentado em frente a ele. Era um pouco mais velho, talvez com trinta e poucos,

corpulento, com cabelo louro-claro e o terno sob medida elegante de um ganancioso corretor de Wall Street.

— Algo para beber? — Repeti, com a garganta fechando. Eu não sorria mais. Será que sequer respirava?

— Um *Black Russian*. — Terno Elegante passou os olhos pelas curvas do meu corpo, parando no meu peito.

— E o senhor? — Cantarolei para Vicious, fingindo anotar as bebidas que, de qualquer jeito, me lembraria de cor. Minha mão trêmula rabiscava às cegas, saindo do meu bloquinho de anotações.

— Um *Bourbon*, puro. — O tom de Vicious era indiferente, seus olhos, mortos quando pousaram na minha caneta. Não em mim.

Impassível. Frio. Inalterado.

Nada mudou.

Virei-me e saí rebolando de volta para o bar com meus sapatos dois números menor, entregando o pedido a Kyle.

Talvez ele não tenha me reconhecido. Afinal, por que reconheceria? Dez anos se passaram. E eu só morei na propriedade dos Spencers durante meu último ano.

Bati na beirada do balcão com a lateral da minha caneta mastigada. Kyle grunhiu quando ouviu que Terno Elegante havia pedido um *Black Russian*. Ele odiava preparar coquetéis. Fiquei ali, me escondendo atrás do ombro de Kyle, dando outra olhada no cara que costumava fazer meu coração titubear.

Ele estava bonito. Musculoso e todo másculo. Os últimos dez anos foram mais gentis com ele do que comigo. Perguntei-me se ele estava só de passagem por Manhattan numa viagem de negócios ou se morava aqui. Por algum motivo, achei que saberia se ele estivesse morando em Nova York. Por outro lado, Rosie e meus pais sabiam que era melhor não compartilhar nenhuma informação sobre os HotHoles comigo.

Não, Vicious estava aqui apenas a trabalho, decidi.

Ótimo. Eu o odiava tanto que doía respirar quando olhava para ele.

— As bebidas estão prontas — disse Kyle por trás do meu ombro.

Dei um giro. Colocando os copos na bandeja, respirei fundo e comecei a voltar para a mesa dele. Meus joelhos tremeram quando pensei

como eu ficava vestida com essa roupinha degradante. Uma blusa curta e barata e sapatos com numeração menor.

A vergonha me inspirou a endireitar a coluna e estampar um grande sorriso no rosto. Talvez fosse bom que ele não se lembrasse de mim. Eu não precisava que ele soubesse como acabei sendo uma garçonne falida que vivia de cereal e macarrão com queijo.

— *Black Russian, Bourbon.* — Coloquei guardanapos vermelhos na mesa preta redonda e as bebidas em cima, meus olhos correram para a mão esquerda de Vicious, procurando por uma aliança de ouro. Não havia uma.

— Algo mais? — Abracei a bandeja contra a minha barriga, invocando meu sorriso profissional.

— Não, obrigado. — Terno Elegante suspirou, impaciente, e Vicious nem se incomodou em me agradecer. Eles voltaram a abaixar suas cabeças para a conversa abafada que estavam tendo.

Eu segui em frente, olhando para ele por cima do ombro e sentindo minha pulsação em todos os lugares, no pescoço e nas pálpebras. Nosso encontro foi decepcionante, mas foi melhor assim. Não éramos velhos amigos, nem mesmo colegas.

Na verdade, eu significava tão pouco para ele que, a esta altura, nem éramos inimigos.

Foquei no restante das minhas mesas. Ri das piadas sem graça dos meus clientes e bebi duas doses que Kyle me passou no bar quando meus clientes não estavam olhando. No entanto, meus olhos traiçoeiros continuavam indo parar na mesa de Vicious. Seu maxilar estava cerrado enquanto ele falava com a sua companhia. Vicious não estava contente.

Apoiei os cotovelos no bar e os observei atentamente.

Baron “Vicious” Spencer. Sempre proporcionando o melhor show da cidade.

Observei quando ele deslizou uma pilha grossa de papel pela mesa, apontou para a primeira página com seu indicador, recostou-se e encarou o homem, seus olhos anunciavam vitória. Terno Elegante ficou vermelho e bateu o punho na mesa, arrebatando os papéis e os pressionando na mão enquanto os agitava no ar, cuspidando ao falar. Os

papéis ficaram amassados. A frieza de Vicious não se alterou. Não. Ele permaneceu calmo e imperturbável ao se inclinar para frente, dizendo alguma coisa que não consegui decifrar e, quanto mais o loiro ficava exaltado e esquentado, mais Vicious parecia desinteressado e satisfeito.

Em dado momento, Terno Elegante jogou as mãos para o ar e disse algo exaltado, seu rosto estava tão escuro quanto beterraba em conserva. Foi então que o rosto de Vicious se iluminou e ele apoiou um cotovelo na mesa, enquanto arrastava o dedo sobre o que deveria ser um ponto específico do palavreado na primeira página do documento. Seus lábios ficaram estreitos quando ele disse algo para o homem na frente dele; Terno Elegante parecia prestes a desmaiar.

Meu coração batia rápido demais e a minha boca secou. Jesus Cristo. Ele o estava ameaçando e, sem nenhuma surpresa para mim, não estava sendo discreto quanto a isso.

— Millie, tire cinco minutos. — Dee deu um tapa na minha bunda naquele instante. Dei um pulo surpresa. Ela estava voltando de seu intervalo para fumar e era a minha vez.

Eu não fumava, mas costumava aproveitar o tempo para conversar com Rosie pelo celular. Eu não iria fazer isso esta noite, mas fiquei contente por Dee, aparentemente, ter deixado o meu atraso para trás.

— Obrigada — falei, indo para o banheiro. Precisava lavar meu rosto e lembrar a mim mesma que o dia estava quase acabando. Passei pelas piaas e desapareci dentro de uma das cabines individuais onde me encostei na porta e respirei longa e profundamente.

Nem sabia o que poderia me fazer sentir melhor. Conseguir meu emprego de assistente de publicidade de volta? Não. Nunca gostei muito dele. O contador para quem eu trabalhava na agência de publicidade era um processo de assédio sexual ambulante, apenas esperando para acontecer. Fazer Vicious me reconhecer? Isso só me deixaria mais agitada e envergonhada. Fazer com que ele vá embora? Eu estava intrigada demais com ele para querer que fosse embora.

Saí da cabine e estava prestes a jogar uma água no rosto quando a porta abriu e ele entrou.

Ele. Entrou.

Não fiquei com medo. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, eu sabia que ele não me machucaria. Pelo menos, não fisicamente. Mas eu estava intimidada e odiava o fato de estar parecendo uma atendente rejeitada do *Hooters* enquanto ele... ele tinha uma aura sobre si. Quando entrou no recinto, independente do quão sombrio e pequeno, deu para sentir a opulência. O status. O poder.

Seus olhos pousaram no mural de flor de cerejeira atrás de mim antes de se nivelarem ao meu rosto, e a minha mente disparou. Seu olhar me dizia que ele sabia exatamente quem eu era e que tinha sido eu quem pintara o mural atrás de mim.

Ele se lembrava de mim.

Do que fez comigo.

Ele se lembrava de tudo.

Os olhos dele encontraram os meus e meu estômago deu um nó. Meu coração inflou no meu peito e uma necessidade urgente de preencher o silêncio constrangedor me atingiu.

— Você veio até aqui em busca de perdão? — As palavras saíram da minha boca antes que eu tivesse a chance de engoli-las.

Vicious gargalhou sombriamente, como se a ideia fosse ridícula por si só. Ele não fez um único movimento e, mesmo assim, senti seu toque por todos os lugares.

— Você está horrível — falou com naturalidade, olhando para o meu cabelo. Meus cachos lilases estavam por todo o meu rosto e um hematoma nojento aparecia na minha testa.

— Que bom te ver também. — Encostei as costas na parede, com as mãos nos azulejos frios abaixo do mural, buscando alívio no fogo que ele acendera em mim no momento em que entrou. — Vejo que passou com sucesso de valentão a tirano no período de uma década.

Ele riu, uma risada profunda que vibrou em meus ossos. Fechei os olhos e logo os abri, absorvendo-o. Um ano com ele sendo abominável comigo me treinara bem. Há muito tempo parei de me importar que eu fosse a piada.

Seu sorriso desapareceu, sendo substituído por uma careta.

— O que está fazendo aqui, *Criada*?

Ele deu um passo à frente, mas parou quando estendi a minha mão no

alto, impedindo-o. Não tinha certeza de por que fiz isso. Talvez porque doía demais que ele me visse desse jeito. Impotente. Quase nua. Pobre, perdida e inferior nesta cidade grande que te mastigava e cuspiu os restos assim que suas esperanças e seus sonhos morriam. Ocupando o lugar ínfimo e insignificante que ele criara para mim tantos anos atrás. Tornando-me *a criada*.

— Eu trabalho aqui — falei, enfim. Não era óbvio?

Ele se movimentou na minha direção outra vez, sua atitude era despreocupada e relaxada. Desta vez, eu me empinei. Ergui o queixo. Um sopro de seu cheiro – apimentado, terroso, limpo e másculo – encheu o meu nariz. Inspirei e estremei. Ele sempre causara este impacto em mim. E eu sempre me odiei por isso.

— Da última vez que soube, você estava batalhando para se formar em Belas Artes. — Ele ergueu uma sobrancelha grossa e maliciosa, como se perguntasse *o que deu errado?*

Tudo, pensei com amargura. *Tudo deu errado*.

— Não que seja da sua conta, mas eu me formei. — Afastei-me da parede e passei por ele para lavar as minhas mãos. Ele me seguiu com o olhar. — Uma coisa chamada vida se intrometeu nos meus planos e eu não tive o luxo de trabalhar para ganhar um salário de estagiária de arte, então, trabalho como assistente pessoal. Era o que eu fazia até cerca de três horas atrás quando fui mandada embora. Achei que já estivesse tendo um dia ruim o bastante quando entrei aqui, mas — meus olhos deslizaram pelo seu corpo —, claramente o universo decidiu transformá-lo num desastre completo.

Não sabia por que eu estava contando tudo isso a ele. Não sabia por que eu estava sequer falando com ele. Eu deveria ter gritado ou saído num rompante do banheiro depois do que ele fez comigo anos atrás. Chamado o nosso segurança e colocado ele para fora do *McCoy's*. Mas, por mais que não gostasse de admitir, eu não o odiava tanto quanto provavelmente deveria. Uma pequena parte de mim sabia que ele não era o culpado pelo meu estado atual. Minhas escolhas foram minhas. Eu fiz a minha cama. Agora, tinha que deitar nela, mesmo que estivesse cheia de pulgas.

Ele enfiou uma mão no bolso, usando a mão livre para despentear seu

cabelo desarrumado, ainda mais perfeito agora que já era um homem feito. Desviei o olhar, me perguntando como ele passou a última década. O que fazia da vida. Até mesmo se tinha uma namorada ou uma esposa ou talvez alguns filhos. Sempre fiz questão de não perguntar nem ouvir, mas agora que ele estava na minha frente, a curiosidade me atiçava, implorando a minha boca para fazer essas perguntas.

Mas eu não fiz.

— Tenha uma ótima vida, Vicious. — Fechei a torneira e fui rebolando para a porta.

Ele segurou meu cotovelo e me virou em sua direção. Uma descarga de pânico e euforia me invadiu. Não fazia sentido me sacudir para afastá-lo, ele era duas vezes o meu tamanho.

— Precisa de ajuda, *Criada*? — Sussurrou na minha cara. Eu o odiava por me chamar assim.

E eu *me* odiava por reagir ao seu tom ríspido do jeito que fazia, mesmo depois de todo esse tempo. Minha pele se arrepiou e uma onda quente arrebentou em meu peito.

Eu respirava forte, mas ele também.

— O que quer que eu precise — falei, minha voz era um chiado — não quero que venha de você.

Ele me prendeu com um sorriso voraz.

— Isso sou eu que decido — falou, soltando meu braço como se estivesse sujo e me empurrando para a porta. — E eu ainda não decidi.

Virei-me e saí correndo do banheiro, deixando a sós minha paixão de adolescente transformado em meu inimigo.

Considerei pedir a Dee que servisse a mesa deles pelo resto da noite – sabendo que ela provavelmente diria que sim, vendo que eles fediam a dinheiro –, mas meu orgulho idiota me fez querer ver esta noite até o fim. Por algum motivo, parecia importante mostrar para ele, e para mim mesma, que eu era indiferente a ele, mesmo que isso fosse uma mentira.

Cerca de três rodadas de bebidas e uma hora depois, Terno Elegante se levantou. Ele parecia frustrado, irritado e derrotado: sentimentos que

eu conhecia muito bem dos meus anos em Todos Santos. O homem estendeu a mão pela mesa, mas Vicious não a apertou nem se levantou. Ele apenas olhava para a pilha de papéis entre eles, com um pedido silencioso para que Terno Elegante a pegasse. O homem pegou e saiu apressado.

Corri para entregar a conta na mesa e me virei antes que Vicious tivesse a chance de falar comigo outra vez. Ele pagou com cartão de crédito e desapareceu do que *costumava* ser meu canto da sorte. Quando peguei o recibo assinado, minhas mãos tremeram. Estava com medo de ver o quanto ele me deixara de gorjeta. Patético, eu sei. Isso não deveria ter importância. Mas tinha. Por um lado, eu não queria me sentir um caso de caridade, e por outro, eu queria... Caramba, o que eu *queria*?

O que quer que fosse, quando peguei o recibo, sabia que não era isso. Meus olhos queimaram quando vi o que ele havia escrito embaixo:

Para a gorjeta, vá à Rua E 52, número 125. 23º andar.

— Black

Uma risada maluca zumbiu pela minha garganta. Amassei a nota formando uma bolinha e a enterrei na lata de lixo atrás de Kyle.

— Gorjeta ruim? — Ele tirou os olhos do livro, confuso.

— Ele não deixou nada. — Fiz um gesto para que ele me servisse outra dose.

Ele segurou o gargalo da garrafa de vodca.

— Babaca.

Ah, Kyle, eu quis dizer. *Você não faz ideia.*



CAPÍTULO QUATRO

VICIOUS

REVIRAVOLTA. Acho que mantém as merdas interessantes.

Eu estaria mentindo se dissesse que me esqueci de Emilia LeBlanc. Mas não esperava vê-la novamente. Claro, eu sabia que ela estava em Nova York. A porra de Nova York, o lar de mais de oito milhões de pessoas que *não eram* Emilia LeBlanc.

Cheguei à cidade há uma semana com a intenção de fazer uma coisa e apenas uma: fazer o imbecil que encontrei no *McCoy's* desistir do processo contra a minha empresa. Ele desistiu.

Eu gostei de intimidá-lo? Sim.

Isso fazia de mim uma pessoa ruim? Provavelmente.

Eu me importava com isso? Nem um pouco.

Sergio cedeu, mas não porque eu metaforicamente espremi suas bolas tão forte que seus futuros filhos gritaram de agonia. Ele cedeu porque eu expus uma minuta detalhada de uma contra ação, que eu mesmo escrevi na noite anterior, durante o meu voo de Los Angeles para Nova York. E arrasei com esse filho da puta.

Advogados têm o potencial para serem os melhores criminosos. Isto era um fato. A única coisa que me separava de ser um fora da lei era a oportunidade. E eu era cheio delas dentro da lei.

Mas Criada não estava muito longe. Eu era uma pessoa ruim, um bom advogado e, até certo ponto, ainda o mesmo babaca que fez de seu último ano um inferno.

Sergio iria desistir do processo, nos deixar ficar com o cliente que supostamente “roubamos” de sua firma e tudo ficaria bem. Eu era sócio em uma empresa especializada em investimentos de alto risco e fusões. Nós quatro – Trent, Jaime, Dean e eu – fundamos a Fiscal Heights Holdings há três anos. Eles trabalhavam com o dinheiro e eu

era o advogado principal da empresa.

Claro que eu gostava de números. Eram seguros. Não falavam porra nenhuma. O que havia para não gostar? Mas eu gostava ainda mais de discutir e de deixar as pessoas putas.

E, agora, eu encontrei a Criada.

Ela não era parte do plano, o que deixava a surpresa bem mais doce. Ela era a peça que faltava. Um seguro para o caso de as coisas piorarem em Todos Santos. Vim aqui para um acordo de fusão, mas também precisava de alguém para fazer o trabalho sujo. Inicialmente, eu queria que meu ex-psiquiatra me ajudasse a atingir meu objetivo. Ele conhecia a história inteira e poderia testemunhar contra a minha madrastra. Mas, caralho, negociar com a Criada seria bem mais gostoso.

Provavelmente destruiria sua pequena alma inocente. Ela não curtia vingança. Nunca foi cruel nem egoísta nem nada das coisas que eram a essência do meu ser. Ela era bondosa. Educada e agradável. Ela sorria para estranhos na rua – apostaria que ela ainda fazia isso, mesmo em Nova York – e ainda tinha aquele leve sotaque do Sul, acolhedor e suave, igual a ela.

Esperava que ela não tivesse namorado. Não pelo meu bem, pelo dele. Ele existir ou não, não importava. Figurativamente, eu o empurrei para fora do cenário no minuto em que coloquei o pé no *McCoy's* e olhei para cima, encontrando os olhos azuis dela me encarando.

Ela era perfeita.

Perfeita para os meus planos, e perfeita para passar um tempo até que eles se concretizassem.

Um fantasma do meu passado que iria me ajudar a caçar os demônios do meu presente. Ela tinha a habilidade de ajudar, e era evidente que se encontrava num buraco financeiro. Um buraco negro do qual eu poderia tirá-la, sã e inteira, exceto pelos seus escrúpulos.

Eu estava preparado para oferecer um monte de recursos para conseguir que ela concordasse com meu plano. Ela se tornou minha outra vez a partir do minuto em que a vi naquela roupa beirando-a-nada.

Ela apenas não sabia disso ainda.



Emilia

Meu coração era o meu inimigo. Eu sabia disso desde os dezessete anos. Era por isso que não conseguia parar de pensar nele – apesar do meu recente desemprego – quando um estrondo retumbou sobre a minha cabeça.

Passaram-se vinte e quatro horas desde que o vira, três horas que estava pensando nele e uma hora e quinze minutos debatendo, pela centésima vez, se contaria ou não para Rosie.

Em casa, tirei minhas roupas ensopadas, colocando umas secas e quentes, e corri de volta para a farmácia *Duane Reade* porque tinha me esquecido de pegar os remédios de Rosie. Quando voltei, estava ensopada de novo.

Abri a sacola plástica e coloquei tudo na bancada do nosso apartamento conjugado. Descongestionante nasal. Vitaminas. Antibióticos. Abri todas as tampas porque Rosie estava muito fraca para fazer isso sozinha.

Minha irmã tinha fibrose cística. Algumas doenças eram silenciosas. Mas a fibrose cística? Era praticamente invisível. Rosezinha não parecia tão doente. Na verdade, ela era mais bonita que eu. Tínhamos os mesmos olhos. Azuis com pontinhos turquesa e verde nas beiradas. Nossos lábios eram macios e volumosos e nossos cabelos tinham o mesmo tom de caramelo. Mas enquanto meu rosto era redondo e em formato de coração, ela tinha bochechas esculpidas dignas de uma top model.

Contudo, para ser uma top model, Rosie teria que desfilr na passarela e, ultimamente, ela nem conseguia ir do nosso apartamento no terceiro andar até a rua lá embaixo.

Nem sempre ela estava doente. Geralmente, conseguia ser funcional como qualquer outra pessoa. Mas quando estava doente, ficava

realmente mal. Cansada, fraca e frágil. Três semanas atrás ela contraiu pneumonia.

Era a segunda vez em seis meses. Tínhamos sorte por ela ter trancado o semestre na faculdade para tentar ganhar algum dinheiro porque, de outra forma, ela teria sido reprovada.

— Trouxe um caldo para você. — Tirei a caixa da sacola quando a ouvi se mexendo na nossa cama. Coloquei a sopa perto dos remédios dela e liguei o *cooktop*. — Como está se sentindo, demoniazinha?

— Como uma sanguessuga que consome todo o seu dinheiro. Sinto muito, Millie. — Ela tinha a voz sonolenta.

Em nosso televisor antigo, passava *Friends*. Os risos gravados ecoavam entre a mobília escassa e as paredes finas, deixando nosso apartamento em Sunnyside um pouco mais suportável. Perguntei-me quantas vezes Rosie conseguia assistir sem pirar. Ela já sabia todos os episódios de cor.

Ela rolou no colchão e se levantou, vindo na minha direção.

— Como vai a procura por emprego? — Ela esfregou minhas costas com movimentos circulares e começou a massagear meus ombros.

Suspirei, deixando minha cabeça cair para trás e fechando os olhos. *Tão bom*. Mal podia esperar para pular em nosso futon de casal e assistir televisão debaixo das cobertas com a minha irmã.

— As agências de trabalho temporário estão sobrecarregadas e nenhuma delas está contratando para o comércio tão perto do Natal. Não tem mais esse tipo de vaga. Vendo pelo lado positivo, o estilo heroína chique está de volta, então, pelo menos teremos isso a nosso favor. — Bufeí. — Acho que o que estou tentando dizer é que o dinheiro vai ser mais do que apertado este mês.

Ficou tudo em silêncio e só o que ouvi foi sua respiração difícil. Ela colocou uma mão na boca e se retraiu.

— Ai, *caralho*.

É. Rosie não era nenhuma beldade do Sul.

— Vamos sobreviver a dezembro? Tenho certeza de que vou me recuperar logo. Em janeiro, nós duas estaremos trabalhando.

— Em janeiro, estaremos mais para sem-teto — resmunguei, colocando uma panela no *cooktop* e despejando o caldo. Desejei ter

algo para acrescentar a ele. Vegetais, galinha, qualquer coisa para fazê-la se sentir melhor. Para fazê-la se sentir *em casa*.

— Vamos devolver tudo o que você acabou de comprar e conseguir um reembolso. Não preciso dos meus remédios, me sinto muito melhor.

Meu coração se despedaçou dentro do peito. Porque ela precisava deles. Ela precisava muito deles. Seus antibióticos preveniam infecções pulmonar e sinusai e seus inaladores abriam caminho para o ar dentro dela. Minha irmã não só precisava de seus remédios como ela literalmente não poderia respirar sem eles.

— Joguei a notinha fora — menti. — Além do mais, sempre posso conseguir um aumento no meu limite do cartão de crédito. — Outra mentira. Ninguém em seu juízo perfeito me daria mais crédito. Já estava endividada até o pescoço.

— Não — interrompeu ela mais uma vez, me girando para ficar de frente para seu rosto e segurou as minhas mãos. As dela estavam tão geladas que eu quis chorar. Eu devia ter estremecido, porque Rosie as retirou depressa. — Problema de circulação. Estou me sentindo muito bem, juro. Me ouça, Millie. Você já fez bastante por mim. Fez sacrifícios demais ao longo do caminho. Talvez esteja na hora de ir morar com Mama e papai.

Seus olhos encheram-se de lágrimas, mas ela sorria. Balancei a cabeça e peguei as mãos dela, esfregando-as para aquecê-la.

— Só faltam dois anos para você se formar aqui. Teria que começar tudo de novo na Califórnia, mesmo que consiga encontrar um curso que possa pagar. Fique. Não há nenhuma chance para pessoas como nós em Todos Santos.

Além do mais, nossos pais ainda estavam quebrados. Assim como nós duas, mas eu era muito melhor em arcar com as dificuldades financeiras. Eu era jovem e ainda estava na luta. Nossos pais estavam velhos e exaustos, dois empregados de cerca de sessenta anos morando na Califórnia, ainda naquela dependência de empregados idiota na propriedade dos Spencer.

Não era ruim para a gente na maior parte do tempo. Rosie também trabalhava, até a pneumonia nocauteá-la. O outono úmido e frio a

deixou doente e, agora, o inverno chegou cedo e estávamos com a conta do aquecimento atrasada. Mas a primavera viria. Cerejeiras iriam florescer. Ficaríamos melhor. Sei que sim.

E contar para ela sobre meu encontro com Vicious estava fora de questão. Ela não precisava de outro motivo para se preocupar.

— Preciso de uma distração. — Esfreguei meu rosto, mudando de assunto.

— Assino embaixo. — Ela puxou o lábio inferior antes de se virar e caminhar em direção ao meu cavalete no canto da pequena sala.

O cavalete mantinha uma tela quase terminada na qual eu trabalhava: uma tempestade de areia subindo para um céu negro. Uma colecionadora de artes de Williamsburg chamada Sarah encomendara o quadro. Ela costumava trabalhar para a galeria Saatchi Art e ainda era ligada a donos de galerias de toda a cidade. Eu queria impressioná-la. Queria dar o primeiro passo. E, também, precisava do dinheiro.

Rosie sabia que pintar acalmava a minha alma.

Ela pegou minhas bisnagas de tinta a óleo pela metade, meus pincéis e uma paleta de madeira, imitando minha rotina costumeira de quando me preparava para pintar. Depois, balançou os quadris até o nosso velho som estéreo, colocou *Teardrop*, de Massive Attack, para tocar e fez um pouco de café para mim em silêncio.

Eu amava tanto a minha irmã caçula naquele momento. Só me fazia lembrar que os sacrifícios que fazia por ela valiam a pena.

Pinteí enquanto a chuva fria de dezembro furiosamente batia em nossa janela. Rosie se jogou em nosso colchão e conversou comigo como quando estávamos no Ensino Médio, trocando informações sobre as pessoas com quem estudamos.

— Se você pudesse realizar um sonho, qual seria? — refletiu ela, apoiando as pernas vestidas com pijamas na parede fria.

— Ser dona de uma galeria — respondi sem nem pensar, com um sorriso bobo estampado pelo meu rosto. — Você?

Ela brincou com a franja da almofada que segurava em seu peito.

— Conseguir a porcaria do diploma e me tornar uma enfermeira — disse ela. — Espere, risque isso. Jared Leto. Meu sonho é me casar

com Jared Leto. Eu daria uma facada em Jared Leto. Nem estou falando de, tipo, um cortezinho. Estou falando de uma facada completa, profunda, digna de *Plantão Médico*. Quero dizer, teríamos condições de pagar por isso. Ele está se saindo muito bem.

Balancei a cabeça. Ela riu, me motivando a fazer o mesmo. *Por Deus, Rosie.*

Eu sabia que era importante guardar momentos como este, mantê-los trancados no meu coração e apelar para eles quando as coisas ficassem difíceis. Porque momentos como este me lembravam que a minha vida era dura, mas não era ruim. Existia uma diferença entre essas duas coisas.

Uma vida dura se igualava a uma vida cheia de obstáculos e momentos desafiadores, mas, também, cheia de pessoas que você amava e com quem se importava.

Uma vida ruim se igualava a uma vida vazia. Que não era necessariamente dura nem desafiadora, mas desprovida de pessoas que amava e com quem se importava.

Quando terminei o quadro, meus dedos estavam dormentes e a minha lombar doía por permanecer numa posição esquisita durante horas. Dividimos um macarrão com queijo e caldo de galinha e assistimos ao episódio de *Friends*, “Aquele da loteria”, pela milionésima vez. Rosie murmurou todas as piadas, seus olhos não desgrudaram da televisão nem por um segundo e acabou adormecendo em meus braços, ressonando, com seus pulmões chiando em busca de ar.

Eu estava confusa. Cansada. Um pouco faminta.

Mas, acima de tudo, me sentia abençoada.



Quatro dias se passaram antes que eu cedesse e comprasse um celular novo. Não queria gastar dinheiro, mas de que outra forma padrões em potencial entrariam em contato comigo? Ele não era nada chique, aquele *Nokia* de antes da era do *smartphone*. Mas dava para trocar mensagens de texto e fazer ligações e até jogar alguns joguinhos

antigos como *Snake – O jogo da cobra*.

Passei a semana batendo nas portas de agências de emprego durante o dia e trabalhando nos meus turnos no *McCoy's* à noite. Rachelle implorou às outras garçonetes que me dessem seus turnos para que eu pudesse pagar o aluguel e, embora eu tivesse ficado com vergonha, fiquei principalmente agradecida.

Rosie tomava seus remédios, mas ainda estava piorando e a preocupação me atormentava.

Era o apartamento.

Não tínhamos o aquecimento adequado em nossa quitinete em Sunnyside e, às vezes, ficava mais frio do lado de dentro do que fora. Frequentemente, eu me via correndo no lugar e fazendo polichinelos para me aquecer. Rosezinha não tinha essa opção porque sempre estava com falta de ar.

Eu não sabia como sair do buraco financeiro que estava cavando desde que ofereci que ela viesse morar comigo. Ela queria estudar em Nova York, então, eu abri mão temporariamente do meu estágio em uma galeria de arte e peguei o emprego de assistente pessoal para nos sustentar.

Isso foi há dois anos.

Preso em uma rotina, eu precisava de um milagre para sobreviver até Rosie se recuperar.

Minha mente flutuou até Vicious e ao fato de que ele não voltara ao *McCoy's*. *Bom, pelo menos existem pequenos milagres pelos quais agradecer.*

Eu estava essencialmente contente por isso, mas uma pontada esporádica de tristeza penetrava meu coração ao pensar nele. Não dava para acreditar que ele não tinha me deixado uma gorjeta. Ele era mesmo um canalha sem coração.

Era mais uma noite fria e eu voltava de um turno duplo no bar. Segurei nos balaústres em nosso prédio porque me atrapalhei com a escada escura do edifício de pedras em estilo italiano. O corredor no andar de cima ainda estava escuro porque o senhorio não se incomodara em substituir as lâmpadas queimadas. Eu não podia reclamar, já que atrasava o aluguel quase todos os meses.

Meus braços estavam esticados na minha frente enquanto eu sentia meu caminho pelo corredor. Um berro escapou dos meus pulmões quando a luz da lua se esgueirou pela janela grande perto da porta do meu apartamento. Uma sombra enorme caiu sobre mim.

Meu spray de pimenta já estava do lado de fora da minha nova bolsa carteiro de segunda mão quando uma luz piscou de um *smartphone* que a sombra segurava. Uma luz azulada envolveu os ângulos do rosto de Vicious.

Ele estava apoiado na minha porta, vestindo um suéter azul marinho sob medida enrolado até os cotovelos, calça social preta e sapatos sofisticados com o couro ainda sem rugas. Ele parecia um anúncio de *Ralph Lauren* e eu parecia a garota que limpava o estúdio. Só o visual já provocou uma careta em mim antes mesmo que ele abrisse a boca.

— Estou surpreso, Criada.

O sempre presente apelido me deu outro motivo para fazer uma careta. *Criada*.

Seus olhos caíram para o gás de pimenta, mas ele não pareceu se intimidar pelo objeto.

— Pensei que você viria atrás da gorjeta.

— Pensou? — A tensão em meu corpo diminuiu conforme um pouco do medo saía de mim, mas meu coração continuava batendo furiosamente por um motivo completamente diferente. — Bem, aqui vai algo de mim para você: quando você sozinho arruína a vida de alguém, este tal alguém não está tão ansioso para entrar em contato com você. Principalmente por dinheiro.

Vicious pareceu indiferente ao meu tom amargo. Ele se afastou da minha porta e caminhou se aproximando, voluntarioso e confiante, lembrando que ele estava muito mais confortável sendo ele do que eu estava sendo eu. Quando parou, seu peito roçava no meu, fazendo o resto do meu corpo se arrepiar.

Cheguei para o lado, cruzando os braços sobre o peito e mexendo uma sobrançelha.

— Será que eu quero saber como você me encontrou?

— Sua amiguinha Rachelle acha que vou te levar num encontro surpresa. Ela não é das mais espertas, entretanto, você sempre teve um

ponto fraco pelos ingênuos do mundo.

Desviei o olhar de seu rosto, me concentrando na porta descascada e surrada que conduzia ao meu apartamento do tamanho de uma caixa de sapatos.

— Por que você está aqui, Vicious?

— Você disse que era uma assistente pessoal — respondeu meio dando de ombros.

— E?

— E eu preciso de uma.

Joguei a cabeça para trás e gargalhei, sem nenhum pinga de humor. Ele era ousado de verdade. Minha risada morreu rapidamente.

— Saia.

Tirei o chaveiro da bolsa e enfiei a chave na fechadura. Ele segurou a minha cintura, sem fazer esforço em me girar para ficar de frente para ele. Seu toque me pegou desprevenida. De repente, me senti tonta. Sacudi-me para me afastar de seu corpo e virei de volta para a porta, começando a ficar histérica. Deixei o chaveiro cair e o peguei. Não gostava do jeito que meu corpo reagia a este homem. Sempre fui – e ainda era – completamente fora de sincronia com o jeito que me sentia sobre ele.

— Diga o seu preço — grunhiu ele, perto demais do meu ouvido.

— Paz mundial, a cura para doenças pulmonares, a reunião dos *White Stripes* — rebati.

Ele nem piscou.

— Cem mil por ano. — Sua voz rastejou para dentro do meu ouvido como um doce veneno, e eu congelei. — Sei que a sua irmã está doente. Trabalhe para mim e nunca mais terá que pensar em como pagar os remédios de Rosie.

Por quanto tempo ele ficou conversando com Rach e, mais importante, por quê?

Esse valor seria incrível, principalmente para uma assistente. Eu poderia pedir demissão do meu emprego noturno no *McCoy's*, sem falar em prover para minha irmã e eu. Só que o meu orgulho – meu orgulho idiota, um monstro que exigia ser alimentado apenas quando Vicious estava à mesa do jantar – roubou o microfone imaginário e

falou por mim.

— Não — rangi.

— Não? — Ele inclinou a cabeça para o lado como se não tivesse me ouvido direito e, caramba, ele ficava bem fazendo isso.

— Essa palavra é nova para você? — Endireitei os ombros. — Nenhuma quantia vai fazer desaparecer o fato de que eu te odeio.

— Cento e cinquenta mil talvez — disse sem piscar.

Será que ele precisava de um aparelho auditivo?

Seus olhos eram de um azul tão escuro que brilhavam como safiras raras. Ele achava que era uma negociação. E estava errado.

— Não é pelo dinheiro, Vicious. — Senti meus dentes em atrito. — Quer que eu repita em outro idioma? Posso escrever para você ou até transmitir através de uma dancinha.

Sua boca se contorceu em algo que se assemelhava a um sorriso, mas não durou.

— Tinha me esquecido como é divertido *pra* caralho te irritar. Vou colocar um apartamento que fica perto do trabalho no acordo. Totalmente mobiliado e pago enquanto durar o seu emprego.

Senti o sangue correr entre os meus ouvidos.

— Vicious! — *Seria demais dar um soco nele?*

— E uma enfermeira que ficará à disposição de Rosie. Vinte e quatro horas por dia. É a minha oferta final. — O maxilar dele contraiu.

Estávamos parados de frente um para o outro como dois guerreiros prestes a empunhar nossas espadas, e um soluço ficou preso na minha garganta porque, cacete, eu queria aceitar o acordo. E o que isso fazia de mim? Fraca, imoral ou simplesmente maluca? Muito provavelmente todos os três.

Este homem me expulsara da Califórnia, me deixara *louca*. Agora, ele estava determinado a me contratar. A voltar para a minha vida. Isso não fazia sentido. Ele não era um amigo. Ele não queria ajudar. Sua proposta estava repleta de alertas vermelhos.

Tentei inserir a chave na fechadura mais uma vez, mas não consegui encontrar o buraco no escuro. O que me lembrava que tinha uma conta de luz para pagar. Três, na verdade. Oba. Oba. Oba.

— Qual é a pegadinha? — Falei ao me virar para ele, esfregando,

frustrada, a testa.

Ele passou os nós dos dedos no maxilar, a diversão dançava em suas pupilas.

— Ah, Criada, por que sempre tem que ter uma pegadinha?

— Porque é você. — Sei que soei amargurada. Não liguei.

— Pode envolver algumas tarefas que não estarão em seu contrato. Contudo, nada muito sórdido.

Ergui uma sobrancelha. Isso não soava muito reconfortante.

Ele logo me entendeu. — Nada sexual também. Você vai ficar feliz em saber que ainda vejo mais bundas que um proctologista. E de graça.

Por algum motivo idiota, meu coração deu um pulo quando li as entrelinhas. Vicious estava solteiro. Sem namorada, se ele ainda gostasse de aventuras sem sentido. Vicious era orgulhoso demais para trair. Ele era um babaca, mas, mesmo assim, leal.

— E por que eu?

— Que porra isso importa?

— Importa para mim — soltei, uma última tentativa de escapar desse acordo. — E, além do mais, porque sou uma assistente horrível. *Horrível*. Uma vez, mandei o contador com quem estava trabalhando para uma reunião com a ficha de outra empresa, e quase reservei um voo para sua esposa para São Petersburgo, na Rússia, em vez de São Petersburgo, na Flórida. Agradeço a Deus pelos códigos de aeroporto — resmunguei.

— Você teria feito um enorme favor a ela. A Flórida é depressiva *pra* caralho — brincou ele, e acrescentou: — e pode ser que sua roupa de stripper tenha me deixado um pouco culpado.

Mentiroso, pensei com amargura. No entanto, era muito apropriado ele ter me encontrado aqui. Um aviso de despejo para longe do fundo do poço. Oferecer a única coisa que eu não poderia recusar. Esfregar a saúde e a segurança minha e da minha família na minha cara outra vez.

— Eu não quero trabalhar para você. — Eu parecia um disco arranhado.

— Sorte minha que você não tem muita escolha. Quando a realidade decidir por você, será mais fácil aceitar seu destino. Sua gorjeta — ele

enfiou uma mão em seu bolso e tirou um pedaço de papel dobrado — está esperando por você. Da próxima vez que te pedirem para fazer alguma coisa, faça em tempo oportuno. Paciência não é uma das minhas virtudes.

— E o que é? — Debochei. Ainda olhando para ele com desconfiança, arranquei o papel de seus dedos longos e dei uma olhada, minha pulsação bateu descompassadamente.

Um cheque.

\$10,000.

Bom Jesus e seus santos apóstolos.

— Considere um adiantamento deste mês. — Ele olhou para o cheque, franzindo as sobrancelhas enquanto o examinava comigo. Seu ombro roçou no meu e uma descarga de calor avançou sobre meu peito. — Já que concordamos com 150 mil, o valor líquido será quando começar a trabalhar para mim.

— Não me lembro de concordar com nada — argumentei, mas nem eu mesma acreditava em mim a esta altura.

Eu havia assumido muitas dívidas e estava vivendo com uma refeição por dia. E nem muito farta. Estava em guerra comigo mesma, mas lá no fundo, eu sabia que o dinheiro iria vencer desta vez. Não era por ganância. Era por sobrevivência. Não dava para bancar meu orgulho. E o meu orgulho, ao contrário do dinheiro, não poderia me alimentar, nem pagar os remédios de Rosie e nem garantir que a nossa eletricidade continuasse ligada no mês que vem.

Vicious tocou minha bochecha e afastou um cacho de cabelo do meu olho, seu corpo estava tão perto do meu que pude sentir seu calor. Isso me levou de volta à noite em que nos beijamos tantos anos atrás. Eu não me lembrava do momento com carinho.

— Você confia sua vida a mim? — A voz dele era de um veludo negro, me acariciando em lugares que não tinha o direito de tocar.

— Não — respondi sinceramente, fechando os olhos, desejando que fosse outra pessoa que estivesse me fazendo sentir o que estava sentindo.

Em chamadas.

Com desejo.

Desejada.

Qualquer um, menos ele.

— Você confia em mim com a *minha* vida? — Indagou.

O homem era esperto. Não, esperto era pouco. Estava mais para um gênio. Ele era sagaz e inteligente, e sempre estava um passo à frente de todos. Ele tinha as costas quentes. Eu sabia disso, mesmo que só tenhamos morado perto durante o meu último ano. Naqueles meses, eu o vi saindo ileso de inúmeros problemas. De invadir computadores dos professores e baixar as provas, vendê-las para alunos desesperados por um valor absurdo, a incendiar um restaurante na marina de Todos Santos.

Mas não éramos mais adolescentes. Éramos adultos e as consequências eram piores.

Fiz que sim com a cabeça.

— Apareça no trabalho amanhã às 8h30 em ponto, Criada. Fica no endereço que te dei no bar. E não faça eu me arrepender da minha generosidade.

Senti uma brisa passando por mim quando ele virou no corredor e saiu, silencioso como um fantasma. Ouvi a porta do meu prédio bater lá embaixo, e foi quando abri os olhos.

Ainda bem que eu me lembrava de cor do endereço que ele rabiscou na minha suposta “gorjeta”. Por algum motivo, tatuei-o na memória, igual a tudo que tivesse a ver com ele. Meu mecanismo padrão com Vicious era colecionar tudo sobre ele.

E, agora, aparentemente, eu tinha um novo emprego trabalhando junto com ele.

Abri a porta e encontrei Rosie dormindo. Fiquei aliviada pelos remédios terem permitido que ela estivesse dormindo em meio ao barulho que fizemos no corredor. Foi neste momento que decidi que esta era a melhor escolha a se fazer.

Este foi apenas outro momento do tipo “livro roubado”.

Eu tinha que me curvar em submissão, encarar esse *Grande Lobo Mau* e sair da situação com o que eu precisava. Mas, dessa vez, seria eu quem iria embora nas minhas condições, não nas dele.

Era a minha promessa a mim mesma.

Esperava em Deus poder mantê-la.



VICIOUS

CAPÍTULO CINCO

— EU VOU DESTRUÍ-LA. — Girei a caneta entre os dedos – a caneta da Criada – a que tinha roubado dela no *McCoy's*.

Ela não percebeu que a caneta não estava mais ali – ficou agitada demais para se dar conta do que estava acontecendo – e era exatamente assim que eu gostava dela. A caneta mastigada na ponta, e isso era típico de Emilia *pra* caralho. Ela costumava deixar lápis mastigados na mesa dela em todas as aulas de matemática.

É possível que eu os tenha pegado.

É possível que eu os tenha guardado.

Eles ainda devem estar em alguma gaveta em algum lugar do meu antigo quarto.

Merdas acontecem quando se é um adolescente com tesão.

Virei a minha cadeira executiva de costas, afastando-a da mesa e girando em direção às janelas que ocupavam a parede inteira com vista para Manhattan.

As pessoas diziam que Nova York as fazia se sentirem pequenas.

Mas eu achava que Nova York me fazia sentir grande *pra* caralho.

Do meu ponto de vista, sentado no 33º andar de um arranha-céu, e dono da porra do andar inteiro. Trinta e duas pessoas trabalhavam aqui, em breve, trinta e três quando a Senhorita LeBlanc se juntar a nós, e todas respondiam a mim. Dependiam de mim. Sorriam para mim no corredor, mesmo eu sendo um babaca mal-educado. Quero dizer, como Nova York poderia me fazer sentir pequeno quando eu cravei as unhas nela e fiz uma reserva de último minuto no restaurante *Fourteen Madison Park* para esta noite?

Algumas pessoas eram dominadas por Nova York, e outras pessoas a dominavam. Eu estava no último grupo. E nem morava na porra da

cidade normalmente.

— *Você não vai destruir a sua madrasta.* — Dean riu com desprezo. Eu ainda encarava a vista de Manhattan. Ele estava no viva-voz. — *Você está assistindo Pinky e Cérebro demais. Só que você não quer dominar o mundo, você quer foder com a vida das pessoas.*

— Ela me mandou uma mensagem ontem à noite dizendo que está pousando em Nova York nesta tarde e espera que eu cancele meus compromissos por ela — esbravejei. — Quem ela pensa que é?

— *Sua madrasta?* — A voz de Dean era leve e divertida.

Eram 4h15 na Costa Oeste, o espaço entre a noite e a manhã. Não que eu desse a mínima. Ele não estava acostumado com a diferença de horário ainda. Viveu em Nova York pelos últimos dez anos da sua vida. E era tranquilo por natureza, o pequeno idiota.

— *E, para ser justo, você já deveria estar de volta à Califórnia agora. Por que está demorando tanto?* — Perguntou. — *Quando você vai voltar?*

Ouvi a mulher que estava na cama com ele – na *minha* cama de Los Angeles, *nojento* do caralho – gemendo em protesto pela sua voz alta. Lambi os lábios e virei a caneta da Criada na mão. Ainda precisava contar a ele que a contratara, mas decidi esperar até a semana que vem. Ele não fazia ideia de que ela estava morando em Nova York nesses anos todos, e eu queria manter isso assim.

Uma tragédia por vez. Tinha que lidar com a minha madrasta hoje.

— Nem tão cedo. O seu pessoal está sendo relaxado. Estou pegando o trabalho que você deixou aqui.

— *Vicious* — ele rangeu os dentes que pareciam estar cerrados.

A Fiscal Heights Holdings, nossa empresa de seis anos, era tão bem-sucedida que tínhamos quatro filiais: Nova York, Los Angeles, Chicago, e Londres. Normalmente, Dean ficava em Nova York e eu em Los Angeles. Sergio e seu processo idiota me trouxeram aqui. Era eu que usava a boca para mais do que conversa fiada e lamber rabos. Se precisássemos de alguém para amolecer um cliente, enviávamos Trent. Mas se a merda ficasse pesada e a situação exigisse intimidação ou crueldade legal, eu era chamado.

Enquanto isso, Dean aproveitava a oportunidade de verificar a nossa filial de Los Angeles. Fazíamos isso de tempos em tempos, todos os

quatro. Trocávamos de cenário para dar uma sacudida nas coisas. Como símbolo da nossa amizade, ficávamos nas casas uns dos outros. Todos os quatro éramos coproprietários das nossas residências. Éramos família e, na classe alta, nada significava tanto família como propriedades e fundos combinados.

Geralmente, eu não me importava, até porque sabia que Trent e Dean mergulhavam suas salsichas em todos os potes de mel num raio de 32 quilômetros do meu apartamento. Esses filhos da puta provavelmente comeram metade de Los Angeles na minha cama, mas era para isso que eu tinha uma empregada.

E uma assistente que garantisse que os lençóis que eles usavam fossem trocados – ou melhor, queimados – antes que destrocássemos de lugar. Especialmente desta vez, eu não me importava que Dean ficasse no meu apartamento. Eu não estava preparado para me arrastar para fora do apartamento dele também.

Nossa filial de Nova York estava uma bagunça, e eu *realmente* precisava de uma assistente pessoal para pôr isso aqui em ordem. Infelizmente para a Criada, ela seria mandada embora assim que eu tivesse acabado com ela. Não poderia deixá-la trabalhar para Dean.

Não que ele quisesse chegar a ver a porra da cara dela outra vez.

Ela estava morta para ele. Merecidamente, do ponto de vista dele. De qualquer forma, isso era problema dela, não meu.

— *Acabe logo com isso, Vic.* — Ele me chamou pelo apelido. Chamar-me de Vicious em público se tornou profissionalmente inconveniente nos últimos anos, então, agora, todos apenas deduziam que era diminutivo de Victor. — *Quero meu apartamento de volta. Quero meu escritório de volta. Quero a porra da minha vida de volta.*

— E eu quero morar num lugar onde não tenha que explicar ao taxista a porra do caminho exato como se trabalhasse para eles e não o contrário. Não se preocupe, não vou abusar da hospitalidade.

— *Novidade, babaca.* — Ele riu outra vez. — *Você já está abusando.*

Deu para ouvir a mulher ao lado dele bocejar bem alto. — *Ei, gato, podemos voltar a dormir?*

— *Você pode sentar na minha cara enquanto fazemos isso?* — Perguntou Dean.

Revirei os olhos. — Tenha um bom dia, cara de cu.

— *Sim, vá comer um cu de merda. Mas não na minha cama* — falou, depois, a linha ficou muda.

Bem na hora, porque eu tinha uma visita.

— Bom dia, Sr. Spencer! Trouxe seu café da manhã. Omelete de três claras em uma fatia de torrada integral com um pouco de morangos fatiados.

Mal escutei a voz alegre, mas virei a cadeira.

— E você, quem é? — Analisei a mulher à minha frente. Seus cabelos eram tão loiros que beiravam o branco, assim como seu enorme sorriso. Mais alta e mais magra do que a média nacional. E a sua roupa... *St. John*, uma coleção nova.

Talvez eu não tivesse ido tão longe com o salário exorbitante que ofereci à Criada. Ei, isso era Nova York, afinal de contas.

— Sou a Sue! A assistente pessoal de Dean. — Ela continuava alegre.

— Trabalho para o senhor há quase duas semanas. — Seu sorriso continuava assustadoramente intacto.

Certo. Olhando de novo, ela parecia mesmo familiar.

— Prazer em te conhecer, Sue. Você está despedida, Sue. Pegue as suas merdas e saia, Sue.

De repente, Sue pareceu desanimada. Eu estava realmente aliviado por ela. Até agora, parecia que uma cirurgia plástica ruim tinha costurado o sorriso sinistro em seu rosto.

Suas bochechas empalideceram sob sua maquiagem pesada e ela ficou boquiaberta.

— Senhor, não pode me demitir.

— Não posso? — Levantei uma sobrancelha, fingindo interesse.

Ativei meu *Dell* – que se foda o *MacBook* e que se fodam todos os farsantes moderninhos que preferem *Macs*, inclusive Dean – e dei duplo clique na proposta em que estava trabalhando. Eu estava preparando um golpe hostil, um ataque surpresa a uma empresa que competia com uma de nossas propriedades, e a porra da Sue estava me impedindo de terminar os últimos ajustes. Meu prato de café da manhã ainda estava no meio de seus dedos com as unhas pintadas estilo francesinha, e eu esperava que ela o deixasse na minha mesa

antes de sair.

Cliquei nos comentários laterais que fiz no documento do *Word* ontem à noite, depois que saí do prédio da Criada, para garantir que a minha proposta fosse incontestável. Sem tirar os olhos da tela.

— Me dê um motivo de por que não.

— Porque eu trabalho para Dean há dois anos. Fui a funcionária do mês de junho. E tenho um contrato. Se eu fiz algo de errado, o senhor deveria me dar uma advertência por escrito primeiro. Isso é demissão sem justa causa.

A voz em pânico dela me irritou como uma ressaca num final de semana.

Olhei para ela. Se o olhar pudesse matar, ela não seria mais um problema.

— Mostre o seu contrato — rosnei.

Ela saiu pisando duro num acesso de raiva da caixa de vidro que eu temporariamente chamava de meu escritório. Geralmente, era de Dean, e o filho da puta gostava de vidro e de espelhos, provavelmente porque ele se amava demais para não ficar olhando o seu reflexo a cada dois segundos. Sue voltou depois de alguns minutos com uma cópia do contrato dela. Ainda estava quente e fresco da impressora.

Caramba, ela não estava mentindo.

Sue tinha o direito a trinta dias de aviso prévio e todas essas merdas caprichosas. Não era um contrato da FHH padrão. Eu mesmo redigi o original e usei todas as brechas conhecidas pelos homens para garantir que teríamos o mínimo de obrigações legais com nossos funcionários em caso de rescisão. Essa assistente havia assinado um contrato com o qual eu não estava familiarizado.

Será que Dean estava comendo esta garota?

Meus olhos deslizaram de novo pelo seu corpo magro como chicote e desnutrido.

Provavelmente.

— Já estive em LA, Sonia?

— Sue — corrigiu ela, bufando desnecessariamente outra vez. — E uma vez — acrescentou. — Quando eu tinha quatro anos.

— Você gostaria de voar para lá para ajudar Dean enquanto ele está

trabalhando em LA?

Sua expressão foi de irritada e triste para confusa e, depois, eufórica.

Definitivamente. Dean estava comendo ela.

— De verdade? Mas o Sr. Cole não tem a sua assistente para ajudá-lo? Balancei a cabeça devagar, com meus olhos ainda nos dela. Um sorriso enorme formou-se em seus lábios e ela bateu palmas, mal contendo sua animação. Radiante. Uma criatura tão simples, a nossa Suezinha. Exatamente como Dean gostava delas. Ele foi idiota o bastante para confundir a Criada com alguém como Sue.

Eu conhecia sua ex-namorada melhor que ele.

— Então, vou manter meu emprego? — Sua voz era ofegante.

— Está no contrato. — Dei um peteleco nos papéis que ela imprimiu, ansioso para acabar com a conversa antes que *ela* acabasse com o resto das minhas células cerebrais funcionais. — Agora, mexa-se. Você tem um voo para pegar.

Assim que ela saiu do meu escritório, peguei meu telefone e liguei para a minha assistente em Los Angeles. As pessoas eram descartáveis. Eu me dei conta disso muito novo. Minha mãe certamente foi quando meu pai a substituiu por Josephine. Claro que ele nunca agiu como um pai, então, foi fácil acreditar que era descartável também. É por isso que a ideia de que ninguém ao meu redor tinha tanta importância estava arraigada dentro de mim.

Nem meus amigos.

Nem meus colegas de trabalho.

Nem a minha assistente.

— Tiffany? Sim, pegue suas coisas e seu último pagamento. Você está demitida. Estou enviando outra pessoa para te substituir esta noite.

Eu não a estava comendo.

Ela tinha um contrato padrão.

Adeus.



Eu a vi pelo monitor de segurança ao lado do meu laptop no

minuto em que ela passou pelas portas de vidro jateado na recepção da FHH.

Minha nova assistente pessoal chegou às 8h em ponto, mas dizer que não fiquei impressionado seria uma porra de um eufemismo. Eu a esperava aqui pelo menos com quinze minutos de antecedência. Falei com Sue às 7h30 e tinha coisa melhor a fazer do que ficar esperando a Criada. Mas eu deveria saber bem, esta garota sempre foi um problema.

Não pude ignorá-la quando a vi no *McCoy's*, aquele bar decadente. Para começar, ela estava vestida como se estivesse prestes a subir no meu colo e fazer uma dança erótica de vinte dólares para mim. E depois, seus sapatos eram pequenos demais e o sutiã que o uniforme deixava aparecer era duas vezes maior que os peitos dela. O que significa que ela calçava sapatos que não eram dela e um sutiã que costumava caber antes de perder peso demais.

Não consegui evitar me sentir ligeiramente responsável pela sua situação.

Tudo bem, muito responsável pela sua situação.

Eu a expulsara de Todos Santos. Por outro lado, ninguém lhe disse para fincar sua bundinha linda na cidade mais cara da porra do país inteiro. Afinal, o que ela estava fazendo em Nova York? Eu não tive tempo para analisar isto ao pressionar o botão do interfone.

— Recepcionista — bradei. Eu não sabia o nome dela e não me interessava porra nenhuma —, direcione a Srta. LeBlanc para o meu escritório e certifique-se que ela fique com o *iPad* de Sylvia ou um notebook.

— Desculpe-me, senhor, mas quer dizer a Sue? — a velha perguntou com educação. Pela parede de vidro, eu a vi já se levantando para apertar a mão da Criada.

— Quero dizer quem quer que essa garota seja que me serviu o café da manhã — grunhi.

Voltei a olhar para a minha tela quando a Criada bateu à minha porta.

Um Mississípi.

Dois Mississípis.

Três Mississípis.

Depois de dez segundos, encostei-me na minha cadeira e entrelacei os dedos.

— Entre.

Ela entrou.

Ela veio com um vestido de joaninha vermelho e branco – sem sacanagem – e calça legging amarela. Também vi que o salto de um de seus sapatos estava colado torto. Pelo menos, desta vez eram do tamanho certo.

Seus cabelos ainda estavam lilases. Isso é bom, gostei do fato de ela não me lembrar mais da Jo. E suas raízes não estavam mais aparecendo. Ótimo, isso significa que ela fizera um esforço desde a minha visita ontem à noite. Ela prendeu o cabelo em um coque francês. Emilia me encarava de modo desafiador, sem nem mesmo dizer um “olá”.

— Sente-se — orientei. Era fácil demais ser frio com as pessoas. Frieza era tudo o que eu conhecia.

Meu último abraço de verdade foi quando eu era uma criança. Minha mãe. Pouco antes do acidente que tirou sua liberdade. Jo, minha madrasta, fingiu me abraçar. Uma vez. Em um evento beneficente. Depois da minha reação, ela nunca mais voltou a fazer isso.

Criada se sentou e meus olhos deslizaram brevemente pelas suas pernas. Ela ainda tinha um corpo bonito, apesar de parecer que precisava de uma boa refeição... ou três. Ela abraçava um *iPad*. Seus olhos estavam em mim, eles sangravam desconfiança e desprezo.

— Você sabe usar um *iPad*? — Perguntei calmamente.

— Você sabe falar com as pessoas sem provocar ânsia de vômito? — Respondeu ela, imitando meu tom de voz e levantando a cabeça.

Engoli uma risada. — Vejo que deixo alguém nervosinha. Muito bem. Comece a escrever. Agende um horário com Jasper Stephens para mim, você vai encontrar o número dele no meu e-mail, o qual você deve já ter acesso a partir de agora. Depois, uma reunião com Irene Clarke. Ela vai querer que seja fora do escritório. Não permita que isso aconteça. Eu a quero aqui e quero que ela traga Chance Clement, o outro diretor executivo da empresa dela. Depois, mande um motorista ao JFK, a minha madrasta deve pousar lá às 16h30, e agende um táxi

para mim para o *Fourteen Madison Park* para às 19h. Vamos jantar lá. Continuei despejando ordens. — Quero que mande flores frescas para a mãe de Trent, é seu aniversário de 58 anos, e certifique-se de que haja um cartão personalizado com meu nome. Descubra o endereço dela. Ela ainda mora perto de San Diego, mas não faço a mínima ideia de onde. Pergunte à recepcionista o que comi no café da manhã e garanta que esteja na minha mesa todas as manhãs de agora em diante às 8h30 ou antes. E café. Garanta que também haja café. Faça cópias extras de cada documento deste arquivo. — Joguei uma pasta amarela grossa para ela.

Ela a pegou no ar, ainda digitando no *iPad*, sem levantar a cabeça.

— Familiarize-se com o que há dentro dela. Com os participantes. Do que gostam e do que não gostam. Suas fraquezas. Haverá uma nova fusão entre o *American Labs Inc.* e o *Martinez Healthcare*. Não quero que nada estrague isso. Inclusive a minha nova assistente. — Esfreguei o queixo, meu olhar pairando sobre seu corpo descaradamente. — Acho que acabamos por ora. Ah... E, Emilia?

Seus olhos piscaram, encontrando os meus do outro lado da mesa.

Sorri de forma arrogante e inclinei a cabeça para o lado.

— Não parece que fechamos o círculo? A filha da criada se torna... — passei a língua pelo meu lábio inferior. — a *criada*?

Eu não sabia como ela reagiria, sabia apenas que eu queria alfinetá-la mais uma vez antes de ela sair do meu escritório. Esta mulher me deixa desconfortável, exposto. Caralho, eu nem mesmo sabia por que a contratei. Bom, sabia sim. Mesmo assim, a maior parte do tempo ela me fazia querer explodir e destruir o lugar inteiro.

Criada ergueu a cabeça orgulhosa e levantou-se, mas não fez nenhum movimento em minha direção. Ela apenas me encarou como se eu fosse a porra de um maluco. Eu sabia que a minha camisa estava lavada e passada. Preta, limpa e elegante. Que eu estava apresentável. Lindo, inclusive.

Então, por que caralhos ela estava me encarando?

— Você ainda está aqui — falei, abaixando o olhar para a tela do meu laptop, clicando no *mouse* algumas vezes aleatoriamente. Ela precisava sair. Eu precisava que ela fosse embora.

— Só estava pensando... — Ela hesitou, olhando para a recepção através das persianas abertas das minhas paredes de vidro.

Meus olhos dispararam para onde seu olhar pousou, o FHH dourado dentro de um círculo de bronze. Havia um esboço de uma careta em seus grossos lábios rosados e, apesar de não gostar dela, não me importaria em tê-la em volta do meu pau debaixo da minha mesa em algum momento.

— FHH? — Ela franziu o nariz de um jeito que eu suspeitava que a maioria dos homens acharia adorável.

— Fiscal Heights Holdings — respondi, seco e formal.

— Four HotHoles, os Quatro HotHoles — ela devolveu. — Vocês eram os Quatro HotHoles de Todos Santos. Você, Trent, Jaime e Dean.

— Não faço ideia do que está falando.

Só de ouvi-la pronunciar o nome dele em voz alta me fez querer socar a mesa. As iniciais da nossa empresa eram o nosso segredo, mas, às vezes, principalmente quando nos encontrávamos uma vez ao mês para tomar umas cervejas e tratar de negócios, conversávamos sobre como enganamos todo mundo. Como as pessoas colocavam seus milhões suados nas mãos da uma empresa cujo nome representava quatro idiotas que jogavam futebol, três deles cujos papais ricos pavimentaram seus caminhos para o sucesso.

Mas não a Criada. Ela sabia. Reparou na nossa mentira. Acho que era isso que sempre me arrastava para ela. Para a garota que vivia de carboidratos baratos e vestia sapatos infantis, mas nunca, nenhuma vez, bajulou a minha enorme mansão e o meu carro chamativo.

Havia vários motivos pelos quais eu a odiava. O primeiro e mais óbvio era que eu suspeitava que ela sabia sobre o que Daryl e eu falávamos na biblioteca da minha família. Que ela sabia o meu segredo. Isso fazia eu me sentir patético e fraco. O segundo era que ela parecia uma Jo novinha. Os mesmos olhos. Os mesmos lábios. Os mesmos dentes da frente ligeiramente sobrepostos e aquele olhar de *Lolita*.

Diabos, até o mesmo sotaque do sul, mesmo que desse para perceber que ela perdera muito dele depois de dez anos.

Odiá-la era mais em expiação à minha mãe, Marie, por um pecado que nem mesmo era meu.

No entanto, o terceiro era parte da razão pela qual eu não apenas odiava a Criada, eu a respeitava também: sua indiferença ao meu poder de certa forma me desarmava.

A maioria das pessoas se sentia impotente diante de mim. Emilia LeBlanc nunca se sentiu assim.

Abri as abotoaduras da minha camisa social e enrolei as mangas, demorando e tendo o prazer de saber que ela me observava.

— Agora, tire esse rabo da minha sala, Criada. Tenho que trabalhar.



— Querido, Deus te abençoe, juro que você está muito bonito!

— Jo segurou meu rosto em suas mãos frias e enrugadas. Suas unhas feitas enterraram-se na minha pele um pouco mais fundo do que deveriam, e não foi sem querer.

Sorri para ela de maneira indiferente e permiti que abaixasse a minha cabeça para que pudesse dar um beijo em minha testa uma última vez antes que tudo entre nós virasse uma merda. Este foi o máximo de contato físico que eu lhe permiti durante todos esses anos e ela sabia muito bem que era melhor não passar dos limites. Ela cheirava a chocolate e a perfume caro. O cheiro enjoativo fez mal para as minhas narinas, mesmo sabendo que outras pessoas achariam gostoso.

Enfim, ela me soltou e analisou meu rosto de perto. O tom azulado sob seus olhos sugeriam que ela estava se recuperando de mais uma cirurgia facial. Jo era o que acontecia à *Bond Girl* 25 anos depois. Sua semelhança com Brigitte Bardot costumava ser assombrosa. Só que, ao contrário de Bardot, Jo nunca concordou com essa coisa chamada natureza. Ela lutava contra isso e a natureza revidava, e foi assim que ela acabou tendo mais plástico no rosto do que um pote de *Tupperware*.

Isso era problema dela. Nem mesmo cabelos loiros descoloridos, cirurgias, maquiagens, tratamentos faciais e todas essas merdas que tem no mundo – as roupas e sapatos de grife e bolsas da *Hermès* –

conseguiram disfarçar o fato de que Ela. Estava. Ficando. Velha.

Ela estava ficando velha, ao passo que a minha mãe continuava jovem. Marie, minha mãe, com apenas 35 anos quando morreu. Com cabelos pretos como a noite e pele branca como uma pomba. Sua beleza era quase tão violenta quanto o acidente que acabou por tirar a sua vida.

Ela parecia a *Branca de Neve*.

Só que, ao contrário da *Branca de Neve*, ela não foi salva pelo príncipe. O príncipe, na verdade, era o mesmo homem que concordou em envenenar a maçã.

A bruxa na minha frente providenciou para que fosse entregue.

Infelizmente, eu não percebi a verdade até ser tarde demais.

— Adoro este restaurante! — Ela afofou seu penteado exagerado e seguiu o maître à nossa mesa, falando sobre merdas caras e pensando, erroneamente, que isso passava como conversa fiada.

Eu me desliguei dela. Ela usava um vestido *Alexander Wang* que lhe comprei de aniversário – demorei uma eternidade para encontrar uma falsificação barata que faria suas amigas ricas rirem dela pelas costas – e um batom um tom mais escuro que seu vinho tinto preferido perfeitamente aplicado, apenas para garantir que ela pareceria certinha e decente, mesmo depois de comer.

Uma parte de mim estava furiosa com a Criada por não ter fodido com nenhuma das tarefas que lhe dei hoje. Pensei que ela tivesse jurado ser uma assistente de merda. Se ao menos ela tivesse se esquecido de agendar um motorista para Jo, eu não estaria aqui agora.

Caminhei penosamente pelo *design* vanguardista do restaurante exclusivo, passando por paredes feitas de plantas vivas, portas francesas, armários pretos com luz de fundo e painéis ornamentados. Por alguns segundos, me senti um menino prestes a aguentar algum castigo que temia e, de certo modo, era exatamente quem eu era.

Nós nos sentamos.

Bebemos em silêncio nossas águas de cálices de cristal que eram tanto impraticáveis quanto sem sentido.

Olhamos o cardápio sem olharmos um para o outro, murmurando algo sobre a diferença entre *Syrahs* e *Merlots*.

Mas não conversamos. Não de verdade. Eu estava esperando para ver como ela iria abordar o assunto. Não que isso importasse de forma alguma, claro. O destino dela estava selado.

Ela não resmungou uma palavra sobre o motivo pelo qual voara até aqui, não até depois que a garçonete serviu as nossas entradas. E, então, ela finalmente falou.

— Seu pai está piorando. Receio que ele morra em breve. — Ela ficou olhando para o prato, cutucando a comida, como se não tivesse apetite. — Meu pobre e doce marido.

Ela fingia amá-lo.

Enfieí o garfo no meu bife, cortando o sangrento filé malpassado, mastigando o pedaço suculento de carne, meu rosto inexpressivo.

Mas meu ódio por ele é legítimo e real.

— Que pena — falei com a voz desprovida de emoção.

Seu olhar encontrou o meu. Ela estremeceu por dentro de seu modelo falso.

— Não sei direito por quanto tempo mais ele vai aguentar. — Ela organizou a prataria sobre o guardanapo que não colocara em seu colo, arrumando-a elegantemente.

— Por que simplesmente não vai em frente e fala logo, Jo? — Sorri educadamente, terminando meu copo de *scotch* – foda-se o vinho – e me recostei, ficando confortável. Isso seria bom.

Grite, Mamãezinha. Grite.

Ela tirou um lenço da bolsa, enxugando com batidinhas o suor de sua testa cheia de *Botox*. Não estava quente no restaurante.

Ela estava nervosa.

Isso era bom.

— Baron... — Ela suspirou e eu fechei os olhos, inflando as narinas.

Eu odiava este nome. Era o nome de meu pai. Eu o teria mudado legalmente há muito tempo se não fosse pelo fato de que eu não queria que ninguém soubesse que eu me importava.

— Você não precisa de todo o dinheiro dele — disse Jo suspirando outra vez. — Você construiu uma empresa multimilionária por sua conta. E, claro, eu não tenho nenhuma expectativa sobre o quanto eu devo herdar. Só preciso de um lugar para ficar. Isso tudo me pegou

tão desprevenida...

Eu tinha apenas dez anos quando o pai de Dean, Eli Cole, um advogado de família que representava alguns dos maiores atores de Hollywood, fechou a porta do escritório de papai para uma consultoria em planejamento imobiliário de duas horas. Apesar de ser louco por Jo – ou talvez por ser louco por ela e nunca realmente confiar em si mesmo – papai insistiu em um acordo pré-nupcial que protegia cada centavo e não dava nada a Jo se ela pedisse o divórcio. A morte não era um divórcio, mas ela estava preocupada com o testamento.

Nem Jo nem eu sabíamos o que dizia o testamento dele, mas podíamos adivinhar. Meu pai era um velho vaidoso cuja esposa tinha sido sua amante, uma jogadora reserva para o seu império. E eu? Para o meu pai, eu mal existia, exceto como um nome que simbolizava seu legado, mas diferente dela, eu poderia ajudar este legado a sobreviver. Muito provavelmente, eu ficaria no comando de todo o seu império em breve. Eu controlaria os gastos e Jo estava preocupada que meu vício principal – a vingança – significasse que ela perderia seu estilo de vida confortável. Pela primeira vez em sua vida infeliz, ela estava certa.

Soltei o ar, erguendo as sobranceiras e olhando para os lados, como se ela tivesse me pegado desprevenido. Sem dizer uma palavra – foi muito divertido observar seu olhar esperançoso encontrar a minha armadura de indiferença – tomei outro gole do meu *scotch* devagar.

— Se descobrirmos que ele... — ela deu uma pausa.

— Te deixou sem nenhum centavo? — Terminei por ela.

— Me dê a mansão. — O tom dela era entrecortado e – surpresa! – ela não estava mais fingindo ser acolhedora e maternal. — Não vou pedir mais nada.

O jeito que ela me olhou – como uma pirralha que teve seu brinquedo preferido negado, como se estivesse em posição de negociar – quase me fez rir.

— Sinto muito, Jo. Tenho planos para essa mansão.

— Planos? — Ela espumava e seus dentes clareados brilhavam com a saliva. — É a minha casa. Você saiu de Todos Santos há dez anos.

— Eu não quero morar lá — falei simplesmente, afrouxando a gravata.

— Quero reduzi-la a cinzas.

Seus olhos azuis dilataram e sua boca virou uma carranca.

— Então, se chegar a este ponto, você não vai me dar nadinha, né? Nem a mansão.

— Nem mesmo o cesto de frutas do balcão da cozinha. Sem as frutas — confirmei. — Deveríamos fazer isso mais vezes. Jo. Passar um tempo juntos. Jantar. Dividir um bom vinho. Eu me diverti muito esta noite.

A garçonete colocou a conta na nossa mesa, no tempo certo, do jeito que combinamos. Sorri e, desta vez, nesta única vez infeliz, meu sorriso realmente chegou aos olhos. Arranquei a carteira do bolso interno do meu paletó e entreguei um cartão *American Express Black*. A garçonete o pegou imediatamente e desapareceu atrás de uma porta preta no final do salão lotado.

— Lembre-se, Baron, não sabemos o que diz o testamento. — Jo balançou a cabeça lentamente com os olhos vidrados. — “Não haverá misericórdia para com aqueles que não tenham mostrado misericórdia.” — Ela estava citando a Bíblia agora.

Bela jogada. Lembrei-me nitidamente de que há *Não matarás* em algum lugar lá também.

— Sinto cheiro de desafio. Você sabe que eu sempre sou meio bobo com desafios, Jo. — Pisquei e puxei meu colarinho. Estava com este terno há tempo demais. Queria lançá-lo longe junto com este dia de merda. Minha expressão permaneceu divertida.

— Diga-me, Baron, será que eu preciso procurar um representante legal para isso? — Ela se debruçou com os cotovelos sobre a mesa.

Cotovelos na porra da mesa? Josephine teria me dado uma porrada se fosse eu com os cotovelos em qualquer lugar perto da mesa quando eu era criança. E o irmão dela teria terminado o serviço com o cinto na biblioteca.

Estalei meu pescoço e pressionei os lábios, fingindo pensar no caso. Eu definitivamente tinha um representante legal. Era o filho da puta mais sórdido que já estudou Direito, e era *eu*. Eu podia ser frio, sem coração e emocionalmente deficiente, mas Jo sabia, sem sombra de dúvida,

que eu também era o melhor no ramo.

E eu também falei com Eli Cole. Ele concordou em me representar caso meu pai deixe algo para ela e eu precise espantá-la. Eu a queria sem nenhum centavo. Não era pelo dinheiro. Era questão de justiça.

A garçonete reapareceu com meu cartão de crédito. Dei uma gorjeta de cem por cento para ela e levantei, deixando a minha madrastra sozinha na mesa em frente ao seu prato comido pela metade. Meu prato estava limpo. A minha consciência também.

— De qualquer maneira, por favor, sintá-se à vontade para arrumar um advogado, *Mamãezinha* — falei enquanto colocava meu sobretudo de caxemira sobre os ombros. — Sinceramente, esta foi a melhor ideia que você teve em anos.



CAPÍTULO SEIS

Emilia

Dez Anos Antes

— TEM CERTEZA DE QUE não quer voltar para a festa? — Perguntei a Dean entre beijos ofegantes.

Ele roçou o nariz na minha clavícula, nossos lábios inchados por causa da última meia hora. Ficamos nos beijando até ficarmos sem saliva e nossas bocas adormecerem. Eu gostava dos beijos dele. Eram gostosos. Molhados. Talvez um pouco molhados demais, mas, definitivamente, prazerosos. Além disso, ainda estávamos descobrindo como desfrutarmos um do outro. As coisas ficariam ainda melhores com o tempo. Tenho certeza.

— Festa? Tem alguma festa? — Dean esfregou a nuca, juntando as sobrancelhas. — Para com essa merda, Millie. Eu nem percebi. Estou ocupado demais passando um tempo com uma garota que tem gosto de sorvete e pinta como Picasso. — A voz dele era forte e rouca.

Ignorei o comentário sobre Picasso porque meu estilo não tinha nada a ver com o dele, mas gostei do elogio, acho. Tudo bem, me irritou um pouco. Porque eu sabia que Dean nem sequer conhecia *um* quadro de Picasso.

Deus, o que havia de errado comigo?

Eu gostava muito de Dean. Ele era lindo, com aquele coque masculino castanho e olhos verdes. Passei a mão sobre seus tríceps volumosos, gemendo com a necessidade quando pensei no que eles fariam comigo se e quando eu decidisse levar nossas sessões de pegação para o próximo nível.

Eu sabia tudo sobre os (Quatro) Four HotHoles e ele era um deles.

Em breve, Dean pediria por sexo.

Em breve, eu concordaria.

Eu ficaria contente em perder a minha virgindade com ele se não fosse

pela sensação persistente de que isto era apenas outra piada cruel de Vicious. Claro que Dean não era tão abominável para sair comigo só para que Vicious zombasse de mim depois. Não, ele parecia sincero. As mensagens carinhosas. O café que ele me trazia todas as manhãs quando nos encontrávamos no colégio. As ligações tarde da noite. Os beijos.

Quando ele me chamou para sair pela primeira vez meses atrás, eu recusei educadamente. Ele insistiu. Por semanas e semanas, ele esperou ao lado do meu armário, perto da minha bicicleta e fora do apartamento da minha família na propriedade dos Spencer. Ele era incansável e focado e, ainda assim, gentil e doce. Disse que prometia não tocar em mim até que eu estivesse pronta. Disse que eu não deveria julgá-lo baseado em sua reputação. E alegou ter um pau de 25 centímetros, o que não significava absolutamente nada para *esta* virgem. Eu poderia ter dado um soco de brincadeira em seu braço pelo último comentário.

Mas eu estava sozinha e ele era fofo e bom comigo. Ter qualquer um era melhor que não ter nenhum.

Às vezes, a dúvida surgia na minha mente. Os HotHoles não tinham a melhor reputação. Pior ainda, eu tinha sentimentos não resolvidos pelo seu grande amigo. Garanto que a maioria desses sentimentos era negativa, mas mesmo assim.

Como se sentisse a minha parede de defesa subindo, Dean se inclinou para mim na minha estreita cama de solteiro e encostou os lábios na minha testa.

— Eu gosto de você de verdade, Millie.

— Eu também gosto de você de verdade. — Suspirei, acariciando seu rosto com meu polegar. Eu falava a verdade. Os sentimentos que ele despertava em mim eram positivos. Seguros. Mas não eram loucos. Eles não me enlouqueciam e não me faziam querer agir irracionalmente e como se não fosse eu mesma.

O que era bom. Eu acho.

— Todos os seus amigos estão lá. Tenho certeza de que você quer ficar com eles. — Cutuquei-o levemente. — Você não tem que escolher entre mim e seus parceiros.

Mas esta não era bem a verdade, e nós dois sabíamos disso.

— Prefiro ficar aqui com você — falou, entrelaçando os dedos nos meus.

Ambos olhamos para as nossas mãos, contemplando silenciosamente nosso passo seguinte. O clima mudou para algo pesado que pressionava meu peito, tornando difícil respirar.

— Então, eu vou com você. — Reuni um sorriso.

Eu não gostava das festas de Vicious, mas por Dean, eu estava disposta a dar as caras. Mesmo que fosse uma cara que ninguém quisesse ver.

As pessoas no colégio ainda me achavam uma caipira ignorante. Mas agora, ninguém mais fazia bullying comigo. Assim que ficaram sabendo que eu estava saindo com Dean Cole, ninguém se atrevia a enfiar porcarias no meu armário nem murmurar palavras de ódio quando eu passava. Mesmo sendo difícil de admitir, esta era uma grande parte do motivo de por que eu gostava de sair com meu novo namorado.

Ele deixava a minha vida mais fácil. Mais agradável. *Mais segura*. Eu não o estava usando de forma alguma. Eu me importava com ele. Ajudei-o com o dever de casa, deixei uns desenhos de “boa sorte” em seu armário no último outono antes dos jogos de futebol e sorri como uma doida todas as vezes que ele passou por mim no corredor durante o inverno.

— Você faria isso por mim, gata? — Um sorriso cativante se abriu em seu rosto. Dos quatro, Dean era provavelmente o mais chapado. Ele parecia levar tudo na esportiva. Inclusive nosso relacionamento. — Eu sabia que você era perfeita. — Ele já tinha se levantado, puxando-me pela mão. — Agora, vamos logo, gata. Estou seco por uma cerveja e tenho uma erva de matar. Trent e Vicious vão se cagar.

Dei um sorriso fraco para Dean através do meu reflexo no espelho enquanto arrumava o cabelo. Eu gostava dos meus cabelos bagunçados, mas independente do quanto eu tentasse dizer a mim mesma que não, eu me importava com o que as pessoas pensavam. Eu me importava e, igual a todo mundo, queria que gostassem de mim.

Eu estava vestindo um suéter creme gigante, curto na altura da cintura e caindo de um ombro, e um short jeans sem bainha. Enfieí minhas

botas floridas rosa e preta e ri quando ele me puxou contra seu corpo e me beijou com força outra vez.

Afastei-me depois de alguns segundos, limpando a saliva da minha boca.

— Você primeiro — falei.

Ele parou e franziu a testa, uma expressão séria em seu rosto.

— Adoro que queira me fazer feliz. Aonde quer que vamos no ano que vem, iremos juntos. Entendeu? — Ele me encarava como se eu fosse o amanhecer.

Era gostoso.

Muito gostoso.

Eu me permiti me banhar em seu calor, mesmo que não fosse meu.

— Sim, Sr. Homem das Cavernas. Entendi. — Revirei os olhos, mas sorri.

Ele me beijou de novo.

Tão seguro.

Ele deu um tapinha de leve na minha bunda.

— Que bom. Vamos.

Eu estava pronta para ser feliz com ele. Estava mesmo.



Last Night, de The Strokes, saía dos alto-falantes enquanto abríamos caminho em meio à multidão bêbada. As pessoas estavam de pé, dançando e se pegando na sala de estar de Vicious como se fossem os donos do lugar. Quando a minha família começou a trabalhar aqui, eu não conseguia entender como seus pais permitiam que ele promovesse essas orgias todos os finais de semana. Acontece que eles simplesmente não davam a mínima. Nem para as festas e, definitivamente, nem para o filho.

Baron Sr. e Jo, sua esposa, estavam sempre ausentes, principalmente nos finais de semana. Eu desconfiava que Vicious morava sozinho pelo menos setenta por cento do tempo. Eu estava lá há mais de quatro meses e dava para contar em uma mão o número de vezes que o vi

interagir com seu pai.

Não precisava nem de um dedo para contar quantas vezes ele interagiu com a madrasta.

Eu achava aquilo triste.

Mas era exatamente a mesma coisa que Vicious achava da *minha* vida. Dean e eu ficamos um tempo na cozinha gigante, com Dean virando algumas doses – no mínimo cinco ou seis – antes de fazer um sinal para que eu subisse com ele. Eu obedeci, mais porque me sentia estranha de ficar com ele na cozinha onde Mama trabalhava e, de qualquer forma, não vi Rosie em lugar nenhum do primeiro andar. Eu esperava que ela estivesse em algum lugar lá em cima. Com alguma sorte, sem a língua de ninguém enfiada em sua boca em um dos muitos quartos. Não seria nada de mais – e, definitivamente, não seria a primeira vez que a pegaria ficando com algum garoto qualquer –, mas eu sempre me senti uma mamãe urso protetora.

No andar de cima, Dean entrou direto pela porta da sala de TV, e eu hesitei do lado de fora, verificando se conseguia avistar a minha irmãzinha no andar ou em algum dos corredores à direita ou à esquerda.

A verdade era que eu não estava só procurando por ela – também procurava evitar os outros HotHoles. Dizer que eles não gostavam de mim era como dizer que o Oceano Pacífico era ligeiramente úmido.

Eles me odiavam e eu não fazia ideia do motivo.

— Jaime, meu chapa! — Dean deu um tapa nas costas de seu amigo ao entrar no círculo privado de seus amigos.

Eles estavam parados com suas cervejas nas mãos, conversando animados, provavelmente sobre esportes. Eu fiquei no corredor junto com o resto dos rejeitados. Eu não queria entrar e dar a Vicious a oportunidade de fazer cara feia ou dizer algo cruel para mim.

Depois de alguns minutos, Dean virou a cabeça na direção da porta e percebeu que eu ainda estava do lado de fora. Para ser honesta, não me importava particularmente com isso. Estava conversando com uma garota chamada Madison que também ia de bicicleta para a escola todos os dias. Mas ela fazia isso para se exercitar e ficar magra, enquanto eu fazia porque era pobre e não tinha carro. Estávamos

falando sobre bicicletas quando Dean acenou para mim.

— Gata, o que está fazendo aí fora? — falou enrolado, soluçando. — Traga essa sua bundinha aqui para dentro antes que eu a morda.

Madison parou de falar e olhou boquiaberta para mim como se eu acabasse de ter sido chamada no palco para receber um Prêmio Nobel. Eu não gostei dela neste momento em particular.

Balancei a cabeça. — Estou me divertindo bem aqui, obrigada. — Sorri na minha garrafa d'água, desejando poder desaparecer. Eu não queria que Vicious me notasse.

— Que porra está acontecendo aqui? — Ouvi Trent, lindo e charmoso Trent Rexroth, que era um cara legal com todos, menos comigo, reclamando de dentro do círculo. Quando ele ergueu o olhar e me viu, pareceu atordoado. — Jesus, Cole. Você é tão idiota.

Por que Dean era idiota?

Quando Jaime percebeu que eu estava ali, beliscou a ponte do nariz antes de lançar um olhar estranho para Dean.

— Precisava mesmo disso, né, Babaca?

O círculo se quebrou e eu tive um vislumbre de Vicious, seu quadril encostado na mesa, com uma garota bonita que eu não conhecia ao seu lado. Meu peito doeu quando percebi o quanto ele estava perto dela. Ainda que ele não a estivesse tocando nem olhando para ela.

Para o que ele *estava* olhando não me surpreendeu. Ele olhava direto para mim.

— Essa é a porra da minha namorada, cara — alterado, Dean respondeu para Trent, ignorando Jaime. — É melhor calar a boca se não quiser esse seu rostinho bonito destruído. — Ele se virou, seu andar era oscilante e desequilibrado, e me lançou um de seus sorrisos de molhar calcinha, mas seus olhos estavam pesados pelo torpor e pelo álcool. — Millie, por favor? — Ele juntou as mãos, abaixando-se dramaticamente e andou o resto do caminho até a porta de joelhos. Suas covinhas estavam à mostra, mas não ajudou em nada no meu constrangimento.

Virei um belo tom de vermelho tomate e enterrei o rosto nas mãos, meu sorriso falso era tão largo que minhas bochechas doíam.

— Dean — grunhi, fechando os olhos. — Por favor, se levante.

— Não foi isso que você disse apenas vinte minutos atrás, gata. Na verdade, acho que foi “Dean, será que isto vai amolecer?” — Ele caiu na gargalhada.

Eu não sorria mais.

Quando tirei as mãos do rosto, o sorriso em seu rosto desapareceu completamente. Atrás dele, Vicious me lançou um olhar mortal, seu maxilar batendo no ritmo das batidas do meu coração.

Tic, tac, tic, tac.

Seus lábios estavam tão finos que eram praticamente invisíveis. O primeiro passo que ele deu me fez estremecer. Ele passou pelas pessoas na sala de TV em direção ao corredor em alguns passos longos e arrancou Dean do chão pela gola da camisa. Dean girou no lugar, seu rosto corado pela surpresa, e foi aí que Vicious bateu as costas de Dean na parede mais próxima, torcendo sua camisa de marca branca de gola redonda.

— Eu te disse para não trazê-la aqui — sussurrou ele sombriamente, quase sem mexer os lábios.

Meu coração perdeu um compasso dentro do peito.

— Que porra há de errado com você? — Dean o empurrou, dando um passo para frente, cada movimento dele cheio de adrenalina.

Eles se encararam durante muito tempo. O que me fez pensar que isso iria terminar em briga, mas Jaime e Trent entraram em cena. Trent puxou Dean para a porta, enquanto Jaime empurrou Vicious para o outro lado da sala.

— Chega! — Gritou Trent para os dois.

Jaime segurou os braços de Vicious, prendendo-os atrás das costas dele. A raiva que emanava dos dois estava deixando o ar denso como uma fumaça sufocante.

— Quadra de tênis. — Vicious se soltou das mãos de Jaime e apontou para Dean, fervendo. — Desta vez, não chore quando eu acabar com você, Cole.

Eu não queria que eles brigassem. Vicious tinha uma fama: ele lutava até desmaiar. Seus braços tinham cicatrizes para provar.

Trent se virou, andando em minha direção e estreitando seus olhos cinza para mim.

— Dê o fora daqui — exigiu, seu corpo enorme ocupando todo o batente da porta, os olhos semicerrados. Ele parecia realmente puto. Não consegui ver Dean nem Vicious. O que quer que estivesse acontecendo, era um assunto particular do qual eu não fazia parte. Dean e eu formávamos um casal há meses, mas eu sabia que os outros HotHoles não me ajudariam a impedir a luta. Eu estaria gastando saliva à toa.

— Quando vocês vão parar de agir como se eu tivesse lepra? — Questionei em voz alta, cruzando os braços. — Dean é meu namorado, e nenhum de vocês literalmente nunca disse uma palavra gentil para mim. Por que me odeiam tanto?

Trent balançou a cabeça, uma risada amarga saindo de seus lábios.

— Jesus. Você não sabe mesmo?

— Eu não sei mesmo. — Meu rosto esquentou de novo. Era tão óbvio assim? Eu estava deixando passar algo absurdamente evidente?

Quando ele se abaixou, nivelando seu rosto ao meu, tremi.

— Se você acha que pode nos separar, está errada. Deixe Vicious em paz.

Deixar Vicious em paz?

Meu sangue foi de zero a cem em um segundo, e eu estava pronta para explodir. Baron Spencer estava em todos os lugares. Onde eu morava, onde eu me divertia, onde eu dormia e onde eu estudava. Tudo bem, não era culpa dele. Mas ele não tinha que me olhar do jeito que olhava, falar comigo do jeito que falava. Ele não tinha que gritar comigo e zombar de mim em todas as oportunidades.

Deixar Vicious em paz? Não. Eu estava farta.

Vicious não estava apenas na minha vida sem a minha permissão. Ele estava nas minhas veias. Sempre por perto, como uma sombra, me caçando sem realmente me tocar todas as vezes em que estava perto o bastante para me agarrar pelo pescoço.

— Com prazer. Eu não quero nada com ele mesmo.

Lançando um olhar de indiferença para Trent, girei e segui pela escada, passando pela cozinha e indo até a entrada dos empregados. Precisava encontrar Rosie e contar o que tinha acontecido. Ela iria entender isso tudo.

Eu estava um pouco chateada com Dean por fazer aquela piada cruel. E estava *muito* chateada com Vicious, Jaime e Trent por agirem como se eu fosse um ditador da Coreia do Norte. Eles claramente tinham alergia a mim, e embora nunca tivesse sido minha intenção me tornar a Yoko Ono dos dias atuais, começava a acreditar que seria inevitável terminar com Dean.

Os HotHoles eram uma grande parte da vida dele. Eles lutavam juntos, jogavam futebol juntos e festejavam juntos. Se não gostavam da namorada de Dean – *eu* – era um problema sério. Eu estava cansada de me sentir como uma DST que eles tentavam não pegar sempre que estava perto deles.

Eu merecia mais.

Mais respeito.

Mais paciência.

Mais aceitação.

Simplesmente *mais*.

Fui para o nosso apartamento e escancarei a porta. A pequena sala de estar, assim como o meu humor, estava escura e fria. Mama e papai já estavam dormindo e, quando abri a porta de Rosie, seu quarto estava deprimentemente vazio. Ela devia estar curtindo na piscina com alguns de seus amigos. Ao contrário de mim, ela fez alguns em All Saints High. Na maioria, pessoas de cidades vizinhas e menos ricas.

Entrei no meu quarto e bati a porta. Puxando o cobertor por cima da cabeça, fechei os olhos desejando dormir. Nem me incomodei em vestir o pijama, apenas arranquei as botas. Eu queria que a noite acabasse e que o amanhã engolisse a lembrança disso tudo.

Revirei-me na cama, sabendo perfeitamente que não conseguiria dormir com toda aquela música e gritos vindos do lado de fora. Só Deus sabia como meus pais dormiam tão pacificamente em meio a estas festas. Fiquei olhando para o teto e ele me olhava de volta. Comecei a pensar em Dean, mas meus pensamentos logo mudaram para Vicious.

Vicious. Sempre arruinando tudo. Me prendendo, me expulsando, me jogando numa zona emocional obscura. Meus olhos se agitaram no escuro e eu suspirei.

A porta rangeu. Meu coração parou. Eu sabia quem era. Rosie teria perguntado se podia entrar, Dean também. Não. A única pessoa que nunca se incomodava em bater, mesmo não sendo bem-vindo em nenhum lugar perto de mim. Ele entrara na casa dos meus pais como se fosse o dono, porque era. Na cabeça dele – eu não duvidava disso – ele também era meu dono.

— Essa merda acaba agora. — A voz dele ecoou pelo quarto pequeno, espumando de raiva.

Rolei na cama para ficar de frente para a porta, senti minha pulsação na garganta. Eu o recebi com o silêncio, meus olhos percorrendo cada parte de seu corpo. Ele se apoiou na parede, olhando para mim deitada na cama. Meu coração fez algo esquisito dentro do meu peito. Estrelinha ou cambalhota, não tenho certeza.

Porque ele nunca esteve tão perto.

Nunca esteve no meu território.

Esta era a primeira vez que ele me procurava intencionalmente e não parecia nem bom nem seguro.

Parecia divino, mas perigoso.

Mesmo gostando da ideia de ele me olhando na cama, esfreguei as coxas, sentando-me com as costas na cabeceira. A versão de *Superstar*, de Sonic Youth, penetrava pela janela e fiquei bêbada neste perfeito momento.

Parecia que eu tinha ganhado alguma coisa e odiava me sentir lisonjeada. Vicious sempre pareceu tão inalterado quando se tratava do sexo oposto. Eu raramente o via com a mesma garota e ele nunca visitava nenhum de seus casinhos em suas casas. Era apenas um desses fatos da vida que todas as garotas da escola sabiam. As garotas iam até ele, não o contrário.

No entanto, aqui estava ele, na minha casa, no meu quarto, perto da *minha* cama. Mesmo que ele tivesse vindo aqui apenas para me ameaçar um pouco mais, ainda assim ele veio. *Eu o tenho*.

Ele estava nas minhas veias.

Mas eu consegui rastejar sob sua pele.

— A que devo a honra, Vicious? — Zombei. As palavras tinham um gosto amargo na minha língua. Eu não era má. Antes de nos

mudarmos para cá, eu era amigável. Gentil. Agora, nem tanto, mas ainda incapaz de magoar alguém de propósito.

O quarto estava escuro, mas a luz vinha da festa lá fora, invadindo cada centímetro do espaço que me pertencia.

Só que, na verdade, pertencia a ele, e Vicious nunca me deixava esquecer disso.

Ele nem mesmo olhava para mim. Apenas encarava o mural que pintei na minha parede – na parede *dele* – uma árvore de flor de cerejeira. Seus olhos estavam vazios. Apagados. Eu queria agarrar seus ombros e sacudi-lo, religar a luz dentro dele, me certificar de que tinha alguém ali dentro.

Vicious esfregou o queixo, fechando a minha porta com um chute atrás dele.

— Se queria a minha atenção, parabéns, você conseguiu. Agora, termine essa merda com Dean.

Arremessei o cobertor no chão e fiquei em pé. Meu suéter deslizou por um ombro e meu sutiã branco apareceu. Estava agitada demais para me importar. Eu o empurrei com toda a força que consegui reunir, nem um pouco preocupada com as consequências. Suas costas largas bateram na parede, mas seu semblante permaneceu frio.

Dei um passo para trás, colocando as mãos nos quadris.

— Qual o seu problema comigo, hein? O que eu fiz para merecer isso? Eu não vou à sua casa. Não te olho nos olhos quando te vejo no colégio. Não falo com você nem sobre você. Mas não te basta. Olha, eu também não quero estar aqui, tá? Nunca me alistei para morar em Todos Santos. Meus pais que decidiram. Eles precisavam do dinheiro. Nós precisávamos do dinheiro. Rosie tem uma doença e a assistência médica daqui é melhor, sem falar que aqui não pagamos aluguel. Diga o que quer que eu faça que não implique na minha família ficar sem um teto e eu farei, mas pelo amor de Deus, Vicious, me deixe em paz! Não sei exatamente quando comecei a chorar, mas muitas lágrimas quentes correram pelo meu rosto. Devia ter fervido ao ponto de transbordar. Eu não gostava que ele estivesse me vendo daquele jeito, vulnerável e destruída, mas esperava que isso o motivasse a ser um pouquinho menos abominável comigo.

Seus olhos moveram-se lentamente do mural para mim, seu olhar ainda era vago.

Passei os dedos pelos cabelos em frustração.

— Não me faça ser cruel — resmunguei. — Eu não quero machucar você.

— Termine com ele — repetiu, seco. — Pare com isso.

— Parar com o quê? — Franzi a testa.

Ele fechou os olhos.

— Emilia — avisou.

Sobre o que, eu não sabia. Mas pela primeira vez, ele não se referia a mim como *Criada*.

— Ele me faz feliz. — Mantive-me firme, porque quem diabos era Vicious para me dizer quem namorar?

— Ele não é o único que pode te fazer feliz. — Ele abriu os olhos e se afastou da parede, dando um passo na minha direção.

Minha pele estava pegando fogo e eu sabia o que aliviaría a queimadura como um bálsamo de aloé vera, mas era errado. Muito errado. Da mesma forma que ele me mandando parar de namorar Dean.

Então, por que uma parte de mim se sentia contente?

— Pergunte novamente o que eu quero — ordenou. Sua voz era gelo passando pela minha pele, deixando arrepios desconfortáveis de prazer pelo caminho.

— Não. — Comecei a andar para trás, ainda de frente para ele. Ele me seguiu. Um predador perseguindo sua presa, e ele tinha vantagem física e psicológica sobre mim.

Eu estava prestes e me tornar sua próxima refeição e não tinha dúvida nenhuma... Ele iria me devorar.

— Pergunte — ofegou ele, minhas costas atingiram a parede oposta e seus braços vieram em torno de mim, me encurralando. Eu estava presa e não apenas fisicamente. Eu sabia que não havia jeito de sair, mesmo que ele se afastasse.

— O que você quer? — Degluti. Eu também queria que ele acabasse com isso e nem tinha certeza do que isso era. Mas estava ali. Eu também sentia.

— Quero te foder e olhar para você enquanto eu faço isso. Para ver como você se afoga em mim enquanto eu te machuco tanto quanto me machuca ter que ver seu maldito rosto todos os dias.

Tomei fôlego. Sem saber direito como responder, levantei a mão para dar um tapa na cara dele. Ele segurou meu pulso, me impedindo antes de a minha palma atingir seu rosto, e balançou a cabeça lentamente.

— Você precisa ganhar o direito de me bater, *Pink*. E ainda não chegou lá.

Pink. Meu coração perdeu um compasso.

Eu estava chocada por ele me afetar desse jeito. Parecia que independente do que ele me dissesse, sempre deixava uma marca. No meu cérebro. Nos meus pensamentos. Fazendo-me dissecá-lo. Mas com ele aqui, admitindo que queria transar comigo... algo mudou.

Estávamos colados um no outro e eu me encontrava bêbada com seu cheiro e chapada com seu rosto, e, ah, meu Deus, eu sabia que não tínhamos feito nada, mas parecia tanto com traição. O ódio próprio fez meu estômago se agitar. Arrisquei libertar o meu pulso, tentando passar por ele. Mas ele não me deixaria sair.

— Pergunte o que eu quero — ordenou outra vez, com pupilas tão dilatadas que seus olhos estavam quase completamente negros.

Ele me seguia de novo, passo a passo. Meu pulso ainda estava em sua mão e uma parte de mim queria saber como era a sensação de cair em suas garras. Só que essa perseguição acabaria em breve.

A parte de trás dos meus joelhos alcançou a minha cama e a caçada estava terminada.

— O que você quer? — Obedeci, fazendo a pergunta não porque tinha que fazer, mas porque eu queria saber que crueldade ele diria em seguida. Foi ruim. Foi imoral. E foi o momento em que eu soube que deveria terminar com Dean. Eu nunca deveria ter concordado em namorá-lo, para começar.

— Quero que retribua o meu beijo — sussurrou na minha cara, com seu hálito fazendo cócegas na minha bochecha. *Tão perto*.

— Mas você...

Ele me calou ao enfiar seus lábios nos meus. Eles eram quentes e doces e *certos*. Nem molhados demais e nem muito secos. Seu beijo era

carnal, profundo e eu me senti tonta – sem ar – com o peso de seu corpo musculoso me prendendo na beirada da minha cama, a segundos de me empurrar no colchão.

Mas eu não iria trair Dean, independente do que sentia. Eu não era isso. Então, apesar do formigamento crepitando pela minha espinha até os dedos dos pés, empurrei a cabeça para o lado, olhando para o chão e fechando os lábios. Cobri a minha boca com uma mão para garantir que ele não tentasse fazer isso de novo.

— Saia do meu quarto, Vicious — falei por entre meus dedos trêmulos. Era a minha vez de dar uma ordem.

Ele me encarou atentamente por alguns segundos. Eu o vi pelo canto do olho, com raiva e... derrotado? Era a primeira vez que eu o machucava de volta e até isso foi só porque era absolutamente necessário.

Eu não era uma traidora.

Mas não magoar Dean era uma merda, porque machuquei Vicious no lugar.

Ele demorou poucos segundos, talvez menos, para se recompor.

Depois, inclinou-se para frente.

— Pergunte-me novamente — falou pela terceira vez, com um sorriso malicioso em seu rosto.

Fechei os olhos e balancei a cabeça dizendo que *não*. Estava cansada de jogar este jogo insano.

— Pergunte-me qual o gosto que ela tinha quando a beijei esta noite depois que te expulsamos da sala de TV. Sua irmã, Rosie. — A voz dele era suave, mas suas palavras eram veneno, e eu desabei por dentro.

Isso me machucou mais do que eu conseguiria descrever, porque eu sabia que era verdade. Ele cortou a minha carne, deixando dor com cada golpe de sua faca imaginária.

— Deixa eu te dar uma resposta, Criada. Ela tem o mesmo gosto que você... Só que é mais doce.



CAPÍTULO SETE

VICIOUS

Presente

— ESTÁ ABERTA.

Criada entrou e, puta merda, o que diabos ela estava vestindo?

Parecia que tinha se perdido no armário do Keith Richards e mal sobreviveu para contar. Ela vestia uma leggings com estampa de leopardo, rasgada nos joelhos, uma camiseta preta do Justice (a banda, não a teoria filosófica), um sobretudo xadrez e botas de *cowboy*. Seu cabelo cor de lavanda estava quase todo coberto por um gorro e ela segurava dois cafés do *Starbucks*, dando um gole em um deles. Ela parecia uma assistente pessoal de um CEO de uma empresa financeira multimilionária tanto quanto eu parecia uma primeira bailarina. Se isto era outro jeito de me mostrar que não estava nem aí, funcionou.

— Oi. — Ela deslizou um dos copos do *Starbucks* pela minha mesa. Ele esbarrou no meu antebraço.

Olhei para ele sem tocá-lo voltando meus olhos para a tela do meu computador.

— Que porra é essa? — Eu não tinha certeza se me referia às suas roupas ou ao *Starbucks*. Era Halloween por acaso? Verifiquei meu calendário só por precaução. Não. Estávamos definitivamente em dezembro.

— Seu café. Seu café da manhã te espera na cozinha. — Ela jogou a bolsa carteiro da *Arlequina* no sofá de couro marrom no canto do meu escritório.

Custou-me tudo dentro de mim para não jogar o café na parede e mandá-la de volta ao desemprego. Lembrei a mim mesmo que não contratei a Criada pelas suas magníficas habilidades como assistente

pessoal nem pelo seu senso de moda. Eu precisava dela. Ela era parte de um grande plano e eu estava me preparando para executá-lo. Em breve, ela iria fazer o dinheiro e o apartamento espalhafatoso valerem a pena.

E ela era melhor que o meu ex-terapeuta para o depoimento, com aqueles grandes olhos inocentes.

Carvalho. *O apartamento.* Na minha busca para convencê-la a aceitar o trabalho, joguei um monte de merda que precisava retirar agora.

Aspirei as minhas bochechas, sentindo meu maxilar travar.

— Traga o meu café — adverti.

— Não — respondeu da mesma forma, limpando a garganta e erguendo o queixo. — Sua alteza, eu solicito que vá até a cozinha e tome o seu café da manhã com seus súditos reais. Acredito que seja importante para você se familiarizar com seus colegas. Sabia que metade do andar está lá neste momento? É Sexta-feira da Rabanada.

Ela ergueu ainda mais o queixo, me inspecionando.

Claro que eu não sabia de porra nenhuma. A simples ideia de sair do meu escritório e passar um tempo com aquelas pessoas que eu não conhecia e nem me importava fazia meus órgãos sangrarem.

Ela me encarava e eu me perguntei o que estava se passando pela sua cabecinha roxa. Na verdade, eu também estava interessado na origem desse cabelo cor de lavanda. Eu não o odiava. Combinava com seu rosto redondo e seu estilo excêntrico. Ela sabia – Emilia LeBlanc sabia mesmo – que poderia deixar um homem de joelhos, então, nunca se importou com vestidos bonitos e maquiagem. Ela não era moleque – na verdade, hoje, ela estava até arrumada de seu jeito próprio e esquisito. Porém, seu cabelo estava sempre uma bagunça e ela parecia uma daquelas garotas urbanas de Nova York que carregavam câmeras profissionais, tirando fotos de seus cafés da manhã *Pret A Manger* e postando-as no *Pinterest*, acreditando verdadeiramente que eram fotografias legítimas.

E, mesmo assim, eu conhecia a Criada bem o suficiente para reconhecer que ela não estava sendo pretensiosa. Ela era mesmo uma artista. A melhor pintora que eu conhecia.

— Vicious? — Chamou ela.

Fechei a tela do meu laptop, nivelando meu olhar com ela.

— Traga o meu café da manhã. A menos que queira limpar mesas num uniforme de empregada francesa? — Minha voz destilava frieza. Isso acalmou um pouco os meus nervos.

Ela olhou para mim, sem se mexer.

Tinha me esquecido o quanto ela é difícil de domar.

E eu *definitivamente* havia me esquecido do quanto ela me excitava.

— Você não vai me demitir. Precisa de mim para algo. Nem sei que diabos é, mas se está tão desesperado para me dar um emprego, desconfio de que posso te dobrar um pouquinho também. — Ela balançou as sobrancelhas e soltou uma risada gutural. — Vamos. Vai ser divertido conhecer as pessoas com quem trabalha.

Eu odiava ela ter vantagem sobre mim e saber disso. A Criada, claro, estava certa. Precisávamos um do outro. Ela precisava do meu dinheiro e eu precisava da colaboração dela. Ponderando a situação, decidi escolher as minhas batalhas.

— Vamos deixar uma coisa clara para que não haja nenhuma confusão futura. Eu odiaria te mandar embora no seu segundo dia, mas também não hesitarei em fazer isso. Você é minha funcionária. Portanto, eu faço as regras. No instante em que assinou aquele contrato, você se tornou minha. Irá me servir. Irá me obedecer. Será. A. Minha. *Criada*. Entendeu?

Nossos olhares se encontraram e eu me permiti ser sugado para dentro daqueles olhos azuis por exatamente dois segundos. Eles estavam azul-*smurf* hoje. Provavelmente não era a melhor comparação, mas que se foda se não era verdade. A cor do olho da Criada mudava constantemente, de acordo com o humor dela.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Jura que o que você quer que eu faça não é ilegal?

— Não é ilegal — falei. *Claro que era ilegal*.

— Nada de natureza sexual? — Continuou ela.

Lancei-lhe um olhar condescendente como se estivesse zombando da simples ideia.

Ela iria fazer sexo comigo. Mas por vontade própria.

Ela piscou, limpando a garganta. Balançando a cabeça. *Então, a Criada*

precisa de ajuda para quebrar o encanto.

— Tudo bem. Temos um acordo. Vamos. Mas vou logo avisando, eu odeio rabanada.



Passar um tempo com meus funcionários me fez lembrar por que os humanos são as criaturas de que menos gosto.

Estávamos todos sentados a uma mesa redonda branca e eu olhava para a minha rabanada fria e meu omelete de claras com pouquíssimo apetite. Criada soltou uma gargalhada, de um jeito que eu nunca a vira fazer antes de ela se mudar da Califórnia, enquanto mostrava algo em seu *iPad* à recepcionista geriátrica. Elas murmuravam e trocavam sorrisos e eu quis saber sobre o que falavam, mas não perguntei. Depois, a recepcionista disse que iria se aposentar no fim de janeiro e Criada se ofereceu para organizar uma festa de despedida para ela, como se fosse ficar por aqui por tanto tempo.

Tanto faz. Eu não iria desiludi-la ainda.

As pessoas jogavam conversa fora umas com as outras, mas mal se deram conta da minha presença. Meus empregados nesta filial de Nova York ficavam tímidos e desconfiados de mim sempre que eu estava aqui pessoalmente, o que não era muito frequente. Eles estavam acostumados com Dean, que pode ser um cafajeste, mas também era um chefe muito decente. Eu era frio, mais indiferente e, quando ficava com raiva, gritava com a pessoa que fodeu com tudo ao ponto das paredes de vidro no escritório chacoalhavam.

Eles me tratavam como se eu fosse uma bomba prestes a explodir e faziam as perguntas mais idiotas e chatas.

— Então, o senhor gosta de Nova York? É muito diferente da Califórnia?

Não brinca, Sherlock.

— Já fez alguma coisa típica do feriado? Patinação no Central Park? Foi ao Rockefeller no Natal?

Claro que sim. Também tirei selfies segurando a Estátua da Liberdade na

palma da mão e pendurei na minha geladeira com um imã escrito Eu <3 Nova York.

— A filial de Los Angeles é muito grande?

Grande o suficiente para evitar todas as pessoas que trabalham lá comigo.

Sempre fui antissocial. Minha popularidade no Ensino Médio se deu por associação. Eu andava com pessoas sociáveis. Trent, Jaime e Dean viviam para as multidões. Mas eu, eu ainda gostava do silêncio. O barulho dos aparelhos eletrônicos zumbindo na minha cobertura em Los Feliz e nada mais. Bom, talvez o som de uma mulher sem nome debaixo de mim enquanto chupava meu pau. Particularmente, uma com uma cor de cabelo como a Criada. Isso deixava a fantasia bem mais realista. Qualquer outra coisa era barulho sem sentido que eu gostaria de eliminar dos meus ouvidos.

— Para mim já deu — anunciei à Criada depois de quinze minutos, levantando da cadeira.

Ela ainda estava absorta na conversa, desta vez, com o chefe da contabilidade da filial de Nova York. Ele era bastante jovem para um contador sênior, um engomadinho da Nova Inglaterra que provavelmente se formou em uma universidade da Ivy League. Fedia a privilégio. Um cara como *eu*.

— Emilia... — estalei os dedos duas vezes, como se ela fosse meu bichinho de estimação.

Criada virou a cabeça, lançando-me um olhar indiferente, antes de terminar a conversa com ele. A esta altura, o cara ficou mudo e me olhava de relance como se eu fosse a morte em pessoa.

Eu o entendia, de verdade.

Eu era jovem. Jovem demais para ser um CEO. As pessoas não chegavam a este nível de poder aos vinte e oito anos, mas os HotHoles e eu tivemos nosso quinhão de atalhos, por causa da habilidade de investir milhões de dólares da família em nosso negócio desde o primeiro ano. Riqueza atraía mais riqueza. E com Jaime, Dean e eu colocando dez milhões de dólares na FHH quando fundamos a empresa, vimos um retorno mais rápido do que os empreendedores idiotas medíocres.

Nós criamos um monstro.

E estávamos no comando dele.

Isso me deixava ainda mais temível do que um CEO comum, e o jovem contador sabia disso.

— Se você não estiver na minha sala em sessenta segundos, vou apenas supor que você se demitiu — falei calmamente antes de virar e sair.

No caminho de volta para a minha sala, abri a porta do gerente de RH com um chute e falei, sem nem olhar para a pessoa que ocupava a mesa:

— O garoto contador... Ele é bom?

— Floyd? Ele é bom. Já está aqui há três anos. O Sr. Cole nunca reclamou. — A mulher de meia-idade atrás da mesa olhava para mim como se não me quisesse aqui. Éramos dois.

— Mande-o à minha sala imediatamente.

— Algum problema?

Fechei a porta sem respondê-la, depois, voltei rápido para a minha sala, onde Criada já se encontrava. Bom. Pelo menos ela sabia que a minha generosidade e minha vontade de fazer isso funcionar tinham limites. Ela estava concentrada no *iPad* e parecia não ligar porra nenhuma para o meu semi acesso de raiva.

— Reserve um voo para San Diego para esta tarde — gritei. — E providencie para que a limusine de meu pai nos pegue em Todos Santos. — Sem olhar para ela, me joguei na minha cadeira executiva e a virei para o meu laptop, subindo as mangas da camisa.

— Nós? Vou precisar do nome da outra pessoa para a passagem. — Ela digitava em seu aparelho, com um rastro de um sorriso ainda em seus lábios.

— A outra pessoa é você. — Minha voz era monótona.

Os olhos dela foram da tela para mim.

— Não posso deixar minha irmã.

— Eu claramente lembro que concordamos que não iria discutir comigo, Criada. Não comece uma guerra comigo. Estou equipado.

— Isso foi antes de perceber que a saúde da minha irmã poderia ser comprometida...

Eu a cortei:

— Rosie terá uma enfermeira particular assistindo-a enquanto estivermos fora. Diga para o meu pessoal fazer a mudança dela hoje para o seu novo apartamento. — Rabisquei o endereço do prédio onde eu estava morando.

Eu não era tão idiota para dizer a ela que estava morando no apartamento de Dean. Os HotHoles investiram em algumas unidades menores no prédio. Uma delas era um local corporativo que usávamos como apoio se estivéssemos todos na cidade ao mesmo tempo. Também era um lugar conveniente para trepar. O apartamento estava sem inquilino e minimamente mobiliado. Era mais que suficiente para essas duas.

— E, como você sabe, este apartamento tem *aquecedor* — acrescentei, lembrando-me do corredor frio e com corrente de ar em seu antigo prédio.

Ela enfiou uma das mãos naqueles cachos arroxeados e esfregou a cabeça frustrada. Vê-la transpirar fez meu pau se contorcer. Por sorte, eu estava atrás da mesa.

Ela não tinha saída. Isso estava acontecendo.

— Vou ligar para Rosie e ver o que posso fazer — resmungou ela, com os olhos me apunhalando. Olhos azuis com cabelos lilases. E aquela bolsa carteiro da *Arlequina*.

Como era possível não querer foder esta garota? Claro que eu estava duro. Ela parecia um arco-íris.

— Vou te dar um lembrete amigável. Sua irmã não é seu chefe. Eu sou. Então, é melhor não voltar com a resposta errada. — Virei para o meu laptop quando ouvi uma batida na porta.

— Entre — gritei, e Floyd entrou na minha sala, fedendo a *Brooks Brothers*.

— Queria me ver, Sr. Spencer? — gaguejou, alisando a camisa engomada. Parecia que tinha cagado nas calças.

Eu estava esperando que ele tivesse feito isso, porque acabaria com absolutamente qualquer chance de ele conseguir alguma coisa com Criada. Assenti enquanto Emilia nos olhava desconfiada, tecendo rugas nos cantos dos olhos.

— Então, vou deixar vocês à vontade — disse e se virou para sair.

— Fique — exigi bruscamente e empurrei minha cadeira para trás, me esparramando. Sempre fiquei confortável com outras pessoas indefesas. — Feche a porta e sente-se, Floyd. Você também, Srta. LeBlanc.

Eles fizeram o que eu disse e eu respirei fundo. Precisava ir com calma nisso.

Mas precisava lembrar a Floyd quem tinha mais poder.

— Quem eu sou? — Perguntei a Floyd antes que ele tivesse a chance de sequer se sentir confortável na cadeira em frente à minha mesa.

Ele se mexeu na cadeira, esfregando a nuca e olhando para Criada antes de pousar os olhos de volta em mim.

— O CEO da Fiscal Heights Holdings — respondeu.

— Tente outra vez. — Juntei meus dedos, inclinando-me para trás e batendo meus dois dedos indicadores em meus lábios. — Srta. LeBlanc, quem sou eu?

— Um babaca sádico? — Ela olhava para suas unhas.

E a porra do meu sangue ferveu. Eu o senti borbulhando nas minhas veias enquanto eu sorria para espantar a raiva. Raiva que logo se transformou em deleite. Gostei do atrevimento dela. Floyd, por outro lado, engasgou horrorizado.

— Errado. Tente outra vez. — Voltei-me a ele. — Sua vez.

— Baron Spencer — falou.

— Srta. LeBlanc? — Perguntei, mesmo sabendo que ela seria grossa. Isto não era uma briga. Eram as preliminares. Ela apenas não sabia disso ainda.

— O pior vizinho do mundo? Acho que estou começando a gostar desse jogo.

— Floyd? — Meus olhos voltaram para ele. — Última chance de acertar.

Ele parecia tão arrasado. Suado, indefeso e confuso. Eu sabia que se isso saísse daqui, eu iria ouvir um monte de merda de Jaime, Dean e Trent pelo próximo século. Entre nós, eu era conhecido como o cara que sempre ia um pouco longe demais com os funcionários.

— Você é meu chefe — gaguejou Floyd, finalmente – *finalmente*, *caralho* – dando a resposta correta. — Você é meu chefe, Sr. Spencer

— repetiu mais alto quando viu a aprovação no meu rosto.

— Sim, eu sou — concordei, batendo na minha mesa de vidro. — Eu sou seu chefe.

Ele deu um pulo de surpresa. Criada não se mexeu.

— E te lembro — continuei — que construí esta empresa dando tudo de mim. Nem fodendo algo tão estúpido e negligente como um casinho de escritório vai manchar a reputação da FHH.

Seu rosto foi tomado pelo reconhecimento. Floyd sabia onde eu queria chegar. Romances de escritório eram algo que eu não tolerava. Eu falei um monte de merda para Trent por causa disso, e Trent era um amigo de infância e dono de 25% da empresa. Ele conseguiu três processos por assédio sexual em três anos. Juro que às vezes parecia que 15% da nossa renda iam direto para garantir que as funcionárias que ele fodeu e deu o fora ficassem caladas.

Assédio sexual é uma ova. As mulheres que processaram queriam o pau de Trent mais do que eu queria o corpo estúpido de Floyd, amante de tênis e com óculos hipster, fora da porra da minha área. De jeito nenhum que eu ia deixar o filhote de Justin Timberlake com seu terno de segunda mão da *Brooks Brothers* foder com tudo para mim com Criada.

— Estamos entendidos? — Falei olhando para os dois. — Chega de paquerinha.

— Ah, senhor! — Floyd parecia aterrorizado com a ideia. — Estávamos apenas conversando! Isso é um grande mal-entendido. Millie me contou que costumava trabalhar para um contador. Eu nunca... Trabalhei tão duro para chegar onde estou hoje. Estávamos socializando, só isso. Na verdade, eu contava a ela sobre um programa que comecei a assistir, *Arrow*. Ela disse que iria dar uma olhada também. De qualquer forma, eu tenho namorada.

Claro que tinha. E, agora, Criada também sabia disso.

Dava para ver que a irritei. Seus lábios comprimiram-se numa linha rígida. Suas mãos pequenas fechadas em punhos até ela ter que enfiá-las entre as coxas. Parecia que estava à beira de socar nós dois. A raiva dela me excitou, e fiz uma nota mental para alertá-la a manter seus sentimentos para si mesma, a menos que ela quisesse que eu a

jogasse sobre meu ombro e a fodesse contra a parede de vidro do meu escritório.

— Contanto que você conheça o procedimento — disse a Floyd, decidindo que já o torturara o suficiente por um dia. Joguei meu telefone na mesa e dei de ombros. — Está dispensado, Senhor...?

— Hanningham — disse Floyd, acenando para mim ansiosamente como um cachorro recém-treinado. — Eu entendo perfeitamente, senhor. Não acontecerá novamente. — Ele correu para a porta antes que eu pudesse mudar de ideia e demiti-lo.

Depois que ele saiu, virei para o meu computador e voltei a trabalhar, ignorando o fato de que Criada continuava ali, com os olhos em mim, parecendo estar prestes a enfiar o grampeador no meu peito. Um sorriso formigou na minha boca, mas não o deixei aparecer. Ela estava aqui, estava com raiva e iria passar o fim de semana comigo em Todos Santos.

Eram fatos simples.

E eu iria fodê-la em algum momento.

Isto era uma suposição, mas eu raramente errava.

— Você está me irritando — disse ela calmamente, com os olhos ainda analisando meu rosto.

— E isso me excita — repliquei, com a voz mansa. — Então, pode ser que você queira suavizar seus olhares de ódio se não quiser se ver sendo fodida nesta mesa com as persianas abertas.

Eu continuava olhando para a minha tela, trabalhando no acordo de fusão que estava ansioso para ser assinado antes do Natal, mas dava para ver com a minha visão periférica que ela empalidecera. Eu gostava de como – novamente – eu a afetava. Rapidamente.

— Você é nojento — resmungou ela, ainda olhando para mim, mas não de um jeito que sugerisse que ela estava horrorizada.

Estalei o pescoço, abrindo meu navegador e checando as ações na tela, passando os olhos entre as altas e as baixas.

— Pode até ser, mas estou enterrado até as bolas na porra da sua cabeça, Criada, e não há nada que você possa fazer quanto a isso.

Os olhos dela brilharam de raiva e, caralho, eu estava tão duro e, caralho duplo, ela era tão linda. Isso era demais. Eu iria foder a ex-

namorada de Dean, usá-la para as minhas necessidades pessoais e jogá-la fora quando tiver acabado.

E depois de escolher o cara errado, não havia dúvida na minha cabeça, ela também merecia isso.

— Você acabou de dar uma palestra para Floyd sobre a política de confraternização interdepartamental. Nada de misturar negócios e prazer. — Ela inclinou-se para frente. Seu cotovelo tocou acidentalmente o meu dedo, e ela o afastou.

Encontrei-a no meio do caminho, extinguindo o espaço entre nós dois na mesa.

— Correção: caras como Floyd não te darão prazer. Homens como eu, sim. Além disso, o cara gosta de *Arrow* — falei, como se apenas isso já fosse um motivo para demiti-lo.

Para mim era.

— Sabe qual é o seu problema, Vicious? Você ainda não se decidiu se me odeia ou se gosta de mim. É por isso que age assim sempre que estou perto de outro homem. — Não havia um traço de constrangimento em sua voz. Ela estava certa.

O que ela não sabia era que eu sabia exatamente o que sentia por ela. Eu a odiava, mas me sentia atraído por ela. Era realmente simples assim.

— Sabe o que estou sentindo neste exato momento, Srta. LeBlanc? Sinto que precisa arrumar uma porra de uma mala e começar a tomar as providências necessárias. Você vai comigo para a Califórnia, querendo ou não.



CAPÍTULO OITO

Emilia

— VOCÊ TEM NOÇÃO que isso soa suspeito *pra* diabos — disse Rosie em meio a tosses enquanto eu pegava tudo o que tínhamos no mundo e enfiava tudo em sacos de lixo em nossa quitinete.

Eu iria sentir falta deste lugar. Mesmo que nosso colchão estivesse a menos de um centímetro do forno e tivesse um buraco do tamanho da minha cabeça, e até mesmo que tivéssemos que pular para alcançar os armários de cima da cozinha onde estavam guardadas as roupas, ainda parecia doloroso sair daqui.

Foi aqui que construímos memórias. Lembranças felizes, divertidas, tristes, sentimentais. Foi aqui que dançamos e choramos em frente a filmes péssimos tipo B e comemos porcaria até nossos estômagos doerem. Onde pinteí telas e vendi minha arte em dinheiro vivo. Onde ajudei Rosie com seu diploma de enfermagem, ficando noites acordada fazendo perguntas de livros grossos que serviam como peso de porta.

Agora, estávamos nos mudando para um dos prédios mais luxuosos e exclusivos de Manhattan, mas eu estava tudo, menos feliz com isso. Eu estava com medo. Sabia que Vicious tinha planos para mim e eu estava absolutamente convencida de que, sejam quais forem estes planos, ele iria descontar do meu enorme salário.

Mas eu não queria que Rosie se preocupasse com isso.

— Bom, ele disse que não era nada sexual nem ilegal, então, no mínimo, sabemos que ele não vai me vender na fronteira nem me fazer matar ninguém. — Dei uma risada falsa, amassando outro dos meus vestidos e enfiando-o dentro de uma mochila.

Eu arrumava nossas coisas o mais rápido que conseguia. Havia trocado a roupa de trabalho, optando pela calça justa preta de couro sintético e um suéter cor-de-rosa com pompons, e sabia que não tinha tempo para me trocar outra vez antes de a limusine me pegar para ir ao

aeroporto JFK. Mas tentei me convencer de que parecer simples e desarrumada era a melhor estratégia. Eu não queria que Vicious tivesse a ideia errada. Mesmo ele ainda sendo frio e rude comigo, reparei no jeito que me olhava. Era o mesmo jeito que eu olhava para ele quando me esgueirava no campo de futebol do colégio para vê-lo jogar tantos anos atrás.

Nós gostávamos do que víamos.

Mas lembrei a mim mesma que esse homem não curtia relacionamentos. Ele curtia destruições. E um de seus projetos passados era a minha vida.

Abri a mochila e tirei mais alguns sacos de lixo de uma gaveta, enfiando dentro deles coisas enlatadas, café, açúcar e tudo o mais que tivéssemos que não fosse perecível. Iríamos levar a nossa comida. Vicious pode ter me adiantado parte do meu enorme salário obscuro, mas ainda precisávamos ser cuidadosas com nosso dinheiro. Muito mesmo. Apesar do contrato que ele me fez assinar, eu não sabia o quanto eu duraria como funcionária dele.

E apesar do que ele pensava, eu não era boba. Eu ainda iria procurar por um emprego diferente, mesmo que pagasse uma pequena parte do salário. Estar à mercê daquele homem era como se sentir confortável dentro de uma gaiola dourada com um tigre faminto.

Rosie me seguia com o olhar, ainda deitada em nosso colchão e tossindo em um pedaço de papel higiênico amassado.

— Você é uma vaca ousada, mana. Não consigo acreditar que concordou em trabalhar para “O Executor” depois do que ele te fez. É a segunda vez que você o deixa te comprar. — Rosezinha era a única que sabia o que aconteceu no meu aniversário de dezoito anos.

Contudo, eu me recusava a deixar as palavras dela me atingirem. Para começar, ela era o principal motivo de eu ter aceitado o emprego.

— As pessoas fazem coisas por muitos motivos. Ou você tem outra ideia de como pagar pela nossa sobrevivência em Nova York? — Resmunguei.

— Não ligo para a nossa situação financeira. Eu não trabalharia para Baron Spencer. — Rosie projetou o queixo, desafiadora.

— Mas, sem dúvidas, você o beijou. — Dei as costas para ela, jogando

um pote de geleia de morangos e um pacote de biscoitos dentro de uma bolsa cheia de porcarias. Foi um golpe baixo, mas não consegui evitar.

Rosie tossiu um pouco mais.

— Isso já é passado. Supere. Eu tinha quinze anos e ele era lindo.

Ele ainda é – pensei amargamente. *E ele era meu.*

Não, não era. Dean era meu. Rosie beijara Vicious porque ela não sabia que eu sentia algo por ele. E depois daquela noite, ela o perseguiu como um cachorrinho ansioso... Até Vicious dizer a ela que ele estava bêbado quando a beijou e que ela precisava esquecer.

Lembrei-me daquela noite como se fosse ontem. Ele não estava bêbado. Ele estava impiedosamente sóbrio. Foi depois que ele me viu com Dean, quando ele *soube* que estávamos namorando. Eu o machuquei, então, ele quis me machucar de volta, por isso, beijou minha irmã.

Virei-me para ela e por um momento me senti um pouco menos culpada em deixá-la com uma enfermeira no final de semana. Então, ela tossiu e a pontada familiar de proteção voltou.

— Tem certeza de que vai ficar bem sem mim? — Perguntei.

Ela me olhou de lado e revirou os olhos.

— Vou, *Mamãe*.

Eu sabia que era melhor não acreditar. Ela estava pálida. Seus olhos estavam avermelhados e seu nariz e o lábio superior descamavam por causa da pele seca. No que eu estava pensando, deixando-a aqui em Nova York com uma enfermeira que eu nem conhecia? Percebi que ela tinha 25 anos e era perfeitamente capaz, mas ainda tinha uma infecção pulmonar e uma boca que podia começar uma guerra ou, no mínimo, colocá-la em um monte de problemas.

— Obrigada por embalar tudo para mim, cara. — Ela balançou a mão em direção à montanha de sacos de lixo e caixas que basicamente ocupavam o lugar inteiro.

Eu me joguei no futón ao lado dela e a abracei com força. Ela enterrou o nariz no meu ombro.

— Ei, Millie?

— Sim?

— Não se apaixone por ele outra vez. Eu vi como você reagiu depois de descobrir que nos beijamos. O que passou depois que saiu de Todos Santos. Você pode trabalhar para ele, mas não pode deixá-lo te afetar daquele jeito nunca mais. Você é boa demais para isso. Para ele.

Quando eu ia responder, o interfone tocou. Meu coração pulou na garganta, o que era ridículo, porque eu sabia que não podia ser *ele* na porta lá embaixo.

— Já vou descer — falei no interfone. Mas quando espiei pela janela e vi um homem usando um uniforme de motorista parado perto de um carro preto grande e brilhante, congelei. Tudo estava acontecendo rápido demais. Senti como se não tivesse tido tempo suficiente para me recompor. Para me preparar.

Fiquei olhando para o motorista, um lembrete físico do quanto eu era diferente do meu chefe. Eu não estava acostumada a ser servida. Sempre fui uma empregada. Eu, meus pais...

Viciou estava certo em me chamar de *Criada*. Não que não fosse rude, mas nem por isso deixava de ser verdade.

Peguei a mochila e olhei para Rosie.

— O pessoal da mudança deve chegar em breve. Eles vão colocar os móveis no depósito. — Outra forma que planejei para proteger minhas apostas. — A enfermeira estará te esperando no novo apartamento. Combinei com um táxi para vir te buscar em uma hora. Ah, e seus remédios estão na sua mochila. — Ergui o queixo para a bolsa que arrumei para ela.

Rosie revirou os olhos mais uma vez e jogou uma almofada na minha direção. Eu me esquivei.

— Tente não irritar a enfermeira — sugeri com uma cara séria.

— Sinto muito. Eu irrito qualquer um. Estou programada desse jeito.

— Ela deu de ombros.

— Não se esqueça de tomar os remédios e tem uma lista de restaurantes na sua mochila que fazem entrega. Também coloquei algum dinheiro na sua carteira.

— Jesus, cara. Graças a Deus que você não está tentando limpar a minha bunda.

Rosie podia zombar de mim o quanto quisesse. Eu não me importava

se a irritava.

Mas *ela* iria ficar bem.

E *eu* iria ver nossos pais. Já fazia dois anos. Deus, eu sentia saudades deles.

— Por favor, diga à Mama que eu engordei e que estou saindo com um motoqueiro de quarenta anos que atende pelo nome de Rato. — Rosie fungou, batendo no nariz com o chumaço de papel higiênico.

— Tudo bem. Isso vai amenizar o impacto quando eu contar a ela que estou grávida de gêmeos e não tenho ideia de quem seja o pai.

Rosie riu, tossiu e colocou a mão na boca, fingindo um *ops*.

— Na verdade, acho que Mama poderia gostar disso. — Ela soprou uma mecha de seu cabelo caramelo para longe de seus olhos. — Divirta-se, tá?

— Ei, é Vicious. Diversão é seu nome do meio.

— Não, querida. Babaca é seu nome do meio.

Nós rimos.

Peguei a alça da minha mochila e desci as escadas, sorrindo para mim mesma. Eu conseguia fazer isso. Eu conseguia sobreviver a uma viagem de negócios sem deixá-lo tocar em meu corpo e, mais importante, em meu coração. Só precisava focar no prêmio.

O dinheiro. Os recursos. A chave para a minha liberdade financeira.

O quão difícil poderia ser?



Eu o encontrei no aeroporto.

Ele vestia uma jaqueta de lã cinza escura, calças largas cor de carvão, um suéter de caxemira e sua carranca de sempre, estava parado do lado de fora, o clima congelante de Nova York coloria suas maçãs do rosto num tom escuro de rosa enquanto ele soltava uma baforada.

Na calçada do aeroporto.

Fiquei um pouco surpresa em ver que ele ainda fumava maconha. Ele fazia isso quando éramos adolescentes, mas agora, estava com 28 anos, era viciado em trabalho e maníaco por controle. Tudo bem, ele

sempre foi maníaco por controle. Apenas tinha menos coisa para controlar quando éramos mais novos.

Dei uma corrida pela curta distância entre a limusine e ele, esfregando meus braços para espantar o frio. Eu tinha vestido uma jaqueta do exército por cima do meu fino suéter rosa, mas minha jaqueta de brechó não tinha a mínima chance contra o mês de dezembro na Costa Leste. Parei a alguns centímetros dele e comecei a me balançar de um lado para o outro para me aquecer. Ele percebeu, mas não ofereceu seu casaco.

— Você está ficando um pouco velho para isso — comentei, inclinando meus olhos para o seu baseado.

— Vou me lembrar disso na próxima vez que eu me importar o mínimo que seja com o que você pensa. — Ele soltou uma nuvem de fumaça no ar.

Eu sabia que os HotHoles sempre me viram como a garota ingênua e boazinha do Sul. Eles não estavam errados. Nem mesmo Nova York poderia me endurecer por completo. Eu ainda não tinha fumado maconha nem experimentado nenhum outro tipo de droga. Eu ainda não usava palavras como “foda-se”. Eu ainda corava e desviava o olhar quando as pessoas falavam sobre sexo de maneira explícita.

— Você poderia ser preso — continuei insistindo. Não que eu me importasse particularmente. Só sabia que isso o irritava e eu gostava de irritá-lo. Isso me dava a ilusão de que eu tinha algum tipo de controle sobre ele.

— Você também — respondeu.

— Ser presa? — Perguntei. — Pelo quê? Ficar parada ao lado de um babaca?

Ele apagou o baseado numa lata de lixo, seus dedos estavam tão brancos que chegavam a estar azulados e jogou a bituca na calçada. Um carrinho de bagagens passou e esmagou o resto da maconha no concreto. Vicious se abaixou para mim e eu preendi a respiração, meus pulmões queimavam, qualquer coisa para me proteger de seu cheiro viciante.

— Se eu responder à sua pergunta — disse ele com o corpo bem perto —, você vai ficar toda mal-humorada de novo. Você cora sempre que

olha diretamente para a minha cara, então, sugiro que não me pergunte sobre o que estou pensando. Não me provoque, Criada. Ficarei feliz em ajudá-la a manchar sua ficha criminal imaculada com uma acusação de atentado ao pudor.

Bom. Deus.

— Para um advogado, você parece estar implorando por um processo de assédio sexual. Por quê? — Esfreguei as mãos nas coxas. Comecei a lembrar por que eu queria bater nele na metade do tempo em que moramos tão perto.

— Não tenho certeza. — Suas sobrancelhas escuras e grossas uniram-se. Ele foi em direção à entrada ao terminal. Eu o segui. — Talvez porque eu saiba que você nunca terá coragem suficiente para ir contra mim. Para *brigar* comigo, Criada.

E o Ensino Médio estava de volta.

Eu deveria saber.

Depois de passar pela segurança, fomos em direção ao *lounge* executivo das companhias aéreas, eu carregando a minha mochila e Vicious sem nenhuma mala, a não ser a bolsa do laptop. Tentei acompanhá-lo, mas ele era mais alto e mais rápido e o peso na minha bolsa me atrasava. Ele não gostou disso.

Vicious olhou para a minha mochila antes de grunhir e arrancá-la da minha mão.

Isto não foi ele sendo cavalheiro. Ele apenas queria garantir que iríamos pegar nosso voo.

O JFK estava lotado de pessoas. A neve se instalava nas estradas e havia voos atrasados, letras brancas piscavam nas telas eletrônicas azuis à nossa volta. A multidão era grande, o pessoal da segurança estava cansado e irritado, mas ainda assim, o Natal se aproximava e o clima era doce e cheio de esperança.

Ver meus pais nesta época do ano seria bom, mesmo que não fôssemos passar o feriado juntos.

Olhei para Vicious.

— Sinto que deveríamos definir algumas regras básicas aqui. Não vou namorar você e espero que pare de ameaçar os homens que falam comigo. Por exemplo, Floyd.

— Em primeiro lugar, ninguém quer namorar você, Criada. Eu quero te foder e pelo jeito que me olha, sei que o sentimento é recíproco. Segundo, a empresa é minha, então, faço questão de saber quando meus funcionários estão se pegando no banheiro.

Quando entramos no *lounge* executivo, fiquei tão corada que senti como se minhas bochechas fossem explodir em chamas. Ele estava sendo grosseiro mais uma vez, muito intencionalmente.

— Em terceiro, eu te fiz um favor enorme. O cara é um pedaço de merda da pior espécie. — Ele nos direcionou para duas poltronas reclináveis macias colocadas uma de frente para a outra.

Nós nos sentamos. Havia bastante comida e café por ali, até álcool — eu nunca estive num *lounge* de aeroporto nem voei de primeira classe, então, isto era novo para mim —, mas nenhum de nós dois quis nada. Supus que ele estava acostumado a este tipo de luxo. Eu... Eu estava chocada demais para me mexer. Parecia que havia entrado num universo onde eu não falava o idioma nem sabia os códigos sociais.

— Quarto, você não quer um sobrenome como Hanningham — terminou Vicious.

Era tudo tão ridículo que comecei a rir. Na verdade, eu podia muito bem ter rido porque estava nervosa demais por embarcar num voo de volta para Todos Santos. Eu queria ver os meus pais, só que morria de medo de ver mais alguém.

Um pensamento preocupante apunhalou-me.

— Dean vai estar lá? Ele ainda mora em Todos Santos?

O maxilar de Viciou se contraiu do mesmo jeito que fazia quando estava descontente com alguma coisa. Ele apertou com mais força os braços da poltrona reclinável.

— Dean está em Los Angeles — respondeu, olhando para o seu *Rolex*. Fiquei contente por não ter que ver meu ex-namorado depois de tudo que aconteceu. Relaxei ainda mais em meu assento confortável, fechando os olhos. Imaginei se conseguiria dormir um pouco no avião. Trabalhei em um turno ontem à noite no *McCoy's* — para não correr riscos, não queria entregar meu aviso prévio ainda.

Senti seus olhos em mim, mas ele não pronunciou nenhuma palavra.

Eu gostava quando ele me observava, e isso me incomodava.

E ele estava certo quanto ao sexo, e isso me incomodava ainda mais. Eu queria dormir com ele. Era pior que aqueles formigamentos que invadiam seu corpo no primeiro momento que seus olhos encontravam o cara que você gostava. Quando eu estava perto de Vicious, esses formigamentos não paravam. Mas eu também sabia que não era o tipo de garota de uma noite só. E mesmo não sendo moralmente contra a sexo casual, começar algo com Vicious era absolutamente proibido.

Nós dividíamos uma história.

Eu tinha sentimentos por ele.

Sentimentos ruins, sentimentos bons... Resumindo, sentimentos demais.

— Onde estão os outros? — Murmurei com os olhos ainda fechados.

Ontem, fiz meu dever de casa. Eu sabia que eram todos sócios na FHH e sabia que as filiais da empresa deles estavam espalhadas pelo mundo, mas não sabia quem vivia onde. E Dean vivendo em Los Angeles? Isso era uma surpresa. Dean amava Nova York, falava sobre morar aqui mesmo quando éramos adolescentes. Vicious quem sempre preferiu o brilho e as pessoas plastificadas, as máscaras e a farsa de Los Angeles. Para uma pessoa cínica, ele realmente parecia odiar a honestidade nua e crua de uma cidade como Manhattan. Em Los Angeles, ele era outra máscara vã e bonita se passando por um ser humano.

— Dean estava em Nova York até cerca de duas semanas atrás, depois, eu assumi. Não tenho certeza de quando trocaremos de volta, mas, quando isso acontecer, voltarei a Los Angeles. Trent está em Chicago e Jaime, em Londres.

— Vocês trocam de filial com frequência?

Ele deu de ombros. — Cerca de duas vezes ao ano.

— Parece confuso. E bastante estúpido — murmurei.

— Bom, agradeço a visão, principalmente vindo de alguém que serve cerveja para viver.

O silêncio se instalou e eu desviei o olhar, reparando na mulher elegante e no homem de terno que estava por ali. Até onde me dizia respeito, a conversa terminara no segundo que ele decidiu agir como um imbecil novamente.

— Não costumamos trocar de lugar por mais do que uma semana — bradou Vicious do nada. — Circunstâncias especiais me mantiveram em Nova York.

Essa era a sua versão de um pedido de desculpas, porém, eu ainda não estava satisfeita. Apenas dei de ombros.

— Há quanto tempo você vem sustentando sua irmã? — Seus olhos deslizaram pelo meu corpo. O remorso engoliu o sarcasmo e sobressaiu em sua voz. Ele não estava acostumado a ser legal com as pessoas. Na verdade, a ser civilizado. Embora parecesse estar tentando.

Umedeci os lábios, me recusando a fazer contato visual.

— Há tempo demais — admiti. — Jaime ainda está com... ? — Parei quando me dei conta de que não tinha nada a ver com isso.

O melhor amigo de Vicious namorou a Srta. Greene, nossa professora de Literatura, enquanto estávamos no último ano. O caso dele vazou pouco antes de nos formarmos, causando ondas em Todos Santos e um tsunami no nosso colégio. Depois, ele foi embora com ela quando o ano letivo terminou.

Vicious bufou e mesmo com os olhos ainda fechados, soube que ele fez que “sim” com a cabeça.

— Eles estão casados. Têm uma bebezinha chamada Daria. Se parece com a mãe, ainda bem.

Isso me fez sorrir. — Como ele está? — Perguntei, sabendo que era uma área na qual Vicious se sentia confortável.

— Jaime assumiu o papel de adulto responsável por nós quatro. Quando Trent, Dean e eu passamos dos limites, ele coloca um pouco de juízo na gente.

Sua sinceridade fez eu me virar para ele.

— Vocês quatro sempre ficaram bem juntos.

Um sorriso sombrio encontrou seus lábios e eu dei de ombros, cansada.

— Até você aparecer.

Isso não soou como uma crítica. Ele falou naturalmente confirmando um fato. Eu queria perguntar tantas coisas... *Por que eu? Qual era a obsessão comigo, para começo de conversa? Por que você se importa que*

eu tenha namorado Dean? Vicious era um deus entre os homens para as garotas do colégio All Saints High. Bonito, rico e atleta. Eu nunca deveria ter entrado em seu radar. Dean era mais descontraído, brincalhão. Dava para ver por que ele quis namorar alguém como eu. Mas Vicious... ele me odiava.

Soltei um suspiro de alívio quando anunciaram que tinha começado o embarque do nosso voo. Entramos no avião antes de todos os outros. Estávamos programados para pousar em San Diego, uma viagem curta de carro de meia hora até Todos Santos, e chegaríamos no início da noite por causa do fuso horário. Porém, depois de explicar tudo para Rosie e encaixotar o apartamento inteiro, a exaustão me encontrou, me embalando no tipo de sonolência contra o qual não se pode lutar. E, de qualquer maneira, ficar acordada e lidar com Vicious não era uma opção que eu achava particularmente tentadora. No minuto em que sentei na minha poltrona de primeira classe, aconcheguei-me no encosto de cabeça e fechei os olhos.

Logo depois de decolarmos, dei uma espiada nele por alguns segundos. Seus olhos estavam no laptop. E continuaram lá, mas eu sabia que ele me sentiu observando-o.

— Obrigada por dar um lugar para Rosie ficar — sussurrei.

Seu maxilar se contraiu, mas ele não levantou os olhos do documento jurídico em que estava trabalhando.

— Vai dormir, Criada.

E assim eu fiz.



CAPÍTULO NOVE

VICIOUS

HAVIA DUAS COISAS que eu nunca contaria a ninguém sobre mim.

Número um: Eu sofria de insônia. Desde quando eu tinha cerca de treze anos.

Quando eu estava com vinte e dois, fui a um psicólogo para tentar consertar isso. Ele disse que eventos passados eram responsáveis pelo fato de eu não conseguir dormir para salvar a porra da minha vida e sugeriu que nos víssemos duas vezes por semana. Isso durou um mês.

Desde então, a falta de sono se tornara uma parte da minha existência diária. Eu ficava sem dormir nada por algumas noites seguidas, depois, desmaiava por um ou dois dias para compensar. Aprendi a controlar o ciclo de frustração. Quando saía do escritório à noite, em vez de me jogar na cama e ficar rolando como um drogado desejando uma dose, ia direto para uma academia 24 horas e malhava. Depois, voltava para meu apartamento vazio e lia o suspense mais recente – qualquer que fosse a porcaria mais vendida que todos estivessem falando – ou uma autobiografia de uma figura pública que eu não odiasse completamente.

Às vezes, chamava uma mulher. Às vezes, nós fodíamos. Diabos, às vezes, até conversávamos. Eu não era contra conversar com a mulher com quem eu dividia a cama. Mas nunca me esforçava para levá-las lá de início.

Eu tinha regras e não as quebrava.

Sem jantares. Sem encontros. Sem visita à casa delas. Absolutamente, sem conversa íntima.

As coisas eram do meu jeito ou elas que caíssem fora.

Se me queriam, sabiam onde me encontrar. De manhã, eu me vestia e ia trabalhar, barbeado e parecendo descansado. Eu sabia que a fase de

cair duro de sono acabaria chegando, mas me sentiria melhor se soubesse quando. Isso não facilitava em nada a minha vida, porém, deixava as minhas noites em claro mais suportáveis.

Número dois: ao contrário das suposições populares, eu era capaz de amar.

Merdas sentimentais e banais? Sim. Mas lá no fundo, eu sabia a verdade. Eu não era um monstro ou um psicopata, nem um sociopata fodido, como a minha madrastra. Eu amava. Eu amava o tempo todo. Eu amava meus amigos e amava o *Raiders*. Eu amava praticar o Direito e apertar as mãos em acordos lucrativos. Eu amava viajar e malhar e foder.

Caralho, eu amava foder.

Olhei para Criada. Não era fácil ignorá-la dormindo ao meu lado. Tão perto. Seu rosto despertava o tipo de caos em mim que um dia eu tentei domar fazendo merdas como Desafio. Seus lábios me imploravam para tomá-los de várias maneiras. Seu corpo também. Mas eu não podia. Não a menos que fosse na porra dos meus termos.

Tentei trabalhar no acordo de fusão farmacêutica. Tentei trabalhar e a vi tremendo em seu assento enquanto dormia, arrepios pontilhando a pele delicada de seu pescoço e de sua clavícula.

Voltando meu olhar para a tela, tentei trabalhar de novo.

Só que continuei olhando de relance.

E continuei tentando abaixar a temperatura do meu sangue que fervia a cada vez que estava perto dela.

Acabei pegando um cobertor para cobri-la. Observei-a dormindo por quarenta minutos. Por fódidos quarenta minutos. Isso contornava as regras. O que era pior: eu queria quebrar todas elas. Com ela.

Tentei pensar com meu pau. Não havia garantia nenhuma que Criada iria para a cama comigo. Você pode tirar a garota da igreja na Virginia, mas não pode tirar a igreja da garota. Apesar de seus anos em Nova York, eu suspeitava que ela ainda não era uma usuária intensa do *Tinder* que pulava de cama em cama até o próximo coração partido.

Além disso, ela parecia me odiar tanto quanto eu a odiava.

E por último, mas não menos importante: eu sabia que estava prestes

a mergulhar de cabeça em alguma merda suja e nojenta com minha família.

Não dava para bancar uma distração. Tudo o que eu queria era conseguir a ajuda que precisava dela, talvez transar com ela algumas vezes e deixá-la ir.

Pare com isso.

Pousamos ao pôr do sol, cortando o céu numa cor roxa com um tom dourado, igual ao cabelo dela. A expectativa de uma nova aventura promissora encheu minhas narinas quando eu finalmente saí do aeroporto, armado com a garota que expulsei deste lugar dez anos atrás.

Cliff, o motorista da minha família, estava encostado na limusine preta, esperando por nós no meio-fio da rampa de bagagens do Aeroporto Internacional de San Diego. Ele correu para pegar a mochila dela – eu mandara minha bagagem direto para Todos Santos – e a jogou no porta-malas da limusine, disparando gentilezas que não me incomodei em agradecer. Emilia veio atrás de mim, correndo o olhar por todos os lugares, absorvendo a vista que não via há muito tempo.

Eu sabia que ela visitara os pais há alguns anos quando eu já estava em Los Angeles, mas, até onde eu sabia, era só isso.

O caminho para a mansão dos meus pais foi em silêncio e me deu tempo para pensar e regular as batidas do meu coração. Cliff ficou calado, provavelmente lembrando-se de que eu não era a tagarela da minha madrastra. Não me incomodei em levantar o vidro de privacidade. Criada olhava pela janela lateral, fingindo que eu não estava lá ao seu lado.

Este final de semana era importante para mim. Era o final de semana que eu finalmente contaria meus planos a meu pai.

Criada não mencionou o cobertor e eu não mencionei como o meu cérebro quase explodiu quando me vi fazendo aquilo. Um gesto tão pequeno. Um impacto tão grande no meu humor.

Na garagem para oito carros atrás da casa, Cliff tirou a mochila dela do porta-malas.

— É melhor eu ir direto ver meus pais. — Ela apontou o polegar em

direção à dependência dos empregados. — Faz tempo que não vou lá. — A acusação em sua voz sugeria que eu era o culpado disso. — Espero que minha mãe não esteja na sua cozinha. Ou tenho permissão para entrar lá agora?

Outra acusação. Ei. Não fui eu que os fiz viver na dependência dos empregados. Sinceramente, eu teria oferecido um lugar dentro da casa para eles, já que ela estava vazia. Josephine que era a porra de uma esnobe arrogante, mas ninguém acreditaria em mim. A máscara de Jo era sólida.

— Te pego às oito.

— Amanhã de manhã?

— Hoje à noite. Tenho uma reunião urgente com meu advogado e preciso de você para tomar notas. — Ela não iria para tomar notas. Originalmente, eu esperava colocá-la a par dos meus planos para ela no avião, mas ela dormiu.

Às vezes, esqueço que as outras pessoas dormem. Uma pessoa comum pode passar 25 anos de sua vida dormindo. Eu não. Eu ficava acordado *pra* caralho.

Fiquei tentado a acordá-la no avião, mas ela parecia dormir tão profundamente que tinha certeza de que não iria entender metade das merdas que eu diria a ela. E tudo era importante.

Seja como for, minha justificativa para a viagem pareceu acalmar Criada, e ela me deu um sorriso educado.

Ela começava a ficar confortável perto de mim. Eu tinha pena dela.

— Então, vou jantar com meus pais e te vejo depois.

Ela agarrou a mochila no peito e seguiu pelo pavimento que levava à sua antiga casa ao lado da garagem, enquanto eu fui para o portão duplo de ferro na frente da mansão fria onde eu morei. Antes de virar a esquina, virei a cabeça para trás em direção a ela.

Ela estava parada do lado de fora da casa dos pais. Quando a porta abriu, pulou nos braços abertos da mãe, prendendo suas pernas em volta de seu abdômen gordo e soltou um gritinho feliz. O pai dela bateu palmas e riu. Em pouco tempo, os três estavam meio chorando e meio rindo de alegria.

Quando empurrei as portas da frente para abri-las, não tinha ninguém

lá. Ninguém esperava por mim. Porém, isso quase não era uma novidade.

Minha madrastra provavelmente já estava de volta a Cabo com as amigas. Ainda bem. E meu pai provavelmente estava lá em cima na cama, marchando lentamente para a morte depois de seu terceiro infarto nos últimos cinco anos.

Mas desta vez, seu coração frio e cruel perderia a batalha.

Morte. Uma coisa tão mundana. Todo mundo morria. Bem, uma hora ou outra. Mas quase todos lutavam contra ela. Infelizmente, para o meu pai, ele tinha inimigos silenciosos que rondavam na escuridão.

Um deles era o seu filho.

Ele estava tão empenhado em se livrar da minha mãe – ficou tão aliviado quando ela finalmente morreu – que esqueceu que sua hora também chegaria. E chegou, com um empurrãozinho da Mãe Natureza.

O carma trabalhava dobrado com esta peça. Papai estava em ótima forma para alguém de 68 anos. Ele comia bem, jogava tênis e golfe e até tinha parado de fumar.

Mas a obra dos santos é feita por meio de outros.

Já era hora de todos terem o que merecem pela morte de Marie Spencer.

Daryl Ryler já estava morto.

Baron Spencer Sr. também estaria morto em breve.

E Josephine Ryler Spencer não teria nada por que viver. *Nada.*

— Pai? — Chamei, cravado no chão do salão. Ele não respondeu. Eu sabia que ele não responderia. Seu terceiro infarto o deixara mais fraco do que nunca. Isso foi depois do derrame que ele teve entre o infarto número dois e o mais recente.

Agora, ele era empurrado na cadeira de rodas por dois enfermeiros para todos os lugares e mal era capaz de se comunicar mais. Ele estava lúcido, mas sua fala se foi. Sua habilidade de movimentar os membros também desaparecera. Meu pai mal conseguia levantar um dedo para apontar o que queria ou precisava.

Um dia, ele pensou que minha mãe incapaz era um fardo, um estorvo que prejudicava seu balanço patrimonial... Agora, ele se tornara um

estorvo para Josephine.

Tudo o que vai, volta.

Deixei minha maleta no meio do salão de entrada amplo e escuro – as cortinas estavam sempre fechadas na minha casa – e subi as escadas.

— Estou indo até você, Pai.

Esta seria a última vez que falaria com ele.

A última vez que eu fingiria me importar.

Quando cheguei ao seu quarto, ele não estava lá. Meu pai dificilmente se aventurava para fora do quarto quando estava em casa. Às vezes, seus enfermeiros o levavam para a biblioteca, e se eu não o encontrasse lá, com Josh ou Slade, então, ele provavelmente estava no hospital. De novo.

Desci até a biblioteca e, sem dúvida, estava vazia. Fiquei parado na frente da mesa de carvalho e deslizei a palma da mão por ela. Um dia, este foi o cômodo preferido da minha mãe. Costumávamos passar tanto tempo juntos aqui. Nós nos esparramávamos em lados opostos do sofá, lendo em silêncio e nos olhando ocasionalmente, trocando sorrisos. Eu tinha apenas seis anos quando a tradição começou.

Compartilhar o silêncio. Nosso amor por tudo o que era escrito.

Mesmo depois do acidente de carro, quando ela ficou tetraplégica, ainda fazíamos isso. Só que ela não se sentava mais no sofá. Mas eu a agradava, lendo *Mulherzinhas* e *O Morro dos Ventos Uivantes* para ela em voz alta. Não precisava dizer, eles não faziam o meu estilo. Mas aquele sorriso... o sorriso dela definitivamente valia a chatice.

Quando ela morreu, Jo e papai abandonaram o cômodo. Entretanto, Daryl Ryler, o irmão gêmeo de Jo, começou a usá-lo por um motivo completamente diferente.

Me bater.

Eu sabia que deveria odiar este cômodo depois de tudo o que Daryl me fez passar aqui dentro, mas ele sempre me atraía de volta. Porque o sorriso carinhoso da minha mãe, um bálsamo para a minha alma faminta, era no que eu pensava quando entrava na biblioteca.

Não no jeito que Jo me trancava ali dentro enquanto Daryl me batia com sua mão cheia de anéis até meu peito ficar ferido e dolorido. Não como ela mentia sobre o que aconteceu quando ele me açoitava com

seu cinto até as minhas pernas ficarem cobertas de machucados e sangue.

De cabeça baixa, agora, eu encarava as minhas mãos espalmadas à mesa. Esta era uma posição que eu conhecia bem demais. Era como eu ficava quando ele me castigava.

Minhas palmas tremiam na madeira e eu sabia o que isso significava. Eu iria desabar em breve, o sono que eu achava tão evasivo exigia seu direito. Mas primeiro, eu precisava conseguir que Criada me ajudasse com meus planos em relação ao testamento, e também precisava dar a notícia a Dean sobre ela antes que ele descobrisse por meio de seu pai. Tirei meu celular do bolso da minha calça social e liguei para o número dele, jogando o telefone na mesa depois de colocar a ligação no viva-voz. Dean atendeu depois do terceiro toque.

— *Você mandou a Sue para cá!* — gritou ele, com a voz repleta de frustração.

Eu me recostei.

— Qual o problema? Tive a sensação de que estava comendo ela. Pensei que ficaria feliz.

— *Para falar a verdade, sim, estou comendo ela. E é por isso que ela não ficou feliz ao entrar e me ver fazendo um banquete com a boceta de outra na mesa do seu escritório.*

Eu fiz uma careta. Coisas desse tipo me faziam sentir menos culpado por fazer ele e Criada terminarem. Ela precisava mesmo ficar com um cara de merda como Dean? Como Trent? Como *eu*? Éramos todos farinha do mesmo saco.

Deslizei meus dedos pelo meu lábio, lutando contra o tremor em meu maxilar.

— Você ofereceu um contrato fora do padrão sem me consultar. Que diabos passou pela sua cabeça, seu monte de merda?

— *Não muito, mas posso te dizer o que passou debaixo do meu cinto quando fiz isso.*

Eu ouvi de verdade o sorriso em seus lábios.

Suspirei, balançando a cabeça. — Vou gritar com você da próxima vez que tivermos nossa reunião mensal.

— *Estou com tanto medo que estou quase me mijando aqui.* — Dean

bufou, ainda inalterado. — *Então, quem está te ajudando em Nova York? Você demitiu a demônia linguaruda que trabalhava aqui. Eu a vi arrumando as coisas dela ontem.*

Tiffany, minha assistente pessoal anterior, era uma vaca para se trabalhar. Não comigo, claro, mas todas as outras pessoas no escritório a odiavam. Quase tanto quanto me odiavam. E isso dizia *muita coisa*.

— Encontrei outra assistente pessoal.

— *Aposto que encontrou.* — Ele riu. — *Deixa eu adivinhar. Uma velha com experiência, de cabelos grisalhos, com fotos dos netos por toda a mesa?*

Ouvi o eco de um banheiro, um zíper abrindo e ele mijando. *Típico da porra do Dean.*

— Na verdade, minha assistente pessoal é Emilia LeBlanc — falei, esperando pela reação dele.

Contudo, não houve nenhuma.

Eu não queria jogar o jogo dele. E não joguei. Mas depois de vinte segundos de completo silêncio, eu tinha que falar alguma coisa, *qualquer coisa*, então, falei:

— Alô?

A ligação foi terminada. Ele desligou na minha cara.

Filho da puta.



CAPÍTULO DEZ

Emilia

EU COLOQUEI UMA roupa melhor e levei meus pais para jantar num restaurante na marina. Pedimos uma garrafa de vinho, que eu podia pagar facilmente com meu novo salário, e também aperitivos de entrada. Eles me colocaram a par de suas vidas, que, surpreendentemente, disseram estar muito mais calma e melhor agora. Baron Sr. estava sendo cuidado principalmente por seus enfermeiros – ele estava bem mais doente do que eu imaginei. E Josephine Spencer raramente ficava na mansão e viajava com frequência.

O restaurante ficava num barco chamado *La Belle* e era um pouco extravagante para o meu gosto. Eles escolheram o lugar. Eu nunca o teria escolhido. Todos na cidade sabiam que Vicious e seus amigos haviam incendiado o *La Belle* durante nosso último ano, mas ninguém sabia por quê.

A comida era boa e as toalhas de mesa eram do tipo de branco que você vê em comerciais de sabão em pó. Não dava para reclamar. Eu tinha comida e vinho na minha barriga e um sorriso no rosto.

No entanto, o jantar foi apenas uma distração. O motivo de eu estar aqui era *ele*.

E *ele* era perigoso.

— Você está trabalhando com Baron Junior agora? — Mama sorriu de um jeito expressivo que eu não gostei. Ela estava corpulenta depois de anos trabalhando demais e se enchendo de comida sulista caseira e carregada de gordura, que ela nunca serviria para seus patrões, mas por baixo disso tudo, ela era linda. — Conte-nos sobre isso.

— Não há nada para contar, na verdade. Ele precisava de uma assistente pessoal e eu precisava de um emprego. Já que estudamos no mesmo colégio, ele se lembrou de mim — expliquei com cuidado. Chamá-lo de “velho amigo” seria mentir na cara deles.

Deixei de fora o fato de que Vicious dissera que precisava de mim para

fazer algo duvidoso para ele.

Que ele admitiu ter planos menos respeitáveis para mim.

Que ele já tinha ameaçado me demitir duas vezes.

E eu definitivamente deixei de fora a parte que ele me disse que iria me foder na mesa de vidro de seu escritório para todos verem.

— Ele é um belo rapaz. — Minha mãe estalou a língua em aprovação, dando outro gole generoso em seu vinho. — Fico surpresa que não tenha sossegado com ninguém. Mas acho que é assim mesmo quando se é muito jovem e rico. É preciso escolher muito bem.

Estremeci por dentro. Mama admirava a riqueza. Era algo com que Rosie e eu nunca estaríamos de acordo. Talvez porque tivemos o infortúnio de frequentar o colégio All Saints High e experimentar o desprezo e a arrogância dos alunos ricos. A amargura ficou em nossas bocas por muito tempo depois que saímos de Todos Santos.

— Nunca gostei do garoto — disse papai do nada.

Virei a cabeça para ele. Meu pai era o pau para toda obra dos Spencer. Ele limpava a piscina, cuidava do jardim e era o cara da manutenção quando algo quebrava ou precisava de reposição. Na maior parte das vezes, ele trabalhava do lado de fora e tinha os cabelos grisalhos, um rosto enrugado por causa do sol e o corpo musculoso e fibroso de um trabalhador braçal. Era a primeira vez que ele falava de Vicious desse jeito.

— Por quê? — Sondei, fingindo ser indiferente enquanto eu me servia de outra taça de vinho. Quando voltasse para casa estaria meio tonta, mas não ligava.

— Ele não é boa coisa. Tudo o que ele fez quando morava aqui... Nunca esquecerei. — Os lábios de papai estavam comprimidos num tipo de reprovação que fez meu coração despedaçar.

Eu conhecia meu pai. Ele raramente falava mal de alguém. Se não gostava de Vicious, significava que também foi rude com ele. Eu queria insistir no assunto, mas sabia que as minhas chances de obter respostas eram praticamente nulas. Papai não era fofoqueiro.

Paguei a conta, mesmo com meus pais tentando argumentar, e papai nos levou de volta para casa.

Meu quarto continuava do mesmo jeito de quando fui embora dez

anos atrás. Pôsteres de Interpol e de Donnie Darko. O mural de flor de cerejeira com as cores levemente desbotadas – que era o que eu amava nas cores em óleo: elas envelheciam com você. Algumas fotos minhas com Rosie espalhadas. O quarto refletia meus anos de adolescência com bastante precisão. Só não tinha uma imagem enorme de Vicious espremendo meu coração até que eu sangrasse mentalmente.

Eu me joguei na cama – com a colcha floral rosa que vovó fez para mim – e mergulhei no sono induzido pelo vinho.

Meu cochilo foi interrompido por um Vicious de cara feia parado à minha porta, vestido com um terno e assustador *pra* diabos. Ele ainda não tinha aprendido a arte de bater.

O que era uma metáfora que se encaixava perfeitamente em nosso relacionamento. De mim, sempre esperando pedir permissão para entrar em seu espaço, mas ele sempre invadia o meu sem aviso. Muito semelhante com o jeito com que ele me encontrou no *McCoy's*.

— Está na hora — disse ele, com as mãos nos bolsos, de perfil para mim. Ele parecia ainda mais nervoso que o normal.

Sentei-me na cama antes de pegar a minha bolsa de mão da mesa de cabeceira, ainda zozza de sono. Minha boca estava seca por beber muito vinho e comer pouca comida. Ele não saiu da porta quando cheguei nela, apenas ficou me encarando como um psicopata, o mesmo imbecil frio e rico que me observava como se eu fosse uma presa, mas que ainda não tinha decidido se eu era boa o bastante para ser sua próxima refeição.

E eu ainda era a filha dos empregados que queria que ele a amasse ou a deixasse em paz, contanto que ele apenas acabasse com seu sofrimento.

Inclinei minha cabeça para o lado, me recusando a passar e arriscar tocá-lo.

— Você vai me deixar passar? — Eu me irritei.

Seus olhos, preguiçosos, mas inquietantes, me deram uma olhada demorada antes de pousarem nos meus. Ele deu um sorriso leve que dizia: *Brigue comigo por isso, Criada*.

Tanto faz. Eu não iria me mexer até que ele saísse do meu caminho.

— Você se lembra de Eli Cole? — Perguntou.

Claro que me lembrava dele. Era o pai de Dean. Um advogado de divórcios que lidava com casos de alto nível e um homem que sempre me olhou com olhos acolhedores quando eu saía com Dean. Ele era legal. Doce. Bem como eu me lembrava de seu filho. Assenti. — Por quê?

— Porque é ele que estamos indo ver. Preciso de você atenta. Você está bêbada?

Isso doeu, mas eu apenas arqueei uma sobrancelha e dei um sorrisinho para ele.

— Fala sério, Vicious. Podemos resolver isso entre nós dois. Pense nas crianças — zombei.

Vicious não gostou da minha piada. Ele fez uma careta e saiu, permitindo que eu me espremesse para passar por ele e saísse pela porta. Senti seus olhos aquecendo as minhas costas quando murmurou:

— Que se fodam as crianças. Vou ficar pela bunda.



No carro, o vidro de privacidade nos isolava do motorista, bloqueando todas as visões e sons do banco de trás. Fiquei olhando pela janela. Butiques, galerias de arte e salões de estética, tudo decorado para o Natal, passavam num borrão colorido pelas luzes do feriado da Rua Principal. Este era o centro da cidade de Todos Santos, onde colecionei memórias vazias, igual a recibos antigos. Desenhei na condensação da janela, arrastando a ponta do meu dedo pelo vidro, pintando o rosto de uma mulher triste. A chuva batendo na janela parecia as lágrimas dela.

O silêncio era palpável no ar e o trânsito e a chuva se tornavam mais intensos conforme avançávamos pelo centro. As pessoas corriam para comprar comida para viagem, presentes ou ir a um concerto de Natal.

— Você vai se divorciar? — Perguntei enfim. Virei a cabeça e olhei

para ele. Ele parecia exatamente o advogado financeiro rico que era. Eu, no entanto, usava um vestido retrô – veludo azul royal – combinado com uma legging prateada e botas de *cowboy*.

— De certo modo — ponderou, seu olhar ainda fixo na janela. Indiferença jorrava de seus olhos. Ele odiava esta cidade. Eu também. Mas enquanto eu tinha meus motivos – eu fui vítima de bullying, ridicularizada e excluída – ele era praticamente um rei aqui. Isso não fazia sentido algum.

Meu coração bateu mais forte com suas palavras. Ele era casado?

— Quer falar sobre ela? — Perguntei baixinho.

Ele riu, balançando a cabeça, e eu fechei os olhos, tentando não deixar sua voz parar o meu coração. Ele não fazia parte daquilo.

— *Ela* é uma morta ambulante. Vou me divorciar de Josephine. Meu pai vai morrer a qualquer momento. Preciso proteger meus bens e meu dinheiro de sua esposa interesseira.

Meu maxilar relaxou e foi neste exato momento que Vicious virou a cabeça e nossos olhos se encontraram.

— Por quê? — Sussurrei. Tinha uma sensação ruim de que esta não era a história inteira. Eu tinha uma sensação ainda pior de que, de alguma maneira, ele iria me envolver em sua guerra. Eu não podia me permitir tomar partido de ninguém. Meus pais trabalhavam para Josephine Spencer.

— O testamento dele. Ele não contou a nenhum de nós dois o que tem lá. Jo acha que pode me causar problemas e reivindicar parte da fortuna Spencer. O que quer que diga o testamento significa que é merda. Jo vai ter uma revelação desagradável.

— O que ela quer? — Perguntei.

Ele deu de ombros. — Presumo que o máximo que conseguir. A casa daqui. Algumas outras propriedades em Nova York e a casa de praia em Cabo. Algumas contas de investimento que meu pai fez ao longo dos anos.

Disse ele casualmente, como se não fosse nada. Para mim era muita coisa. Mais do que eu imaginaria.

— Você não tem dinheiro o suficiente para sair por aí? Importa mesmo se você tem trinta ou cinquenta milhões na sua conta

bancária? — Era uma pergunta honesta, para a qual que não sabia a resposta.

Ele me lançou um olhar condescendente antes de piscar, aparentemente tentando controlar sua irritação com a minha presença.

— É muito mais do que cinquenta milhões, mas mesmo que fossem cinquenta centavos, ela não merece nada. O que me traz ao motivo de você estar aqui.

Assim que ele disse isso, a limusine parou em frente a uma casa que era familiar demais.

Como a maioria em Todos Santos, a casa de infância de Dean estava mais para uma mansão, mas era bem menor e chamativa do que o palácio Spencer, e tinha personalidade. Sabe, coisas que fazem uma casa parecer um lar. Cheia de cores, arte e luzes. Luzes por todos os lugares. Do lado de fora e do lado de dentro. E decorações de Natal. Um pinheiro, rênua e flocos de neve, tudo com luzes de LED e fascinantes em sua beleza.

Nenhum de nós dois falou nem se mexeu pelos primeiros segundos.

Dean. Eu raramente ainda pensava nele, mas quando pensava, era com carinho. Ele era um cara legal. Um bobão, com algo mais escondido por trás de seu enorme sorriso. O brincalhão, o bobo da corte, o palhaço. Eu nunca soube se ele era triste ou feliz. Esperto ou idiota. Ambicioso ou folgado. Ele mantinha suas cartas escondidas em seu peito. Mesmo depois de quase todo o ano letivo juntos, eu não consegui nem começar a descobrir quem ele era.

Por sorte, Vicious tinha mencionado que Dean estava em Los Angeles, então, estava tudo certo. Eu não iria dar de cara com meu antigo namorado hoje à noite.

Mesmo assim, havia algo de urgente nos olhos de Vicious quando ele me olhava, e eu me vi cruzando as pernas e apertando minhas coxas, ele me analisando era dolorosamente gratificante.

— Se for necessário, preciso que você diga a Josephine que está disposta a testemunhar no tribunal, que eu te contei sobre como ela contaminou meu relacionamento com meu pai. Que ela me mandou para um colégio interno na Virginia para se livrar de mim e pagou um

dos meus professores para prestar queixa dizendo que eu era violento. Incontrolável. Que ela mandou Daryl, seu irmão, me espancar quando eu reclamava. Que depois de eu ter sido expulso, o irmão dela se mudou para cá e continuou com as surras. Que Jo alegou que eu estava me ferindo. Que isso continuou por anos.

Senti meu sangue esvaindo-se do meu rosto e do meu pescoço, meus olhos estalaram para ele.

— Tudo isso é verdade? — Engoli.

— Não sei por que isso é da sua conta.

Ao longo dos anos, pensei bastante na conversa que escutei do lado de fora da biblioteca. No homem com quem ele estava. *Daryl*. Reproduzi a cena repetidamente na minha cabeça milhares de vezes, mas antes deste momento, sempre cheguei à mesma conclusão. Vicious soava como se ele estivesse no comando. Forte, seguro.

Era quase impossível considerar a ideia de que um cara como ele poderia ser vítima de abuso. Será que isso tinha realmente acontecido? Será que alguma parte disso era verdade?

— Ninguém acreditaria que você me contou alguma coisa — falei. — Nunca fomos próximos.

— Pink e Black eram. — Ele me lançou um olhar firme. — A diretora Followhill mantém os registros de todos os peidos soltados no corredor da época que ela dirigia All Saints High. Ela tem provas para confirmar isso.

Pink e Black. Era a primeira vez em anos que ele os admitia, *nos* admitia, e a amargura atingiu o fundo da minha garganta. Sempre imaginei que se fôssemos abrir o jogo um com o outro não seria assim. Não seria... tão sujo.

— Você disse que não seria ilegal. Perjúrio é ilegal, Vicious. Muito mesmo.

— O que você sabe sobre perjúrio?

— Rosie e eu somos viciadas em *Lei e Ordem*. Sei o bastante — disse em voz baixa.

Isso o fez suspirar profundamente.

— Bom, pelo valor que está sendo paga, pode levar uma ou duas balas — resmungou ele.

E pela primeira vez desde que nos esbarramos no *McCoy's*, eu não gostava mais dos seus olhos em mim. Não porque eles me assustavam, mas porque pareciam tristes. Eu não podia suportar. Doía fisicamente ver aquelas bolas de gude azul-escuro brilhando com algo que parecia dor.

— Além do mais — continuou —, não planejo deixar as coisas chegarem ao tribunal. Você não estaria sob juramento a menos que tenha que testemunhar. Só precisa convencer a Jo que você está *disposta* a testemunhar. Ela nunca contestará o testamento depois que você contar a ela o que sabe. Acredite.

Então, foi por isso que ele me contratou como assistente pessoal, e não outra pessoa. Ele precisava de alguém em quem Josephine acreditasse que teria a oportunidade de conhecê-lo bem o suficiente para que a história fosse convincente.

Mas, na verdade, eu não sabia de nada. Ele me pedira para mentir.

Balancei a cabeça e segurei a maçaneta no meu lado do carro.

— Por que você acha que eu mentiria por você? Que eu faria isso mesmo se fosse verdade?

Ele piscou uma vez e sorriu antes de abrir sua porta e sair. Seus olhos não estavam mais tristes, eram apenas uma linda casca vazia, como todo o resto dele.

— Porque eu estou mandando, Criada.



A CASA DE DEAN não tinha mudado nadinha. Ainda era grande, calorosa e acolhedora, pintando uma imagem perfeita do cara privilegiado que um dia morou ali. Depois de passar pela árvore de Natal três vezes maior do que meu apartamento em Nova York e uma guirlanda no salão, paramos perto de uma enorme porta de carvalho no final do corredor. Era a primeira vez que eu estaria no escritório de Eli Cole. Eu não sabia o quanto ele sabia sobre como o filho dele e eu terminamos, mas se ele conhecia toda a história, não deixaria que isso fosse desconfortável para mim. Eli estava mais velho, usava suspensórios e uma gravata borboleta, um homem à moda antiga que parecia muito um professor ou um mestre de um filme do *Harry Potter*. Ele era legal com todo mundo, sempre, nunca era grosseiro nem condescendente como o resto desta cidade.

Essas eram qualidades que me fizeram ficar encantada por ele instantaneamente.

Vicious e eu estávamos sentados em cadeiras de couro macio – parecendo antigas e recém-estofadas – em frente à sua mesa milionária de madeira escura. Eli não tinha nenhum computador ou laptop em sua mesa. Apenas uma pilha de papéis organizados cuidadosamente de um lado e uma enorme biblioteca com livros de Direito atrás dele.

Minhas mãos estavam suando e eu entrelacei meus dedos enquanto refletia sobre as últimas palavras que Vicious me dissera quando saímos da limusine.

Porque eu estou mandando, Criada.

Ele sabia que eu era fraca quando se tratava dele. Sabia que todas as vezes que estava por perto, eu entrava numa constante batalha com a minha moral.

Porque eu queria beijá-lo naquele dia apesar de ser namorada de Dean.

Porque eu queria mentir por ele hoje, apenas para colocar um sorriso em seu lindo rosto cruel.

Quase não ouvi nada enquanto Vicious e Eli discutiam sobre acordos pré-nupciais e abuso de poder, testamentos e precedentes para contestá-los. Eli retirou um livro de Direito grosso de uma prateleira e eles conversaram sobre Jo e Baron Sr., os dois debruçados na mesa, lendo juntos para tomar uma decisão. Vicious parecia absorto demais no que estava fazendo para se importar que eu estivesse tendo um colapso ao lado dele. Tantas coisas se misturavam em minha mente, emaranhando-se a uma dor de cabeça.

Eu estava dividida entre as verdades de Vicious. A que ele me deu e a que deu para o resto do mundo. E a minha verdade? Era muito simples. Eu não sabia o que era certo e o que era errado. Sabia apenas que o limite entre os dois ficava embaçado quando se tratava dele.

— Millie? — A voz de Eli penetrou em meus pensamentos.

Pisquei e endireitei a coluna, sorrindo educadamente para ele.

— Pois não, Sr. Cole?

— Você tem alguma pergunta sobre tudo o que discutimos até agora?

— Eli juntou os dedos e me deu um sorriso encorajador.

Balancei a cabeça dizendo que não. Ninguém havia me pedido para fazer nada ainda, o que era bom, porque a minha moral venceria. Mais uma vez.

— Está tudo claro?

Umedeci os lábios. — Sim — falei.

— Que bom. Caso contrário, você está sentada ao lado de um dos melhores advogados que tive o prazer de conhecer. Tenho certeza de que ele pode te informar mais sobre o que esperar se isso chegar ao tribunal — disse Eli. — Seu testemunho é a melhor chance de Baron. O prazo de prescrição para acusações criminais já expirou há muito tempo, mas ele ainda pode punir aquela mulher. Suspeito que, para Josephine, não ter dinheiro nenhum parecerá tão ruim quanto a cadeia. É uma justiça imperfeita, mas você pode confirmar que o que ele lhe disse é muito importante. Estou muito contente por ter se

oferecido a testemunhar, Millie.

Oferecido? Vicious disse a ele que eu iria ajudá-los sem nem pedir a minha permissão. Ah, de jeito nenhum.

Tentei acalmar meus nervos dizendo a mim mesma que se Eli estava tão certo e seguro sobre o que aconteceu, então, talvez mentir não fosse tão ruim. Talvez Jo merecesse tudo isso por abusar de seu enteado. Entretanto, lembrei que antes de Eli ser um bom homem, ele era um advogado.

Um advogado responsável por um monte de acordos de divórcios sórdidos em Hollywood. Casos que se resumiam ao dinheiro.

Ele não era confiável, exatamente igual a Vicious.

Eli nos acompanhou até a porta de entrada e Helen, a mãe de Dean, beijou-o no rosto e me ignorou. Talvez ela soubesse mais do que Eli sobre meu término com seu filho. Ou talvez ela simplesmente não fosse tão generosa quanto o marido sobre me perdoar pelo que eu supostamente fiz.

Quando caminhávamos para o carro, mantendo distância um do outro, Vicious disse:

— E pensar que ela achou que algum dia você seria nora dela.

Mais uma vez, sua voz era suave e casual, mas suas palavras eram venenosas.

— Você não está orgulhoso de si mesmo por nos separar? — Soltei, esperando soar tão calma quanto ele.

Ele parou ao lado do carro, ignorando a garoa do sul da Califórnia e abriu a porta para mim. Entrei no banco de trás, indo até o canto mais longe para colocar tanto espaço quanto possível entre nós. Ele se juntou a mim, mas, desta vez, mais perto do que antes. Nossas coxas estavam encostadas uma na outra.

Eu estava começando a me acostumar à sua proximidade física de novo quando ele girou o corpo em direção a mim e segurou meu pulso. Ele guiou a minha mão para sua boca, o ar quente de seu hálito atingindo a carne sensível do meu pulso.

— Alguma vez Dean já te fez sentir como está se sentindo agora?

Ele me encarou, em busca de alguma coisa. Eu não sabia o que era, mas queria que ele encontrasse em meus olhos. Meu olhar desceu para

seus lábios e eu engoli em seco. Quase dava para sentir o gosto deles, como naquela noite anos atrás. Macios e quentes, contra todas as probabilidades. E ideais. *Extremamente ideais.*

— Alguma vez Dean já te fez tremer do jeito que está tremendo agora, até mesmo quando ele te fodia? Alguma vez Dean já te deixou tão longe da sua zona de conforto? Do seu lar? Da sua preciosa *moral*? — Ele sorria para mim, seus lábios a um sussurro do meu pulso, da pulsação pesada e latejante dali.

Senti um arrepio na espinha, enviando eletricidade para o resto do meu corpo e explodindo na minha barriga.

De repente, ficou muito quente para se respirar dentro do carro.

— Não minta para mim, Criada. Posso sentir o cheiro da sua mentira a quilômetros de distância. É meio que seu cheiro natural, porque você sempre mente para si mesma quando se trata disso. De nós. Eu te fiz a porra de um favor enorme separando vocês e você vai me agradecer depois. Nua. Por enquanto... — Ele apertou o botão do intercomunicador e sua voz foi de um sussurro sexy a uma ordem entrecortada, quebrando o encanto. — Cliff, nos leve de volta para casa.

Foi o fim da conversa, mas de modo algum o fim da discussão.



VICIOUS

CAPÍTULO DOZE

Dez Anos Antes

CRIADA TERMINOU COM Dean e pela primeira vez em meses, senti como se pudesse respirar outra vez. Minha reação ao relacionamento deles foi irracional, imatura e completamente exagerada, mas ainda assim... Se eu não podia tê-la, ninguém mais poderia. Principalmente um dos meus amigos.

Dean parecia um pouco deprimido, mas não arrasado, e sempre que ele olhava para ela no colégio, Trent ou Jaime eram bastante rápidos em bater em suas costas e lembrá-lo de que era melhor assim. E foi. Se Criada estivesse apaixonada por ele, não teria terminado. Mas ela não estava. Ela disse que não queria enganá-lo e que ele era um cara legal. Disse que a situação era muito complicada e que a última coisa que ela queria fazer era separar os HotHoles.

Tarde. Demais. Querida.

Mas, no geral, este foi um mês bom. Trent se livrou do gesso, então, ele estava trabalhando na reabilitação de sua perna. Um novo jogo do *Gears of War* saiu. Meu pai e Jo estavam longe... na Áustria? Austrália?... Eu não dava a mínima, contanto que estivessem fora. Emilia estava solitária e solene novamente. E Dean voltou a agir como o drogado engraçado que todos aprenderam a amar porque não tinham nenhuma porra de escolha. Achei que isso significava que ele tinha superado a bunda dela e seguido em frente com outra pessoa.

Eu estava errado.

Descobri o quanto eu estava errado num treino de futebol às 16h de uma terça-feira, depois das aulas. Em All Saints, o time treinava durante o ano todo. Éramos formandos, iríamos terminar em alguns meses, mas alguém tinha que colocar o time do próximo ano em

forma. Eu estava fazendo alongamentos estáticos com um rolo de espuma com uma dúzia de calouros musculosos gemendo enquanto silenciosamente o observava se aproximar.

Nós mal nos falávamos desde aquela festa. Eu contei a ele que beijei Criada. Claro que contei. Mas deixei de fora o fato de que ela não retribuiu o beijo, porque isso não significava merda nenhuma.

Sim, ela não retribuiu o beijo, mas quis. Ainda queria. O jeito que apertou as coxas, o jeito que seu corpo se esquentou junto ao meu, o jeito que ela abriu os lábios e um pequeno gemido escapou deles. O jeito que seus peitos macios se imprensaram contra o meu peitoral firme.

Ela era uma péssima mentirosa, e ela me queria.

Ela me teria. Em breve.

Dean pegou um rolo de espuma preto e o jogou na grama ao meu lado, imitando meu alongamento com um sorriso estúpido estampado em seu rosto. Eu o ignorei. Eu não gostei que ele tivesse se juntado ao meu grupo. Recentemente, só nos sentíamos confortáveis na presença um do outro se Trent ou Jaime estivessem por perto.

— *Hola*, Sr. Babaca. O que *tá* rolando? — Ele sorriu como o palhaço idiota que era. Todos nós fumávamos, mas Dean era o único que realmente parecia saído de um filme do Woody Harrelson, com seu sorriso tranquilo e seu coque bagunçado.

Respondi com um olhar e um encolher de ombros.

— Acha que o time vai se dar bem ano que vem sem a gente? — Seu cotovelo cutucou minha costela mais forte do que deveria.

— Essa porra é conversa fiada? Porque não curto essa merda. — Olhei para o horizonte e arranquei algumas folhas de grama, me sentindo agitado.

Pare com isso.

Eu me mexi no rolo, aprofundando o alongamento. Era óbvio que ele tinha algo para me contar, e estava ficando ainda mais óbvio que ele estava se gabando. O que quer que fosse, ele iria se divertir me contando.

— Você está certo, cara — falou —, nós deveríamos ir direto ao ponto. Então... eu fui na sua casa ontem. Trent queria que eu te devolvesse o

equipamento de futebol.

Eu tinha emprestado algumas coisas para Trent meses atrás antes de ele se lesionar. E tinha me esquecido disso. Não era como se eu fosse precisar de novo. Eu não era uma estrela do futebol, não iria jogar na faculdade e, graças à sua perna fodida, a menos que um milagre acontecesse, Trent também não jogaria.

— Você não estava em casa — continuou Dean — Então, pensei em deixar o equipamento na garagem. Só que esbarrei na Millie. Ela estava tentando consertar a bicicleta do lado de fora da dependência dos empregados. Ela me cumprimentou. Eu cumprimentei de volta. Talvez eu estivesse um pouco chapado. Talvez eu tenha dito que ela era uma puta por te beijar na festa...

Meu maxilar travou e senti meus dentes cerrarem uns contra os outros. Emilia terminou com ele antes de eu contar que nos beijamos. Ele nunca a confrontara sobre isso porque quando ele soube, ela já tinha dado o fora nele.

Dean me deu um sorriso vitorioso e deu um tapinha no meu ombro, fingindo limpar um pouco de grama. Eu o afastei.

— Cara, estou um pouquinho envergonhado por você. Millie nunca retribuiu o beijo, não é? Ela terminou comigo para te acalmar, seu bebezão babaca...

E foi isso.

Ele não teve a chance de terminar a frase porque eu me atirei em cima dele em um segundo, metendo soco atrás de soco direto na cara dele. A fúria me cegou, a raiva me consumiu e meu corpo ondulava por causa do fogo. Eu não queria ouvir o resto.

A próxima coisa que senti foram os braços de Jaime quando ele me arrancou de Dean, mas era tarde demais. Dean já estava com um lábio e a testa partidos e seu nariz parecia precisar ser colocado de volta no lugar. Fui para cima dele de novo, mesmo com Jaime e Matt, o zagueiro reserva, tentando me prender na grama. Agarrei Dean pela camisa e encostei meu nariz no dele.

— Você voltou com ela? — Exigi fervendo.

Ele sorriu apesar da dor, limpou o sangue da boca com as costas da mão e assentiu.

— Surpreendentemente, ela não ficou feliz por você mentir para mim, dizendo que foi *ela* que *te* beijou. Então, o negócio é o seguinte, Vicious... — Ele cuspiu sangue na grama e levantou, mas não fez nenhum movimento para me bater de volta. — Millie é minha namorada. É melhor você aceitar isso. Você teve sua chance quando ela se mudou para cá, e tudo o que fez foi ser um escroto com ela. Que diabos você pensou que iria acontecer? Ela é gostosa. Ela é legal. Ela é simpática *pra* caralho. Claro que os caras iriam perceber. Eu também percebi. Eu sabia que você viria igual a porra de um louco para cima de mim e eu deixei, porque sou seu amigo. Espero que tenha tirado tudo de dentro de você. — Ele piscou. — Porque meu nariz vai estar bem amanhã, mas você vai ficar na merda sempre que nos vir dando uns amassos nos corredores.

Voei para cima dele pela terceira vez no piloto automático.

— Mas que merda, Dean! — Jaime me arrancou de cima dele e me arrastou em direção à arquibancada azul de frente para o campo.

Desta vez, não reagi. Não valia a pena. Dean venceu e eu perdi.

— Dê o fora daqui antes que eu termine o serviço de Vicious — rugiu Jaime e ouvi Dean rindo atrás de nós.

Naquele fim de semana, dei outra festa daquelas na minha casa. Dean não se atreveu a dar as caras e supus que Criada estivesse com ele. Quando apareci na piscina com as mangas levantadas, um garoto do segundo ano querendo impressionar uma animadora de torcida da equipe da Georgia aceitou o desafio e me encontrou na quadra de tênis.

Desafio era justo.

Desafio era violento.

Porém, desta vez, Desafio não contribuiu em nada para diminuir a dor.



Dali em diante, tudo mudou entre nós quatro. Dean e eu não

estávamos nos falando. De modo algum.

Eu brinquei com a ideia de bani-lo de minha propriedade por completo – era completamente viável – mas decidi que não queria parecer um completo retardado aos olhos de Eli Cole. Além disso, se Dean não viesse até Criada, Criada iria até ele, o que seria igualmente ruim, se não fosse pior. A dependência dos empregados era muito menor do que a mansão de Dean e os pais de Emilia sempre estavam por perto. Eles tinham menos chance de transarem se estivessem aqui. Mas estavam firmes de novo e eu os via em todas as porras de lugares. Eu os via no colégio, nas praças, no shopping do meu pai e, às vezes, até do lado de fora da dependência dos empregados. Para ser justo com Criada, ela nunca se pegava com ele em público. Nem mesmo o beijava. Algumas vezes, eles davam as mãos e só isso já me deixava com vontade de sair matando todo mundo. Eu não entendia o ódio intenso que eclodia sempre que eu via Dean. Como isso tinha se transferido dela para ele tão de repente.

Trent e Jaime estavam desesperados para nos manter todos juntos. Nós éramos os (Quatro) Four HotHoles. Nós mandávamos na porra do colégio. Juntos, éramos invencíveis. Individualmente, éramos apenas mais quatro atletas vaidosos. Eu via de onde eles vinham, via mesmo, então, ainda andávamos todos juntos. Sentávamos juntos na cafeteria. Acenávamos uns para os outros no corredor. Mas não conversávamos muito e o assunto Emilia LeBlanc era tacitamente proibido. Ela era tipo o *Voldemort*. Ninguém mencionava o nome dela e Dean fingia que ela não existia quando estava perto de mim. Também tentei fingir que ela não existia, mas claro que não consegui.

Porque ela estava em tudo quanto era lugar.

Eu pensava nela até quando tecnicamente eu não estava pensando nela. Eu pensava nela quando malhava e quando saía com meus não-amigos e quando jogava videogames. Quando eu estudava e quando fodia as garotas – Jesus Cristo, principalmente quando fodia as garotas – até que em certo momento, parei totalmente de foder as garotas porque isso me lembrava que um dia, qualquer dia desses, se já não tivesse acontecido, Criada iria foder o imbecil do Dean.

Eu não poderia deixar isso acontecer. Isso não fazia sentido nem para

mim, só que eu simplesmente não poderia. Ela era *minha*. Isso soava irracional, porém, não tornava menos verdadeiro. Eu não precisei tatuar meu nome na bunda dela quando ela entrou na aula naquele primeiro dia. O jeito que a provoquei, que a insultei. Geralmente, eu era muito ocupado com as merdas que aconteciam na minha vida para intimidar as pessoas. Todos sabiam que a garota nova me pertencia.

Nunca em um milhão de anos eu teria namorado nem mesmo saído com ela. Ela não valia o trabalho. Nenhuma garota valia e nem ela, principalmente. Mesmo assim, ela existia para ser meu brinquedo. Prova disso é que, desde a primeiríssima vez que seus olhos pousaram em mim, ela me olhou como se já fosse minha.

Engolir em seco. Piscar. Suspirar. Corar. Desviar o olhar. Essa era a rotina dela sempre que eu passava, mesmo agora.

Mas Dean não se importava.

O filho da puta simplesmente. Não. Se. Importava.

Talvez fosse por isso que eu fiz o que fiz por volta do fim do ano letivo. Criada iria comemorar seu aniversário de dezoito anos em uma semana e, mesmo que o Deanbecil (o nome soava bem) nunca falasse nela na minha frente, eu sabia que ele iria levá-la para passar o final de semana num spa em algum lugar chique no litoral. Isso tudo era tão ridículo. Criada não era uma garota de spa. Ele não devia saber disso.

Se eu fosse o namorado dela, a levaria para ver as flores das árvores de cerejeira. Ou daria materiais novos de pintura porque a garota queria ser uma artista de verdade e abrir uma galeria de arte ou alguma merda assim. Não que eu a perseguisse nem nada disso, como Jaime fazia com a Srta. Greene antes de começar a comê-la. Emilia usava sua personalidade esquisita como um outdoor: orgulhosa e chamativa. Do jeito que ela se vestia a como sempre estava coberta de tinta e rabiscando flores de cerejeira em tudo quanto era lugar.

Dean simplesmente gostava do conceito dela. Pura e inocente, com seu doce sotaque sulista, covinhas lindas e estilo *boho*, meio cigano.

Mas eu a conhecia melhor.

Eu estava na sala de musculação quando Dean e eu tivemos nossa segunda conversa sobre ela. Fazia semanas desde que enfiara a mão na

cara dele, mas meus dedos ainda coçavam sempre que ele estava perto. Dessa vez, estávamos na academia, uma turma avançada de musculação aberta apenas para os formandos. Tivemos que revezar no supino porque ambos estávamos atrasados e todas as outras máquinas estavam ocupadas. Eu o olhava enquanto ele fazia uma série com oitenta quilos, estava pegando mais peso que o normal e eu poderia jurar que parecia um pouco dopado.

Ele grunhia como uma fera a cada vez que levantava o peso. Meus dedos pairavam embaixo da barra para o caso de seu corpo deixá-lo na mão. Perguntei-me se ele sabia que Criada não era o tipo de garota que curtiá idiotas musculosos e vaidosos.

— Quer dizer que você vai levá-la a um spa — falei. Direto ao ponto. Eu não tinha tempo para uma porra de papo-furado.

Ele revirou os olhos, seu rosto estava suado e vermelho, e suspirou.

— É aniversário dela. Você preferiria que eu ignorasse a data?

— Eu preferiria que você terminasse com ela — respondi categoricamente, com o olhar vago. Não havia motivos para suavizar esta merda. Ele sabia que eu odiava o relacionamento deles. E apesar de estarem juntos há meses, eu sabia que não era amor. Eu via o jeito que ela olhava para ele. Ela gostava dele, mas não havia fogo.

Os olhos dela ardiam por mim. Apenas por mim.

— Seja sensato — resmungou Dean. Ele não estava mais tão focado em levantar peso. Ainda estava vermelho, mas agora, seus braços tremiam e eu senti a tensão do peso e da nossa conversa afetando seu corpo.

Enfiei as mãos dentro dos bolsos da minha calça de moletom cinza clara.

— Não é da minha natureza ser sensato. Termine logo essa merda, Dean. Você vai para a faculdade em Nova York. Ela vai ficar aqui. Faça isso agora, antes... — parei.

Antes que você tire a porra da virgindade dela. Isso não tinha nada a ver comigo querendo maculá-la primeiro. Quero dizer, eu queria. Óbvio que eu queria. Contudo, eu pegaria Criada mesmo se ela tivesse dormido com todos os caras de All Saints High. Era com ela que eu estava preocupado. Eu sabia que ela se arrependeria.

Certo, tudo bem. Eu não estava preocupado com ela. Eu estava preocupado comigo.

Que porra havia de errado comigo? Eu estava na via expressa para a loucura. A boceta dela parecia me pertencer e eu nem a tinha provado ainda. Tudo o que eu sabia era que eu a queria para mim. Era péssimo que estivesse anexada àquela bobinha irritante.

— Antes que o quê? — Grunhiu ele, e seus braços tremiam mais. — Antes que eu durma com ela? Como você pode saber se já não dormi? Suas mãos ficaram brancas, mas o seu risinho me deu nos nervos, enviando uma onda de irritação pela minha espinha. Ele tentou levantar a barra por completo e colocá-la de volta no suporte. Sua testa estava molhada de suor. Ele estava perdendo a batalha.

Era por isso que precisávamos de pessoas para nos acompanhar.

Só que eu não estava mais ali para ajudá-lo.

Em vez disso, segurei a barra e empurrei-a para baixo, em direção à sua garganta, calmamente. Ele arregalou os olhos.

— Eu não mexeria comigo, Cole — adverti com a voz baixa. Meu olhar era relaxado, mas meu maxilar estava tenso. Eu não podia evitar. — Não sou chamado de Vicious à toa.

— Vou para qualquer faculdade que ela vá, retardado. Ficarei aqui com ela se for preciso. Ela é minha.

Eu pressionei com mais força. De que porra ele estava falando? Ficar aqui? Ele não podia ficar aqui. Entretanto, eu também não estava em condições de fazê-lo ir embora, estava?

— Mentiroso — falei furioso. Caralho, Dean. — Não minta para mim, Cole.

— Espere para ver. — O pescoço dele estava ficando roxo, mas isso não contribuiu em nada para me acalmar.

Pressionei com mais força e ele engasgou. As pessoas começaram a perceber. Não liguei. Olhei para ele em advertência.

— Dean...

Todos pararam o que estavam fazendo para nos olhar. Todos. Vi Jaime e Trent pelo canto do olho, abrindo caminho em nossa direção e soube que estava correndo contra o tempo.

— Vicious... — Dean me desafiou, sorrindo.

Quando Jaime finalmente nos alcançou, virei e fui embora, deixando Dean deitado lá com a barra em sua garganta. Outra pessoa poderia ajudá-lo.

Eu estava farto desse filho da puta.

Muito farto.



Ele tirou a virgindade dela.

E gostou de fazer isso.

Aposto que ela também gostou.

Foi durante o final de semana no spa quando ela completou dezoito anos. Só mesmo Emilia para perder a virgindade a menos de um dia de poder fazer isso legalmente. Havia velas, chocolate e todos os tipos de merdas caras que não significavam nada para ela. Fiquei sabendo de todos os detalhes porque eu basicamente obriguei Jaime a me contar depois que aconteceu. Dean contou a Trent e a Jaime pela porra do telefone, igual a uma menina, fazendo-os jurar que não me contariam.

Mas enquanto Dean era o melhor amigo do Rexroth, Jaime era o meu amigo mais próximo.

Quando ameacei contar à mãe dele, a Diretora Followhill, que ele estava comendo a nossa professora de Literatura a menos que vomitasse tudo, ele começou a cantar como a porra de um canário.

Foi quando eu tomei a decisão executiva de que Criada não poderia mais viver em Todos Santos. Ela tinha que desaparecer e ficar longe da porra toda, de tudo e de todos que eu conhecia.

Eu não era idiota. Percebi que eu a estava impedindo de ficar perto da sua irmã e de seus pais. Do namorado. Eu a estava banindo de tudo o que ela conhecia.

De um futuro confortável.

Do dinheiro e da oportunidade.

Dos Natais em família e dos filhos de olhos azuis com Dean, que estava tão fodidamente enfeitiçado por ela.

Do amor.

Eu estava destruindo a vida dela.

Porque. Eu. Estava. Com. Ciúmes.

Ciúme era uma fraqueza que eu não precisava e da qual não me orgulhava. Mas eu tinha que dominá-lo antes que ele me dominasse. Foi por isso que, no dia que eles voltaram de suas pequenas férias no spa, eu já estava esperando por ela em seu quarto. Estava sentado em sua cama com os cotovelos nos joelhos e tentei ignorar o fato de que tudo cheirava a ela. Uma combinação estranha e arrebatadora de canela, manteiga e uma doçura única que pertencia somente a ela. Eu queria aquilo fora do meu nariz, fora da minha propriedade e fora da porra da minha vida.

Sim, ela estava me deixando louco.

Ela engasgou quando entrou em seu quarto e me encontrou ali. Não sabia que eu sabia de tudo, que ela fodeu um dos meus melhores amigos. Emilia não parecia fisicamente diferente, mas ela *parecia* diferente.

Ela parecia fora de alcance, agora, mais do que nunca.

— Cor-de-rosa combina com você — comentou ela num tom de voz seco, acenando em direção à sua roupa de cama cor-de-rosa florida. — Quem te deixou entrar, Vic, e que diabos você está fazendo no meu quarto?

Ninguém me deixou entrar. Os pais dela e Rosie foram à feira ou alguma merda dessas.

Ela largou a mochila perto da porta e foi até a cômoda, pegando algumas roupas limpas. Eu amava o jeito com que ela usava um top com o nome de uma banda, que só ela conhecia, e um shortinho, estava bronzeada e tinha uma gargantilha que brilhava contra sua pele macia e dourada.

Eu também gostei de ela ter me chamado de Vic.

Mas não gostei que ela nem tenha olhado para mim quando o pronunciou.

— Você precisa sair daqui — falei.

— Acho que essa fala é minha. — Ela suspirou. — Preciso tomar um banho e preparar um sanduíche. O que quer que você precise, terá que

esperar até que eu tenha acabado. Ou talvez até que eu comece a receber ordens suas.

— Não estou dizendo sair da casa. Quero dizer sair da cidade, do estado, da porra do planeta.

Talvez não do planeta. Eu não queria que ela morresse. Só a queria fora da minha vida.

Criada bateu o quadril na gaveta, fechando-a com força e agachou para pegar a escova de dente na mochila.

— Deixa eu te perguntar uma coisa. Você sabe que é maluco ou se vê como uma pessoa sã? Estou genuinamente interessada em saber.

Ela acenou com o cabo da escova de dente para mim, depois, jogou as roupas da mochila no cesto de roupa suja formando uma pilha bagunçada.

— Eu te dou dez mil dólares para desaparecer.

Ela revirou os olhos. Achou que eu estava brincando.

— Por mais tentadora que seja a ideia de colocar um ou dois estados entre nós, não tenho para onde ir.

— Vinte mil dólares — disparei, estreitando os olhos para ela. Eu iria retirar o valor da minha própria conta. Duvidava que meu pai sequer percebesse e, se fosse o caso, ainda valeria a pena. Eu estava perdendo a sanidade mental rapidamente por causa dela.

— Não — ela riu, determinada. — Que diabos te faz pensar que farei o que está pedindo?

Percebi que ela não iria embora simplesmente porque eu dizia para que ela o fizesse, então, dei de ombros e peguei meu celular, olhando para ela inexpressivamente.

— Vou demitir seus pais e, então, todos vocês terão que se mudar para algum buraco na Virginia e, pobre Rosie — coitada da porra da Rosie —, não vai ter acesso ao ótimo plano de assistência médica que meu pai está pagando. Foi isso que me fez pensar que você vai fazer o que eu exijo. — Sorri com ironia.

Os olhos dela se transformaram em fendas e seus lábios se comprimiram. *Ela me odeia*. Eu também me odiava. Por nós dois. Mas eu não podia mais aguentar essa merda. Era demais. *Ela* era demais. Talvez porque parecia exatamente a Jo jovem. Talvez por causa do

quanto eu ainda queria fodê-la independente de qualquer coisa. Isso fazia eu me odiar.

— Você não pode fazer isso — sussurrou ela, suas mãos tremiam enquanto ela segurava suas roupas limpas e sua escova de dente contra o peito. Ela amava muito a família. Principalmente Rosie. — Eles trabalham para os seus pais, não para você. Eles não cederiam ao filho adolescente mal-humorado. — Emilia tentava convencer a si mesma mais do que a mim.

— Será que não? — Minhas sobrancelhas pularam quando eu fingi surpresa. — Quando foi a última vez que eles sequer se incomodaram em estar aqui? Vamos testar sua teoria. Vou ligar para o meu pai agora mesmo.

Para todo mundo, parecia que eu sempre tinha Baron Sr. nas mãos. Mesmo que ele estivesse muito ocupado fazendo a rota Nova York-Cabo-onde-diabos-Jo-queria-tomar-sol para realmente ser um pai, ele raramente me dispensava.

Eu presumia que era por causa da culpa que o atormentava pelo que fez com a minha mãe.

— Oi, pai, sou eu — falei ao telefone, balançando as pernas na cama dela, com os pés cruzados pelos tornozelos. Eu ainda estava usando meus tênis enlameados. Meu telefone estava no viva-voz.

— *O que você quer, Baron?* — Não dava para confundir a impaciência em seu tom.

Criada abriu ligeiramente a boca.

Fiz uma bola de tédio com meu chiclete de hortelã, suspirando.

— Só para esclarecer que estamos todos na mesma situação, já que vocês mal ficam mais em casa, estou certo em supor que os empregados estão sob a minha supervisão? Quero dizer, posso contratar e demitir alguém se não estiverem satisfazendo as minhas necessidades?

Ouvi ondas batendo no iate de meu pai – *Marie*, por causa da minha mãe – e gelo tilintando num copo. Meu palpite: *scotch*.

— *Sim* — confirmou ele. — *Você supôs corretamente. Por quê? Qual o problema? Alguém está te dando trabalho?*

Assenti com um sorriso triunfante mesmo ele não podendo me ver. Só

que ela podia.

O rosto de Criada empalideceu por trás de seu bronzeado dourado. Transtornada. Aterrorizada. Eu a estava mandando fazer as malas aos dezoito anos, sem nenhuma perspectiva e nenhum lugar aonde ir, e ameaçara demitir sua família se ela não fosse embora.

— Não, está tudo bem — falei, ainda observando-a. — Nos falamos em breve, pai. — Desliguei na cara do filho da puta – ele, Jo e Daryl pagariam, mas eles eram um problema para um outro dia. Cruzei meu olhar com o dela.

Ela ergueu o queixo. O desprezo que ela nutria por mim estava saindo de sua postura rígida em ondas.

O silêncio era sufocante, assim como a ideia de que eu estava essencialmente arruinando a vida dela. Eu estava me escolhendo ao invés de Emilia, meus sentimentos em vez dos dela, e isso não era nobre nem digno, mas era quem eu era.

— Posso pelo menos terminar o ano no colégio? — Perguntou tão baixinho que demorei alguns segundos para decifrar seu pedido. Ela estava perfeitamente serena. Orgulhosa.

Caralho, ela era linda quando forte. Eu estava fazendo a coisa certa me livrando dela.

Assenti.

— Vá embora na semana seguinte ao término das aulas — instruí, levantando da sua cama. Já sentia falta disso. — E é desnecessário dizer que você e Dean já eram. Esta é a segunda e última vez que estou dizendo, não pedindo, pare com esta merda. Diga a ele que está indo embora porque conheceu outra pessoa pela internet. Insista que ele nunca mais entre em contato com você. Um erro, Emilia, e eu te juro que sua família não vai perder apenas este emprego. Vou garantir que eles não encontrem outro.

Ela não respondeu, mas eu sabia que entendera a mensagem. Ela não era o tipo de garota que dava para trás quando se tratava das pessoas que amava. Sua família era tudo para ela.

Quando saí da dependência dos empregados pela última vez de todas, perguntei a mim mesmo se havia uma chance de Emilia se esquecer de mim algum dia.

Perguntei-me o quanto eu precisaria me humilhar se algum dia quisesse voltar para a vida dela.

Não. O preço era alto demais. Ficávamos por aqui.

Mas ela e Dean também.



CAPÍTULO TREZE

Emilia

Presente

EU NÃO IRIA fazer isso.

A esta altura, nem me importava com o dinheiro. Nunca liguei muito para isso mesmo. Claro, eu queria sobreviver, talvez dar uma pausa de tanto correr atrás de cobrir meu saldo bancário, mas a que custo?

Não, eu não iria arruinar a vida de nenhuma outra pessoa com uma mentira. Nunca. Eu não era Vicious.

Passei a noite deitada na cama, pensando e analisando as últimas horas. Havia muito a entender. Vicious queria que eu mentisse e dissesse na cara de Jo que se fosse necessário, eu testemunharia contra ela, falando no tribunal que ele me contara coisas que nunca contou.

Eu era uma péssima mentirosa. Mas uma vizinha dentro de mim continuava perguntando: *E se fosse verdade?* A resposta era sempre a mesma, mesmo que fosse verdade, não era a *minha* verdade. Havia outras maneiras de Vicious conseguir o que queria sem me arrastar para a sua guerra.

Às 4h da manhã, eu finalmente arranquei o cobertor e calcei meus chinelos. Eu sabia que não havia jeito de dormir depois de decidir que não o ajudaria, então, poderia muito bem ir ler. Lembrei-me da biblioteca que sempre quis visitar ao longo desses anos.

Provavelmente esta seria a minha última oportunidade de vê-la antes que Vicious me expulsasse junto com a minha família. E era o lugar que estive evitando por dez anos, sempre imaginando, ansiando e espiando pelas portas. Mas basta. Eu queria ver o que havia por trás delas.

Eu estava farta dessa chantagem. Chega de ser comprada.

Dessa vez, o dinheiro dele perderia.

Entrei na mansão pela cozinha, usando o código secreto de Mama. Ainda era o mesmo depois de dez anos.

Passei pelo corredor na ponta dos pés, vestida com minha camisa da *XL Libertines* que eu chamava de pijama, e fui pelo piso de pau-ferro, seguindo o mesmo caminho que fiz na primeira vez que fui bater na porta da biblioteca. Vicious estaria num sono profundo no andar de cima. Eu leria um pouco, absorveria o cheiro dos livros antigos, acalmaria meus nervos e voltaria para o apartamento dos meus pais.

Não fiz nenhum barulho. Razão pela qual meu grito quase sacudiu as paredes quando empurrei a porta da biblioteca e vi Vicious num canto, sentado a uma mesa de madeira ornamentada com quatro poltronas estofadas. Parecia uma mesa de estudos que se via em bibliotecas públicas, só que mais chique.

Ele levantou os olhos da tela de seu laptop ao ouvir o meu grito e me encarou longa e intensamente por alguns segundos, até que meu coração acelerado se acalmou um pouco. Depois, calado, ele empurrou a cadeira à sua frente com o pé, fazendo um convite silencioso para que eu me juntasse a ele. Eu não me mexi.

— O que está fazendo acordado tão tarde? — Minha voz tremia.

— O que você está fazendo invadindo no meio da porra da noite? — Replicou, sua voz estava calma e cansada.

Ele tinha trocado de roupa, agora, vestia uma camiseta branca de gola V de marca e uma calça de brim escuro ou jeans. Eu não precisava vê-la para saber que estava bem baixa em seu corpo.

— Não consegui dormir, então, pensei em ler um pouco. Deixa *pra* lá.

— Virei-me, voltando para o corredor.

Ele me deteve.

— Criada. — Sua voz era firme. Parei, mas não me virei. — Pegue um livro. Prometo não puxar conversa.

Esfreguei as coxas e ri mentalmente de deboche com a ideia de me juntar a ele. Principalmente, depois de como ele agiu no carro.

— Estou me demitindo — falei, ainda de costas para ele. Era mais fácil assim. Sempre cedia quando seus olhos estavam em mim. — Não posso fazer o que está me pedindo. Por favor, não tente me ameaçar com meus pais ou com Rosie, nem comece a Terceira Guerra Mundial.

Já me decidi. Não posso mentir por você.

Ouvi sua cadeira chiando quando ele se levantou, e fechei os olhos. Eu sabia que minha decisão enfraqueceria a cada passo que ele desse em minha direção. Porque, estupidamente, eu ainda tinha sentimentos por Vicious. Sentimentos que não deveriam existir.

Ele parou quando chegou à minha frente. Senti seu calor vir em direção ao meu corpo. Senti meu corpo aceitar seu calor, absorvendo-o, desfrutando-o, apesar do que fizera comigo.

— Abra os olhos — ordenou.

Eu abri. Encaramo-nos durante alguns segundos. Seus olhos ainda estavam nos meus quando ele lentamente tirou a camisa de seu corpo torneado. Mantive os olhos em suas pupilas negras, com muito medo de abaixar o olhar. Não seria a primeira vez que veria um torso masculino tão de perto.

Mas, definitivamente, seria a primeira vez que veria o de Vicious.

Sua camiseta branca caiu no chão sem nenhum som. Eu estava hiperconsciente do tecido perto dos meus pés praticamente descalços, apenas com chinelos.

— Olhe para baixo — instruiu calmamente.

Meus olhos seguiram para o sul, meu olhar lento e desconfiado, apreciando a perfeita pele de porcelana de seu pescoço e de seus ombros, até pousarem em seu peito. Ele era musculoso e bombado... e coberto de cicatrizes. Algumas rosadas. Algumas brancas. Todas antigas e desbotadas. Cicatrizes grandes. Cicatrizes pequenas. Cicatrizes profundas. Cicatrizes superficiais. Havia muitas, demais, como uma janela de metrô que fora agredida durante anos. Parecia que alguém rabiscara sua barriga e seu peito com um canivete suíço.

Senti a bile subir pela minha garganta e juntei os lábios, sentindo meu queixo tremer.

— Lembra quando eu costumava organizar as lutas na minha quadra de tênis? — Perguntou com a voz inabalada. — Não vou mentir. Parte daquilo era por diversão, para descontraír. Mas a outra parte, Criada, era porque eu não queria que as pessoas perguntassem sobre as minhas cicatrizes. — Ele levantou ambos os braços, me mostrando a parte da frente de seus pulsos e antebraços.

Cobertos de mais cicatrizes.

Eu já as havia percebido antes, óbvio, mas comprei a mentira. Pensei que a culpa era das lutas.

Tentei engolir, mas não consegui. Por algum motivo, suas cicatrizes pareciam que eram em mim. Minha pele queimava por ele.

— Jo fez isso com você?

— Não. — Ele passou a língua pelos seus dentes da frente. — Daryl Ryler, o irmão dela, o cara que você viu nesta biblioteca naquele primeiro dia. Jo não me cortou. Depois que se casou com meu pai, ela apenas me batia. Muito. E, então, Ryler se mudou para cá quando eu estava com doze anos... — Ele hesitou, mas não parecia que estava com muita dificuldade em deixar as palavras saírem. Seu rosto ainda estava tão inexpressível como sempre, sua fala era calma e firme. — Ela trancava a porta pelo lado de fora e o deixava comigo para me castigar.

Tomei fôlego. Queria matar aquela mulher. Mesmo depois de tudo o que ele fez comigo, eu queria que sua madrastra morresse. E, então, outra coisa me ocorreu.

— Seu pai sabia?

— Eu contei, mas ele estava sempre ausente. Seus negócios sempre foram o foco. Então, depois de eu ter sido expulso do internato e voltado para cá, Jo o convenceu de que eu estava machucando a mim mesmo. Me cortando. Crianças “problemáticas” como eu estavam na moda. Ela até contratou um psiquiatra para me avaliar. Escolhido por ela, claro. Houve uma conversa sobre me mandar a algum lugar para me tratar. Então, aprendi a manter a boca fechada até estar grande e forte o bastante para revidar. Eu tinha dezesseis anos.

Meus olhos correram loucamente pelo seu torso. Fui tomada pela vergonha quando me dei conta de que não era apenas dor o que eu sentia. Borboletas batiam suas asas minúsculas dentro do meu peito e meus mamilos se contraíram. Eu gostava do que estava vendo. Ele era perfeitamente imperfeito. Impecavelmente falho. E mais importante: ele era Vicious.

— Você nunca contou a mais ninguém? À polícia? A um professor? Seus olhos mortos piscaram uma vez.

— Não havia sentido àquela altura. Jo e meu pai viajavam muito e Daryl quase nunca estava por aqui. Drogas. — Ele deu de ombros. — Ele morreu logo depois que você saiu da cidade. Teve uma overdose e se afogou em sua *Jacuzzi*. — Ele balançou a cabeça para os lados. — Uma vergonha.

Um arrepio percorreu a minha espinha. Lembrei-me de cada palavra da conversa deles naquele primeiro dia na biblioteca. *Não*. Vicious era incapaz de matar alguém. Mas será que ele realmente...? Não queria questioná-lo sobre isso. Primeiro, porque eu não estava pronta para a resposta, e segundo, porque provocaria outro debate moral e a minha cabeça já doía só com isso.

— Vicious... — Eu estava sem ar. Ele fez um movimento em minha direção. Nossos corpos se tocaram. Eu queria me unir a ele, mas sabia que era melhor não ceder à tentação. Ele era tão atormentado e problemático. E, acima de tudo, ainda o achava abominável.

Pelo amor de Deus, o homem ainda se referia a mim como “Criada”.

No entanto, quando seu corpo se encostou ao meu, quente e reconfortante, nada parecido com o homem a quem pertencia, não consegui me afastar. Estávamos colados um ao outro, mas seus braços estavam na lateral de seu corpo. Éramos dois mentirosos, dizendo a nós mesmos que, contanto que não usássemos as mãos, não contava. Só que contava. No meu coração, contava.

— É um problema, mas é o meu problema — falou. — Não vou te arrastar para essa merda no tribunal. Jo não merece um centavo, mas o que quer que aconteça com o testamento, isso é entre mim e ela. — Ele baixou os olhos para os meus lábios. Estava tão perto que fui capaz de saborear a salinidade de sua pele nua e quente e o calor de sua boca. — Você sai disso ilesa. Eu sei que você me acha um monte de merda, e tem uma boa razão para isso, mas não vou te pedir para cometer perjúrio. Nunca complicaria sua vida desse jeito. Nunca. Só preciso que você me ajude a assustar Jo o suficiente para ela recuar se houver algum problema com o testamento.

Despedaçada, balancei a cabeça.

— Tenho certeza de que seus amigos podem te ajudar tanto quanto eu, se não mais.

— Eles não sabem — falou. — Não contei a eles. Nada sobre Daryl Ryler, nem sobre Jo. Não tenho orgulho disso, Criada. Eu deixei que fizessem isso comigo. Por anos. Você é a única que sabe, com exceção de Eli Cole e de um psicólogo que eu mesmo contratei há alguns anos. Eu poderia ter-lhe dito várias coisas. Que não era culpa dele. Que não havia por que se envergonhar. Que ele não estava sozinho. Mas conhecia Vicious bem o bastante para saber que não era o que ele queria ouvir. Ele era orgulhoso demais para um discurso motivacional. O que ele queria era colaboração.

— Então, peça ao seu psiquiatra — falei.

— Isso seria muito confuso, muito caro e muito público. Não. Isso é pessoal. Íntimo. Quero lidar com Jo discretamente e ambos sabemos que você consegue guardar um segredo.

Pink.

Black.

— Como sei que você não está mentindo? — Fiz da minha voz um cubo de gelo, ignorando o elogio. Mas fazia sentido. Eu sabia o que ouvira na biblioteca tantos anos atrás. Mas depois do comportamento de Vicious comigo, escolhi acreditar que era apenas uma discussão séria de família.

— Não sabe. Você tem que confiar em mim.

— E que raios você já fez para me fazer pensar que é confiável? — Franzi o nariz, afastando-me. Ficar tão perto dele não estava ajudando.

As costas de sua mão roçaram na minha bochecha e meu coração deu um pulo. Recuei novamente.

— Eu fui um babaca, mas nunca menti para você. Nenhuma vez. Josephine veio com o irmão atrás do dinheiro da minha família e ela fez algumas coisas sórdidas para conseguir o que queria. Isso é a recompensa dela. Mas não do jeito que ela espera que seja.

Fechei os olhos, balançando a cabeça.

Quando não respondi, ele pegou a minha mão e me puxou até uma poltrona. Eram cinco da manhã e eu perdi meu apetite pelas palavras escritas.

— Fique.

— Por quê? — Exigi.

— Porque estou mandando.

— Não.

Ele abaixou a cabeça e a balançou, suspirando bruscamente.

— Porra, então, faça porque eu quero. Foi um dia longo. Não decida agora. Apenas fique sentada aqui enquanto trabalho e se acostume a olhar para a minha cara de cu azedo de novo. Não vou tentar te subornar outra vez. Em vez disso, vou pedir que pense no que *você*, Emilia, considera justo. Porque eu sei que você é boa e que eu sou mau, mas, no final das contas, suspeito que temos exatamente o mesmo código moral.

Sentei na poltrona em frente à dele, mas apenas porque estava muito chocada para continuar de pé. A confissão de Vicious combinada com o fato de que eu suspeitava que Ryler não tivera uma morte natural, quase me paralisaram por completo.

Devagar, alcancei um livro com capa de couro no canto da mesa. Ergui uma sobancelha quando vi o título na lombada.

— *Mulherzinhas?*

Ele apenas deu de ombros.

Abri o livro, mas não li nada de verdade. Depois de poucos segundos, meus olhos flutuaram de volta para Vicious.

Seu olhar ainda estava na tela quando disse:

— Tem mais alguma coisa na sua cabeça, Criada?

Odiava termos voltado para onde estávamos antes de sua confissão.

— Sou alguma idiota para ficar sentada aqui com você? — Perguntei, interessada sinceramente em saber o que ele fez desta situação toda.

Uma sombra de um sorriso manifestou-se em seu rosto.

— Você é muitas coisas. Idiota nunca foi uma delas.

— Então, o que eu sou?

— Você é... — Ele levantou o olhar, me analisando. Às vezes, as pessoas conseguem se comunicar só com um olhar, e seus olhos diziam *minha*, mas sua boca disse — Complicada. Você é complexa. Não é uma coisa ruim.

Eu queria dizer que ele não merecia a minha ajuda, que eu o odiava, mas não era verdade. Pelo menos, não a última parte. Mesmo que eu

estivesse considerando mentir por ele, não queria que isso se tornasse um hábito depois, então, apenas fiquei calada.

Ele enroscou a perna na minha debaixo da mesa propositalmente, me desafiando a tirá-la dali. Não tirei. Eu gostei do seu calor. Gostei da sua perna comprida e musculosa entrelaçada na minha. Gostei de como, depois de alguns minutos pressionando sua perna com força na minha panturrilha, ele usou o joelho para abrir as minhas pernas. Suspirei.

Porém, durante tudo isso, ele não olhou para mim. Nenhuma vez. Fingi continuar lendo e ele batucava na mesa com uma caneta mordida. Minhas mãos seguraram o livro com mais força quando reconheci o nome gravado na lateral da caneta. Percebi que a caneta era *minha*. A caneta que eu usava quando ele esteve no *McCoy's*.

Então, ele levantou os olhos e me lançou outro sorriso tranquilo.

— A propósito, me encarreguei de dizer à sua amiguinha Rachelle que você não vai mais trabalhar no bar em turno nenhum. Acredito que vocês possam viver com seu salário atual. Você é toda minha, LeBlanc. E disponha.



CAPÍTULO QUATORZE

VICIOUS

ACONTECEU. Eu desmaiei.

Depois de ficar acordado direto por 84 horas, meu corpo finalmente cedeu e eu apaguei completamente. Aconteceu no meu antigo quarto e por pouco não cheguei à cama, mas consegui chegar. Eu ainda estava sem camisa – principalmente porque gostei de como ela me olhou quando eu estava trabalhando e ela, lendo. Mas já era de manhã e eu sabia que iria dormir por um bom tempo e que, mais cedo ou mais tarde, ela perceberia que algo estava errado. Que as pessoas não desapareciam simplesmente por tantas horas no meio do dia.

Acordei trinta horas depois e já era noite outra vez. Havia um barulho vindo do corredor amplo do lado de fora do meu quarto, e eu esperava que fosse Criada, embora soubesse que não era. E, claro, eu estava certo. Eram Josh e Slade, os enfermeiros de meu pai. Eles discutiam sobre os *Raiders* e os *Patriots*, e eu não me admirei. Os dois filhos da puta me acordaram.

Passei pelos homens musculosos e fui direto para o quarto do meu pai. Ele devia ter recebido alta do hospital e voltado enquanto eu dormia. E para a surpresa de ninguém, Jo ainda não estava em lugar algum que pudesse ser encontrada. Acho que Cabo era mais importante do que ficar ao lado do seu marido em suas últimas semanas. Ou dias.

A gravidade da situação pesava bastante em meus ombros, mas foi por isto que esperei por tanto tempo. Desde que eu tinha doze anos.

Agora, estava na hora.

Daryl estava morto.

Papai estava morrendo.

E, em breve, a vida de Josephine também estaria acabada.

Mantive a porta aberta. Os enfermeiros olharam para mim, mas continuaram discutindo no corredor, agitando os braços enquanto

conversavam sobre futebol.

— Oi, pai. — Sorri, apoiando um ombro na parede com as mãos dentro dos bolsos. Descansei a cabeça ao lado do quadro de Charles-Edouard Dubois – era uma boa pintura, mas eu gostava mais das merdas de Emilia – e apreciei a vista.

O homem que destruiu a minha vida parecia uma cópia de carbono barata do homem que costumava ser. Totalmente careca, pálido, com o pescoço de um lagarto, as veias salientes em sua pele fina e enrugada. Eu não me parecia em nada com ele, era igualzinho à minha mãe, o que eu achava ser parte do motivo de Jo me odiar.

— *Não minta, filho. Jo e Daryl nunca fariam tal coisa* — disse-me ele quando mostrei minhas cicatrizes. Meus ferimentos. Minha dor.

— *Ela me tranca lá dentro com ele* — argumentei pela milionésima vez.

— *Jo diz que você faz isso a si mesmo. É para chamar atenção, Baron? É o que quer?*

Eu não precisava de atenção. Eu precisava de uma porra de um pai diferente.

— Você está aí? — Eu sorria para Baron Sr. agora, dolorosamente consciente dos homens atrás de mim.

Ele piscou os olhos, mas não disse nada, porque não podia. Eu, por outro lado, tinha muito a dizer.

Eu sabia que as minhas palavras poderiam matá-lo. Não liguei.

— Sinto muito ter vindo sem avisar. Precisava ver Eli Cole sobre o seu testamento.

Até onde papai sabia, ele e eu estávamos bem. Da última vez em que o vi, ainda fingia interesse em seus negócios e em sua saúde, mas era hora do show. Hora da vingança. Caminhei pelo seu quarto e sentei na beirada da cama. O filho da puta não iria falar nenhuma palavra sobre isso.

Será que eu era o principal beneficiário?

Ou seria Jo?

Havia milhões *pra* caralho em jogo aqui. O poder de papai era o seu dinheiro. Era como controlava suas esposas e como pensou que havia ganhado o meu respeito. Ele estava errado. *Como sempre.*

— Sabe, vai ser interessante ver quanto você deixou para Jo. Você sempre guardou seus planos para si. Usou sua fortuna como poder. Aposto que a fez concordar com aquele acordo pré-nupcial draconiano antes de sequer chupar os peitos dela, não é? — Pisquei me divertindo, meus lábios curvando-se num leve sorriso.

Ele não respondeu, mas respirou fundo. É, os homens Spencer eram advogados por formação, e gostavam de mulheres... mas *amavam o dinheiro pra caralho*.

— Não. Aposto que fez o certo por ela. Pelo menos, do seu ponto de vista. Não do meu. O fato de que você matou a mamãe meio que muda tudo. — Projetei meu lábio inferior, avaliando sua reação.

Até este momento, ele não sabia que eu sabia. Não sabia que ouvi quando ele e Jo conversaram na biblioteca antes de acontecer.

Papai arregalou os olhos, perplexo, depois, eles correram para o corredor, indefesos, mas foi inútil. De onde os enfermeiros estavam, a situação parecia inocente. Um filho falando docemente com seu pai enfermo.

— *Tem certeza de que seu irmão vai ficar de boca fechada? Não posso arriscar que ninguém saiba. Mesmo um sopro de suspeita poderia destruir meus negócios.*

— *Querido, não vai. Eu te prometo.*

— *Não sou um homem ruim, Josephine. Mas não quero esse fardo pelo resto da minha vida.*

Isso foi um ano depois que minha mãe ficou gravemente lesionada em um acidente de carro que a deixou tetraplégica. Eu estava com nove anos. Novo demais para entender o que isso significava.

Eu não sabia o que fazer com isso na época, então, guardei cada palavra dita atrás da porta da biblioteca onde bisbilhotei, até que o quebra-cabeça estivesse completo. Aos dez anos, eu sabia a conversa de cor.

Aos doze, eu também sabia exatamente o que ela significava.

— *Confie em mim, Daryl vai te ajudar. Estou te dizendo, querido, ninguém nunca saberá. De qualquer forma, as pessoas não têm o direito de julgar.*

Você pode muito bem estar casado com um vegetal.

— *Não sei, Jo. Não sei.*

— *Amor* — ela ronronou. — *Querido, você não pode se divorciar a esta altura. Ambos sabemos que essa oportunidade passou assim que ela sofreu o acidente. O que ainda há para pensar? Na minha opinião, de todo modo você estará fazendo um favor a ela. Ela nem mesmo pode mais coçar o próprio nariz.*

— *E quanto a Baron Junior? E quanto ao meu filho?*

— *O que tem ele?* — Explodiu ela. — *Eu não sou boa o bastante para ele? Acredite, ele mal vai se lembrar dela quando crescer.*

Olhei para o que tinha se tornado meu pai desde que Jo e o irmão dela entraram em nossas vidas. Eu não deveria estar aqui no dia em que vi Daryl Ryler pela primeira vez em nossa casa. Voltei da escola passando mal e nossa governanta da época foi me buscar...

Subi as escadas, larguei minha mochila no chão do meu quarto, mas ao invés de ir para a cama, quis ver a minha mãe. O quarto de hóspedes onde ela foi colocada era do outro lado do corredor e parecia mais um hospital do que um quarto. Queria ler para ela o poema que escrevi na Oficina de Escrita e colar na parede dela. Ela tinha uma coleção inteira deles.

O estranho não me viu. O homem estava saindo do quarto dela e eu estava prestes a perguntar se ele era o enfermeiro do dia.

— Você deveria estar na cama, Baron — a governanta gritou ao pé da escada. — Você está com febre. Não vá incomodar a sua mãe. Não quer deixá-la doente.

Não cheguei a ler o meu poema para ela. Vinte minutos depois, a enfermeira dela – uma mulher, não o homem que eu tinha visto – chamou uma ambulância. O respirador dela estava entupido.

Coincidência? Acho que não.

— Isso mesmo, papai. Eu sei que você mandou Daryl Ryler matá-la. — Sorri e dei um tapinha no ombro rígido de meu pai, observando seus olhos dançarem. Aquele homem que vi sair do quarto de mamãe? Era Daryl Ryler.

Meu pai parecia em pânico, mas não conseguia mexer um músculo. A

compreensão tomou conta de seu rosto, e foi a minha hora de atacar com mais força.

— É, sobre ele... — Engoli meu sorriso, alisando o lençol branco de algodão egípcio em sua cama. — Fiquei radiante quando o encontraram morto. Percebi que ninguém além de sua esposa interesseira sentiria falta dele, e, sinceramente, sua morte foi mais do que um serviço público, se parar para pensar. Quantas pessoas Daryl Ryler prejudicou? Quantos crimes ele cometeu? Quantas Maries ele matou?

Meu pai ainda estava lúcido. Ele deve ter somado dois mais dois e deduziu que eu matei Daryl. Como sempre, ele pensou o pior de seu próprio filho.

Papai conseguiu mesmo mexer um pouco a mão e todo o seu corpo estremeceu. Seus olhos esbugalharam enquanto ele gorgolejava, mas a minha voz estava baixa e seus enfermeiros estavam ocupados demais discutindo sobre futebol no corredor.

— Agora, é tarde demais. Para mudar o testamento, alterar e deixar tudo para Jo. Não agora que os médicos estão questionando sua capacidade mental. Quem sabe o que está funcionando dentro do cérebro e o que não está? Ninguém liga mais porra nenhuma para o que você tem a dizer. Digo, seus médicos estão bem surpresos que você ainda esteja vivo. Sinceramente? Eu também estou bastante surpreso. Por que você está esperando tanto tempo? Você não tem nada além de dinheiro. Nadinha mesmo. Seu trabalho é a sua vida. Casou pela segunda vez com uma mulher que te odeia e você não sabe nada sobre seu filho, com exceção da cor de seus olhos.

Os enfermeiros pararam de falar, mas quando me virei e dei-lhes um sorriso amarelo, eles voltaram a conversar. Minha cabeça voltou para o meu pai enfermo. Ele tremia tanto que eu tive quase certeza de que iria morrer bem ali naquele momento.

— Não importa quem vai herdar tudo. Não haverá ninguém para proteger Jo quando você estiver morto. Ela estará sozinha, indefesa. Sem irmão para ajudá-la em suas intrigas e conspirações. Daryl se foi. — Eu ri antes de me lembrar da expressão no rosto de Criada quando contei a ela como Ryler morrera. Apesar de tudo, eu não queria que

ela pensasse em mim como um monstro. Como um assassino.

— E você... vou destruir tudo pelo que trabalhou. Sua empresa. Sua reputação. Seus bens. Seu *nome*.

Seus olhos arregalaram ao ponto de quase saírem de órbita. Tubos saíam de seu nariz e de seus pulsos. Ele queria dizer alguma coisa, mas a única coisa que saiu foram grunhidos incoerentes. Meu pai parecia um tipo de animal selvagem, um zumbi, o que não estava muito longe da porra da realidade. Que ser humano eliminava a esposa e mãe de seu filho de nove anos de idade?

— Vim até aqui para me despedir, papai — falei, deslizando para frente em sua cama até meu corpo encostar no dele. Dei um apertão em sua perna imóvel.

Seu olhar gritava de pavor. Havia tanta coisa que ele gostaria de dizer. De gritar. Para mim. Para os enfermeiros. Mas ele estava aprisionado em seu corpo.

— Estou voltando para Nova York. Tenho coisas mais importantes para cuidar. Quero que você saiba que te amava quando era criança. Não foi sempre assim. Mas te prometo, agora... — encostei meus lábios em seu ouvido.

Ele estremeceu, tentando mexer os braços, mas estava paralisado. De fora – para Josh e Slade – provavelmente parecia um momento doce.

— Prometo colocar um fim em cada coisa que faz parte do legado que você trabalhou para construir. Vou começar com esta mansão gélida. Nunca gostei dela mesmo. Depois, vou liquidar a empresa que você construiu com suas próprias mãos e investir o dinheiro em qualquer outro lugar. Queria que você pudesse me ver queimar tudo o que é importante para você, mas não vai ser possível. Então, provavelmente seja melhor que esteja morto.

Dito isso, levantei-me e pisquei com diversão para ele. Seu rosto estava tão tenso que chegava a estar roxo. Era assim que eu queria me lembrar dele. Fraco. Derrotado. Arruinado. Virei-me e sorri para os enfermeiros no corredor.

— Tchau, pai.



Criada e eu pousamos de volta em Nova York na segunda de manhã. Disse-lhe para ir se acomodar em seu novo apartamento, porque eu sabia que ela estava desesperada para ver a irmã caçula e, por um momento, eu queria parar de agir como um babaca com a mulher que eu realmente precisava do meu lado.

Claro, que não mencionei que o apartamento onde eu estava morando no andar de cima era na verdade de Dean – por que essa porra importava? – porque eu não queria falar sobre Dean com ela. Nunca.

Eu, por outro lado, tinha muito trabalho a fazer com a fusão. FHH estava na iminência de se fundir com duas das maiores indústrias farmacêuticas da América. Sim, por falar nisso, uma delas era a que roubei de Sergio e sua empresa.

Não foi justo, mas eu não me importava com isso. Eu me importava em dar aos meus clientes o que eles precisavam. E o que *nós* precisávamos. Além disso, não era como se os filhos e a família inexistentes de Sergio fossem morrer de fome. Éramos apenas canalhas ricos roubando clientes de outros canalhas ricos. Esse era o nosso parquinho e nós éramos os valentões.

Alguns de nós éramos melhores nisso do que outros.

Ter essa transação gigantesca em nosso nome mudaria nossas vidas, não apenas financeiramente, mas também quanto à nossa reputação. Não poderíamos deixar que ninguém estragasse isso.

Mesmo tendo desligado na minha cara, Dean continuava me ligando todos os dias, igual a uma ex-namorada desesperada, e eu continuava ignorando as chamadas, igual ao canalha prestes a *roubar* a ex-namorada dele. Só que ela nunca foi dele. Ela sempre foi minha.

Parte do motivo do meu comportamento foi para ensiná-lo uma lição e parte foi porque eu estava gostando demais do escritório em Nova York para devolvê-lo a ele. Claro que devolveria, mas não ainda. O Natal estava chegando e o Natal na Califórnia era uma merda.

Além disso, eu não tinha lugar nenhum para passar o feriado e, pelo

menos em Nova York, eu seria uma das muitas almas solitárias. Dean passaria os feriados com a família em Todos Santos, então, realmente, eu estava lhe fazendo um favor.

Desta vez, cheguei ao escritório de bom humor. Não gritei com ninguém. Não quebrei nada. Fui legal com as secretárias e com as recepcionistas e não perdi a paciência nem quando um cara tentou pegar o táxi para o qual eu fiz sinal. Tudo bem que pisei em seu pé antes de entrar no carro, passando por cima dele indiferentemente. Acho que velhos hábitos não mudam.

Quando cheguei na frente do prédio onde estava morando, meu celular tocou. Recebi um e-mail com o contrato, assinado pelas duas empresas. Fusão bem-sucedida. Esta merda estaria estampada em todos os *sites* financeiros da América do Norte dentro de uma hora.

E tudo isso fomos nós que fizemos. Não podia conter meu triunfo.

Nem tive a chance de olhar para as assinaturas na tela antes de Jaime me ligar. Atendi.

— *Caralho. Cara, estamos ricos!* — Ele riu.

— Mais ricos — corriji secamente. — E disponha.

— *Mais ricos* — rugiu concordando — *e você é um babaca do caralho, mano.*

— Isso não é novidade para mim — falei, me divertindo com sua risada enquanto ouvia Mel e Daria, sua bebezinha, cantando ao fundo.

— *Vou comemorar com a minha família. Conversamos amanhã, idiota.* — Jaime desligou.

Trent ligou alguns segundos depois.

— *Puta que pariu! É verdade?* — Gritou, depois riu.

Juntei-me a ele e soltei uma risada também. — Parece que sim.

— *Se liga, estou na casa dos meus pais. Vamos todos para um jantar de pré-Natal com os pais de Dean, mas te ligo amanhã para puxar seu saco por causa desse acordo, Vic. Espero que faça algo divertido esta noite. Tchau.*

— Tchau. — Desliguei.

Só que eu não iria.

Meus amigos iriam comemorar com suas famílias e eu ficaria sentado em um apartamento vazio que nem era meu e comer algo

encomendado ou foder uma mulher sem sobrenome que esqueceria depois de algumas horas.

Isso era deprimente.

Era injusto de um modo diferente do que o modo injusto com o qual eu conduzia os negócios.

E era inaceitável *pra* caralho, considerando que havia algo que eu queria muito e estava ao meu alcance.

Acho que foi assim que acabei em frente à porta dela. Logicamente, eu não tinha nada que procurá-la. Ela era a minha assistente pessoal e uma mulher a quem eu prejudiquei. Eu deveria simplesmente deixá-la em paz pela primeira vez.

Mas não queria. O que eu queria era fodê-la e me livrar da obsessão anormal por ela de uma vez por todas.

Bati à porta, esperando que não fosse a porra da Rosie que atendesse.

Bati o punho na porta de novo e, desta vez, ouvi passos. Quando ela abriu a porta, meu primeiro instinto era puxá-la para o meu corpo e beijá-la *pra* caralho até seus lábios ficarem roxos. Mas não poderia fazer isso, então, apenas sorri, afrouxando a gravata. Ela tinha tinta por todo o rosto: marrom, amarela e verde. Tons terrosos. Suas têmporas eram uma mistura de suor com seus cabelos loucos cor de lavanda presos a elas. Ela estava vestida com uma leggings estampada e uma camisa larga branca manchada de tinta.

Descalça.

Natural.

Linda.

— Oi — disse ela. Seu fone de ouvido ainda estava pendurado em seus ombros por um fio fino. — Desculpe, estava ouvindo música. Recebi o e-mail sobre a fusão. Parabéns. Precisa de mim para algo?

Sim. Envolve seus lábios em meu pau e chupe. Com força.

— Venha jantar comigo — acabei por falar. Eu estava quebrando tantas regras de uma só vez que a minha cabeça girava como uma filha da puta.

(1) Sem encontros.

(2) Sem encontros com *Criada*.

(3) Sem riscos de me apegar.

(4) Sem me colocar intencionalmente numa posição vulnerável.

Mas eu queria muito fodê-la apenas para poder dizer a mim mesmo que tinha conseguido depois de todos esses anos, antes de voltar a Los Angeles.

Ela piscou algumas vezes antes de cuspir um “não”. Não foi frio nem cruel. Ela parecia surpresa e um pouco confusa. Ainda segurando a beirada da porta de fibra de vidro, coberta de tinta, ela explicou:

— Não é uma boa ideia e você sabe disso.

— Por que não?

— Bom, eu tenho cerca de quinhentos motivos na minha mente, mas vamos começar com os óbvios: você é meu chefe e se refere a mim como *Criada*.

— É um elogio — disparei de volta. — Do qual eu posso me desfazer se você não gostar. Vamos.

Ela soltou uma risada frágil.

— Quando você me contratou, prometeu que queria apenas trabalhar comigo, nada mais.

— Sim? — Bufei, ficando impaciente. Será que ela percebeu que estava recusando o que a ninguém antes havia sido oferecido? — E agora, eu quero que vá jantar comigo. Planejo comer um bife, não a sua boceta.

Posso ter exagerado, porque Criada – caralho, *Emilia* – tentou bater a porta na minha cara no exato momento em que escorreguei meu pé para dentro. Ela esmagou meu pé, mas não liguei.

— Certo. Vamos pedir. Qual o seu problema? Você precisa comer. Além disso, Rosie também está aqui, não está? Você não acha que vou tentar te comer na frente da sua irmã, acha?

O olhar em seu rosto me dizia que sim, na verdade, ela estava bem certa de que eu tentaria comê-la na frente da irmã.

Eu posso ter merecido isso.

Levantei três dedos e ergui o queixo.

— Palavra de escoteiro.

Hesitante, ela abriu a porta, mas não completamente.

— Podemos pedir, mas é só isso. — Ela chegou para o lado, me dando permissão para entrar em seu pequeno universo.

Eu me meti em seu apartamento, em sua *vida*. As paredes e a cozinha eram de um branco minimalista, o piso, de madeira clara, o *design* aberto com pouquíssima mobília, também branca. Parecia um hospício insano. Havia um cavalete no canto da sala de estar, perto da janela com vista para a cidade, com uma tela grande com um quadro em progresso. Uma árvore de flor de cerejeira de frente para um lago. Era vívida e nítida, como se a natureza estivesse ao nosso alcance. O que, claro, era uma bela mentira. Estávamos em um reino de concreto, cercado de arranha-céus. Fumaça industrial e espelhos.

Interessante. Então, Criada era uma artista. Isso não me surpreendia. Ela era realmente talentosa. Suas coisas não eram cafonas nem boas de um jeito genérico e convencional. Sua arte era instigante. Mas não o suficiente para beirar a loucura. Na verdade, a representava perfeitamente bem.

Ela estava de costas para mim. Ambos olhávamos para o quadro.

— Por que flores de cerejeira? — Perguntei, dez anos depois do que deveria. Ela sempre teve uma coisa com essa árvore. Ela também pintava outras merdas, tudo dela havia sido rabiscado: livros, mochilas, roupas, braços. Mas ela sempre voltava às cerejeiras. Até seus cabelos eram do mesmo tom de sua árvore preferida.

— Porque é linda e... sei lá, as flores se vão tão rápido. — Ouvi o sorriso em seus lábios. — Quando eu era criança, minha avó costumava me levar à capital todas as primaveras para o Festival da Flor de Cerejeira. Apenas eu. Eu costumava esperar por isso durante o ano inteiro. Nunca tivemos muito dinheiro, então, passar um dia lá, ir a uma churrascaria depois... era um grande acontecimento para mim. Enorme. Depois, ela ficou doente quando eu estava com sete anos. Câncer. Levou um tempo. Eu não entendia de verdade o conceito dela morrendo, indo embora para nunca mais voltar, então, ela me contou sobre a Sakura japonesa. As pessoas no Japão viajam de todos os lugares para ver as árvores em seu auge. A temporada das cerejeiras é curta, mas de tirar o fôlego, e depois que as flores murcham, caem no chão, espalhadas pelo vento e pela chuva. Vovó dizia que as flores de cerejeiras eram a vida. Doces e bonitas, mas bastante curtas. Curtas demais para não se fazer o que quer. Curta demais para não passar

com as pessoas que... se ama. — Ela fechou os olhos lentamente e respirou fundo.

Ela parou de falar e eu parei de respirar. Porque eu sabia o que a fez parar. Eu.

Tudo o que eu fiz.

Eu a impedi de passar o tempo com algumas destas pessoas – seus pais, sua irmã – pelos meus próprios motivos egoístas, quando ela tinha dezoito anos.

— Puta merda, eu sou uma estraga-prazeres. — Ela soltou uma risada ofegante. — Sinto muito.

— Não sinta. — Engoli em seco, dando um passo grande para ficarmos um ao lado do outro, ainda observando o quadro. — Merdas acontecem. Minha mãe morreu quando eu tinha nove anos.

— Eu sei. — Seu tom de voz era soturno, mas não nervoso. Geralmente, as pessoas não gostavam quando você mencionava sua mãe morta. A perda era um sentimento desconfortável com o qual lidar. — Deve ter sido difícil.

— Bom, você disse que era uma estraga-prazeres. Meu lado competitivo me inspirou a dar o meu melhor. — Dei de ombros, minha voz estava calma.

— Vicious. — Ela riu novamente, desta vez, virando-se para mim, me olhando daquele jeito que professores olham para seus alunos quando estão decepcionados com eles.

Sorri. — Mãe morta derrota avó morta todos os dias, e você sabe dessa merda.

Ela deu um soco no meu ombro, mas não conseguiu esconder o sorriso.

— Você é terrível.

— Terrivelmente sexy. Sim.

Pedimos comida vietnamita e eu contei a ela como minha mãe se lesionou em uma batida de carro, depois, morreu quando eu estava com nove anos. Os detalhes de sempre, exceto pelas coisas realmente sórdidas sobre quem fez isso. Ela estava coberta de tinta, então, sentamos nos panos jogados debaixo do cavalete. Não era o meu estilo, mas não me importei. O motivo pelo qual lhe contei sobre a

minha mãe era simples: eu não queria que ela me salvasse, se fosse necessário. Se eu fosse corromper a sua moral, precisava de mais munção.

Ela chorou quando contei sobre como descobri que minha mãe estava morta. Meu pai estava fora numa viagem importante de negócios, então, nossa governanta me contou, entre meus soluços e fungadas.

Havia muitas razões por que não contei toda a verdade. A que eu guardava para mim mesmo durante todos esses anos. As razões agora não eram diferentes daquela época.

Eu ainda sentia vergonha de não ter percebido sobre o que papai e Jo falavam em fazer quando eu tinha nove anos. Eu me senti culpado durante todos esses anos, imaginando se eu poderia ter salvado a minha mãe, alertado, contado a alguém.

O que provavelmente era idiota porque quem teria acreditado num menino de nove anos?

E, depois, se alguém acreditasse em mim, e aí? Minha mãe ainda estaria morta e poderia ter sido ainda pior para mim. A vergonha, a pena, a fofoca, se houvesse um julgamento. Quando seu pai manda o irmão da amante dele desligar as máquinas de sua mãe? Sim, não havia volta para essa história triste. Eu teria sido rotulado como “aquele coitadinho” para sempre.

Eu não era um “coitadinho”. Eu era um homem rico. Poderoso aos olhos dos outros e pretendia continuar assim.

Eu confiava em Emilia. Eu sabia que podia desabafar com ela. Ela tinha mantido nosso segredo escondido de todos no colégio. Eu confiava nela para guardar o segredo sobre as minhas cicatrizes também.

O jeito que ela me olhava enquanto estávamos sentados nos panos – eu estava bem certo de que a minha calça de novecentos dólares estava com manchas de tinta – me fez querer contar-lhe o resto. Mas eu não queria que ela pensasse sobre mim o mesmo que eu costumava pensar sobre mim mesmo. Que cometi um erro ficando calado. Que nada disso teria acontecido se eu tivesse contado a alguém. Que eu poderia ter parado com tudo antes que começasse. Que eu era um idiota. *Fracó.*

— Queria que você tivesse me dado mais oportunidades de te apoiar quando morei lá — murmurou ela, olhando para suas coxas e lutando contra mais lágrimas.

Eu queria tocá-la, mas não queria um abraço. Eu precisava fodê-la até que cada centímetro de sua carne estivesse ferida.

Sorri educadamente.

— Está vendo? Todos nós temos nossa história de flor de cerejeira. — Olhei em volta, repentinamente desejando parar de falar. — Aliás, onde diabos está Rosie?

Estava começando a me sentir como antes, quando ela morava tão perto que eu podia ver a janela de seu quarto. Não dava para segurar essa sensação. Não na época e nem agora. Eu simplesmente sabia que era inaceitável. Eu tinha porra de incêndios o bastante para apagar na minha vida pessoal sem criar outra tempestade de merda.

Ela resmungou alguma coisa sobre ligar para a irmã para saber dela e se levantou exatamente quando a campainha da porta tocou. Ela virou a cabeça para mim e ergueu uma sobrancelha, como se dissesse *quais são as chances?*, e saiu rebolando até a porta para pegar a nossa comida.

Era o entregador. O cheiro da comida quente e apimentada flutuou por todo o caminho até onde eu estava sentado enquanto ela conversava com o cara. Típico de Emilia, legal com todos e sua mães.

Emilia colocou alguns pratos em nossa toalha de piquenique improvisada e abriu uma garrafa de vinho que ela provavelmente comprou na loja de um dólar, *Dollar Tree*, mas o jantar foi melhor do que os melhores que já tive em muitos anos. Comemos em silêncio e isso foi bom, porque Emilia não era o tipo de garota que se apressava para encher o ambiente com papinho sem sentido. Ela gostava do silêncio.

Igual a mim.

Igual a minha mãe.

Por outro lado, já fazia um tempo que me sentava para jantar com alguém que não era um dos Four HotHoles nem a minha madrastra.

— Conte algo ruim sobre você — falei do nada.

— Algo ruim? — Ela deu um gole direto na garrafa e a colocou no

chão perto de sua coxa, balançando os lábios contraídos de um lado para o outro. Ela estava pensando.

— Isso. Algo menos nobre que a Senhorita Perfeitinha trabalhando em dois empregos para ajudar a irmã doente.

Ela revirou os olhos, mas sorriu, com dificuldade para pensar em alguma coisa. Quando conseguiu, pareceu meio eufórica.

— Eu pinto com tinta a óleo!

— Puta merda, isso é foda. — Mordi meu lábio inferior e balancei a cabeça.

Ela riu e deu um soco no meu ombro – de novo – e, *sim*, Emilia LeBlanc queria me foder tanto quanto eu queria fodê-la. Estava escrito por toda a sua linguagem corporal.

— Deixa eu terminar! Sou cautelosa. Demoro o que precisar. Óleos levam um século para secar. É preciso abrir as janelas e deixá-las secar ao ar livre, mas gosto de como as cores são vibrantes e as pinturas parecem reais. Tinta a óleo é na verdade muito tóxica. É horrível para os pulmões de Rosie, mas eu ainda uso porque odeio tinta acrílica. — Ela suspirou, corando um pouco.

Caramba. Criada estava admitindo fazer algo egoísta. Ela definitivamente estava cedendo.

Coloquei as mãos nas minhas têmporas e balancei a cabeça, fingindo espanto.

— Que merda avassaladora, LeBlanc. A próxima coisa que vai me contar é que você paga os impostos depois de quinze de abril.

— Gosto de viver no limite. — Ela deu de ombros e sugou um macarrão entre seus lábios, usando hashis.

Quase empurrei as caixas de papel de comida e a prendi nos panos. *Quase.*

Mas estava se tornando evidente para mim que não seria capaz de me conter por muito tempo. Eu queria aquela boceta e eu a merecia. Ela era minha.

— Eu não sou tão boa assim — disse ela, sorvendo mais comida. Eu adorava o jeito que ela comia como se não estivesse nem aí para quem estivesse olhando.

— Ninguém é, assim como ninguém é totalmente mau. — Lambi o

lábio inferior e ela fez o mesmo. Ela largou os hashis e me olhou de novo. Continuei comendo, fingindo que não dava a mínima.

— Às vezes, acho que você é totalmente mau — falou, mas eu sabia que ela não falava sério. Eu conhecia Emilia LeBlanc bem o suficiente para saber que ela via bondade em todo mundo. Até em babacas como eu.

— Se importa em testar essa teoria? — Suguei um macarrão e pisquei. — Posso te fazer se sentir bem *pra* caralho. Apenas diga que sim. — Ela riu e meu peito se alegrou. Chegou a se aquecer.

— Essa é sua cantada oficial? Nesse caso, estou meio desconfiada de que você ainda é virgem. — Ela franziu o nariz.

Sim, era isso, porra. Ela estava enfeitçada. Eu reconhecia quando mulheres eram afetadas. Sentia a milhas de distância, como um tubarão sedento por sangue.

Joguei minha caixa vazia de lado e cheguei mais perto dela. Ela não recuou. Ela queria. Queria a minha boca na dela. Queria minhas mãos enterradas em seus cabelos cor de cereja e meu corpo pesando sobre o dela. Estava acontecendo. Finalmente.

Inclinei-me. Ela parou de respirar e olhou para baixo, esperando... na expectativa... querendo. Custou cada grama de autocontrole em mim para levantar a mão e tocar seu pescoço delicado em vez de prendê-la selvagememente no chão e arrancar sua legging estúpida de suas coxas.

Ela soltou o ar, pendendo a cabeça para o lado.

— Vou me arrepender disto. — Sua voz era baixinha, como ela.

— Provavelmente — concordei. — Mas vai valer a pena.

Meus lábios fizeram a viagem de seu pescoço para o destino final: para onde eles pertenciam desde o primeiro dia. Seu hálito quente beliscava a minha carne, e eu queria que ela me sufocasse com seus beijos. Resisti ao impulso de fechar os punhos, inesperadamente preocupado em como isso iria acontecer. Eu estava faminto por ela. Meu próximo movimento seria calculado, e esta era a primeira vez que me sentia desse jeito sobre alguma coisa em muito tempo.

Eu estava tão perto que era capaz de sentir sua pele encontrando-se com a minha, as pequenas linhas de seus lábios vermelhos roçando nos meus, quando a porta abriu e Rosie entrou.

Emilia se afastou de mim imediatamente antes de eu ter a chance de terminar o serviço, e comecei a recolher as caixas de comida espalhadas à nossa volta.

— Rosie! — Sua voz saiu aguda. — Por que demorou tanto? Tem uma sopa de macarrão para você. Vai te aquecer rapidinho.

Ela logo desapareceu na cozinha atrás de uma comprida parede branca. Apoiei-me em meus antebraços no pano, olhando para a Rosie crescida como se ela tivesse mijado na minha comida. Ela devolveu um olhar agressivo em minha direção. Estranhamente, isso me fez sentir um adolescente novamente.

— Se magoá-la, eu te mato. — Ela apontou o dedo para mim para dar ênfase.

Eu fiquei perfeitamente imóvel, não dando a mínima para o gnomo de 1,65m atirando ameaças como se fosse o *Rambo*.

— Empata-foda e me ameaçando? Devo te lembrar de que você só não está morando na sarjeta com aquele rato que treina as *Tartarugas Ninja* por causa da minha generosidade? — Inclinei a cabeça para os lados, dando meu sorriso arrogante. Era o mesmo que deixava homens loucos de raiva e mulheres doidas de desejo.

Rosie, claro, era imune ao meu charme. Usá-la para conseguir a atenção da irmã dez anos atrás acabou com tudo de bom que ela achava de mim. Não que ela achasse muita coisa antes de nos beijarmos. Na verdade, eu tinha quase certeza de que nossos lábios só haviam se encontrado porque ela estava irritada pela minha falta de atenção. Eu era o único adolescente com um pau em All Saints que não tinha ficado obcecado em impressioná-la. Claro, eu estava totalmente ocupado em estar obcecado pela sua irmã mais velha.

— Generosidade, meu cu. — Ela caminhou pela sala. Sinceramente, para uma garota que sofria de uma doença congênita no pulmão, ela parecia bem atrevida para mim. — Não sei o que planejou para ela, mas se for cruel como você, não vou te deixar sair ileso disso.

Precisava parar essa interação antes que Emilia voltasse para a sala e Rosie cagasse em cima de todo o meu progresso com ela. As duas irmãs eram briguentas, mas enquanto Emilia era atrevida de um jeito tipo sou-uma-pessoa-boa-mas-posso-me-divertir-atacando-de-

brincadeira, Rosie era mais da categoria vou-te-apunhalar-no-seu-sono-se-você-me-irritar. Com certeza, não era o único motivo pelo qual eu preferia Emilia à irmã, mas era parte dele. Elas eram parecidas na aparência, mas não no jeito. Nem de longe.

— Minhas intenções são puras — menti.

— Não acredito em você — retrucou Rosie.

— Que pena, porque eu não vou a lugar algum, então, é melhor se acostumar comigo. — Levantei-me. Eu estava um pouco tonto por causa do vinho barato e pela falta de sono, porém, ligado *pra* caralho por causa de todo o resto que tinha acontecido nesta noite.

Minha obsessão do colégio voltou a passos largos para a sala com uma tigela de sopa e um sorriso cheio de desculpas.

— Vic já estava indo embora. Nossa empresa assinou um acordo muito importante hoje. Ele precisava me instruir sobre amanhã de manhã — explicou ela.

Eu odiava que ela sentisse que devia algum tipo de explicação à irmã.

— Te vejo amanhã no escritório. — Alisei a minha camisa.

Emilia assentiu, mas parecia a um milhão de quilômetros de distância de onde estávamos segundos antes. Aquela porra de brilho nos olhos dela havia sumido. O rosto de sua irmã deve tê-la feito se lembrar do quanto eu era um babaca.

— Mais uma vez... — Emilia limpou a garganta, seu tom de voz era profissional. — Parabéns pela fusão.

Saí com meu pau latejante tentando rastejar para fora da minha calça até a puta de alto nível mais perto neste bairro. Eu não conhecia muito bem Nova York para ter uma foda fixa aqui, mas, de qualquer modo, isso não importava. A tempestade que se preparava dentro de mim iria se acalmar apenas quando meu pau estivesse dentro de Emilia LeBlanc, e nem um minuto antes.

Quando apertei o botão do elevador e corri a mão pelos meus cabelos, me dei conta de algo estranho, e pela primeira vez em anos tive uma ideia clara de que o que queria da vida nada tinha a ver com a minha carreira, dinheiro nem destruir Jo e papai.

Eu queria Emilia.

Queria beijá-la sempre que sentisse vontade.

Queria marcá-la de um milhão de formas diferentes.

Eu disse a verdade a Rosie. Eu não iria a lugar algum. Ficaria em Nova York até meu pai morrer, até Josephine ficar sem nenhum centavo e até comer Emilia como queria quando tinha dezoito anos.

No elevador subindo para a cobertura, meu telefone apitou com uma mensagem de Dean.

Apenas um lembrete amigável: voltarei a Nova York em breve. Se eu fosse você, correria antes que eu te pegasse.

Nem fiz o favor de responder àquela merda. Apenas entrei em seu apartamento, com janelas pintadas que iam do piso ao teto e comecei a empacotar as coisas dele, jogando os ternos caros em suas malas de grife.

Não iríamos trocar de volta nem tão cedo. Não até eu ter o que queria. Ele iria ficar em Los Angeles.

Quer ele gostasse ou não.



CAPÍTULO QUINZE

Emilia

ROSIE BALANÇOU a cabeça, seus olhos seguindo cada movimento meu. Ela não precisou fazer nada, eu sabia o que ela tinha a dizer.

— Nenhuma palavra sobre isso — avisei, limpando o local em volta do cavalete e ficando de costas para ela enquanto estava sentada à mesa de jantar e me observava em meu canto de pintura.

Ela continuou me olhando, sem tocar na sopa.

Não me arrependia de quase ter beijado Vicious. Pela primeira vez na vida, eu não apostei na segurança. Não fui cuidadosa. Não pintei a minha vida em tinta a óleo. Optara pela acrílica, de secagem rápida, e me conformei com isso – o que quer que fosse isso que eu quisesse com ele.

— Tudo bem — respondeu Rosie com desdém. — Mas que fique registrado que eu te avisei.

Ela deslizou um envelope pardo pela mesa branca de jantar. Eu o abri e olhei para o dinheiro, ignorando-a enquanto o contava. Ao invés de ficar feliz por vender um quadro, fui tomada pelo desconforto.

Será que eu estava prestes a cometer um erro enorme ao me meter com Vicious? Provavelmente. Mas eu não podia me negar o que desejava, e não éramos mais crianças.

Isso estava acontecendo.

Ele me usaria e eu o usaria de volta.

Era um erro de proporções épicas, eu sabia disso.

E, igual a qualquer grande erro, os juros seriam dolorosos.

Lamentavelmente, era um preço que eu estava disposta a pagar.



Na manhã seguinte, cheguei cedo ao escritório. Não tinha certeza do motivo, mas queria que tudo estivesse em perfeita ordem. Pela primeira vez, o café e o desjejum de Vicious estariam esperando por ele em sua mesa.

Eu me escondi na minha sala – a duas portas da dele – e reservei uma passagem de avião para Rosie até San Diego. Eu queria que ela passasse o Natal com nossos pais. Sinceramente, não havia nada que eu quisesse mais do que ir junto com ela e fazer disso uma semana épica em família, porém, uma passagem de última hora era muito cara e eu precisava tomar cuidado com a parte financeira. De qualquer maneira, eu estava certa de que Vicious não me daria folga.

Mandar Rosie para o outro lado do país não tinha nada a ver com seu aviso de ontem à noite. *Certo.*

Depois de enviar uma mensagem com a passagem surpresa, verifiquei o e-mail de Vicious. Respondi às perguntas das instituições de caridade, limpei as mensagens não solicitadas e marquei as de investidores que precisavam ser respondidas apenas por ele. Sua caixa de entrada era tão profissional que beirava a tristeza. Não havia nada de pessoal a não ser algumas provocações com Jaime e Trent e um anexo de Dean sobre a fusão. Não estava bisbilhotando. Parte da minha função era manter sua caixa de entrada em ordem.

Não fazia parte da minha função verificar suas interações no *Facebook* e ler todos os diálogos que ele teve com uma mulher nos últimos seis meses, mas tomei a liberdade de fazer isso também porque... Bom, porque eu simplesmente era diligente desse jeito.

Dei um grito e pulei ficando de pé quando me dei conta de que ele estava parado à minha porta, me encarando como se eu fosse o seu café da manhã.

— Tentando assistir pornô no escritório de novo? — Disse ele, e eu corei. — Temos medidas de segurança para isso. Esses *sites* são bloqueados.

Soltei uma risada nervosa e tirei o cabelo da testa. Ele parecia bom demais para ser tão perverso. Vicious vestia outro de seus ternos escuros, mas descartou o paletó e arregaçou as mangas da camisa,

expondo os antebraços musculosos salpicados com um toque do sol de Los Angeles e aquelas cicatrizes que faziam meu coração bater de forma irregular.

A única coisa que eu conseguia pensar era em como quase nos beijamos ontem à noite e em como eu xinguei Rosie silenciosamente enquanto preparava a sopa para ela na cozinha depois de ter que me afastar dele.

Ergui uma sobrelanceira e me recostei.

— O seu pessoal de TI está fazendo um péssimo trabalho. Fiquei assistindo sacanagem a manhã inteira.

Ele riu e seu riso parecia verdadeiro. Raro e breve como as flores de cerejeira na primavera. Porém, assim como as flores, morreu rápido.

— Eu não pensei que fosse uma garota safada, Emilia. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — O que quer que te mova, ficarei feliz em te conduzir.

— Que deselegante. — Fingi vomitar. — E agora, eu tenho 99% de certeza de que você é virgem.

Eu o estava provocando e não me importava mais. Sim, ele era uma pessoa perturbada, mas agora eu sabia que poderia haver motivos para isso. Não, eu nunca o perdoaria pelo que fez comigo. Mas isso não significava que não poderia me divertir com ele até sair da minha bagunça financeira. Poderia muito bem aceitar tudo o que ele ofereceu enquanto dava. Porque isso era essencialmente o que estávamos fazendo. Usando um ao outro.

Os olhos de Vicious lambeiram meu corpo da cabeça aos pés, devagar e provocante, depois, pousaram em meu rosto.

— Leve a sua bunda à minha sala em dez minutos. Precisamos amarrar algumas pontas soltas na fusão.

Dito isso, ele saiu, fechando a porta ao passar. Não tive tempo para recuperar o fôlego antes de meu telefone tocar. Atendi com um sorriso.

— *Por favor, diga que você vai comigo!* — Exclamou Rosie. Fiquei contente por ela estar se sentindo melhor e mais contente ainda por ela estar tão animada em ver nossos pais novamente.

— Sinto muito, Rosezinha. Tenho uma tonelada de trabalho e, além

disso, quero o apartamento novo só para mim desde que entrei nele. Vou colocar *Panic! At The Disco* no último volume, dançar pelada, comer pizza e pintar enquanto você não estiver. — Apesar de uma pontada de tristeza em não estar lá com a minha família, isso realmente parecia uma ótima ideia. Certamente superaria nossos dois últimos Natais, um dos quais acabou comigo dando a Rosie um frasco de perfume pela metade, embora ela fingisse que era novo.

— *Não vou a lugar nenhum sem você, sua puta louca. Não no Natal.*

— Rosie... — suspirei, afastando a minha cadeira de escritório da mesa e levantando.

Passei os dez minutos seguintes no banheiro, em multitarefas, na tentativa de convencê-la e penteando os cabelos com os dedos, tentando ficar bonita.

— Você está sendo ridícula. Acabei de ver Mama e papai. Já tem dois anos que você não os vê. Por favor.

— *Venha comigo* — insistiu novamente.

— Quero guardar um pouco de dinheiro.

— *Você ganha uma fortuna!*

— Agora pode até ser, mas quem sabe o que vai acontecer em um ou dois meses?

O silêncio reinou. Ela sabia que eu estava certa. Eu ainda procurava outro emprego, sabendo que este era apenas temporário. Vicious mesmo quem disse. Ele nem mesmo morava em Nova York durante o ano todo.

Dei-lhe o empurrão definitivo.

— De verdade, você tem noção de há quanto tempo não tenho um lugar só para mim? Aliás, eu vou guardar rancor de você para sempre se desperdiçar a passagem. Não é reembolsável. Não preciso ver sua cara de desculpas durante o Natal de jeito nenhum. Vai.

— *Eu te amo* — disse ela com uma risada triste.

— Idem, irmã. — Sorri. — Agora, vá fazer as malas. Você tem um voo para pegar dentro de poucas horas.

— *Tudo bem, mas você contou à Mama sobre Rato? Pensei que tinha mencionado que vou adotar um filhote de cobra com ele.*

— Rato? — Franzi o nariz.

— *Meu namorado motoqueiro!*

Eu ri. — Ah, sim, ela sabe que você está saindo com ele. Disse que adoraria conhecê-lo logo e que tem uns insetos no sótão dos Spencer mesmo, então, a cobra se sentirá em casa.

A caminho da sala de Vicious, tentei desesperadamente regular as batidas do meu coração. O que eu estava fazendo, desejando ter um caso com o homem que destruiu a minha vida? Era imperdoável. Mas eu o desejava e estava cansada de me privar do que queria.

Bati à porta dele, como o esperado, e esfreguei as mãos nas coxas, olhando para Patty na mesa de vidro da recepção, que me deu um sorriso caloroso. Sorri de volta.

— Entre — grunhiu Vicious. Ele estava atrás da sua mesa de vidro, com as mãos espalmadas nela.

— Sobre a fusão? — Agarrei o *iPad* ao peito. Eu me senti bastante orgulhosa de conseguir formar frases coerentes, levando em conta a minha reação física a ele. — Você queria analisar algumas coisas?

— Vire-se de frente para a porta — mandou, ignorando completamente a minha pergunta. Ele ainda lia algo na tela de seu laptop.

Franzi a testa. — Como é? Por quê?

— Porque eu sou seu chefe e estou dizendo que porra fazer. — Ele levantou os olhos da tela, perfurando a fina camada de falsa confiança que eu usava.

Seu semblante era inexpressivo, mas seus olhos encapsulados brilhavam. O jeito que ele me olhava, com suas íris azul-escuro, me despindo peça por peça, me fazia querer me jogar em cima dele, igual a todas as outras garotas sem-vergonha do colégio. Lentamente, virei e olhei para a porta, meu coração galopava, preenchendo meus ouvidos com estrondos violentos. Fiquei contente por, diferente do resto das salas pelo corredor, a dele ter apenas uma parede de vidro. A porta no centro era feita de madeira sólida preta.

— Isso é por causa de ontem à noite? — Perguntei.

— Não.

Senti cada um de seus passos, fazendo meu interior estremecer. Meu ventre se comprimiu e uma onda quente de desejo golpeou a minha

pélvis. Em segundos, o corpo dele estava encostado às minhas costas e ele era mais quente do que eu me lembrava. Maior. Até mais inebriante do que quando tinha dezoito anos. Seus lábios encontraram o ponto fraco em minha nuca, roçando – não beijando – e me provocando com a promessa de algo mais.

— É por você ser uma mentirosa quando tinha dezessete anos. E por ainda ser uma mentirosa agora com vinte e sete. Você fodeu um dos meus melhores amigos quando, na verdade, queria me foder. Está na hora de se redimir, Srta. LeBlanc.

Ele serpenteou o braço em meu ombro, segurando meu rosto e levando a minha cabeça para trás ao encontro de seu peito. Seus lábios encontraram a minha têmpora e eles cheiravam a café, luxúria e a ele.

— Estou cansado de brincadeiras de criança com você — rosnou com a voz muito baixa – tão baixa – e senti sua boca quente se movimentando na minha pele. — Estamos os dois na mesma situação agora, ambos solteiros e cheios de desejo um pelo outro. Isto vai acontecer. Nós vamos foder. Diga que sim.

— Vicious... — comecei, mas quando ele puxou o meu cabelo suavemente, estendendo meu pescoço e puxando a minha cintura com a mão livre, minha bunda tocou em sua ereção grossa e latejante. Meu traseiro estava encostado em sua virilha e senti o quanto ele me queria.

Minha necessidade por ele tinha a mesma força. Uma sensação quente e arrebatadora fez minhas coxas tremerem e contraírem. Eu queria dar uma mordida no fruto proibido, o qual havia convencido a mim mesma que era venenoso. Ele me deu sofrimento, mas, ironicamente, esse sofrimento me deu vida.

— Diga. Que. Sim. — repetiu.

Eu precisava dizer que não, mas queria dizer que sim, então, optei por um aceno mudo.

— Boa garota — sussurrou. — Eu sabia que você mudaria de ideia contanto que não tivesse que me olhar nos olhos quando admitisse.

Ele me girou e, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, *qualquer coisa*, sua boca atacou a minha. Todas as dúvidas que eu tinha

evaporaram. Sua língua abriu meus lábios, desta vez, exigente, sem perguntar, e eu me lembrei de como eu não permiti que isso acontecesse na primeira vez que nos beijamos. Agora, não havia impedimento. Não havia Dean. Nem HotHoles, nem Todos Santos. Apenas dois adultos famintos e selvagens que queriam arrancar as roupas um do outro.

Eu queria me dissolver em fumaça para rastejar para dentro dele e nunca mais sair de lá. Era uma loucura, mas era nessa intensidade que eu desejava este homem.

Sua boca era quente; seu beijo, voraz e violento. Como se ele estivesse tentando apagar cada vestígio de cada outro homem que me saboreou – um ritmo instável que fez meu coração perder várias batidas. Eu estava tão excitada que pensei que fosse morrer bem ali em seus braços se ele não tirasse a minha roupa. Só que eu não poderia lhe pedir isso. Por um detalhe: eram 9h da manhã e o andar estava lotado de colegas de trabalho. Quando ele me pegou pela bunda e levantou meu corpo para que minhas pernas envolvessem a sua cintura, eu sabia que estávamos a segundos de fazer algo nada profissional contra a porta do escritório.

— As pessoas podem nos ver — gemi em seus lábios.

— E? — Seus dentes prenderam meu lábio inferior suavemente e o puxaram para dentro de sua boca. Ele chupou com vontade. Seus olhos estavam encobertos com outra coisa que não era o tédio.

O fato de que era eu quem o deixava desse jeito fazia meu coração inflar.

— E isso é uma total falta de profissionalismo — falei, manifestando meus pensamentos, mas não me afastei.

Ele estava certo. Nós nos desejamos durante todo o tempo no Ensino Médio. Eu seria boba de tentar transpor os meus sentimentos por ele em algo com um de seus melhores amigos, e foi abominável me afugentar em vez de me reivindicar como deveria ter feito.

Era óbvio que não tínhamos futuro. Coisas horríveis demais aconteceram entre nós. Mas isso não significava que não podíamos aproveitar o presente até que ele tivesse acabado com a vingança e voltasse para a sua vida em Los Angeles.

— Emilia. — Seu tom de voz barítono ecoou no meu ouvido. Ele não me chamou de Millie, mas, pelo menos, parou de me chamar de Criada. — Não dou a mínima para quem nos vê e provavelmente seja melhor que eles saibam que não se deve mexer com o que me pertence.

— E quanto às regras da empresa sobre as quais você advertiu Floyd?

— Fodam-se as regras. Eu sou o dono da empresa.

Apesar de suas palavras e de seu toque, consegui espalmar seu peito e o empurrar. Meus lábios latejavam com nosso beijo ardente e senti a batida da minha pulsação na minha têmpora.

— Não podemos fazer isso aqui — argumentei, tentando convencê-lo, e a mim também.

Ele não pareceu intimidado, mas caminhou até a sua mesa e pegou suas chaves e o celular. Pressionou o interfone com o olhar ainda em mim.

— Recepcionista — rosnou. — Cancele tudo o que tenho para hoje. Você tem acesso ao computador da Srta. LeBlanc. Minha agenda está nele.

— *Está tudo bem?* — Ouvi a voz suave e feminina de Patty do outro lado da linha.

— Estou doente e a minha assistente precisa cuidar de mim.

Ele desligou e arrumou seus arquivos numa pilha organizada, me ignorando mais uma vez. Eu sabia exatamente o que isso significava e meu coração acelerou descontroladamente em meu peito.

Batendo no queixo, eu disse:

— Doente, é?

— Sim. — Ele nem olhou para mim. — Estou doente *pra* caralho por não estar dentro de você, onde eu deveria estar há muito tempo. Agora, vamos.

Parecia a caminhada da vergonha conforme fazíamos o longo caminho de sua sala até o elevador, com ele segurando meu cotovelo possessivamente, como um guarda me escoltando para fora do local. Todos nos olhavam. E quero dizer *todos*. Olhando para nós através das paredes de vidro de suas salas, espiando da cozinha e olhando de relance por trás da área da recepção.

Eu não me importei tanto quanto deveria. Este não era um emprego legítimo e Vicious não era um chefe legítimo. Isto era um acordo que acabaria logo, então, eu tinha que pegar o que quer que conseguisse antes que o tempo acabasse.

Quando entramos no elevador, outro funcionário de terno tentou se juntar a nós.

— Saia — disse Vicious simplesmente e o homem saiu do elevador sem nem pestanejar.

Fiquei boquiaberta, Vicious socou o botão que fechava a porta e imprensou meu corpo na parede prateada.

— Então, onde estávamos?



Eu estava rezando para que mais ninguém testemunhasse o fato de que Vicious estava a segundos de me comer, mas essa esperança era inútil. Quando o elevador apitou para abrir e nós saímos cambaleando no saguão lotado do prédio, meu lábio estava ferido por causa de um de seus beijos selvagens. Eu estava sangrando. Para ser justa, eu o mordi primeiro, mas o estava provocando. Ele, por outro lado, estava... *louco* era a palavra adequada.

Nossos passos apressados nos levaram em direção à saída e eu sabia que nossos apartamentos estavam a apenas dez minutos de uma caminhada curta, mas parecia estranho fazer essa viagem a pé enquanto estávamos tão agitados e com tesão. Minha calcinha estava tão ensopada que esperava que as pessoas não pudessem vê-la através da minha legging com estampa de Natal. Por sorte, ela era feita de um tecido grosso.

Vicious continuava a me guiar pelo meu cotovelo, o que deveria parecer galante e lisonjeiro, mas eu não tinha nenhuma ilusão do que era isso. Eu o conhecia bem o suficiente, apesar de todos esses anos, para saber que romance simplesmente não fazia parte do cardápio dele. Ele era tão disponível emocionalmente quanto uma britadeira. Isto era pura luxúria, explodindo depois de uma década fervendo

silenciosamente, fermentado pela frustração, ciúmes e ódio.

Assim que passamos pela porta giratória, correndo pela rua através do frio de dezembro e da multidão de consumidores de Natal, eu comecei a rir. Estávamos andando tão rápido que nossas bundas poderiam muito bem estar em chamas.

— Eu quero saber o que é engraçado? — Seu rosto estava tenso e eu soltei outra risada.

Eu não deveria ter rido. Tinha sangue em meu lábio inferior e ele sustentava uma ereção visível. Porém, ele parecia *muito* sério. Como se estivesse me acompanhando até um pronto-socorro e não para a sua cama.

— É só o jeito que estamos agindo, como dois estudantes que acabaram de descobrir que um deles tem uma casa vazia — falei, lutando contra outra explosão de risadas.

Ele apertou meu cotovelo e viramos a esquina, quase correndo.

Minha risada parou quando passamos pelas portas de vidro do arranha-céu onde morávamos. Vicious socou o botão do elevador três vezes seguidas e começou a andar de um lado para o outro, esperando que abrisse. Ele correu a mão pelos seus cabelos pretos.

— Rosie está em casa — falei, engolindo em seco.

Ele se virou para me olhar e eu juro que pareceu que sua ereção iria romper o zíper ou que o zíper iria quebrar sua ereção. De um jeito ou de outro, iria doer.

— Vamos para a cobertura — falou, enfiando uma mão mais profundamente em seu cabelo despenteado e puxando-o impacientemente.

— Ela poderia esbarrar com a gente no elevador. Ou no corredor. Ou...

De verdade, eu não me importava com Rosie nos flagrando. Eu era adulta e, além disso, nós duas levamos homens para o nosso antigo apartamento algumas vezes. Quando isso acontecia, a outra irmã desaparecia. Não. Eu estava claramente enrolando e não sabia por quê.

— Certo. Vamos pegar um táxi. O *Mandarin Hotel* não é tão longe. É uma aposta arriscada nesta época do ano, mas eles devem ter um ou

dois quartos disponíveis. Se não, sempre haverá o banheiro do *Starbucks*. — Ele se virou e começou a caminhar em direção à entrada. Eu segurei sua mão e o impedi, e nossos olhos se encontraram. — Sério, Vicious? Depois de dez anos de espera, é assim que você quer fazer isso? Um hotel no meio da manhã?

— Caralho. — Seu maxilar se contraiu e ele soltou um suspiro, fechando os olhos. — O que você acha que iria acontecer quando abandonamos o trabalho? Que poderíamos assistir a um filme da Jennifer Lawrence debaixo da porra da coberta?

Ele parecia tão nervoso que pensei que fosse explodir no piso de mármore. Espalmei a gola de sua camisa social e isso pareceu acalmá-lo um pouco.

— Comprei uma passagem de avião para Rosie voar para casa e ver nossos pais. Ela deve pegar seus remédios por volta das 18h e, depois, vai para o aeroporto direto. Ainda podemos retornar à empresa e voltar para cá depois que ela tiver ido.

— De jeito nenhum — ele praticamente cuspiu. — Vamos passar o dia sozinhos.

Quando ele não se mexeu, apenas ficou me encarando como se fosse me jogar no chão, eu entrelacei os meus dedos, contorcendo-os.

— Eu poderia te mostrar Nova York.

— O quê? — Ele franziu as sobrancelhas.

— Te mostrar Nova York. Mostrar onde gosto de ir, onde gosto de comer. Mostrar por que é tão melhor que Los Angeles, por que Frank Sinatra, Woody Allen e Scorsese falam muito sobre este lugar louco com este tempo louco como se fosse o paraíso.

— Querida, eu não curto monogamia. — Ele balançou a cabeça para os lados como se eu tivesse perguntado se ele conseguia abrir o mar.

— E isso soa muito como um namoro.

— Não é — protestei, sentindo meu rosto ferver. — Além disso, eu me lembro vividamente de você ter me convidado para jantar ontem. O que mudou?

— Aquilo não foi um encontro. Eu apenas estava com uma fome do caralho.

— Bom, o que te faz pensar que eu gostaria de namorar alguém tão

abominável quanto você, afinal? — Inclinei a cabeça como um passarinho, meus olhos ardiam intensamente.

— Sei lá. E não me importo. *E* eu não curto namoros — repetiu, dando um passo para trás e balançando a cabeça. Seu rosto corou e desta vez não foi apenas por causa do frio.

Bom Jesus e seus santos apóstolos.

A esta altura, já estava cansada deste disparate, então, resolvi acabar com a conversa.

— Sério? — Bufe.

— *Sério* — declarou.

— Então, se eu te disser que quero refazer nosso último ano em um dia... Ir patinar no gelo no Rockefeller Center e te deixar chegar à segunda base como dois adolescentes... — diminuí a distância entre nós, beijando um pedacinho de seu pescoço exposto, e ele parou de respirar. — E comer no *P. J. Clarke's* e irmos para a terceira base no banheiro... — rosnei as palavras contra sua carne quente e arrastei meus olhos para cima, para encontrar os seus olhos tempestuosos. — E terminar o dia num show na *Broadway*, onde eu faria algo muito inapropriado por baixo do seu assento... — Fundimo-nos um no outro e, com toda a certeza, senti o volume em sua calça ficando maior contra a minha barriga. — Você diria... não?

O rosto dele era a coisa mais engraçada do mundo quando mudou de surpreso para ansioso, depois, finalmente para excitado.

— Porra — resmungou ele, pressionando o pau duro em mim. De fora, deve ter parecido que estávamos compartilhando o abraço mais obscuro de todos. — Estou prestes a ir esquiar no gelo em troca de uma punheta e não tenho mais dezesseis anos.

— Você está completamente a caminho de um encontro à luz do dia — brinquei.

Ele revirou os olhos, mas me seguiu de volta para o lado de fora e para a estação de metrô mais próxima, abotoando seu casaco de lã para cobrir o enorme volume entre suas pernas.

— Mostre o caminho.



Apesar da minha provocação, eu não planejava levá-lo de verdade para patinar no gelo. Porém, ainda não contaria para ele. Na verdade, eu estava gostando de vê-lo sentado à minha frente no metrô. Com o maxilar rangendo. As sobrancelhas franzidas. Os olhos fixos nos meus. Estávamos alheios ao barulho ao nosso redor – os casacos úmidos e fedorentos roçando em nós, os *Kindles*, os livros e as sacolas com almoços comprados que cheiravam a comida asiática e cutucavam nossas costelas. Éramos apenas nós.

Não conseguia me lembrar da última vez que passei o dia me divertindo na cidade sem pensar em conseguir mais turnos ou resolvendo alguma coisa.

Também não conseguia me lembrar da última vez que passei o dia com um homem que deixava meus joelhos bambos, minha respiração instável e meu coração parecendo que não me pertencia mais.

— Isso não significa nada — disse ele em frente ao meu assento, distorcendo as palavras que eu disse ontem quando o deixei entrar no meu apartamento.

— Estou te chamando para patinar no gelo comigo, não tentando derreter o gelo do seu coração frio — repliquei do mesmo jeito que ele me respondeu há menos de 24 horas.

Ele abriu um sorriso raro.

— Onde estamos indo de verdade? Este não é o caminho para o Rockefeller Center.

— Sempre tão perceptivo, Sr. Spencer. — Levantei e segurei em uma das alças quando chegamos à estação da Rua 77. Ele me seguiu. — Nós vamos ao Met, Museu de Arte Metropolitana.

No Met, havia uma exibição especial sobre a anatomia humana, entre outras. Também era extra realista e obscena. Quando estávamos esperando na fila para comprar os ingressos, eu disse a Vicious que quase desmaiei quando vi uma múmia de verdade na primeira vez que visitei o museu. Ele riu e disse que uma vez foi ao Mütter Museum, na Filadélfia, numa viagem escolar e vomitou quando viu alguns restos

do cérebro de Einstein.

— Não posso te condenar. Tem coisas que é melhor deixar na imaginação... Embora eu também não consiga me ver nunca querendo imaginar isso. — Franzi o nariz quando entramos na exibição.

Amassei o livrinho que estava segurando para liberar um pouco da tensão do meu corpo. Paramos perto de uma fotografia de um coração de verdade, colocado sobre um cubo branco. Estava sangrando e parecia vivo, como se ainda estivesse batendo há pouco tempo.

Eu vi a arte nele.

Caramba, eu queria correr de volta para casa e pintá-lo.

— Eu tinha treze anos e estava tudo uma bagunça. O cérebro sempre me pareceu a parte mais importante e íntima do corpo humano. Talvez porque foi o que restou da minha mãe depois do acidente, ela ficou paralisada do pescoço para baixo, mas completamente lúcida. Ainda era ela mesma.

Eu não quis pronunciar nenhuma palavra porque parecia importante deixá-lo falar. Estávamos encarando a fotografia quando ele acrescentou:

— Gosto do jeito como você encara a realidade sem desviar o olhar. Você não é covarde, Emilia.

Assenti. — Nem você. Quero dizer, você é louco, mas corajoso.

Andamos um pouco para a direita, olhando outra obra. O tempo passou depressa, depressa demais. Quatro horas do nosso dia dentro do museu e eu estava faminta, então, sugeri que fôssemos comer alguma coisa. Vicious concordou. Fiquei surpresa que tenhamos chegado tão longe sem que ele reclamasse por estarmos tanto tempo aqui. Caminhamos em direção à saída, entretanto, ele me segurou pela gola do meu casaco e me empurrou para um canto atrás de uma parede que levava ao banheiro. Era silencioso e isolado. Só mais um fim de dia morto antes do Natal.

Seus lábios encontraram os meus rapidamente quando ele murmurou:

— Onde está a segunda base que você me prometeu?

Uni os dedos em volta de seu pescoço e esperei que ele fizesse alguma coisa.

Eu era uma boa garota.

Ele era um garoto mau.

Ele sabia o que fazer.

Vicious encostou os lábios nos meus, me dando um beijo lento e demorado – me provocando desta vez –, depois, se afastou e me observou com olhos estreitos de predador.

— Estimulante — resmungou.

Concordei. Um bom beijo demorado era melhor que um sexo casual rápido. Ele abaixou a cabeça de novo para outro beijo, aprofundando-o, e chupou a minha língua *avidamente*, segurando a minha bunda *firmente* com uma mão e acariciando meu pescoço com o polegar *suavemente*.

— Você pensa muito nisso? Em me beijar desse jeito? — Minha voz estava rouca. Eu o senti assentindo mesmo estando de olhos fechados. A eletricidade entre nós dois era torturante. Meu corpo implorava por mais dele e perseguia seu toque, desesperado para estar mais perto.

Minha obsessão. Minha inspiração. Meu inimigo.

— A porra do tempo todo, Emilia. Eu queria apertar essa bunda... — Ele agarrou a minha bunda, me puxando para roçar em sua ereção, seus lábios caçavam os meus com beijos lentos e animados que tanto me inebriava quanto me acalmava. — Sentir esses peitos... — Seu polegar calejado se arrastou do meu pescoço para a clavícula e antes que eu me desse conta, ele massageava meu seio direito por cima da roupa enquanto chupava o meu queixo. — Beijar essas porras de lábios do caralho que sorriam para *ele*. — Ele me beijou incansavelmente.

Isso me quebrou.

Isso me renovou.

Isso me arruinou.

Eu nem abordei o assunto de Dean porque o meu ex-namorado parecia ter seguido em frente muito bem. Depois de esbarrar em Vicious, dei uma espiada no *Facebook* de Dean, minha curiosidade e minha culpa levaram o melhor sobre mim. Eu vi que ele estava feliz, satisfeito e, sem surpresa nenhuma, tinha virado um mulherengo. Por algum motivo, isso me fez sentir melhor. Por eu não mais ocupar a sua mente.

Ao contrário de Vicious. Eu estava lá em sua cabeça. Eu estava lá e ele odiava isso. Era por isso que estávamos nos beijando neste momento. Porque ele continuava dizendo que me odiava, mas eu... eu não acreditava nele. Pelo menos, não agora.

— Então, por que você era tão abominável? — Eu não tinha certeza se estava furiosa ou louca por ele. Minha mente ziguezagueava numa confusão sempre que ele estava por perto.

Sua ereção ainda estava cutucando a minha legging “Rudolph, a rena do nariz vermelho” quando ele desceu os beijos para os meus seios, me ignorando, empurrando meu suéter para baixo e chupando meus mamilos por cima do sutiã. Eu o senti pulsando perto da parte de dentro da minha coxa e eu quis que cada centímetro dele me preenchesse. Eu desejei. Mas o semblante de Vicious ficou sério.

— Emilia... — avisou.

— Não, fale. Como diabos isso ainda importa? Você conseguiu o que queria. Eu fui embora. Então, por que você não tira a minha angústia? Ele suspirou, afastando-se e me prendendo com seu corpo, seus braços em cada lado do meu corpo me encurralando contra a parede. Seu olhar estava no chão.

— Eu estava traumatizado da cabeça aos pés, porra. Fisicamente marcado. Mentalmente desfigurado. As surras que levei de Daryl Ryler me destruíram. Eu não podia tirar a minha camisa quando todos iam à praia. Não podia foder as garotas com a luz acesa. Eu não podia respirar sem pensar no monstro que eu era por baixo das minhas roupas, por baixo da *minha pele*. E, então, havia você. Pura e sem cicatrizes, com seus enormes olhos bondosos e seu sorriso sincero. Você era tão limpa e eu, imundo. Acho que eu queria te sujar.

“Depois, aconteceu aquela merda com Ryler. Pensei que você tinha descoberto o que ele fez comigo. Eu estava com medo de que você fosse contar às pessoas. Eu não podia correr esse risco, então, te amedrontei. Depois, te expulsei. Eu só faço merda, Emilia. Sei disso. Não estou te pedindo para me consertar. As coisas são como são. Nós vamos foder. Nós vamos nos usar. Até que um de nós encontre outra pessoa que prefira.

Ele queria que fosse casual. Tudo bem.

Ele era luz numa névoa escura. Mas eu sabia melhor que ninguém o quanto as lindas chamas dançantes nele podiam queimar. Se eu tratasse isso como um casinho, meu coração ficaria protegido. O dele também.

— Você já namorou sério? — Eu praticamente suspirei a pergunta.

Estávamos esfriando. Seu corpo ficou tenso e sua postura, ereta. Viramos em direção à porta de saída e retornamos nossa viagem para o metrô. Eu o segui. Dizer que eu estava satisfeita com a justificativa dele era uma mentira, mas me acalmou. Pelo menos um pouco.

— Nunca — disse ele sem emoção. — Você já? Fora...

— Dois namorados sérios aqui em Nova York. — Assenti, cortando suas palavras antes que ele pudesse dizer seu nome. Dean o magoou, como Vicious me magoou. Eu entendo isso agora.

— Mmm — foi tudo o que ele disse. Entramos na estação de metrô e tivemos sorte em pegar um trem que tinha acabado de parar. Estava lotado, mas eu desconfiava de que não era o único motivo por ele ter me prendido a uma das paredes amarelas com seu corpo inteiro para que ninguém mais pudesse me tocar.

— Você estava apaixonada por eles? — Seus lábios dançavam contra os meus.

Dei de ombros.

— Como ter certeza? Eles eram bem legais.

— Entendi. *Legais*.

Era tudo o que seu advogado interior precisava dizer para encerrar o caso. Seu sorriso arrogante ficou ali durante toda a viagem.

Canalha.



Fizemos uma parada no Rockefeller Plaza. Eu disse a ele que queria ver a árvore e as pessoas patinando. A verdade era que tudo o que eu queria era pressioná-lo um pouco mais. Testar sua paciência. Ver até onde ele estava disposto a ir. Acontece que era longe *pra caramba*. Mais longe do que eu jamais soube que ele foi com uma

garota. Isso, por si só, massageou meu ego em lugares que me deram arrepios de prazer.

Nossa próxima parada foi o bar *Thin Crushed Ice*, em East Village. Nunca estive neste bar antes, mas sempre passei por ele quando ia à loja *The Paint Store* para comprar material de pintura e imaginava como seria lá dentro. Então, tecnicamente, não era um dos meus lugares preferidos, mas eu desconfiava de que se tornaria um. O local era sexy e escuro, com uma cabine telefônica como entrada, conduzindo a um bar aberto com parede de tijolos expostos, taxidermias de óculos escuros e gravatas e teto de madeira que fazia parecer como se estivéssemos em algum lugar longe de Nova York. Estava cheio de hipsters, apesar de ter acabado de passar das 18h em um dia de semana.

Vicious sentou em um dos sofás pretos de couro dentro de uma cabine e, quando eu fui sentar à sua frente, ele balançou a cabeça como se eu fosse uma recruta e deu um tapinha no espaço ao seu lado. Sentei perto dele e ele passou o braço pelo meu ombro. Fechei os olhos e me permiti sentir o cheiro dele – absorvê-lo de verdade – apreciando o momento tranquilo de tê-lo para mim.

Quando abri os olhos, ele me lembrou mais uma vez que isso não era um encontro.

— Beba. — Ele jogou o cardápio de coquetéis em minha direção, pegando seu celular e verificando seus e-mails. — Mas não muito, senão eu não serei capaz de te foder por você estar bêbada.

A maioria das garotas teria ido embora neste momento. Mas eu sabia que Vicious tinha que compensar por ter ficado vulnerável no Met quando admitiu se sentir fraco. Quando ele admitiu derrota.

— Com essa atitude, você também não vai se dar bem me deixando sóbria. — Olhei o cardápio de comida e, obviamente, desejei cada prato. Minha boca aguou mesmo mal sabendo o que era a metade das coisas ali. Elas pareciam sofisticadas. Uma mistura de asiática com mediterrânea. Eu não ligava para o que significavam, só queria todas elas na minha barriga.

Quando levantei a cabeça do cardápio para perguntar o que ele queria, eu o vi olhando para mim de uma maneira estranha

novamente. Ele fez isso o tempo todo no museu, mas na hora eu não quis estragar nosso dia de diversão perguntando por quê.

— O que foi? — Perguntei, enfim.

— Terceira base é oral, certo?

Revirei os olhos. Justo quando eu estava prestes a responder, a garçonete se aproximou da nossa mesa. Ela era a mãe de todos os hipsters, com os cabelos tipo os meus e piercings faciais suficientes para se passar por uma peneira humana. Ela abriu a boca para nos cumprimentar, porém, Vicious a cortou.

— Tudo. — Ele jogou os cardápios na direção dela, voltando a olhar para mim, mas ainda falando com ela. — Apenas traga tudo. Coquetéis. Comida. Tanto faz. Tudo. Agora vá.

Minha resposta instintiva seria levantar e ir embora antes que qualquer um chegasse à conclusão de que eu concordava com esse tipo de comportamento grosseiro. Eu estava me arrastando em direção à beirada do meu assento quando ele me puxou para seu corpo, com força.

— Mas que diabos? — Fiz cara feia para ele.

— Você não me respondeu. — Ele olhou para mim sério. — O que inclui a terceira base? Você passar sua boceta na minha língua e chupar meu pau?

Bom. Deus.

Não conseguia acreditar que eu tinha uma queda séria por este homem. E eu, definitivamente, não conseguia acreditar que estava preocupada em dormir com ele sem partir meu coração. Isso seria fácil.

— Vic — chiei. — Não finja que não sabe o que é terceira base.

— Eu prefiro a terminologia do futebol, já que sou mais familiarizado com o jogo. E é por isso que sei que definitivamente vou marcar um gol esta noite.

— Suave. — Continuei sem sorrir.

— E grosso — acrescentou. — Ligeiramente curvado para a direita.

Eu estava prestes a levantar de novo, entretanto, a garçonete se aproximou com cerca de dez taças na bandeja. Em vez de ir embora, joguei para dentro dois coquetéis como se fossem doses e limpei a

boca com as costas da mão. Eu não estava exatamente mantendo a classe, entretanto, meu chefe estava me consultando sobre sexo oral. Os limites estavam ficando embaçados, e estavam ficando embaçados com cada grama de álcool que entrava na minha corrente sanguínea. Vicious tomou um gole de cerveja. Lentamente. Completamente controlado. O caçador era sempre mais calculista e estava sempre no comando. E aí tinha eu, me debatendo como uma presa sem esperança.

— Por que você nunca foi atrás de uma carreira de pintora? — Perguntou.

Isso soou mais como uma acusação do que como uma pergunta. Algumas comidas que nós pedimos chegaram e eu peguei com o meu garfo, provando um pouco de tudo.

— Eu fui e também trabalhei com outros artistas. Estagiei em uma galeria aqui em Manhattan depois que me formei. Depois, Rosie se mudou para cá e ficou doente, então, ela não conseguiu se manter num emprego firme de meio período. Por que se tornou advogado?

— Gosto de discutir com as pessoas.

Eu ri. Tinha que concordar.

— Mas você escolheu fusões e aquisições, não é uma maneira rápida e dramática de praticar essa habilidade — argumentei.

Ele pegou uma azeitona e a levou aos meus lábios.

— Abra — falou sombriamente.

Eu abri.

— Não engula.

Sorri com a azeitona entre os dentes, desafiando-o. Ele veio e me beijou com força, enfiando a azeitona para dentro da minha boca com a língua. Ou eu engasgava ou engolia. Escolhi engolir.

Ele se afastou de mim, mas seu olhar continuou em meus lábios.

— Isso é uma boa prática. Quanto à lei, não tenho nenhuma vontade de acobertar as merdas de outras pessoas. Prefiro ver meus clientes dobrando e triplicando seus investimentos... e os meus. As pessoas não me pagam por causa do meu pedigree de faculdade de Direito. Fui para uma universidade de merda em Los Angeles e me formei com pessoas que foram trabalhar fechando casas e perseguindo

ambulâncias. As pessoas me pagam para fazer dinheiro e eu faço uma tonelada dele.

— Qual é desse seu fascínio por dinheiro? Você já tem tanto.

Ele se inclinou para frente, pegando um cacho do meu cabelo lavanda.

— Dinheiro é como boceta, querida. Nunca se tem o suficiente.

— Sim, e isso te faz feliz. Você percebe o quanto você soa como um clichê ambulante?

Seus olhos brilharam com algo malicioso.

— Eu estou feliz. Nunca estive tão feliz. São sete horas, então, Rosie já deve ter ido. Vamos antes que eu aceite a oferta sobre a terceira base bem aqui na mesa.

— Tem mais um lugar que quero ir antes — falei.

— Puta que pariu — chiou. — Que tal você manter a sua parte do acordo, Srta. LeBlanc?

— Eu vou. Em algum momento. A paciência é uma virtude.

— A paciência pode ir se foder. Onde quer que vamos, é melhor que seja confortável, porque vou te saborear lá.



VICIOUS

CAPÍTULO DEZESSEIS

EU SÓ CONSEGUIA pensar em ir para a cama com ela. Não queria questioná-la sobre isso. Não queria conhecê-la melhor. Eu já estava quebrando cerca de cinco mil regras diferentes só de passar o dia com ela. Cada minuto que passava fora da cama era um risco. Mas parecia que quanto mais eu agia como um porco rude e nojento, mais ela perguntava sobre a minha profissão, meus passatempos, minhas preferências.

As pessoas nunca deram a mínima para essas coisas. Nunca. O interessa dela em mim não me fazia sentir bem. Fazia eu me sentir estranho.

Fomos para a Broadway depois. Rezei para que ela não tivesse realmente planejado que assistíssemos a uma peça. Eu não tinha nada contra os shows da Broadway, mas quando um deles estava no caminho entre mim e a boceta tão desejada dela, eu estava disposto a pôr fogo em toda a porra da rua. Já tinha começado a fazer os cálculos na minha cabeça. Calculando a sentença por atear fogo num prédio ocupado. Incêndio criminoso, possível tentativa de assassinato. Eram crimes pesados. Para que eu estava olhando aqui? Pena pesada. Quinze anos no mínimo. Os diferentes estados variavam, mas Nova York era dura com seus criminosos.

Quinze anos.

Ainda valia a pena *pra* caralho.

— Vicious! — Emilia me tirou dos meus devaneios. Andei mais depressa que ela, mesmo não tendo a menor ideia de onde estávamos indo. Eu só sabia que queria acabar logo com isso.

— O que foi? — Esbravejei.

— Você ouviu alguma coisa que eu te falei?

Claro que não.

— Com certeza.

— Sério? — Ela parou e cruzou os braços. — O que eu falei? Aonde estamos indo agora?

Já tinha passado das seis e amanhã era o último dia de trabalho antes do Natal. Eu não estava no clima de testes.

Olhei por cima da cabeça dela para a placa de neon que piscava anunciando um estúdio de tatuagem e pisquei.

— Você quer fazer uma tatuagem — falei categoricamente.

Pelo olhar de surpresa em seu rosto, eu sabia que tinha entendido direito.

— De quê? — Insistiu ela.

— De... — Eu me dei um tempo para pensar mesmo não precisando de nenhum. Eu a conhecia. Na verdade, melhor que a maioria das pessoas. — Uma árvore de flor de cerejeira.

— Vai chupar.

— É o que estou tentando fazer o dia inteiro. Onde você vai fazer a tatuagem? Não quero que fique no caminho da nossa foda.

— Na nuca — respondeu. — Não se preocupe, será bem pequena.

Assenti, meu pau se contraiu duas vezes. Aparentemente, ela teve o consentimento dele também.

— Vamos te pintar.



Eu era mesmo um canalha sortudo porque a sala de visitas estava praticamente vazia, apesar de ser um dos melhores lugares na cidade. Não sabia por que Emilia escolheu me levar com ela para fazer sua primeira tatuagem, mas eu não estava nem aí.

Ela desenhou sua tatuagem no estêncil sobre o balcão, a ponta da língua dela para fora de sua boca vermelha enquanto ela franzia o nariz e desenhava. Tinha uma garota gótica com maquiagem pesada encostada em uma banqueta. Ela nos olhava igual a maioria das pessoas. Como se Emilia tivesse me sequestrado ou como se eu fosse seu irmão sensato. Éramos tão diferentes que beirava o cômico. Eu,

com meu terno habitual, casaco caro e um ar de idiota rico, e ela, com seu suéter vinho borgonha, gorro, legging de Natal e botas militares. Quando Emilia acabou e mostrou sua arte para a garota – era até colorido e sombreado –, ela assentiu e levou o desenho para a sala dos fundos. Emilia mastigava o lápis que usou e eu o tirei de sua boca, enfiando no meu bolso.

— Ei, isso nem é nosso — protestou ela.

— Eles não precisam dessa merda impregnada com sua saliva — cortei-a.

— Ah? E você precisa? — Ela sorriu.

Eu não respondi. Ela era muito ridícula. Um cara grande com um cavanhaque preto e cabelos compridos combinando – totalmente tatuado da cabeça aos pés – saiu da sala dos fundos, abrindo uma cortina preta de vinil e nos cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Meu nome é Shakespeare. E aí?

Todos apertamos as mãos. Depois, ele continuou o processo com Emilia. Já que era a primeira vez dela, ele explicou todo o procedimento em detalhes. E quando essa porra terminaria? Parecia que tinham passado dias desde que concordamos em transar.

Shakespeare, cujo cavanhaque realmente o fazia parecer um autor de peça Elisabetana, perguntou a Emilia se ela gostaria que eu a acompanhasse e entrasse com ela na sala. Ela começou a responder.

— Bom...

O que obviamente não era a resposta certa, então, eu respondi por ela.

— Eu vou entrar.

O tatuador me ignorou, alternando o olhar entre ela e eu, e abaixou o queixo.

— Ele não tem que entrar se você não quiser.

Ele que se foda! Ele fez parecer como se ela fosse uma mulher agredida.

— Na verdade, não me importo que ele se junte a nós. Sei que ele ama me ver sofrer. — Ela piscou para mim, mas não estava sorrindo, e aquela coisa em meu peito se destruiu um pouco.

Que se foda ela também!

Entramos na sala. O chão era preto e branco com móveis vermelhos

espalhados e havia fotografias emolduradas dos trabalhos de Shakespeare. Ele era bom. Fiquei um tempo apreciando sua arte. Shakespeare jogou seu *iPhone* na mesa e caiu em sua cadeira giratória em frente a uma mesa de tatuagem regulável onde Emilia já tinha subido.

— O que te pega? — Perguntou ele, piscando para ela.

Vou cortar a porra do cavanhaque dele e fazê-lo engolir.

Emilia escolheu *Nightcall*, de Kravinsky. Ele conectou seu celular a um cabo USB e a música começou a tocar em cada canto da sala. Shakespeare pediu a Emilia que tirasse o suéter e o sutiã e deitasse na mesa de bruços, e que tirasse todo o cabelo das costas. Ela levantou o suéter, expondo sua pele oliva sedosa pela primeira vez na minha frente. Meu pau implorava que a minha mente fizesse alguma coisa, qualquer coisa, para atraí-la para a terceira base como tínhamos combinado.

Quando ela pôs a mão atrás do sutiã para abri-lo e virou de costas para mim, eu explodi.

Tirei a carteira do bolso.

— Meu cartão de crédito. — Ofereci o pedaço de plástico para Shakespeare, agitando-o entre meus dedos como um suborno. — Você pode usá-lo para o que quiser. Só nos dê dez minutos sozinhos.

Shakespeare abriu a boca, sem tocar no cartão, olhando entre mim e Emilia, que parecia tão chocada quanto ele, se não mais. Mas era tarde demais para voltar atrás e eu também não queria isso.

Vamos lá, Cavanhaque. Vire-se e vá embora.

— Qualquer coisa — enfatizei, meu semblante ainda impassível. — Vá comprar uma nova cadeira. Ou uma mesa. Ou tinta, qualquer que seja a merda que precise. Por minha conta. Vá pedir comida para todo o prédio. Compre uma cama para o gato de rua lá fora mijar em cima. Vou te dar dez minutos com meu cartão de crédito se você me der dez minutos nesta sala com ela. Sozinhos.

— Seu namorado é sempre tão agressivo? — Ele arqueou uma sobrancelha para Emilia, lançando-lhe um olhar inquisidor que perguntava: “Você quer que eu te deixe sozinha com este babaca ou quer que o jogue lá fora e chame a polícia?”

Ela riu sua risada melosa de bela do sul que sempre parecia acertar a porra do meu estômago.

— Ele não é meu namorado.

A sobrançelha de Shakespeare subiu.

— Você deveria contar isso a ele. Não parece que tenha recebido o comunicado.

Irritado, enfiei o cartão de crédito em sua mão gorducha e envolvi seus dedos suados nele.

— Ei, Dr. Phil, dê o fora daqui.

Shakespeare fez o que mandei, a porta fechou e ficamos só Emilia e eu. Ela segurou o suéter sobre seu peito descoberto e sentou na mesa, sorrindo para mim.

— Terceira base? — Ela mordeu o lábio inferior.

Assenti, aproximando-me dela com passos contidos e uniformes. Eu não queria me jogar em cima dela como um tarado. Quero dizer, eu queria, mas não podia assustá-la. Não depois do dia de hoje.

Algo havia mudado, independente de eu gostar ou não. Ela sabia meus segredos. Pelo menos, alguns deles. Eu não entendia por que lhe contei tudo que fiz, mas, preocupantemente, eu não me arrependia. Nem um pouquinho.

Logo quando eu estava a centímetros de seu corpo, observando seu peito nu subindo e descendo no ritmo das batidas de seu coração, virei bruscamente para a direita e caminhei até o celular de Shakespeare.

— Aonde você vai? — Sua voz falhou no meio da frase e eu reprimi uma risada.

— Não vou te comer ao som de Kravinsky.

Afinal, era Emilia. A refeição mais importante do dia.

E Kravinsky era uma porcaria, mas eu não iria discutir música com ela. Troquei para *Superstar*, do Sonic Youth, a música que estava tocando quando tentei – e não consegui – beijá-la pela primeira vez há dez anos. Quando virei-me de volta para ela, vi em seus olhos que ela também se lembrava.

— Peça desculpas — ordenei, voltando a caminhar em direção a ela.

— Pelo quê? — Seu olhar se alterou e parecia que ela estava prestes a me dar um soco.

— Por não me beijar de volta quando você claramente queria, sua mentirosinha. Por foder um dos meus melhores amigos. Por fazer daquele ano o pior da minha vida desde os meus nove anos. Peça desculpas por não ser minha quando deveria ter sido. Porque, Emilia, querida... — Balancei a cabeça para os lados. — Sempre fomos nós dois nessa merda e você sabe disso.

— Eu não vou pedir desculpas a não ser que você também peça. Por roubar meu livro de matemática. Por me tratar como lixo... — Ela respirou fundo e fechou os olhos. — Por me mandar embora de Todos Santos.

Eu a alcancei, me posicionei no meio de suas pernas e arranquei o suéter que ela segurava ao peito. Olhei direto em seus olhos.

— Eu peço desculpas por fazer tudo isso com você no Ensino Médio, mas agora, somos adultos e acho que encontrei uma adversária à altura. Sua vez.

— Peço desculpas por ser tão fodidamente irresistível para que consiga manter sua sanidade mental. — Ela revirou os olhos.

Eu sabia o quanto era raro Emilia usar a palavra com F. Eu a adorava em seus lábios. Fiquei ali olhando para a cara dela por alguns segundos antes de deixar meu olhar descer. Seus seios eram melhores do que eu esperava. Levemente menores do que imaginara, mas com mamilos menores e mais rosados. Eram verdadeiramente PPP.

Petulantes. Piriformes. Perfeitos.

Minha pulsação acelerou e o sangue correu para o meu pau inchado.

— Posso? — Pedi. Por que caralhos eu pedi? Na verdade, quando foi que eu comecei a pedir pelas coisas?

— Pode.

Abaixei meu rosto para seu seio direito e dei uma lambida, saboreando seu mamilo entumecido, provocando. Ela suspirou e correu os dedos pelos meus cabelos.

Minhas costas arrepiaram. Chupei-a, mal aplicando uma pressão de verdade, enquanto minha mão ia para o cócs de sua calça. Enfiei-a lá dentro, movimentando o dedo pela sua calcinha de algodão.

— Jesus, Vic — murmurou ela, apertando minha cabeça ao seu peito e adorando cada momento. — Jesus Cristo.

Mudei para seu seio esquerdo e chubei mais forte, e ela reagiu exatamente como eu queria, gemendo mais alto dessa vez. Essa era a minha deixa para afastar sua calcinha para o lado. Com a mão ainda dentro de sua legging, enfiei um dedo dentro dela.

Tão apertada.

Tão quente.

Tão minha.

— Emilia — sussurrei dentro de sua boca antes de beijá-la novamente.

— Quantas vezes você me imaginou te dedando quando secretamente me assistia jogar futebol no colégio?

A música era lenta e sedutora, e estávamos completamente bêbados.

Emilia segurou meu rosto e me encarou, seus olhos brilhavam como se ela estivesse deslumbrada. Álcool? Hormônios? Quem ligava? Ela estava vulnerável. Para mim.

— Por favor, não. — Ela gemeu as palavras.

— Responda — incentivei enfiando outro dedo dentro dela. Ela estava tão molhada. Eu queria despedaçar sua legging idiota e montar nela em cima da mesa.

— O tempo todo. — Sua voz era sufocada. — Eu pensava nisso o tempo todo e me odiava por isso.

A música acabou e eu sabia que tínhamos cerca de só mais cinco minutos, se não fosse menos. Nem de perto era tempo suficiente para eu fazer o que queria. Então, em vez de me saciar dentro de sua boceta, acelerei o movimento dos meus dedos, aprofundando mais ainda dentro dela. Ela abriu meu cinto, deslizou a mão para dentro da minha cueca e apertou a cabeça do meu pau, espalhando uma gota de pré-goço nele com o polegar. Gemi e devorei sua boca enquanto ela me masturbava.

Quem teria imaginado? Emilia LeBlanc, de Richmond, Virginia. Tão doce. Tão decente. Tão fodidamente fora de si por mim, neste pequeno estúdio de tatuagem na Broadway, a dois dias do Natal.

Estávamos massageando um ao outro e gemendo nossos nomes em nossas bocas, ambos desesperados para nos certificar de que era real... Eu me dei conta de que estava prestes a gozar em seu Rudolph e na porra de seu nariz vermelho. Parei a mão dela em meu pau, ainda me

dedicando ao seu clitóris latejante. Que merda eu estava fazendo?

— Não — bradei. — Eu vou gozar.

— E? — Ela sorriu em um de nossos beijos quentes e obscenos.

— E que eu prefiro não gozar na sua mão igual a um garoto de doze anos — falei. Com dificuldade.

— Peça gentilmente, senão vou continuar.

Ela estava me ameaçando?

— Você vai se arrepender... — comecei a falar, mas ela começou a bombear mais rápido e eu cedi. Como um imbecil, eu dei o que ela queria. — Tudo bem, caralho. Por favor.

— Por favor o quê? — Provocou ela e, puta merda, ela era mais suja do que eu imaginei. Nem um pouco daquela pequena donzela inocente em apuros. — Por favor... — Limpei a garganta. — Não me deixe gozar em sua mão. — Foi neste momento que Emilia LeBlanc pulou da mesa com um sorriso malicioso que nunca havia visto em seu rosto antes e se ajoelhou para mim, seus lindos cabelos cor de lavanda em meu punho, bombeando meu pau enquanto abocanhava a cabeça dele. — Goze — falou no meu pau.

E assim eu fiz. Antes mesmo que ela terminasse a palavra.

Foi incrível, a melhor coisa que já fiz com uma mulher em toda a minha vida.

Três horas depois, saímos do estúdio de tatuagem. Ela tinha uma árvore de flor de cerejeira na pele. Não era tão pequena. Sua nuca era o tronco marrom altivo, forte, com raízes grossas enfeitando seus ombros. Flores cor-de-rosa e roxas acariciavam seu pescoço fino e delicado.

E eu estava fodido.

Fodido. Pra. Caralho.



Era estranho estar com ela na cobertura dele.

Durante todos esses anos, trouxe garotas para o apartamento de Dean diversas vezes. Eu trepava com elas na cozinha, na *Jacuzzi*, na

banheira, na varanda com vista para Manhattan e até comi uma dançarina flexível da Juilliard em seu muito estreito e muito compacto bar molhado. Não pensava muito nisso. Ele fez a mesma coisa no meu apartamento em Los Angeles. Nós simplesmente éramos assim. Mas quando finalmente chegamos em casa, perto da meia-noite, eu sabia exatamente para onde eu tinha que levar Emilia LeBlanc.

Para a cama do seu ex-namorado.

Não estava com má-intenção. De jeito nenhum. Ela estava certa. Isso era muito importante para ser feito num hotel ou em alguma *Starbucks* aleatória. Teria que ser numa cama. Ela não era uma transa de uma noite sem nome. Ela era uma fantasia e, como todas as fantasias, era para ser saboreada, apreciada e tratada com cuidado e respeito.

Além disso, Emilia não sabia que era a cama de Dean e eu não via como ocultar essa informação dela poderia machucá-la. Não fazia diferença nenhuma. Pelo menos para mim.

Ela parecia um pouco cansada no elevador, então, decidi acordá-la chupando seu pescoço, a poucos centímetros do esparadrapo cobrindo as flores cor-de-rosa. Imprensei meu corpo na parede do elevador e a levantei pela parte de trás de seus joelhos, prendendo suas pernas ao redor da minha cintura.

— Ainda está doendo? — Perguntei, passando os dedos levemente pela tatuagem protegida. Ela gemeu na minha boca e arrastou a língua pelo meu lábio inferior, mas não me respondeu. Eu queria as suas palavras. Eu não deveria ter me importado, mas me importei.

Eu a fodi por cima das nossas roupas, devagar e com calma, até as portas abrirem, depois, a carreguei pelo resto do caminho até a porta de Dean enquanto ela ainda estava presa ao meu corpo. Foi com muita tristeza que a soltei para poder destrancar a porta e, quando a abri, algo me ocorreu.

Eu sou um puta idiota.

— Feche os olhos — ordenei. Merda. Soou como se eu tivesse planejado uma surpresa para ela, mas a única coisa surpreendente era que eu era um completo e absoluto amador. Cacete.

— Por quê? — Questionou, ficando um pouco sóbria com sua exaustão induzida pelo álcool.

— Porque eu disse para fechar — falei.

— Tente outra vez. Uma versão não babaca desta vez — disse sonolenta.

Porra, era tipo um acampamento de treino comportamental com esta mulher. Respirei fundo.

— Quero que seja perfeito — expliquei quase delicadamente.

Seus olhos fecharam e ela segurou as minhas mãos – eu estava de mãos dadas com ela, caralho, outra primeira vez – e a conduzi para o quarto principal passando por fotografias de Dean com a porra da sua família grande, sorrindo para nós em cada canto da sala.

Dean tinha uma vida familiar perfeita. Pais maravilhosos, duas irmãs bem sucedidas. A coisa toda. Mas por mais maravilhosa que fosse sua família, não era interessante o bastante para eu guardar recordações deles no que supostamente era o meu apartamento. Eu não conseguiria explicar estas fotografias para Emilia e não queria contar a ela que era a casa de Dean porque não queria que ela pensasse que eu iria fodê-la para me vingar do que aconteceu quando éramos adolescentes.

Porque não era por isso.

Eu iria fodê-la porque eu queria sua boceta desde quando a vi pela primeira vez parada do lado de fora da porta da biblioteca e sabia que esses olhos de pavão me assombrariam.

Coloquei Emilia na cama e falei para continuar de olhos fechados enquanto eu corria na sala de estar. Peguei as fotografias emolduradas de Dean e de sua família e as enfiei na despensa. Havia muitas delas lá também. Por toda a sala de estar, pelo corredor e pela cozinha.

Caralho! Por que ele não podia ter tido uma família de merda como a minha? Ele poderia levar uma unidade inteira do FBI, cinquenta agentes da CIA e foder a Nancy Drew no meu apartamento e nenhuma delas iria saber que moro lá. A casa do cara era mais voltada para a família do que um restaurante *Chuck-E-Cheese*.

Levei dez minutos para me livrar das porcarias de Dean e quando voltei para o quarto, sem fôlego, vi Emilia deitada no colchão com os braços esticados como um anjo de neve, roncando suavemente.

Roncando.

Tipo, não acordada.

Roncando.

Tipo, ela dormiu.

Caralho.

— Valeu mesmo, Cole — resmunguei, mordendo o punho para suprimir um grito de frustração. O dia não valeu de nada. Não iríamos foder. Bem, não esta noite, de qualquer forma. Não que o dia de hoje tenha sido uma tortura, longe disso, eu me diverti na maior parte do tempo, mas o único motivo pelo qual concordei com ele foi porque eu sabia o que me esperava no fim.

Por um breve segundo, pensei se deveria acidentalmente acordá-la quebrando alguma coisa ou ligando a música porque simplesmente *não sabia* que ela estava dormindo, mas, aparentemente, até a minha idiotice tinha seus limites.

Eu a cobri com um cobertor – outra vez – e fui a passos largos para o closet para pegar minhas roupas de malhar. A noite era uma criança e, como sempre, dormir não estava no meu cardápio.

Malhei na academia interna que o prédio de Dean oferecia, depois, voltei para a cobertura – ela continuava dormindo – e tomei um banho. Depois de vestir um jeans e uma camiseta preta, fui descalço para a sala de estar e comecei a revisar documentos de trabalho. Havia dois acordos que eu precisava redigir antes da véspera de Ano Novo. Molezinha. Até parece que eu precisava passar um tempo com a minha família.

Às quatro da manhã, senti seus braços envolverem meus ombros por trás quando eu estava sentado no sofá, examinando os arquivos de um de meus clientes.

— Você tem insônia? — Perguntou ela sem rodeios em meu ouvido antes de soprar dentro dele me provocando. — Você nunca dorme. Nunca. Estou começando a achar que você não é humano.

— Minha madrastra parece compartilhar do sentimento. — Coloquei meu laptop na mesinha de centro e levantei, virando de frente para ela. Ela parecia como eu me sentia: bastante cansada.

— E então, você tem? — Insistiu.

— Não — menti. — São quatro da manhã. Volte a dormir.

— Não estou mais cansada — protestou ela. — E a minha tatuagem nova está ardendo.

— Tenho certeza de que não é incomum. E você pode ir dormir ou me deixar te foder, mas chega de conversa por hoje.

— Sabe de uma coisa, Vicious? Eu estou tentando. Estou mesmo, te aceitar como você é, mas às vezes nem eu sou imune ao quanto você consegue ser horrível. — Ela se virou e caminhou para o quarto.

Assisti à bunda dela desaparecer pelo corredor antes de ela voltar com sua bolsa carteiro e jogá-la sobre o ombro. Ela estava calçada. Por que caralhos ela estava calçada?

— Obrigada pelo dia medíocre. — Ela prendeu os cabelos num coque alto e bagunçado. — Te vejo amanhã no escritório.

Ela estava indo embora?

Eu me senti uma garota. Isso foi o equivalente masculino a ser comido e levar o fora. Alguns homens chamam um táxi para buscar as mulheres com quem transaram depois do sexo. Mas ela... ela apenas quis ir embora depois de tirar de mim o encontro mais longo da história.

Eu a segurei pela bunda e a puxei para o meu corpo até nossos narizes se tocarem.

— Onde caralhos você pensa que está indo? — Respirei forte na cara dela.

— Para casa, Vicious. Estou indo para casa.

— Sabe, Emilia, me sinto um pouco roubado hoje. Você consegue entender por quê?

Ela piscou algumas vezes. — Você gozou na minha boca.

— Você gozou nos meus dedos — rebati. — E mesmo assim, eu estou aqui, ainda 99,99% virgem, de acordo com você, esperando que você tire a minha virgindade.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, permitindo-me a oportunidade de admirar seus dentes brancos certinhos.

Depois, ela parou de rir e suspirou.

— Você precisa de tratamento. Estou cansada. Vou dormir. No meu apartamento. *Adeus.*

Sem pensar, empurrei meu ombro no meio de seu corpo, levantei-a

como um bombeiro faria e a carreguei para o quarto. Isso, bem aqui, foi o que quis fazer com ela tantas vezes quando a vi na arquibancada em um dos meus jogos de futebol. E derrubava caras grandes suados quando, na realidade, era uma garota pequena quem eu queria pegar. Levá-la ao chão comigo e arrastá-la para a minha cama como um homem das cavernas.

Entrei no quarto, beliscando a carne sensível na parte de trás de seus joelhos e absorvendo seu cheiro. Uma risadinha gutural escapou dela. Eu sabia que ela tinha uma ótima visão da minha bunda. Eu também sabia que ela não iria a lugar nenhum. Não desta vez. Estava acontecendo.

— Vic, me solta — grunhiu. Mentindo. De novo. Ela não queria ir embora, e nós dois sabíamos disso. Eu não respondi. — Não vou dormir no seu quarto.

O quarto de Dean, mas novamente, não havia nenhum motivo para ela saber disso a esta altura.

Eu a joguei na cama, e mordi o lábio enquanto a assistia se esparramar nela, olhando para mim com os olhos arregalados. Seus cabelos cor de lavanda estavam espalhados e prestes a serem enrolados ao meu punho.

— Isso machucou de verdade a minha tatuagem. — Suas mãos se moveram para a sua nuca instintivamente antes de ela lembrar que não deveria tocá-la. Em vez disso, ela esfregou as coxas.

— Tire a roupa para mim — resmunguei. Isso soou quase desesperado aos meus ouvidos. — Agora.

— Vou ficar com a versão não babaca, por favor.

Ela recomeçou com isso.

— Certo. Por favor, tire sua roupa. — Juntei as palmas das mãos. Eu teria ficado de joelhos se precisasse. Eu não queria fazer isso eu mesmo. Eu queria que ela viesse até mim por vontade própria. Que pedisse. Pelo que ela claramente queria tantos anos atrás.

Que parasse de mentir.

Pela primeira vez, eu queria que ela me convidasse para entrar e não ser o cara que irrompia pela sua porta.

— Não — disse ela, partindo minha fantasia em pedacinhos.

— Não? — Ergui uma sobranceira. — Então, acho que vou ter que arrancá-las para você.

— Seja cuidadoso — foi só o que ela disse, assentindo.

Tatuagem idiota.

Eu me abaixei na cama, segurando a batinha de seu suéter vermelho e tirando-o devagar, centímetro por centímetro. Cada fragmento de pele era importante. Como um baseado no fim de uma semana estressante, como uma refeição depois de dias de fome.

Eu. Iria. Saborear. Esta. Mulher.

Ela gemeu quando seu suéter caiu no chão e eu lambi seu umbigo. Usei meus dentes para me livrar de sua leggings idiota e de sua calcinha de algodão enquanto ela me observava admirada. Depois, abri seu sutiã em meio a beijos arrastados.

Ela estava nua.

Ela era minha.

Isso estava acontecendo.

Levantei, ficando de joelhos na cama e simplesmente fiquei olhando para ela por alguns segundos, assimilando tudo. Eu ia foder esta garota até não haver mais nada para o cara que viesse depois de mim. Diabos, só de pensar nisso me fez querer matá-lo.

Rastejei pela cama para o meio de suas coxas e coloquei minha virilha sobre a dela. Roçando lentamente, colocando pressão, beijei sua boca profundamente e lambi seu pescoço, seus ombros, o vão em sua garganta. Ela suspirou e agarrou a minha bunda por cima do jeans, apertando, antes de desabotoar a calça e empurrar meu jeans junto com a minha boxer. Minha carne encontrou sua pele quente e ela era macia, mais macia do que imaginei durante todos esses anos. Quando ela segurou minha camisa, entrelacei sua mãozinha na minha e mordisquei seu pulso.

— Não curto ficar sem camisa — sussurrei. Era verdade. Nada de ficar sem camisa. Nada de encontros. Nada de relacionamentos. Essas eram as regras.

Ela balançou a cabeça em negação. Havia algo de quase violento naquele movimento.

— Você não vai me ter a menos que a camisa saia.

Eu não me mexi. Eu não queria falar para ela ir se foder. Pela primeira vez em muito tempo, eu não queria lidar com as consequências de ser um babaca. Mas eu também não queria tirar a camisa.

— Eu não ligo para as suas cicatrizes, Vicious — enfatizou, analisando meus olhos. — Elas fazem de você quem *você* é.

Um momento se passou. Respirei fundo. Nunca comi uma mulher com as luzes acesas. Nunca. Quando comecei a transar, minha pele já estava marcada pelos abusos de Daryl, eu não podia suportar. A vergonha. A fraqueza que isso transmitia. Deixar seus dedos percorrerem livremente as cicatrizes irregulares era como desistir de alguma coisa que era totalmente minha.

— Não — falei.

— Sim — insistiu ela, segurando meu rosto e encostando seus lábios aos meus. Franzi a testa, absorvendo seu cheiro, meus olhos se fecharam, mas Emilia continuou. — Esperamos muito tempo por isso. Quero a coisa real. Não a versão diluída. E a coisa real não é só bonita. Também é feia. Quero a sua verdade.

A cabeça do meu pau já estava cutucando a sua entrada, então, tentei convencer a mim mesmo de que não tinha outra escolha.

Sim, eu odiava as minhas cicatrizes. Elas eram rosadas na minha pele branca, impossível de não ver, e elas gritavam, elas gritavam *pra* caralho. Mas a minha necessidade de estar dentro dela gritava mais alto, ao ponto de me deixar surdo. Gemi e tirei a camisa num movimento rápido. Como se arrancasse um *band-aid*. Eu estava prestes a empurrar dentro dela quando ela me parou outra vez.

— Camisinha — alertou.

Certo. *Certo*.

Alancei a mesa de cabeceira e apalpei dentro da primeira gaveta, sabendo que Dean as guardava ali. Era a primeira vez que eu me esquecia de colocar um preservativo desde que comecei a fazer isso e não estava gostando disso de jeito nenhum. Meu cérebro não funcionava quando a boceta de Emilia estava envolvida.

Depois de rasgar a embalagem e cobrir meu pau adequadamente, fechei os olhos, finalmente me enterrando em Emilia LeBlanc. Suas unhas cravaram nas minhas costas suavemente. Eu fiquei tenso

quando senti a expiação das minhas velhas feridas, mas eu deixei. Eu estava penetrando nela e ela estava me penetrando.

— Respire — sussurrou em meu ouvido.

Empurrei uma vez, surpreso com como parecia surreal. Nunca dei a mínima para o que as mulheres pensavam de mim na cama. Mas com ela por algum motivo importava.

Ela gemeu, me encorajando a continuar, acariciando minha carne marcada. E, mesmo assim, ela não me fez sentir uma aberração. Não Emilia. Ela nunca me fez sentir dessa maneira.

Empurrei outra vez, pegando o ritmo.

Ela se contorcia embaixo de mim, arqueando as costas, pedindo mais. Éramos compatíveis. Sabia que seríamos. Sua pele quente e macia. Meu corpo forte envolvendo o dela perfeitamente. Ela estava quente e molhada para mim e apertada, mas não tão apertada a ponto de ser doloroso para ela.

Empurrei outra vez.

— Vicious — gritou, enfiando os dedos mais profundamente em minha pele. Criando marcas novas e temporárias que eu amei. Que eu queria exibir com orgulho. Usar como troféus. — Ai, meu Deus.

Empurrei outra vez.

Parecia que estava entrando no paraíso e fechando os portões atrás de mim. Era isso. Eu não queria sair. Não desta cama, não desta cidade e, preocupantemente, nem desta garota. Eu a senti estremecendo embaixo de mim e meus braços flexionaram quando empurrei dentro dela.

De novo.

E de novo.

E de novo.

Fechei os olhos, suspirando, sentindo-a. Não apenas seu corpo. Ela. A garota da casa dos empregados, tagarela e com a risada cordial que comia como se os meninos não estivessem olhando e sempre carregava o cheiro suave e agradável de manteiga doce.

E, então, senti meu saco apertar e a pressão familiar fluindo através do meu membro.

Não.

Congelei. Isso não estava acontecendo. Não com ela, de jeito nenhum. Depois de alguns segundos sem conseguir me mexer, Emilia me cutucou, ainda presa entre meus braços.

— Vic? Você está bem?

Meu maxilar contraiu. Eu estava o oposto de bem e, porra, isso também era uma primeira vez. Ela não estava de sacanagem quando brincou sobre tirar a minha virgindade. Eu já tinha vivido praticamente tudo que evitei na minha juventude em um dia e em uma noite, aos 28 anos de idade. E eu odiava isso.

— Se eu me mexer, vou gozar — falei e *comprimi* meu maxilar de novo.

Ela riu sacudindo o corpo inteiro, uma risada feliz que não era má nem crítica.

— Então, goze. Temos a noite toda. Eu não vou a lugar nenhum.

Pela primeira vez desde quando tinha quinze anos e *perdi* a virgindade, eu gozei em menos de dez minutos. Normalmente, eu era famoso pela minha histamina.

Mas, normalmente, eu não ia para a cama com a mulher pela qual era obcecado.

Nós fizemos mais três vezes antes do sol aparecer, e nessas vezes eu me redimi, a minha reputação e a dignidade do meu pau.

E ainda me dei conta de que agora Emilia tinha um segredo meu ainda pior do que saber sobre Daryl Ryler.

Eu gozei depois de cinco segundos.

Como um principiante.

Mas, diabos, valeu a pena.



Foi uma boa manhã.

As luzes de Natal decoravam cada prédio e cada árvore de Manhattan e as ruas cheiravam a café de baunilha da *Starbucks*. Comprei um copo dessas coisas boas para mim a caminho do escritório – sem a baunilha, porque, surpreendentemente, eu ainda tinha as minhas bolas –

enquanto Emilia foi para o andar de baixo tomar um banho e se vestir para o trabalho.

A ideia de comprar um copo para ela passou pela minha cabeça por exatamente dois segundos antes de amassá-la e queimá-la. Ela não era minha namorada. Ela não era minha amiga. Ela nem mesmo era minha parceira de foda. Ela era apenas uma mulher que eu iria comer até conseguir o que queria dela.

E ela faria o mesmo comigo.

Ainda assim, a manhã estava fria, porém, clara, e o escritório estava praticamente vazio. A maioria das pessoas já tinha saído da cidade para visitar suas famílias. Eu gostava de trabalhar em silêncio, mas sabia que, infelizmente, meu prazo estava chegando ao fim. Dean tinha certeza de que retornaria a Nova York em algum momento depois do Natal, reclamando o escritório que roubei dele, e isso significava que eu precisaria tirar o rabo deste lugar e levar as irmãs LeBlanc comigo.

Emilia não podia ficar aqui. Ela tinha que me servir. Afinal, eu precisava da ajuda dela com a Jo.

Quando eu a vi na tela de segurança, me vi tomando o último gole do café e joguei o copo no lixo, alisando a camisa com a mão.

Ela passou pela recepção e parou no corredor, olhando para a minha sala. Nossos olhares se cruzaram através da parede de vidro, mas nenhum dos dois sorriu. Ela acenou de leve para mim e desapareceu atrás da porta de sua sala. Graças a Deus ela não achou que podia ir entrando na minha sala e agir como minha namorada do nada.

Eu fiquei atolado no trabalho por quatro horas antes de ver o nome dela na tela e atender meu telefone celular.

— Sim? — Perguntei.

— *Estou com fome. Você está com fome?*

— Só da sua boceta — falei na cara de pau.

Silêncio.

— *Numa escala de um a dez, quais são as chances de eu te convencer a ir almoçar comigo no McDonald's?*

— Zero — disparei sem pensar.

— *Vamos* — falou. — *Você me separou dos meus pais.*

— Você vai me culpar o tempo todo para que eu faça as coisas por você? Porque a esta altura, você deveria saber que não sinto remorsos. Porém, isso não era necessariamente verdade e até eu estava começando a admitir isso. Quanto mais tempo eu passava com ela — principalmente depois do Met, onde admiti por que a odiava tanto —, mais eu percebia que cometera um erro ao obrigá-la a deixar Todos Santos. Um erro que eu não repetiria se pudesse voltar no tempo.

— *Eu iria sozinha, mas as filas são sempre tão grandes, e eu não conseguiria ir lá e trazer seu almoço a tempo.*

Eu comia o mesmo sanduíche todas as tardes. Ela já conhecia a minha rotina.

— Que pena... — foi a minha resposta.

— *Ou...* — a voz dela era hesitante. Ela estava mordendo os lábios, eu sabia, e meu pau inchou. — *Você poderia me dar um intervalo de duas horas hoje. Sabe, porque é quase Natal e tal.*

— Não — falei, depois me dei conta de que tinha a oportunidade de matar dois coelhos com uma cajadada. Era hora da negociação. E eu era muito bom em negociações.

— Venha à minha sala, Srta. LeBlanc. Agora. — Desliguei.

Quando Emilia entrou na minha sala, eu a parei antes que ela chegasse à minha mesa.

— Fique na porta.

Eu não era particularmente contra que as pessoas nos vissem fodendo. Não ligava para o público, mas o advogado dentro de mim sabia que isso poderia resultar em um monte de papelada. Ela ficou parada na porta me observando, um sorriso maroto se abriu em seus lábios.

— Precisava me ver?

— Não, precisava te comer — corrigi, fechando a pasta da fusão no meu computador e levantei.

Ela continuava imóvel, com as costas à porta e o semblante tenso e desconfiado. Ela abraçou seu próprio corpo e me observou. Meus passos predatórios fizeram seus olhos se estreitarem, e eu adorava o quanto ela era impaciente, batendo o pé na madeira do meu chão. Quando a alcancei, sua mão foi para a minha calça e ela segurou meu saco.

Eu a parei com um *tsc-tsc*, balançando a cabeça.

— Molhada *pra* caralho e pronta para mim, mesmo do outro lado do corredor. — Sorri com ironia. — Não precisa de um pouco de preliminar?

— Vou ficar com a versão não arrogante e não babaca, por favor. E protesto. — Ela corou. — Falta de fundamento. Não tem como você saber disso.

Ela estava mentindo. De novo. Minha mentirosinha. Enfiei a mão embaixo do seu vestido e afastei seu *short boyfriend*, o qual eu sabia que ela estava vestindo porque ela não dava a mínima se eu preferia renda a ele – Emilia era uma garota sensível 100% algodão – e enfiei dois dedos nela de uma vez.

Ensopada.

Tirando os dedos intencionalmente devagar de seu sexo apertado, com os olhos fixos nos dela, levei-os à minha boca e chupei, limpando-os, meus lábios curvaram-se num sorriso.

— Tudo bem, vou reformular. É verdade que você sempre está molhada para mim, Srta. LeBlanc?

Ela revirou os olhos.

— Nós dormimos juntos há menos de 24 horas. Então, a esta altura, sim, acho que sim.

— E também é verdade que por causa disso, você fará tarefas para mim que não tem nada a ver com o trabalho, mesmo que não queira?

Ela travou.

— Depende de quais sejam essas tarefas e se você vai ao *McDonald's* comigo.

Lambi o pescoço e a clavícula dela antes de me ajoelhar. Ainda bem que ela colocou um vestido hoje. Ainda bem que era comprido o bastante para ela não vestir leggings por baixo dele. E ainda bem que ela estava molhada o suficiente para não resistir ao meu pedido.

Tirei sua calcinha, pressionei meus polegares aos lábios de seu sexo e os abri, beijando suavemente enquanto ainda mantinha meus olhos em seu olhar quente.

— Eu vou ao *McDonald's* com você se fizer o que peço — prometi.

— O que precisa que eu faça? — Ela brincou com meu cabelo,

suspirando de prazer.

Salpiquei beijos por todo o seu sexo antes de deslizar a língua nele, massageando seu clitóris com meu polegar. Ela gemeu, puxando meu cabelo com mais força e se derretendo na porta. Eu a pressionei contra a parede. Depois, segurei sua coxa e a estendi em meu ombro para ter um acesso melhor e enfiei a língua mais fundo dentro dela, empurrando tão forte que senti suas coxas tremendo. A boceta dela apertou contra a minha boca e ela gemeu tão alto que eu soube que as pessoas ouviriam.

E eu queria que ouvissem. Porque, assim, haveria menos papelada. Consentimento não era uma defesa absoluta contra assédio sexual, mas não fazia mal.

— Grite meu nome — exigi.

Ela arqueou as costas e se pressionou em meu rosto e, diabos, eu adorava o cheiro da boceta dela e o gosto dela na minha língua.

— Vicious! — Gemeu, gritando várias vezes. — Ai, Senhor, isso. Por favor. Mais.

Ela ficou sem ar quando o orgasmo avançou pelo seu corpinho e se fechou tão forte em volta da minha língua que pensei que nunca conseguiria tirá-la. Mas tirei. Levantei depressa, desabotoando a minha calça e rasguei uma embalagem de camisinha com os dentes ao mesmo tempo.

— Você ia me pedir alguma coisa? — Murmurou ela, ainda se acalmando de seu orgasmo.

Eu não respondi. Em vez disso, meti nela e a empurrei na porta, suas costas batiam na madeira repetidamente, o som não deixava dúvidas do que estava acontecendo. Eu queria que todos na porra do andar soubessem.

— Volte para Los Angeles comigo — falei, agarrando a bunda dela com força e metendo ainda mais furiosamente do que antes.

— O quê? — Parecia que ela estava gritando comigo, mas se estivesse tão puta assim, não estaria projetando os quadris para frente a cada vez que eu dava uma estocada nela.

— Esta cidade não tem nada a te oferecer. Venha para Los Angeles quando eu destruir. Trabalhe para mim. Você vai poder ver seus pais

a porra do tempo todo. Eu vou poder te comer até que esteja toda larga. Não temos nem o que pensar, Emilia.

— Não — entooou ela. — Não. Não. A faculdade de Rosie é aqui.

— Ela pode pedir transferência — grunhi e, merda, nunca me senti tão bem com mulher nenhuma.

— Eu amo Nova York — Emilia ofegava.

— Você nunca esteve em Los Angeles. Vai gostar mais de lá.

— Eu não vou embora — disse ela, para o que eu respondi:

— Caralho, Emilia, caralho! — Batia minha palma sobre a cabeça dela, mas sem parar de meter ao mesmo tempo.

A ideia de me separar dela dentro de três ou quatro dias era uma realidade que eu sabia que teria que encarar. Eu precisava voltar a Los Angeles e ela queria ficar aqui. Eu não precisava dela para os meus planos até que meu pai caísse morto. Aí, eu a arrastaria de volta para a Califórnia para assustar Jo antes que a minha querida madrastra viesse com alguma ideia sobre reivindicar o dinheiro do meu pai.

Mas eu não podia...

Eu não faria...

Caralho.

Empurrei mais forte dentro dela e a senti se fechando ao meu redor. Eu estava perto. Ela também. Ela adorava me torturar. Eu mal conseguia acreditar que algum dia achei que ela fosse uma menininha inocente do sul. No fundo, ela era perversa.

— Você acha que consegue ficar sem isso? — Apertei-me em seu corpo até que cada centímetro de sua carne queimasse. Eu sabia que ela provavelmente ainda estava dolorida da tatuagem, então, segurei sua cabeça e empurrei para o meu peito, passando a língua pela concha de sua orelha, enquanto me certificava que sua pele tatuada latejante não estivesse perto da parte dura. A porta, não o meu pau.

E desde quando eu me importava?

Ela gemeu outra vez, seus lábios movimentando-se para encontrar mais de mim, exigindo que eu me enterrasse mais fundo dentro dela, e assim eu fiz. Os dois lados do corredor do lado de fora das paredes de vidro estavam silenciosos e eu sabia porquê.

Deixe que saibam. Eu não dava a mínima.

— Eu estava bem até você aparecer aqui. — Ela arranhou meu queixo com os dentes e enfiou as unhas nas minhas costas, raspando por cima da minha camisa social. — E vou ficar bem quando você for embora. Você me expulsou, Vicious. Não pode me mandar de volta só porque mudou de ideia.

Nós dois gozamos ao mesmo tempo e nos agarramos um ao outro como se estivéssemos prestes a desabar no chão. Demoramos pelo menos um minuto para nos recuperar de nossos orgasmos, ofegando enquanto nos segurávamos um ao outro. Ela não riu nem sorriu como fez ontem à noite quando fizemos sem parar. Eu também não via o encanto em nossa situação.

As coisas já começavam a mudar e eu não sabia o que fazer.

— Então... — Ela foi a primeira a falar, limpando a garganta. — *McDonald's*?

— O acordo está cancelado. Você disse não. — Eu me liberei da camisinha, jogando-a perto da lata de lixo, enfiei a camisa de volta na calça e ajeitei a gravata. Virei-me e voltei para a minha mesa. — Vá buscar meu sanduíche de peru com oxicoco, Srta. LeBlanc. E seja rápida. Tem muito trabalho a ser feito antes do Natal e eu espero que esteja de volta aqui dentro de trinta minutos, no máximo.

Meus olhos retornaram ao computador e ao arquivo da fusão que estava lendo quando ouvi a porta da minha sala bater.

Tenho quase certeza de que também a ouvi resmungar “babaca”.



Emilia

CAPÍTULO DEZESSETE

EU MERECI ISSO.

Literalmente e figurativamente, eu criei esta bagunça.

Sinceramente, estava começando a desconfiar de que eu simplesmente tinha uma queda por babacas. Ou, pelo menos, por este em particular. Prova disso: Dean foi encantador, legal e educado comigo e eu dei o fora nele não uma, mas duas vezes. Vicious era sexy e frio, violento e grosso, e mesmo assim, eu pulei na cama com ele. Quatro vezes em seis horas. E algumas dessas vezes nem estávamos numa cama, o que definitivamente era a primeira vez para mim. O que havia de errado comigo, permitindo que ele me pegasse em pé na porta da sua sala?

Eu vi o jeito que todos me olhavam quando saí de sua sala para buscar o almoço dele. Patty me seguiu com o olhar e inclinou uma sobrancelha enquanto eu ia para o elevador, arrumando o meu vestido com uma mão e os cabelos com a outra.

Depois, peguei o sanduíche idiota de Vicious. Contudo, sendo honesta comigo mesma, tinha que confessar que quase gozei quando ele me convidou para mudar para Los Angeles. Não porque me interessei pela ideia de me mudar para lá – isso era uma questão de princípios, ele tinha me expulsado e não tinha o direito de me mandar de volta – mas porque ele me queria por perto.

Mexi o café no meu copo de isopor com minha caneta mordida e o observei através da parede de vidro do outro lado da ampla recepção onde estava conversando com Patty. O lugar estava morto, mas ele ainda insistia que trabalhássemos o dia inteiro.

Vicious andava de um lado para o outro em seu escritório, falando ao telefone, que estava no viva-voz, contudo, não conseguíamos ouvir do lado de fora.

Patty perguntou se eu poderia ir na sala dele bem rapidinho e ver se

ela podia sair mais cedo, porque precisava começar a preparar a comida para a véspera de Natal, que era amanhã.

— Por favor, querida — pediu. — Meus netos precisam dos bolinhos de manteiga da vovó. Eles não gostam daquelas coisas que se comprem no supermercado. Todos sabemos que é uma porcaria.

— Por que você mesma não vai pedir? — Franzi a testa. A resposta era óbvia, mas eu sabia que ela assumiu erroneamente que ele seria mais legal comigo.

— Por favor? — Ela estava sentada em sua cadeira, com as mãos unidas, os olhos me implorando por trás de seus óculos grossos de leitura.— Só quero ver o sorriso no rosto deles quando eu fizer uma surpresa. A mãe deles está passando por um divórcio desagradável. Eles estão muito ansiosos por esse jantar comigo.

Lembrei-me de Natais passados quando eu cozinhava com a minha avó.

— Certo. Eu vou, quando ele terminar a ligação.

Patty virou a tela do seu computador para eu ver. Já eram quase três horas.

— Não vou conseguir mais fugir da hora do rush. O metrô estará lotado. Por favor — disse novamente.

Suspirei forte e me aproximei da sala de Vicious com os pés pesados, como se estivesse no corredor da morte. Bati à porta e ele se virou com uma careta, o que imaginei ser sua versão de um convite para entrar. Apesar do fato de termos acabado de transar na porta que agora nos separava, eu não me sentia confortável entrando em seu domínio. Ele ainda estava ao telefone, com as mãos na cintura, exalando poder e masculinidade.

Entrei relutante.

— Bem, ela roubou seu pau enquanto você dormia? — Vicious cuspiu ao telefone, gesticulando com o dedo para que eu me sentasse de frente para ele.

Obedeci, lançando um olhar por trás do meu ombro e vendo Patty jogar as mãos no ar, exasperada.

— Não — ouvi uma voz masculina reclamar no alto-falante.

— Ela te estuprou? — Continuou ele, com o rosto se contraindo

impacientemente.

— *Bom... não.* — O cara com quem ele falava suspirou.

— Ela ordenhou seu pau com um espremedor, enfiou seu saco na bolsa, roubou seu sêmen e fugiu?

— *Não, não e não!* — Gritou o cara irritado.

— Então, sinto muito, Trent, mas ela não fez merda nenhuma para te enganar. Você a fodeu sem um preservativo por vontade própria e, agora, ela está te fodendo legalmente. Eu sei que não é o que queria ouvir, irmão, mas se o bebê é seu, já era.

Meu coração bateu com força dentro do peito. Trent tinha engravidado alguém e aparentemente não estava feliz com isso. Vicious olhou para mim antes de pressionar um controle remoto. As persianas de sua sala fecharam automaticamente e o local escureceu. Porcaria. Patty provavelmente queria nos matar.

Abri a boca para dizer por que entrei, mas ele acenou como quem diz “espere”.

— *Ela quer quinhentos mil dólares para fazer um aborto* — resmungou Trent.

Minha boca quase foi ao chão e Vicious deu a volta na mesa, erguendo meu queixo e fechando minha boca com uma piscada. Ele não parecia muito preocupado com o amigo.

— Bom — disse Vicious —, não sou o cara que dá conselhos morais, mas, para mim, tudo nessa proposta grita *nem fodendo*.

— *Eu posso pagar* — disse Trent, porém, gemeu.

— Eu sei. — Vicious colocou um de seus joelhos entre as minhas coxas e as abriu, curvando-se onde eu estava sentada e segurou a bainha do meu vestido, observando a minha calcinha atentamente, como se nunca a tivesse visto antes. — A pergunta é: você quer pagar?

— *Como assim? Você acha que eu deveria deixá-la ter o bebê? Eu deveria te lembrar de que ela é uma stripper com uma queda por cocaína?* — Trent soava como se estivesse fervendo.

Vicious dobrou o meu vestido para cima, expondo minha calcinha e se abaixou para colocar o rosto no meu sexo. Minhas mãos apertaram o braço da cadeira quando ele inalou profundamente com um sorriso voraz e beijou a minha roupa íntima.

— Parece um partidão. — Ele mordeu delicadamente meu clitóris por cima do meu *short boyfriend* e arrastou os dentes devagar, mantendo seus olhos encapsulados em mim o tempo todo, assistindo eu me debater de prazer. — Então, para que exatamente você me ligou? Ele estava perdendo o interesse no problema de Trent, sua atenção estava mudando para o local no meio das minhas pernas.

— *Para um conselho legal.*

— Não sou advogado de vara de família, mas meu melhor conselho como amigo é use uma camisinha na próxima vez e tente foder garotas que sejam mais ou menos do mesmo grupo fiscal que você. Melhor jeito de se evitar ser arrastado para uma mamãe dramática. Agora, me dê licença, mas meu lanche da tarde acabou de chegar. Feliz Natal, *irmão*. — Dito isso, ele serpenteou a mão por trás de si para a mesa, levantou o receptor do telefone do escritório e o bateu, retornando a cabeça para o meio das minhas pernas.

— Eu não sou do mesmo grupo fiscal que você. — Ergui minhas sobrancelhas e me curvei.

Ele me lançou um sorriso malicioso.

— Você me odeia demais para algum dia querer ter um filho meu. Não existe contraceptivo melhor do que uma mulher que não quer ter nada a ver com o seu esperma.

Revirei os olhos e alisei sua camisa social.

— Escute, Patty quer sair mais cedo para adiantar a ceia da véspera de Natal que ela tem que preparar.

— Certo. Quem diabos é Patty? — Perguntou com toda a seriedade. Minhas narinas inflaram.

— Sua recepcionista.

— Ninguém sai cedo — explodiu, enérgico. Ele se abaixou de volta para a minha virilha.

— Vic... — Puxei-o pela gravata para mim e encostei meus lábios nos dele. Ele imediatamente retribuiu, chupando meu lábio e lambendo cada canto da minha boca.

Nossos lábios se separaram com um estalo molhado.

— Mmm?

- Por favor. Um pouquinho do espírito de Natal não te mataria.
- Mas ser generoso com meus funcionários pode matar minha empresa.
- Nem é a sua filial — argumentei. — Ela é funcionária do Dean e não por muito tempo. Vai se aposentar no mês que vem.
- Ele se afastou e olhou para mim. Isso pareceu acalmá-lo.
- Por que você é tão boa? — Ele esfregou o polegar no meu clitóris por cima da calcinha distraidamente.
- Por que você é tão mau? — Repliquei, com os dentes batendo de prazer.
- Porque é divertido.
- Você deveria tentar ser legal. É ainda mais divertido.
- Duvido.

Ele ainda me massageava. Eu esperava que ele fosse me deixar gozar ou parasse de falar porque eu não poderia ter essa conversa enquanto ele brincava com meu corpo como se fosse seu brinquedo preferido.

- Então, posso falar para Patty que ela pode ir?
- Só se você me deixar te foder na minha *Jacuzzi* hoje à noite.
- Isso soa como uma chantagem. — Mordi meu lábio inferior e reprimi um gemido.
- Não, isso soa como diversão.

Era inútil tentar convencê-lo contra a ideia. Eu queria isso tanto quanto ele, se não mais. Não tinha nada para fazer quando voltasse para casa. Era véspera da véspera de Natal e não seria difícil abandonar meus planos originais para a noite, os quais consistiam em preparar para mim mesma um macarrão instantâneo e pintar até desmaiar.

- Vou dizer a Patty que você está lhe desejando um Feliz Natal. — Levantei enquanto ele fazia o mesmo, gemendo.

Ele se apoiou na mesa, com seu pau duro como granito apontando para mim por dentro de sua calça social.

Com a mão na maçaneta, girei a cabeça uma última vez e sorri.

- Você tem noção de que todo mundo vai me olhar esquisito porque você fechou as persianas?
- Você tem noção de que eu não dou a mínima para o que as pessoas

pensam e não vou começar justo agora porque Patty e Floyd precisam de alguma coisa para conversar além de receitas de recheios? — Ele acenou impacientemente para que eu sáísse, voltando para trás de sua mesa e se jogando em sua cadeira. — Ah... E, Emilia?

— Sim?

— Prepare outra porra de xícara de café para mim.



Nós quebramos a cama dele.

Não sei como aconteceu, mas quebramos. Foi depois de pedirmos uma pizza e acabarmos com duas garrafas de vinho. Eu estava bêbada, feliz e risonha quando montei nele. Pensei que a cama aguentaria, afinal, era de carvalho sólido. A cama quebrou e o colchão afundou em um dos lados. Nós fomos junto. Ele me pegou pela cintura e me puxou para o seu peito para eu não rolar para o chão, mas, ainda assim, meu coração bateu dez vezes mais rápido.

— Até a sua cama quer que a gente pare. — Eu ri, afastando-me dele com as mãos espalmadas em seu peito nu cheio de cicatrizes. Desta vez, ele nem se contraiu quando passei as pontas dos dedos pelas longas marcas cor-de-rosa e salientes.

Levantei e fui para o banheiro. A porta do banheiro principal estava aberta e o espelho à nossa frente revelava que ele estava apoiado em uma mão com os olhos no meu traseiro nu enquanto eu ia até o chuveiro.

— Eu te disse que deveríamos ter feito isso na *Jacuzzi*.

— E eu te disse que duas vezes era o bastante. Eu estava ficando com a pele enrugada. Ei, Vic?

— O quê?

Virei-me e encontrei os seus olhos. Ele sorriu um sorriso de verdade e meu coração se agitou porque, para ele, esse tipo de sorriso tinha que ser merecido.

Aqueci-me nele por alguns segundos, depois, arrisquei.

— Você quer... descer para jantar comigo amanhã à noite? Não é um

encontro — apressei-me em enfatizar, meu rosto corou.— Só me dei conta de que vamos estar os dois sozinhos aqui em Nova York e eu não queria... Quero dizer, pensei que talvez...

— Claro — Ele me cortou. — Às sete está bom?

— Está ótimo. — Umedeci os lábios, me sentindo estranhamente feliz. Ele se virou, pegando o telefone da mesa de cabeceira, provavelmente para verificar os e-mails. Seus olhos estavam na tela quando ele disse:

— Eu não como cogumelos nem nenhum tipo de peixe.

— Devidamente anotado. — Coloquei a água para correr no chuveiro, esperando esquentar e voltei para pegar uma toalha limpa no armário perto da porta.

— Pode ser um encontro — murmurou ele do quarto, e a minha cabeça girou em sua direção.

— O que você disse? — Eu odiava o fato de isso fazer meu corpo parecer que saiu de uma montanha-russa.

— Eu disse que pode ser um encontro, se você quiser que seja. — Ele ainda olhava fixamente para o telefone.

Balancei a cabeça, sorrindo e fechei a porta atrás de mim. Depois que terminei o banho, ele não estava lá. Fui para a cozinha, ainda enrolada em nada mais do que uma toalha, mas ele também não estava lá. O apartamento era grande, grande demais para uma pessoa só. Comecei a olhar nos quartos, procurando por ele. Ele não poderia ter saído. Só demorei dez minutos no banheiro e ele parecia cansado e bastante pelado quando o deixei na cama.

Desconfiada, me vesti antes de começar a gritar seu apelido pela casa e ligar para o seu número do meu celular. Todas as ligações caíam na caixa postal. Que diabos estava acontecendo?

Enfim, quando eu estava prestes a desistir e voltar para o meu apartamento, o vi atrás do sofá. Num tapete de pelúcia prateada, deitado no chão, dormindo profundamente.

Ele estava com a cueca preta e nada mais, seus cílios grossos abanando suas bochechas. Ele parecia uma criança. Um menino lindo, perdido e exausto.

Ah, Vicious.

Eu queria ajudá-lo a ir para a cama, mas desconfiava que ele não me

disse a verdade sobre sua insônia e se eu o acordasse, ele não conseguiria dormir de novo. Peguei cobertores e travesseiros e o cobri da cabeça aos pés. Depois de aninhá-lo, hesitei, mas a última coisa que eu precisava era que ele acordasse e me encontrasse encarando-o como uma fã enquanto ele dormia.

Não que eu não quisesse. E isso era um problema ainda maior.

Quando entrei na minha sala de estar no andar de baixo, eram 3h da manhã. O cavalete me encarava do outro lado da sala, um quadro pela metade de uma mulher rindo com flores no cabelo, exigia a minha atenção. Antes, entrei no meu quarto, peguei uma moldura vazia e um grampeador, e estiquei uma tela antes de posicioná-la no cavalete. Troquei a roupa para a minha camiseta de pintar, preendi meus cabelos com um elástico e fiquei olhando para o tecido branco.

E olhei.

E olhei.

E olhei.

Quando finalmente comecei a trabalhar nela, já era de manhã. Não parei de pintar até o final da tarde. Eu não dormi. Eu não comi. Eu mal respirei. E a cada segundo que passava sem ele por perto, eu começava a pensar mais e mais sobre o que nós éramos. Quem nós éramos. Antigamente, ele me tratava muito mal, mas agora... Ele trouxe cor à minha vida.

Acrílico? Óleo? Nem importava. Ele sempre pensou em si mesmo como a cor preta, mas a verdade era que ele injetou muitos pigmentos diferentes na minha existência.

Jantar com ele na véspera de Natal de alguma forma parecia importante. Não tão casual como o resto das coisas que fazíamos.

Vicious estava certo. Eu era uma mentirosa.

Porque eu disse a mim mesma que conseguiria ser casual.

Quando não havia nada de casual sobre o que eu sentia por ele. Nadinha.



Era um aborrecimento ir às compras na véspera de Natal, mas eu queria comprar alguma coisa para ele. Qualquer coisa, na verdade. Vicious gostava muito de música, lembrei-me de quando éramos adolescentes. Na verdade, a única coisa que parecíamos ter em comum era nosso amor mútuo por punk rock e grunge. Talvez fosse por isso que sorri como uma boba quando saí da loja de discos com um álbum do Sex Pistols embaixo do braço. Eu sabia que ele iria entender a piada. *Sid Vicious.*

Eles tinham mesmo algumas coisas em comum. A pele branca em contraste com os cabelos negros, a atitude impertinente e a abordagem indiferente. Eu só esperava que Vic sendo Vicious não fizesse de mim a sua Nancy.

Enquanto preparava os DVDs indispensáveis para assistir depois do jantar (não era Natal sem *A Felicidade Não Se Compra* passando ao fundo enquanto você luta para evitar um coma alimentar), pensei em Vicious quando criança. Como deviam ter sido os Natais para ele. Eu não tinha o dinheiro dele, nem seu poder, mas eu tinha uma família que me amava, que atendia todas as minhas necessidades emocionais quando eu era criança.

Só comemorei um Natal em Todos Santos, mas lembrava que seu pai e Jo o passaram numa viagem ao Caribe. Ele foi para a casa de Trent na véspera, mas eu acho que passou o dia de Natal em casa. Sozinho.

Mesmo naquela época, Vicious era orgulhoso demais para ser um caso de caridade. Mas ele não era orgulhoso demais para saber como era sentir dor e não devia ser fácil para ele nos ver do outro lado da propriedade. Com certeza, nossas risadas eram levadas até sua casa. Mama e papai ficavam barulhentos nas raras ocasiões em que tomavam algumas taças e o Natal era a data que Rosie e eu sempre fazíamos nosso concurso de canções de Natal. Nossa casa era cheia e a dele, vazia. Igual aos nossos corações.

O meu transbordava.

O dele ecoava.

Ah, *Vicious.*



Levei uma hora e meia para reunir coragem para subir à cobertura e bater à sua porta. Antes disso, apenas fiquei sentada em frente a uma mesa cheia de pratos saborosos que passei o resto da tarde preparando. Fiz macarrão com queijo, galinhas da Cornualha, uma caçarola de feijão verde e a receita de molho para pão de milho da minha mãe. Até comprei um bolo de gemada. Nada com cogumelos. Nada com peixe.

Mas ele não tinha aparecido.

Sentei em frente à mesa e esperei como uma idiota porque estava nervosa demais para assistir televisão, mas também orgulhosa demais para ir ver o que tinha acontecido. Depois, lembrei que na última vez em que o vi, ele estava completamente fora de si, dormindo no chão e a culpa me invadiu. Eu deveria ter ficado com ele. Eu deveria ter me certificado que ele estava bem.

A caminho da cobertura, no elevador, limpei a garganta várias vezes porque não queria que a minha voz falhasse quando eu falasse com ele. Seja como for, não queria que visse o quanto eu era afetada por ele. Bati à sua porta três vezes e toquei a campainha duas, mas nada aconteceu. Virei-me, prestes a ir embora, quando uma das recepcionistas do prédio saiu do elevador com um presente embrulhado e flores. Ela foi direto para a porta do apartamento dele. Um molho de chaves tilintava entre seus dedos.

Ela me cumprimentou com um sorriso educado.

— Boas Festas.

— Graças ao Senhor você está aqui. — Praticamente me joguei em cima dela.— Acho que tem algo errado com ele. Você pode abrir a porta? Precisamos ver se ele está bem.

— Quem? O Sr. Cole? — Ela franziu as sobrancelhas.

O quê?

— Não. — Minha voz esfriou consideravelmente. — Vic... Sr. Spencer.

— Ah. Ele. — Os lábios dela contraíram quando ela colocou a chave

na fechadura. — Eu vi o Sr. Spencer sair bem cedo hoje de manhã com uma mala. Ele deve estar voando de volta para Los Angeles. Já ficou no apartamento de Dean por muito mais tempo que o de costume.

— Dean?

Ela corou.

— Digo, Sr. Cole. Eu entrego essas encomendas quando ele não está por aqui. Ele me deu a chave.

Minha boca secou e eu pisquei.

— Este apartamento é do Dean? — Confirmei, me sentindo idiota. Não só pela pergunta. Sobre tudo.

A garota assentiu, seu sorriso ainda era largo.

— Com certeza é. — Ela passou por mim rebolando e logo antes de fechar a porta na minha cara, disse: — Mais uma vez, Boas Festas, Srta. LeBlanc. Espero que se divirta.

Mas era tarde demais. Já era um péssimo Natal. O pior que já tive.

Eu estava prestes a descer de escada de volta para o apartamento. De jeito nenhum eu ficaria esperando pelo elevador e não queria entrar nele com a recepcionista porque tinha medo de chorar na frente dela. Eu me sentia patética o bastante sem acrescentar a esta confusão a humilhação de chorar em frente a uma estranha.

Meus passos em direção à porta que dava na escada pararam quando ouvi meu telefone tocando no bolso. Peguei-o, meu coração martelava em meu peito, querendo sair, sair, *sair*.

Supliquei que fosse ele. Supliquei que ele tivesse uma explicação. Supliquei que tudo isso tivesse sido um engano. Ele não podia ter sido tão *cruel*. De jeito nenhum.

Olhei para a tela por um segundo e a decepção se apoderou de mim quando vi o nome de Rosie antes do sentimento ser substituído por vergonha.

Vicious não era ninguém. Rosie era a minha família.

— *Feliz Natal!* — Rosie, mamãe e papai falaram em uníssono quando encostei o telefone na orelha. Sorri apesar da pressão em meu nariz. Eu estava chorando, mas não queria que eles ouvissem.

— Oi, todo mundo. Estou com tantas saudades! Feliz Natal!

— *Millie!* — Gritou mamãe ao fundo.— *Por favor, me diga que sua irmã*

não está namorando um motociclista chamado Rato!

Emiti o melhor som de risada, embora o vazio se espalhando pelas minhas entranhas estivesse anestesiando todos os meus sentimentos, até a dor.

— Rosie — repreendi. — Pare de mexer com os sentimentos da mamãe.

Conversamos por cerca de dez minutos, eu ainda parada no alto da escada, antes de Rosie levar o telefone para o quarto dela e começar a sussurrar.

— *Millie* — falou —, *acho que você deveria saber uma coisa sobre Vicious.*

Pareceu que meu coração parou de bater quando ela disse o nome dele. Esperança e temor me invadiram em proporções iguais.

— O quê?

— *Baron Senior morreu.*

Deixei o telefone cair no chão, e escancarei a boca.

Jo.

O testamento.

O pai dele.

Tudo estalou como o cão de um revólver, e a arma invisível foi apontada para minha têmpora. Era hora do show para Vicious.

Mas será que eu estava prestes a me tornar seu tambor?



VICIOUS

CAPÍTULO DEZOITO

— FINALMENTE, PORRA — falei, abrindo a porta do *Range Rover* vermelho de Trent antes de entrar. Foi um bom aluguel, considerando que ele só veio de Chicago para as festas de fim de ano. Joguei meu *Ray Ban Wayfarers* de lado e olhei para ele.

— Finalmente, porra? Cheguei aqui vinte minutos antes de você pousar. — Trent jogou o veículo na estrada.

Ele estava com uma aparência horrível. Bom, pelo menos para os padrões de Trent. O filho da puta era bonito de se olhar. Com a pele cor de mocha, corpo de jogador de rugby e outras qualidades de merda que faziam as mulheres molharem as calcinhas, ele devia ser o cara mais bonito entre os quatro sócios da FHH. Só que agora ele estava com os olhos avermelhados, a barba há três dias sem fazer e precisando de um corte de cabelo. Para ontem.

— Na verdade, eu estava me referindo à morte do meu pai — falei, virando para o banco de trás para pegar a minha bolsa *Armani* de couro preta.

Também estava me referindo ao fato de que essa viagem do inferno tinha acabado. Tudo ficou uma merda no minuto em que atendi o telefonema sobre a morte do meu pai. Eu estava com tanta pressa para pegar um voo que esqueci meu carregador. Meu celular morreu e não havia voos disponíveis para San Diego ou Los Angeles por horas. Enfim, quando pousei, consegui comprar outro carregador e liguei para Trent vir me buscar. Peguei meu celular e verifiquei se havia ligações ou mensagens de Eli Cole. Não havia nenhuma. Apenas duas ligações perdidas de Emilia. Ela podia esperar. Primeiro, eu precisava saber quando seria a leitura do testamento. Não fazia sentido entrar em contato com ela até saber quando precisaria que trouxesse o rabo

para Todos Santos. Era crucial que ela estivesse aqui a postos, pronta para lançar a minha armadilha na Jo. A ereção violenta que eu tinha sempre que pensava em Emilia não tinha nada a ver com isso.

— Dá para focar por uma porra de minuto em qualquer coisa que não seja a merda da sua herança? — Questionou Trent.

Ele ainda estava puto por ter engravidado aquela stripper. Revirei os olhos.

— Certo. Como vai Valenciana? — Valenciana era a stripper. E, infelizmente, não era o nome de guerra dela.

— Ela está bem, decidimos que... Não foi o que eu quis dizer! Eu quis dizer que você deveria estar triste pela morte do seu pai.

Estávamos entrando num engarrafamento saindo de San Diego em direção a Todos Santos. Perguntei-me se Jo estaria em casa e, nesse caso, se seria cedo demais para expulsá-la.

— Acredite quando digo que ele mereceu honestamente meu ódio.

— Isso parece meio inusitado. Você nunca tinha falado nenhuma palavra ruim sobre ele até agora.

Lutei contra outra revirada de olhos.

— O que eu sou? Uma porra de uma garota de quinze anos? O que me faz lembrar... Onde está a porra do Dean?

— Na casa dos pais dele, claro. É véspera de Natal e, se eu fosse você, não ficaria surpreso se ele aparecesse para dizer “oi”. E vai se foder por ter contratado a ex-namorada dele. Agora, qual o motivo dessa merda toda, Vic?

— Eu precisava de uma assistente pessoal — falei entredentes. Já fazia dez anos. Eles ficaram juntos por nove meses. Fiquei louco porque Dean fez parecer o que claramente não era.

— Ela foi a primeira e a última namorada séria dele — acusou Trent.

— E ela era minha — disse categoricamente, enfiando um baseado entre meus lábios e acendendo dentro do carro dele.

As janelas estavam fechadas – afinal, era inverno – eu não estava dando a mínima. A culpa era de Trent por se meter nos meus assuntos. Trent bateu no volante.

— Que se dane. Me dá um trago. — Passei o baseado para ele.

Ele inalou antes de devolver para mim.

— Você fica dizendo que ela era sua — saiu fumaça de sua boca —, mas alguma vez você já falou isso para ela? Só o que você fez foi falar merda sobre a garota e intimidá-la sempre que ela se aproximava de você.

— Desculpe, mas apareceu uma vagina em você desde que descobriu que vai ser pai? Que conversa doida sobre sentimentos é essa? — Soltei fumaça pelas narinas.— Quando Jaime chega?

Meu melhor amigo estava voando de Londres para o funeral do meu pai.

— No dia de Natal. Ele vai deixar Mel e Daria em casa.

Assenti. Eu sabia que ele deixaria.

— Acha que consegue parar de falar sobre a minha assistente e focar em tentar não fazer merda até lá? — Fiz cara feia para ele.

Trent balançou a cabeça e pisou no acelerador, desviando para o acostamento. Ele subiu no acostamento da estrada congestionada, com o maxilar tenso.

— Vai se foder, Vicious.



— *Querida, cheguei* — Anunciei ao entrar na mansão gélida de meu pai. Que logo seria minha. Que logo não seria de ninguém depois que eu queimá-la.

Certo, tudo bem. Tecnicamente, eu provavelmente usaria uma bola de demolição. Depois disso, planejava usar o terreno para construir uma boa biblioteca com o nome de Marie Collins, em homenagem à minha mãe. Nada de Spencer. O nome dele não é digno dela.

Ninguém respondeu minha saudação, então, subi as escadas para o meu antigo quarto e esvaziei as minhas gavetas, colocando tudo nas malas antes de dizer adeus a este lugar maldito. A maioria das coisas em meu quarto era sobre futebol.

Eu não era um pessoa muito sentimental. Encontrei cartas que recebi de umas inocentes fãs adolescentes, um baseado de dezoito anos que me esqueci de fumar e os lápis mordidos de Emilia. Eles estavam por

cima da minha gaveta de cima. Eu ia jogá-los na lata de lixo ao lado da minha antiga cama quando resolvi: por que jogá-los fora?

Eram lápis, raciocinei. Não tinham data de validade.

Enquanto guardava tudo, recebi uma ligação do advogado do meu pai. Eu o estive caçando ao mesmo tempo em que tentava falar com Eli desde que recebi a ligação sobre a morte de meu pai. Malditos sejam os feriados e as pessoas que têm famílias de verdade. Papai deu seu último suspiro sozinho. Apenas Slade estava lá para cuidar dele. O outro enfermeiro estava comemorando a véspera de Natal com sua família. Jo estava passando o feriado com uma suposta amiga no Havaí.

Ela não estava ao lado dele, como ele não estava ao lado da minha mãe.

Perguntei-me se Jo algum dia o amou. Amou de verdade. Eu não sabia nada sobre relacionamentos, mas algo me dizia que a resposta era não. Algo me dizia que a minha mãe foi assassinada não por causa de um grande amor, mas por pura ganância.

— Alô? — Encostei meu celular ao ouvido.

O Sr. Viteri, o advogado de meu pai, era um homem de poucas palavras.

— *No dia seguinte ao funeral* — falou.

Não parecia uma espera muito longa.

— Para quem mais você vai enviar uma cópia? — Perguntei. Não que isso importasse. Testamentos eram registros públicos.

— *Para você, Josephine e Alistair, o irmão de seu pai.*

Alistair era irrelevante. Ele tinha sessenta anos e levava uma vida comum num rancho numa cidadezinha do Texas. Na verdade, eu planejava dividir o dinheiro com ele, embora eu soubesse que ele não ligava para dinheiro. Bastardo de sorte. Mas, agora, eu tive a certeza de que Jo estava no testamento.

— Você pode mandar a minha cópia para Eli Cole? Para a casa dele, não para o escritório? — Perguntei. Ouvi sua caneta *Sharpie* enquanto ele anotava o endereço.

— *Sinto muito pela sua perda, Baron* — disse ele, enfim, porque isso era o que se esperava que dissessem.

— Obrigado, isso significa muito — respondi pelo exato mesmo motivo.

Terminei de guardar tudo, levei minhas coisas e a minha bunda lamentável para o Vineyard, o hotel cinco estrelas mais próximo, pedi serviço de quarto e bebi o que quer que tivesse no mini bar.

Eu estava ansioso para ver a cara de Jo quando a confrontasse sobre saber tudo que ela e Daryl fizeram. Quando a obrigasse a desistir de cada centavo que meu pai deixou para ela.

Eu estava ansioso para ter Emilia do meu lado outro vez. Me atendendo. Me dando assistência. Me fodendo.

Ao esfregar minhas mãos com o pensamento do que estava por vir, ocorreu-me que a ideia de voar com a minha assistente pessoal para Todos Santos era um pouco mais emocionante do que ver o rosto de Jo desmoronar de agonia enquanto eu jogava as novas leis da vida na porra da cara dela e tirava o dinheiro que erroneamente alegou ser dela.

Peguei o telefone e liguei para a minha assistente.

Dizer que não tive nenhuma resposta era um eufemismo.

Ela não atendeu as minhas ligações e nem respondeu minhas mensagens de texto. Não na véspera de Natal nem no dia de Natal e nem no dia seguinte. Digitei o número do telefone, apertei ligar e todas as vezes meu celular ficou em silêncio, eu queria quebrar alguma coisa. Embora, para ser totalmente justo, minhas mensagens não eram nem um pouco acolhedoras.

Que caralho aconteceu com seu telefone? Me responda.

Ele morreu. Preciso que venha para cá. Retorne a ligação.

Eu me pergunto o quão blasé você ficará quando eu te curvar e foder com sua grosseria por não responder ao seu chefe por três dias seguidos.

Era ridículo. Ficar sentado. Esperando. Desejando.

Isso precisava mudar. Eu precisava de uma distração dessa mulher.

E eu sabia exatamente como mudar isso.



— Deixe aí fora — gritei para o serviço de quarto de dentro da minha suíte.

Não podia ser mais ninguém porque a única pessoa que convidei para o meu hotel – Georgia, minha transa casual do Ensino Médio – já estava dentro do quarto. Ela também estava me irritando *pra* caralho com sua voz irritante e chorosa. Os anos não fizeram bem a ela. Claro, ela malhava e sempre estava vestida com o modelo mais recente de algum estilista, mas tudo nela era egocêntrico, plastificado e exagerado.

Eu precisava descartá-la antes que ela se atirasse em cima de mim. Ridículo, considerando que eu a convidei para cá para poder fodê-la e com a lembrança dolorosa de Emilia no meu sistema.

Então, chamei um dos meus antigos casinhos para me distrair até estar com o testamento nas mãos. E daí?

Georgia estava sentada no sofá em frente à minha poltrona, ainda tagarelando sobre alguma coisa que aconteceu no clube de campo de Todos Santos cinco anos atrás. Eu não estava ouvindo... Acendi um baseado.

— E eu fiquei chocada, Vicious, tão chocada. Digo, uma coisa era ela não querer doar para a minha obra de caridade, mas me acusar descaradamente de fundar uma organização inteira apenas para meu pai parecer melhor durante sua campanha para o senado...

— Por que você arrombou o cadeado de Emilia LeBlanc naquele dia?

— Cortei-a de repente, a fumaça saindo pelas minhas narinas dilatadas.

Eu estava fisicamente incapacitado de ouvir mais alguma dessa merda chata com que ela estava me enchendo. Lá embaixo, no bar do hotel, onde tomamos um drinque, eu me convenci de que não ligava para sua voz irritante e suas expressões faciais irritantes e seu *ego* irritante. Lamentavelmente, eu estava errado. Eu ligava para todas essas coisas. Muito.

— Emilia LeBlanc? — Georgia enrolava uma mecha de cabelo no dedo, piscando para mim. Sua máscara de cílios era tão densa e óbvia. Realmente não ajudava meu pau desinteressado.

— Sim. Não finja que não se lembra dela. — Soprei fumaça para o teto e virei o pulso para conferir meu *Rolex*.

— Eu me lembro dela. Só estou surpresa que você se lembre. — Ela arqueou uma sobrancelha.

Fiquei olhando para ela, inexpressivo, esfregando o polegar na minha têmpora com a mesma mão que segurava o baseado.

— Ela encontrou o livro de matemática na minha mochila, lembra?

Georgia bufou.

— Porque você o pegou de mim e ameaçou destruir a minha vida se eu fizesse aquilo de novo!

— Você mereceu, querida. Agiu como uma pirralha — rebati sem nem piscar.

Houve outra batida na porta. Quem caralhos contratava esse tipo de idiota? Por que não podiam simplesmente deixar a comida do lado de fora?

— Dê o fora daqui e leve meu jantar com você! — Gritei. Eu não estava mais com fome. Definitivamente, não queria que ela ficasse e jantasse comigo. Mas o que eu não queria mesmo era tocá-la. Não era incomum para mim descartar uma perfeita noite de sexo se não estivesse no clima. Só que, com certeza, era a primeira vez que eu me irritava a ponto de querer a mulher fora da minha vida para sempre.

— O que é isso, Vic? — Georgia sorria desconfortavelmente, levantando do sofá e vindo em minha direção.

Dei outro trago no meu baseado e a observei. Ela pôs a bunda no meu colo e eu balancei a cabeça com os olhos mortos.

— Tire a bunda daqui, agora, Georgia. Saia.

Outra batida na porta e, desta vez, foi uma porrada violenta na madeira. Levantei para atender e ela ficou de pé bem a tempo. Eu não me importaria se ela caísse no chão.

Ela segurou na minha mão e a apertou.

— Eu era um pouco agressiva. E daí? Todos nós éramos. Aquilo foi na adolescência. Nós crescemos depois daquela fase.

— Não quero te ver de novo — disse a ela, colocando o baseado na saboneteira que peguei do banheiro. — Você foi uma vadia nojenta com ela, e suspeito que ainda é uma vadia nojenta com quem teve o azar de ficar nesta cidade maldita. Isso foi um erro. Quero que vá embora.

Caminhei até a porta com os punhos cerrados na lateral do meu corpo. Se fosse outro funcionário do hotel reclamando no meu ouvido que este era um quarto para não-fumante, eu o faria sangrar. Abri a porta, pronto para gritar com a pessoa na minha frente. E, então, eu congelei.

— Bem-vindo à Califórnia, filho da puta. — Dean me empurrou de volta para dentro do quarto e entrou como se fosse o dono do lugar.

Dean era ligeiramente mais alto, ligeiramente maior e ligeiramente mais bonito que eu. Seu cabelo castanho claro estava curto e arrumadinho hoje em dia e seu estilo era um pouco mais elegante que o meu. Ele adorava ternos completos de cores excêntricas, igual ao Coringa. Ele também adorava me irritar, igual a todos na minha vida.

— Oi, Georgie. E aí? — Ele piscou para ela.

— Eu estava de saída. — Georgia pegou a bolsa dela de cima da mesa redonda onde eu estava sentado alguns segundos atrás e passou por nós, em linha reta até a porta.

Observei sua bunda magra e irritante desaparecer no corredor e fechei a porta quando ela passou.

Dean estava do lado de dentro, ficando confortável, servindo-se de um copo de algo alcoólico do mini bar e assobiando com um sorriso no rosto.

— Eu perguntaria se você quer alguma coisa, mas tenho medo que pense que me importo.

Encostei meu ombro na parede e o observei, com as mãos enfiadas nos bolsos, esperando que ele dissesse a que veio.

— É isso? Nem mesmo um “sinto muito por seu pai ter morrido”? — Zombei.

Dean se virou de frente para mim, engoliu o *whiskey* inteiro do copo, depois, apontou para mim.

— Você está esquecendo que teve reuniões infinitas com o *meu* pai no

escritório dele. Acha que não fiz os cálculos? Eu sei como é, Vic. Você odeia o seu pai. Odeia Josephine. Odeia o mundo inteiro. Veio para cá pelo dinheiro e pelo patrimônio, não foi?

Errado, babaca. Vim para cá atrás de vingança.

Dean encheu o copo vazio.

— Onde está nossa amiguinha, a Millie LeBlanc?

— Onde é o lugar dela. Na cobertura em Nova York. Na minha cama — menti. — Bom, tecnicamente, na sua cama. — Enfiei o baseado pela metade entre meus lábios e o acendi despreocupadamente. — Mas não se preocupe. Vou te reembolsar pelo colchão e a cama, que, aliás, nós quebramos.

Ele não parecia surpreso. Por que estaria? Ele sabia que eu a queria. Queria seu corpo. Queria sua virgindade. Queria tudo. Ele tirou de mim e foi golpe baixo. Isso era de conhecimento geral. Trent e Jaime ainda se importavam com ele quando ficávamos bêbados. E não vamos esquecer que, se Dean e Emilia estivessem realmente destinados a ficar juntos, Emilia não teria sido tão rápida em puxar o gatilho da separação toda vez que eu piscava para ela.

A verdade era que ela não o queria. Ela *me* queria.

— Ela era minha — disse Dean rispidamente, virando o segundo copo de *whiskey*.

Jesus. Joguei a cabeça para trás e ri. Ele não acreditava de verdade nisso, acreditava?

— Fala sério. Não minta para si mesmo.

Dean percorreu meu rosto com o olhar, ponderando seu próximo movimento. Ele queria me atingir. Me ferir sem socar a minha cara nem fazer uma bagunça. Eu não disse uma palavra. Não me mexi. De certa forma, eu merecia levar um soco na cara por isso. Da mesma forma que ele mereceu quando estávamos no colégio. Era a minha vez de levar uma porrada pela minha traição.

Enfim, ele abriu a boca com um sorriso malicioso brincando em seu rosto.

— Ela sabe que você é um filho da puta sem coração?

Dei de ombros. — Ela foi para o colégio comigo durante um ano.

Ele virou um terceiro copo e eu esperava que não desmaiasse na porra

do carpete. Eu realmente queria manter meu relacionamento com o pai dele intacto.

— Ela perguntou por mim?

— Não. Por que perguntaria? Alguma vez você já tentou encontrá-la?

— Ela me disse para não fazer isso. — Dean franziu a testa.

— Sim, bem, obrigado por mantê-la entretida até eu aparecer — falei, gesticulando para pôr um fim nisso.

Eu só queria que a conversa acabasse. Era óbvio que ele iria me bater. E eu aceitaria, porque merecia. Estávamos apenas perdendo tempo. Mas Dean não fez nenhum movimento em minha direção. Não ainda. Logo quando eu pensei que ele iria desmaiar na cama, ele se virou novamente e riu.

— Espere, eu não ganho nenhum “obrigado” por tirar o lacre para você?

Foda-se. Ele estava pedindo.

Fui o primeiro a lançar um punho nele. Bati os nós dos dedos no nariz dele e, desta vez, esperava que o médico não conseguisse consertar seu lindo rostinho. Ele me agarrou pela camisa e me atirou para o outro lado do quarto. Voei para trás, colidindo na televisão montada na parede. Dean me atacou, colocando o ombro no meu abdômen, me pressionando, até que ouvi a tela quebrando atrás de nós. Gemi e lancei um jab em seu maxilar, mas me segurei para não fazer mais.

Eu merecia isso *pra* caralho.

E sabia que iria doer.

Ele distribuiu socos na minha cara e eu aceitei todos. Depois, ele me arremessou no chão e chutou minhas costelas com seu sapato pontudo. Ele não era Daryl. Era um amigo e eu fodi com tudo. Eu certamente disse-lhe o que tinha na minha mente e lhe dei um pouco do meu punho quando era ele que estava atrás de Emilia.

Contorcendo-me no chão acarpetado com ele, mordi meu lábio para reprimir um gemido de dor. Tudo latejava. Mas, ei, eu merecia.

— Você fodeu mesmo a minha ex-namorada? — Rugiu ele em cima de mim, com a voz numa mistura de fúria e descrença.

Era mais fácil perdoar um inimigo do que um amigo. Eu sabia muito bem disso.

Ele estava ferido. E eu também fiquei quando descobri que eles tinham começado a namorar.

A verdade era que ele foi um babaca por sair com ela naquela época, e eu fui um babaca por transar com ela agora. Só que ela não era a sua obsessão. Seu vício.

A porra do seu calcanhar de Aquiles.

— Fodi. Se eu fosse você, me daria mais uns socos antes de ir porque eu não vou parar de fodê-la. Eu vou ser o *dono* dela.

Ele me chutou de novo e eu consegui não me encolher. Eu sabia que era a última vez porque seu nariz estava sangrando e ele precisava parar o fluxo e colocá-lo no lugar antes que inchasse. Sangue escarlate pingava no carpete bege e eu sabia que teria que pagar por esta merda.

— Levante — ordenou.

Apoiei-me na beirada da cama e me levantei. Dean sorriu, alisando a camisa ensanguentada.

— Você parece bem — comentou.

Eu sabia que devia estar com os dois olhos roxos e uma costela quebrada. Assenti.

— Você também. Espetacular. Algo mais?

— Na verdade, sim. — Ele se debruçou na mesa onde estava meu laptop e me olhou com a mesma expressão vitoriosa que dominei ao longo dos anos.— Estou interessado em saber, como diabos você acha que isso vai acabar? Sua próxima parada é Los Angeles e eu estou voltando para Nova York. Mas, ei, cara, não se preocupe. Eu vou cuidar dela no meu escritório. — Ele bateu no peito e piscou.

Meu corpo tremia de raiva, porém, me lembrei de que ele estava apenas me provocando por ser um babaca com ele. Mesmo assim, isso tinha que parar.

— Saia antes que eu faça algo que nos custará milhões e anos de reuniões em tribunais enfadonhos. Vá.

Eu não me mexi. Ele também não parecia mais estar achando graça. Tomei fôlego.

— Demita-a, Vicious. Não a quero na minha filial e não a quero na sua também. Esta garota fodeu outro cara quando éramos garotos e nem

se incomodou em retornar as minhas ligações.

Não, ela não fez isso. Ela foi embora porque eu fiz com que fosse.

— Não vai rolar — falei, embora não tivesse ideia do que fazer. Ela não iria para Los Angeles, isso ficou claro, e Dean nunca a deixaria continuar trabalhando no escritório em Nova York. Não sabia como iria mantê-la. Só sabia que precisava.

— Vai, sim — respondeu Dean calmamente, seu nariz ainda sangrava no carpete. *Cacete.*— A garota me ferrou.

— Ela não fez nada — rugi, enfim. Joguei os braços para o alto, usando o pouco de controle que ainda tinha em mim para não avançar nele de novo. Avistei meu baseado aceso abrindo um buraco no maldito carpete atrás de Dean. Ele percebeu onde meus olhos pousaram e o esmagou com seus sapatos *Monk Straps*. — Ela não ferrou com a sua vida. Eu ferrei — repeti menos acaloradamente.— Eu a mandei embora com vinte mil dólares. Em troca, ela prometeu que te falaria que fugiu com outra pessoa, enfatizando especificamente que não queria saber de você nunca mais.

— Por que ela te ouviria? — Ele cruzou os braços sobre o peito, cético, com as sobrelanceiras arqueadas.

— Porque eu a ameacei. Disse que demitiria os pais dela. A irmã vive constantemente sob medicação. Eles precisavam do dinheiro.

O silêncio reinou entre nós dois, pesado e alto.

— Você é um psicopata doente — murmurou ele.

Eu não disse nada porque isso era uma constatação, não uma pergunta.

— Só que isso não muda merda nenhuma, Vicious. — Dean finalmente foi para a porta e quando estávamos lado a lado, eu, apertando a maçaneta e ele, na soleira, nossos olhos se encontraram. — Você vai dar adeus a Millie e demiti-la, senão, vou garantir que você seja expulso do conselho. Boa noite.



ROSIE VOLTOU DE Todos Santos na segunda-feira de manhã, cheia de sorrisos e histórias sobre a nova máquina de costura da Mama e o estranho fascínio de papai com *Pequenas Misses*. Eu tinha que admitir, Rosezinha nunca pareceu tão bem.

Eu sorri em meio à dor no coração e tentei parecer alguém que não estava perdendo a cabeça por causa de um homem que específica e repetidamente disse a ela que estava apenas procurando por sexo casual.

Nós conversamos. Por vários minutos, talvez até uma hora, mas eu não ouvi. Não de verdade. O cômodo girava ao meu redor, como uma bailarina na ponta dos pés, rodando e rodando, e no borrão, só havia ele. Seus olhos sombrios. Sua carranca. Seu ar.

Ele me provocava, até quando não estava lá.

— Você viu Vicious? — Perguntei enfim, minhas palavras, apressadas. Eu odiava que a minha voz soasse esperançosa e eu odiava que cada coisinha que aprendi sobre ele me fizesse desejá-lo ainda mais. Era tudo tão estúpido e eu era uma idiota que precisava encarar a verdade: eu tinha sentimentos pelo homem que era famoso pela falta deles.

Rosie deu de ombros.

— Ele passou lá e pegou algumas coisas de seu antigo quarto na véspera de Natal, depois da nossa ligação. Prestei minhas condolências e, em troca, ele me mostrou o dedo do meio. Ele parecia puto. Digo, ele sempre parece puto, mas, dessa vez, ele também parecia querer talvez se meter num tiroteio e não poupar ninguém, incluindo gatinhos e cachorrinhos. Entende o que quero dizer?

— Claro que sim. Seu olhar habitual no escritório. — Falei secamente.

— Falando nisso, por que você não está no trabalho? Ah, sim, o funeral é hoje. Você ganhou um dia de folga extra? Ou, melhor ainda, você se demitiu?

Encarei o chão, meus dentes rangiam.

— Ainda estou resolvendo.

A verdade era que a minha mente já tinha tomado uma decisão. Era mais fácil aceitar a oferta de emprego de Vicious quando éramos apenas dois adultos com um passado em comum menos do que imaculado. Desde que descobri o que ele realmente queria de mim – infringir a lei, mentir para Jo por ele – combinado com a forma como ele agora enviava aquelas típicas mensagens de texto exigentes, finalmente me fazendo sentir descartável como ele sempre quis que eu me sentisse quando morávamos perto.

Mas o que realmente mais doía era que ele me levou para a cama do meu ex. Essa era a parte mais humilhante. A parte que eu estava desesperada para esquecer, mas nunca conseguiria.

Ela riu, mas não chegou a gargalhar.

— Por favor, me diga que você não dormiu com ele enquanto eu estava fora.

Meu rosto ficou vermelho, minhas bochechas responderam por mim.

Minha irmã caçula sabia tudo sobre mim.

Cada segredinho e pensamento sujo que passava pela minha cabeça.

Eu teria acabado contando para ela, mas era óbvio que ela não precisava de uma confissão verbal para somar dois mais dois.

— Millie, querida. — Ela esfregou a testa em frustração. — Eu te disse para não se apaixonar por ele de novo. Ele é muito perturbado. E não do jeito divertido. Não igual ao Justin Bieber. Está mais para... Mel Gibson. Ele nem mesmo parecia triste depois da morte do pai. Simplesmente como se não pudesse mais esperar para dar o fora dali.

Engoli em seco. — As pessoas lidam com o luto de maneiras diferentes. — Eu sabia por que ele não parecia triste: porque não estava. Mas eu não podia contar a Rosie que Baron Sr. deixara o filho sofrer abuso. Esse segredo era de Vicious. *Segredo nosso*. E, por mais triste que isso fosse, compartilhar um segredo com ele era me agarrar à certa intimidade entre nós que não tinha certeza se ainda existia.

— Por que você o está defendendo? — Rosie balançava a cabeça descrente.— Ouça a si mesma. Ele te fez mal tantas vezes. Te fez terminar com seu namorado do colégio... duas vezes. Te expulsou de Todos Santos. Te contratou para fazer algo suspeito para ele. Do que mais você precisa?

Assenti levemente, respirando fundo e me derramando num abraço da minha irmã caçula que esperava por mim. Contei a ela sobre o apartamento do Dean e a véspera de Natal, e nosso encontro durante o dia, todos os segredos que, sendo meus, podia contar.

— Cara de cu — disse ela ao acariciar meus cabelos enquanto eu chorava em seu ombro, sentindo meus ossos e meus músculos virarem gelatina.

Mas não contei sobre Daryl nem Jo, nem mesmo sobre o testamento.

Não conseguia parar de mentir quando se tratava de Vicious.

Mentir para o mundo e, principalmente, para mim mesma.



O dia do funeral passou devagar, comigo empoleirada no sofá, comendo salgadinhos de frutas e assistindo a uma maratona de filmes do Gene Kelly. Eu queria um personagem masculino bom e amável em quem mergulhar já que estava tentando esquecer um particularmente cruel e taciturno.

Sim, eu estava ferida, embora não guardasse rancor pelo o que Vicious fizera.

Fiquei tentada a atender suas ligações. O pai dele tinha acabado de morrer e, independente das circunstâncias, independente do que eu sentia por ele, Baron Sr. ainda era o último membro de sua família.

Mas sempre que tentava pegar meu telefone, Rosezinha arrancava-o de mim e balançava a cabeça.

— Não. — Ela estava de pé na sala de estar e grunhiu – grunhiu de verdade – para mim.

— Ele está passando por tanta coisa — murmurei, mas foi fraco e amargurado. Duas coisas que eu me orgulhava de não ser. Bom,

geralmente.

— Ele não está nem aí e você sabe disso.

— Me dá o telefone. — Eu estava cansada de falar isso.— Isso é ridículo. Só porque meu precioso ego foi ferido, não quer dizer que ele merece esse tratamento.

Mas, desta vez, o rosto de Rosie brilhou de raiva.

— Você deveria dizer isso a ele. Ele estava no bar do hotel Vineyard ontem à noite, na noite anterior ao funeral devo acrescentar, com Georgia, tomando drinques. Minha amiga Yasmine trabalha lá. Ela mesma os atendeu. Eles pegaram o elevador para subir ao quarto dele. Minha expressão deve ter entregado meu desgosto, porque Rosie me devolveu meu telefone.

A culpa era toda minha. Só minha.

Senti meu queixo tremer. Era isso que ele fazia comigo, Vicious. Ele me quebrava. Repetidas vezes. Tentei me manter distante, mas sempre que ele vinha, eu cedia.

Mas não mais.

Rosie estava certa.

Ele era tóxico, venenoso, e iria destruir tudo de bonito na minha vida se eu deixasse. Ele era a tempestade para as minhas flores de cerejeira. Isso só reforçou minha decisão de cortá-lo da minha vida de uma vez por todas. Eu arrastava o dedo pela tela iluminada sempre que Vicious ligava e me recusei a mostrar qualquer tipo de compaixão.



CAPÍTULO VINTE

VICIOUS

O FUNERAL FOI exatamente o show de merda que eu esperava.

Josephine compareceu ao enterro de seu marido enfeitada com um bronzeado havaiano, um vestido *Versace* preto e lágrimas falsas. Dean apareceu e ficou ao lado do pai, prestando respeito, mas sem olhar para mim. E Trent e Jaime passaram a cerimônia tentando me consolar enquanto olhavam de relance de mim para ele.

A situação do nariz de Dean e os meus olhos roxos eram uma revelação mortal. Eles sabiam exatamente o que tinha acontecido. Senti como se eles me responsabilizassem por tudo, mas eu não queria tocar no assunto, já que eu estava de luto.

Mais ou menos.

Na verdade, eu não sentia nada. A existência do meu pai apenas era um fardo na minha consciência. Todos os dias em que estive vivo me lembravam de que a minha mãe não estava.

Muitas coisas foram enterradas quando o caixão do meu pai foi abaixado no buraco. Uma delas foi a minha frustração em relação a ele. Mas não o ódio. O ódio ficou e, com ele, minha perturbação. Uma inquietação sobre a qual ninguém deveria saber.

Era uma tragédia, mas era a minha tragédia. E eu não queria que ninguém mais soubesse.

Quando voltei para o hotel, mandei outra mensagem de texto dizendo para Emilia me ligar. *Agora.*

Eu estaria com o testamento em minhas mãos amanhã. Estava na hora de ela arrumar as malas e colocar sua bunda linda no avião. Eu também estava planejando dizer que ela precisaria ficar na Califórnia por pelo menos duas semanas e me ajudar em Los Angeles. Eu até estava disposto a contribuir com algumas centenas de milhares extras

para adoçar o negócio. Diabos, a esta altura eu daria qualquer coisa que ela quisesse.

Mas Emilia não respondeu.

Será que ela tinha se acovardado e decidiu que não iria mentir por mim? Parecia uma traição. Amarga e pesada em meu peito, na minha língua, em todos os lugares que nos tocamos.

Joguei meu telefone na parede. Ele se espatifou, cobrindo a tela com inúmeras rachaduras. O lógico a se fazer era pedir à minha assistente que substituísse por outro, só que eu não tinha uma porra de assistente neste momento. Eu precisava dela e ela não estava lá. Eu precisava dela, mas sabia que morreria antes de admitir esse simples fato em voz alta.



Andei pela parte verde desde o meu carro alugado até a mansão Cole. O tempo passava lentamente nesses momentos. Ou talvez rápido demais, estava indeciso. Agora, bem aqui, foi para o que vivi por... por anos. Agora, bem aqui, era o fim e o início de alguma coisa.

O testamento.

O veredito.

A porra do grande final.

Antes de saber disso, eu estava no escritório de Eli Cole na casa dele e, mesmo antes do envelope contendo o testamento chegar, uma sensação ruim me dominou. O cômodo antiquado, cheio de livros de Direito e couro velho e com um homem velho, parecia o lugar errado para se estar.

Eli não era mais tão simpático comigo. Também não era impaciente, mas altamente profissional. Quando me conduziu a uma cadeira, não se referiu a mim como “filho” como fazia frequentemente, e não insistiu para me servir café ou chá quando eu recusei na primeira vez que ele ofereceu. Pelo contrário, ele olhava para mim como se soubesse que acabei com a cara do filho dele e isso me deixou agitado. Depois que o mensageiro entregou o testamento, ele esfregou o nariz

com as costas da mão, colocou os óculos de leitura e cortou o envelope com um abridor de carta, completamente em silêncio. Minha postura na cadeira em frente à sua mesa era cautelosa e tensa. Segui suas pupilas conforme ele examinava o palavrado. Ele estava quieto, quieto demais durante muito tempo, e eu senti o sangue quente passando entre meus ouvidos.

Jo parecia arrogante *pra* caralho no funeral. Ela não trocou nenhuma palavra comigo. Não tentou implorar...

Entretanto, eu fui muito prudente...

Muito sagaz...

Sempre de acordo com meu pai durante todos esses anos, até nosso último encontro antes de ele morrer, quando eu lhe disse...

— Baron... — Eli ficou puxando um cavanhaque imaginário, como se estivesse tentando esfregar a preocupação para longe de seu rosto. O tom dele me dizia o que eu não queria ouvir.

Balancei a cabeça. Isso não estava acontecendo. Eu não precisava da porra do dinheiro. Eu fiz milhões sozinho. Nem uma fração do que meu pai tinha, mas mesmo assim...

Isso era sobre a Jo não se livrar de uma porra de um assassinato.

Era sobre não sair por aí me sentindo vazio e traído.

Era questão de *justiça*.

— Dá isso aqui.

Alcancei a pasta e arranquei o testamento da mão dele. Passei os olhos pelo documento o mais rápido que consegui, minha pulsação batia tão furiosamente que pensei que meu coração iria explodir. Diabos, metade das coisas que estava lendo eu nem registrei. Mas havia duas coisas que se destacaram para mim imediatamente:

Primeiro, o testamento foi escrito à mão. Seria quase ridículo se não fosse pelo fato de que era, na verdade, a caligrafia do meu pai e datava de muito antes de ele ficar doente. Passei para a última página com as assinaturas das duas testemunhas. Não reconheci nenhum dos nomes, mas isso não era incomum. Advogados frequentemente chamavam seus funcionários para atuarem como testemunhas.

Segundo, havia uma cláusula de deserdação.

— Ele colocou uma porra de cláusula de deserdação! — Soquei a mesa

de Eli com um grito seco.

Quanto mais eu lia, mais meu sangue fervia.

Ele nomeou Josephine como executora. Mas isso não incomodava tanto quanto a questão principal: Josephine Rebecca Spencer (nascida Ryler) era a herdeira de todo o seu patrimônio. Eu receberia míseros dez milhões de dólares.

A disposição de deserdação significava que se eu contestasse o testamento de alguma forma, não receberia nada. Só mais um *foda-se* para o seu amado filho.

Jo acabara de ficar podre de rica por seus próprios méritos.

E eu fora reduzido de quase bilionário a um homem que ainda nadava em dinheiro, mas que não iria fazer parte de nenhuma lista da *Forbes* tão cedo. Não que eu me importasse. O dinheiro não significava merda nenhuma. A vingança, sim.

Eu não disse nada enquanto Eli me observava, com o rosto enrugado e desconfiado.

Eu fora pego de surpresa.

Meu pai sabia o tempo todo que eu o odiava. Diabos, talvez ele até suspeitasse dos meus planos. Não sabia como nem por que, apenas que Josephine estava a um passo à minha frente esse tempo todo. Engoli uma bola amarga de raiva.

Eli veio para o meu lado da mesa e se sentou perto de mim em outra cadeira. Coloquei o testamento de volta na mesa e nós dois o lemos com as costas arqueadas. O testamento estava datado de dez anos atrás, em junho. Minha mente rodopiou com muitas sensações diferentes.

Um ano ruim. Um mês ruim.

— Alguma coisa estranha aconteceu naquela época? — Eli ecoou meus pensamentos. — Alguma coisa que possa ter feito seu pai mudar de ideia quanto às disposições que ele estabeleceu no acordo pré-nupcial? Meu pai foi aberto sobre os termos do acordo pré-nupcial. Ela não receberia nada se pedisse o divórcio. Ele usou o dinheiro para mantê-la casada com ele, controlando-a com sua ameaça de deixá-la sem nenhum centavo.

Então, ela ficou. Não fiquei surpreso por ele deixar alguma coisa para

ela depois de todos esses anos. Mas tudo? Parecia que Jo o controlava o tempo todo. Isso também não deveria me surpreender. Jo filha da puta. Ela ficou falando no ouvido dele outra vez.

A data do testamento era de logo depois de eu terminar o Ensino Médio. Depois que expulsei Emilia da Califórnia para sempre e tudo ficou uma merda. Depois que saí dos trilhos completamente...

Dez anos atrás foi quando Daryl morreu.

— Sim. — Amassei o testamento entre meus dedos.— Jo estava passando por um momento difícil. O irmão dela morreu. Ela pode ter dedilhado os sentimentos do meu pai. Eu só... — Respirei fundo.— Acho que sempre o odiei, mas ainda dói saber que ele também me odiava.

— Não entendo por que seu pai sempre favoreceu Josephine em seu detrimento, mas está na hora de seguir com a sua vida, filho. — Eli sabia o que meus amigos não sabiam.

Quando eu tinha 22 anos, todos os HotHoles voltaram a Todos Santos para o feriado de Ação de Graças. Passamos na casa de Dean e ficamos bêbados. Eu tinha acabado de ser aceito na faculdade de Direito, então, pensei que era uma boa ideia perambular no escritório de Eli no meio da noite e olhar as coisas dele. Ele estava lá e eu estava tão bêbado, tão perdido, tão triste, que de alguma forma acabei me confidenciando com ele sobre o abuso.

Mas fiquei de boca fechada quanto ao assassinato da minha mãe, da mesma forma que fiz com Emilia.

Escolhi lidar com a justiça eu mesmo, e assim o fiz. Até hoje.

Tudo estava desabando. Eu era um fantasma ambulante e falante. Um ninguém.

Um homem sem um propósito.

— Não deixe que o que te fizeram defina quem você é. Encontre alguma outra coisa que te faça vibrar. — A voz de Eli tremia de emoção. Ele não se importava mais que eu tivesse estragado o rosto de seu filho. Porque a minha vida era muito mais fodida do que a de Dean jamais seria. — Viva, Baron. Viva bem. Não olhe para trás. E nunca visite aquele lugar de novo.

Ele estava falando da mansão que planejei reduzir a cinzas. O lugar

onde eu iria construir uma biblioteca em honra à minha mãe.

Quando saí do escritório de Eli, desabei nos degraus que levavam ao seu jardim e acendi um baseado. Peguei meu telefone quebrado e liguei para Emilia. Ela não atendeu.

Liguei de novo.

E de novo.

E de novo.

Depois, comecei a deixar recados no correio de voz. Recados que não faziam sentido algum e dos quais eu sabia que, com certeza, me arrependeria. A saudação da secretária eletrônica era ela cantando com uma voz suave, seguida por uma risadinha feminina e ofegante quando chegava ao fim:

“Oi, aqui é a Millie! Quer ouvir uma piada? Toc, toc! Quem está aí? Eu não estou, então, deixe uma mensagem e eu te retornarei assim que puder!”

Não sei qual a porra do seu problema, Criada, mas você precisa me retornar porque... Porque eu sou seu chefe. Eu pago o bom dinheiro que você recebe. Estou esperando pela sua ligação.

“Oi, aqui é a Millie! Quer ouvir uma piada? Toc, toc! Quem está aí? Eu não estou, então, deixe uma mensagem e eu te retornarei assim que puder!”

Você está chateada comigo? É isso? É porque eu não atendi quando você ligou? Eu deveria te lembrar que eu tinha coisas importantes com que lidar porque meu pai acabou de morrer? Além do mais, eu fui honesto com você o tempo todo. Isso não é um relacionamento. São duas pessoas fodendo com a obsessão um do outro. Retorne para mim. Agora.

“Oi, aqui é a Millie! Quer ouvir uma piada? Toc, toc! Quem está aí? Eu não estou, então, deixe uma mensagem e eu te retornarei assim que puder!”

Emilia! Mas que merda!

Depois, do nada, meu telefone vibrou na minha mão. Suspirei e senti um calorzinho finalmente penetrar em meu peito. Deslizei a tela

danificada depressa.

— Quando você chegar aqui, vou te negar cada porra de orgasmo que você quase atingiu por uma semana inteira — grunhi.

Uma garganta foi limpa do outro lado da linha.

— *Receio que não será necessário, Baron.* — Era Jo e a voz dela soava divertida. — *Lembra-se de quando você disse que precisávamos fazer aquela coisa de jantar e tomar um vinho mais vezes? Bom, eu adoraria te encontrar esta noite para jantar. Você prefere vinho tinto ou branco?*

Meu maxilar cerrou e eu teria arremessado o telefone no jardim se não fosse a minha necessidade de ter notícias de Emilia. Desliguei e gritei, até Keeley, uma das irmãs de Dean, sair e me arrastar para dentro da casa para me acalmar.

Pelas 24 horas seguintes, fui mimado e paparicado pelas mulheres Cole como um gatinho, enquanto Dean entrava e saía de casa e me olhava de cara feia.

— Demita-a. — Eu o ouvi cantando da cozinha em algum momento enquanto sua mãe estava sentada ao meu lado na sala de estar com uma xícara de chá e relatando cada catástrofe da família que ela conseguia lembrar e como as coisas tinham melhorado por milagre.

— Demita a garota, demita agora — continuava ele implacável.

Ela estava criando uma nova barreira entre Dean e eu, e nem mesmo atendia minhas ligações. Diabos, quem sabia se ela estava mesmo me ajudando a derrubar Jo? Eu duvidava seriamente disso. Não, eu estava por conta própria.

Pensei que iria usar Emilia LeBlanc, mas não era mais capaz de controlar meus planos para ela, nem para mim. Ela foi a única pessoa com quem eu quis falar quando o meu mundo desabou. Independente do desfecho do testamento, eu não conseguiria deixá-la sair da minha vida. De novo, não.

Eu estava sentado na sala de estar do ex-namorado dela, com a cara espremida no peito da mãe dele como uma criança e me dei conta de que era tarde demais para voltar atrás.

Eu não queria mais que isso parasse.

Eu iria atrás dela.

E que se fodessem as consequências.



VICIOUS

CAPÍTULO VINTE E UM

DOIS DIAS DEPOIS que li o testamento, ouvi Jaime entrar na minha suíte destruída do hotel com o cartão-chave que dei para ele para que pudesse entrar e sair sempre que quisesse.

— Jesus. Há quanto tempo você não deixa a arrumadeira entrar?

O sangue de Dean ainda estava no carpete.

Eu estava deitado na cama desarrumada, fumando e olhando para o teto. Jaime jogou um saco de papel na mesa de cabeceira ao meu lado antes de tirar de lá de dentro garrafas de água, sanduíches embrulhados, *Tylenol* e outras porcarias que ele pensou que eu estava precisando. Eu fiquei chapado com ele e Trent depois que saí da casa de Dean, porque, quem não teria ficado depois de ter acabado de ser deserdado?

Soltei uma nuvem de fumaça e ele pegou o baseado do meio dos meus dedos, apagou e me puxou pela gola da minha camisa branca fedida.

Ele imprensou o nariz no meu.

— Você ainda é um milionário. Você ainda é jovem, rico e saudável. E tudo em que consegue pensar é que sua madrasta ficou com a grana do seu pai? Grande merda.

Ele não fazia ideia da verdade e eu não queria que soubesse o motivo pelo qual eu desabei como uma porra de um ‘viadinho’ na casa de Dean. Eu só estreitei os olhos para ele.

— Ninguém te pediu para me salvar, Príncipe Otário.

— E o que você vai fazer, cara?

Eu me sentei na beirada do colchão e puxei meu cabelo.

— Nova York — falei, desejando que o baseado ainda estivesse aceso.

— Vou voltar para Nova York.

— Suspeitei que fosse dizer isso. — Jaime sentou ao meu lado. O cheiro dele era bom. De sabão e vida.

Eu também costumava ter esse cheiro antes de a vida foder comigo.

— Você não pode voltar para Nova York, Vic. É a filial de Dean. Ele já está puto com você por causa da merda que você fez com Emilia. Você não pode trabalhar lá com ele agora e, de qualquer forma, quem diabos vai administrar o escritório daqui?

— Eu não estou nem aí. Vou voltar para Nova York e reivindicar o que é meu.

— Você quer dizer que vai reivindicar Millie como sua.

— Não — menti. — Quero dizer que quero trabalhar em Nova York. Estou cansado de Los Angeles. — Projetei meu queixo, desafiando-o a argumentar. Eu era um canalha cabeça dura e ele sabia disso.

Jaime jogou a cabeça para trás e riu e eu senti a raiva borbulhando dentro de mim. O que tinha de tão engraçado nessa situação? Sua risada cessou, mas só depois de um minuto inteiro.

— Ouça o que está dizendo, Vicious. Está obcecado por essa garota. Está *apaixonado* por essa garota, sempre esteve, desde que percebeu que ela não tem medo de você nem ficou impressionada pelas suas merdas. Você esbarrou nela em Nova York e a primeira coisa que fez foi contratá-la. Você está em profunda negação. Você a quer, e que se foda tudo sobre ela. Você não precisa roubar o escritório de Dean. Apenas diga a ela.

Balancei a cabeça mais uma vez. Isso não fazia sentido. Ou, pelo menos, eu não queria que fizesse.

— Eu vou para Nova York.

— Dean vai ficar puto — Jaime falou pela milésima vez.

— Que pena. Já fiz a reserva do voo. — Foi o mais longe que cheguei até agora.

Eu precisava de um plano. E precisava rápido.



Comecei com uma ligação para o RH de Nova York para dizer que

Emilia LeBlanc estava de licença remunerada. Ela não iria aparecer para trabalhar sem um pouco de persuasão cara a cara – percebi isso por ela não responder minhas ligações, mensagens de textos nem e-mails. Por enquanto, pedi que o gerente do RH me informasse se Dean tentasse qualquer coisa suspeita com o emprego dela, e me certifiquei de ter acesso a todos os registros empregatícios de Emilia, só por precaução.

O que também me deu acesso ao seu e-mail da empresa. Era exatamente igual ao Ensino Médio: eu folheando a sua correspondência para ver quais eram os próximos planos dela.

Vi que ela já tinha entrado em contato com uma agência de empregos para ter outra assistente pessoal de prontidão caso Dean ou eu precisássemos de alguém na próxima semana. Sinceramente, até isso me irritou. Ela estava claramente puta comigo e nem conseguia fazer isso direito sem ter certeza de que todos à sua volta estavam bem e confortáveis. Incluindo eu.

Eu não estava muito preocupado. Não era como se ela pudesse ir muito longe. Eu sabia onde ela morava e não tinha nenhuma perspectiva de emprego, exceto se enfiar naquela roupa de garçoneiro vadia outra vez. Caso contrário, para começar, ela não teria aceitado trabalhar com um babaca como eu.

No dia de Ano Novo, embarquei num avião de volta para Nova York. Eu não sabia o que ia fazer nem onde iria ficar. Dean estava de volta ao seu apartamento e era evidente que Emilia não queria ver a minha cara.

Pior para ela.

Em Manhattan, dei entrada em outro hotel e nem me incomodei em desfazer as malas desta vez. Todos os quartos utilitários se confundiam. Hotéis são venenos para a alma. Sorte minha que a minha alma já estava maculada.

Depois de tomar um banho rápido e me barbear, resolvi que já tinha passado da hora de Emilia se explicar. Fui para o edifício de Dean e entrei usando sua chave eletrônica. Bati à porta três vezes e fiquei andando de um lado para o outro no corredor do lado de fora do apartamento dela, passando os dedos em meus cabelos.

Nada.

Bati novamente, desta vez socando a porta.

— Puta que pariu! O mínimo que você pode fazer é me enfrentar pessoalmente. Eu ainda sou seu chefe!

Assim que terminei a frase, a porta abriu e Rosie estava parada do outro lado.

— Onde está a sua irmã? — Senti meu maxilar contrair.

Ela abraçou a porta com o queixo erguido.

— Na realidade, eu não abri a porta para responder suas perguntas idiotas. Eu abri a porta para te dizer que, na verdade, você não é mais chefe da minha irmã. Ela encontrou um novo emprego. Vamos nos mudar no domingo. Obrigada por nada, imbecil. — Ela sorriu docemente e tentou bater a porta na minha cara.

Eu tive que enfiar meu pé entre a porta e o batente, exatamente como fiz na primeira vez que fui ver Emilia. As irmãs LeBlanc definitivamente não gostavam da minha presença.

— Cadê ela? — Repeti. Eu não acreditava no que Rosie tinha dito sobre o emprego novo. Isso não ia acontecer. Ela não teria desistido de seu emprego com um salário alto na FHH... teria?

Caralho. Claro que teria. Essa era Emilia.

— Não — respondeu Rosie. — Ela não quer mais te ver. Primeiro, você a fez terminar com o namorado e a obrigou a deixar a Califórnia... — Ela parou, me premiando com um de seus famosos olhares de foda-se. Sua voz caiu um tom.— E então, dez anos depois, você dorme com ela na cama dele. Qualquer que seja a turnê de vingança em que você esteja, ela não quer participar.

Merda. Ela sabia sobre Dean.

Mas eu sabia que Rosie não estava falando sobre a real vingança que eu estava procurando... de Jo. Era um bom sinal. Emilia tinha guardado meus segredos.

Abri caminho para dentro do apartamento, procurando por ela. Ela não estava na sala de estar, mas inúmeras caixas de papelão, sim, e já estavam seladas e prontas para se mudar para outro lugar.

Rosie não estava mentindo.

Não sobre se mudar e provavelmente não sobre Emilia ter encontrado

outro emprego.

— Preciso falar com ela — falei.

Rosie balançou a cabeça.

— Por favor, Vicious. Ela nunca vai admitir, mas dá para notar que se importa com você. Demais. E se houver pelo menos um pedacinho de bondade em você, você vai deixá-la em paz. Vocês dois são tóxicos juntos e você sabe disso.

— Isso é besteira — bufei. — Nós não somos tóxicos juntos.

Embora eu soubesse que ela estava certa. Estavam faltando alguns pedaços em mim. Eu precisava de algumas peças para poder amar como uma pessoa normal. É por isso que eu gostava de destruir coisas e por isso que eu gostava, principalmente, de destruir Emilia. Ela era a coisa mais pura que já conheci.

— Cadê ela? — Perguntei novamente, sem me mexer. Eu não iria embora até que ela me dissesse e acho que ela também sabia disso. — Onde está a sua irmã? Preciso falar com ela. Podemos fazer essa merda durante horas e eu, mesmo assim, não vou parar de perguntar até que você me responda.

Rosie olhou para baixo.

— Ela foi para uma noite de inauguração na galeria perto do Hudson. A exposição 'A Altura do Fogo'. Ela começa a trabalhar numa galeria lá na segunda-feira. Uma mulher para quem ela vendeu um quadro e que trabalhava na Saatchi realmente adorou o trabalho dela e...

Eu não dava a mínima para o resto. Apenas me virei e segui para a porta, mas Rosie pulou em cima de mim como uma pequena ninja, apertando meu torso. Eu girei, encarando-a friamente. Ela recuou, como quase todo mundo fazia quando eu olhava desse jeito.

Todo mundo menos Emilia.

— Por favor, não faça isso, Vicious. Ela é o elo mais forte da nossa família. Ela cuida de mim. Ela é o motivo por que meus pais dormem à noite acreditando que estamos bem em Nova York. Você não pode enfraquecê-la. Ela é o nosso muro.

Balancei a cabeça e saí.

Como a porra da bola de demolição que eu era.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

A NOITE ESTAVA chuvosa e fria, quase fria demais a ponto de nevar, mas não totalmente. Fiquei feliz pelo casaco no qual investi com o dinheiro de Vicious. Eu nem me senti culpada.

Brent, meu novo chefe, um homem com trinta e tantos anos, morava perto do apartamento que estávamos prestes a desocupar, então, dividimos um táxi e, depois, tomamos um drinque rápido enquanto ele me colocava a par do que esperar na exposição.

Meu novo emprego na galeria era apenas um estágio, e o salário era horrível, mas quando Rosie viu a expressão em meu rosto, ela basicamente me obrigou a aceitar. Minha irmã caçula estava se sentindo muito melhor e voltaria para seu antigo emprego de barista assim que nos mudássemos. Um emprego onde as gorjetas eram ótimas e o dono era flexível com os horários em que ela poderia trabalhar.

Para começo de conversa, tentei não ligar muito por ter concordado em trabalhar para Vicious. Minha situação estava calamitosa, com a saúde de Rosie e tudo o mais, mas nunca mais outra vez. Estava feliz que tudo acabaria neste final de semana depois que nos mudássemos para o novo apartamento. Eu estava ansiosa para me libertar das garras dolorosas de Vicious.

Era Ano Novo e essa era a minha resolução. Eu estava farta dele.

Brent e eu nos apressávamos pela curta distância até a galeria sob aquele clima horrível e eu ouvi uma voz familiar que fez meu coração parar.

— Emilia!

Meu primeiro instinto foi não me virar, continuar andando, principalmente porque meu novo chefe estava ali. Mas eu não era capaz de ignorar ninguém. Nem mesmo ele. Virei-me devagar, o granizo chicoteando nossos rostos enquanto eu absorvia Vicious. Ele atravessou a rua correndo para me alcançar, o seu corpo inteiro ficou tenso quando ele percebeu Brent ao meu lado.

— Quem caralhos é essa coisa? — Ele fez uma careta.

Ai, Deus.

Corei violentamente, me virando para Brent com o rosto vermelho. A última coisa que eu queria era que meu novo emprego começasse desse jeito. Eu xinguei Rosie internamente por contar a Vicious onde eu estava, porque eu sabia que ele não tinha outra maneira de descobrir onde eu estaria. Depois, passei a xingar Vicious também internamente por ter um gaydar quebrado, porque Brent claramente jogava no mesmo time que eu, não no dele.

— Sinto muito, Brent. Por favor, não ligue para ele. — Continuei andando, com os olhos na porta de entrada à frente.

Brent ergueu uma sobrancelha, mas felizmente não disse o que estava passando em sua cabeça naquele momento.

Vicious nos seguiu, seus passos longos alcançando nossos passos apressados com facilidade.

— Não ligo para quem este idiota seja. Nós precisamos conversar.

— Por favor, dê meia-volta e vá embora antes que esta noite termine com uma ordem de restrição. Eu odiaria que isso destruísse sua brilhante carreira financeira. — Minha expressão era bem séria e a minha voz tão fria que eu nem tinha certeza de que me pertencia.

Nós estávamos andando com pressa na calçada enquanto ele corria ao nosso lado na rua, suas mãos puxaram meu casaco molhado. Recusei-me a olhar para ele porque eu sabia que cederia se olhasse.

— É importante — disse ele, ignorando a minha ameaça.

— Nada é tão importante quanto a minha carreira.

— Não vou sair daqui até que fale comigo.

Brent deixava transparecer todo tipo de desconforto ao meu lado, sua expressão implorava por pistas sobre como responder: Eu precisava de ajuda? Eu queria um tempo sozinha com este cara?

O granizo me chicoteava furiosamente e soprava agulhas geladas em meu rosto, cada uma parecendo um tapa forte.

Estreitei os olhos para Vicious.

— Fique aqui se quiser. Vire um picolé. Vou entrar para trabalhar.

Deixei as portas engolirem Brent e eu, e até consegui não olhar para trás nenhuma vez enquanto entrava na galeria. Durante as duas horas seguintes, virei três taças de champanhe e discuti arte com ávidos colecionadores. Mas nem mesmo meu novo trabalho e os acenos animados de Brent para tudo o que eu dizia me fizeram sentir melhor. Minha mente continuava retornando para Vicious e para o fato de que ele tinha voltado para Nova York.

A noite se arrastou. Eu fiquei com tanta raiva – furiosa para ser exata – por ele também ter conseguido arruinar isso para mim que passei a maior parte do tempo tramando na minha cabeça como estrangulá-lo enquanto eu pacientemente me socializava com estranhos e conversava sobre os méritos dos quadros à venda.

Quando chegou a hora de ir embora, chamei um táxi para buscar Brent e eu. Vinte minutos depois, o taxista mandou uma mensagem nos informando que esperava do lado de fora. Passamos pelas portas – consegui ver o carro amarelo do outro lado da rua – quando uma sombra enorme apareceu na minha visão periférica.

Vicious.

Ele estava encharcado, molhado até os ossos, de pé no granizo, olhando para a porta de entrada da galeria, esfregando a palma da mão sobre o cabelo coberto de gelo.

Respirei fundo e ofeguei. Será que ele tinha ficado ali o tempo todo? Suas roupas estavam pesadas pela água e seu rosto, por causa do frio, não estava mais rosado. Ele estava azul. Tremendo. Congelando.

— Vá. — Acenei para Brent, apontando o táxi. — Vou pegar outro. Tenho que cuidar disso.

— Tem certeza? — Brent vestiu o capuz do casaco para proteger sua cabeça do granizo. Ele não parecia ansioso para discutir minha vida amorosa comigo neste clima. Com toda a razão.

Usei a mão como viseira para proteger meus olhos do granizo e assenti.

— Com certeza. Ele é só um... amigo do colégio. — A mentira parecia fel na minha boca. — Até amanhã.

Brent olhou de novo para Vicious com curiosidade. Ele devia estar parecendo um completo louco para ele. Depois de uma leve batida, Brent desapareceu dentro do táxi e foi embora, as luzes vermelhas dançavam conforme eles seguiam o tráfego noturno de Nova York.

O granizo apunhalava nossos rostos enquanto estávamos parados um de frente para o outro, mas eu não disse uma palavra. Ele me olhava impotente, um cachorrinho perdido, e eu me perguntei como não notei isso antes. A nudez total e absoluta de seus sentimentos. O sofrimento. A dor. Todas as coisas que faziam de Vicious quem ele era: cruel.

— Você esperou aqui o tempo todo? — Engoli um soluço. Porque era realmente triste, por baixo de toda a raiva que eu tinha por ele.

Ele deu de ombros, mas não respondeu. Ainda parecia um pouco perplexo. Como se ele mesmo não conseguisse acreditar que tinha feito o que acabou de fazer: esperar por mim debaixo de uma tempestade de inverno.

— Eu não quero te ajudar com a Jo — falei. Eu não queria, mas ainda queria que ele conseguisse justiça. Tentei convencer a mim mesma que Vicious tinha outras opções a explorar. Seu ex-psiquiatra... Eli Cole...

— Não estou aqui para isso. Ela herdou cada centavo que meu pai tinha. — A voz dele era indiferente como sempre. Eu mal tive tempo para processar a nova informação antes de ele jogar outra bomba.

— Não se demita.

— Eu já me demiti. Mandeí minha carta de demissão pelo correio. Pensei que seria melhor assim, já que Dean está de volta e tudo o mais. — Observei-o fechar os olhos, como se tivesse sido outro sopro de granizo que ele não estava esperando.

Eu sabia que Dean estava de volta à cidade porque ele deixara um *Post-It* na minha porta, me informando que meu “pau amigo” não estava mais na cidade, mas que eu ainda podia subir para a cobertura e montar em outro se estivesse me sentindo sozinha.

Babaca nojento.

— Por quê? — Perguntou Vicious.

— Por quê? — Eu praticamente ri. A pergunta verdadeira era por que eu concordei em trabalhar para ele, para começo de conversa. — Porque você tem problemas, Vicious. Você trata todos à sua volta como lixo. Você transou comigo na cama do meu ex-namorado e, depois, levou Georgia para o seu quarto de hotel, na noite anterior ao funeral do seu pai.

Tipo, resumindo.

— Não dou a mínima para o meu pai. Você sabe o que ele deixou a Jo fazer comigo.

— Então, você correu para casa pelo dinheiro? Você desapareceu sem me dizer uma palavra. Pensei que estava ferido ou doente quando não apareceu na véspera de Natal para jantar e não atendeu as minhas ligações.

— Fiquei desorientado quando recebi a ligação sobre meu pai — ele fervilhava, mal movendo a boca enquanto dava um passo mais para perto. Nossos peitos se encostaram, arrepiando-se um contra o outro.

— Você tem razão, tudo bem? Eu tenho mesmo insônia e, às vezes, perco o controle com as coisas. Depois, meu telefone morreu e eu esqueci meu carregador. Isso acontece o tempo todo com as pessoas. E a casa de Dean? Sim, foi uma merda ter feito isso, mas é mesmo o fim do mundo? Você por acaso morreu? — Ele arqueou uma sobrancelha. Eu praticamente ri. Ele parecia extremamente sério. Como se fosse eu fazendo tempestade num copo d'água.

— E quanto a Georgia... — continuou. — Eu e você não somos exclusivos. Estabelecemos isso bem antes de eu te tocar.

Meu coração afundou. A dor preencheu o espaço entre nós como se fosse um buraco negro onde nós dois tínhamos medo de cair.

— É verdade. E, agora, eu estou te dizendo que não curto relacionamentos não exclusivos. Estou te pedindo para aceitar, respeitar e me deixar em paz. Você deixou perfeitamente claro que não sou sua namorada. E tudo bem. Mas eu não acho que devemos manter contato. Nós fazemos mal um para o outro. Sempre foi assim. Respirei fundo, pensando no meu eu de dezoito anos. Sozinha e assustada, encarando o mundo com olhos arregalados e batimentos do coração instáveis, sem ninguém para cuidar de mim além de mim

mesma. As viagens de ônibus de cidade para cidade. As cartas de “estou-bem” para a minha família. A dor, a vergonha, o sofrimento. Tudo por culpa de Vicious.

— Sabe... — sorri com tristeza, ignorando o granizo que ameaçava nos congelar na calçada. — eu costumava pensar que você era um vilão, mas não o meu vilão. O seu próprio vilão. Para mim, você foi um aprendizado. Um aprendizado brutal, nada mais, nada menos.

Menti porque queria que ele fosse embora. Porque eu não era uma boa pessoa neste momento em particular. Visões dele agarrando o vestido de Georgia, o mesmo que ela vestia dez anos atrás, atacaram a minha imaginação. Depois de me tocar. Depois de me *marcar*.

— Eu já garanti um emprego na galeria. Desta vez, você não vai conseguir fazer as regras. Desta vez, Vicious, você perdeu.



Naquela noite, eu fiz algo que não fazia desde que saí da casa dos meus pais. Eu peguei ‘A Caixa de Sapatos’. Todo mundo tinha *aquela* caixa de sapatos com seus segredinhos sentimentais. A minha era diferente, porque não era cheia de coisas que eu queria lembrar. Era cheia de coisas que eu queria esquecer. Mesmo assim, eu a carregava comigo por todos os lugares. Até em Nova York. Tentei convencer a mim mesma que a tinha levado comigo porque não queria que ninguém descobrisse sobre ela, mas a verdade era que era difícil deixar para trás o que nós éramos.

O que poderíamos ter sido.

Numa pequena e esfarrapada caixa de sapatos *Chucks* ficava o motivo por que eu me apaixonei por Baron “Vicious” Spencer no Ensino Médio.

Era uma tradição em All Saints High ter um amigo por correspondência anônimo do mesmo colégio e da mesma turma pelo ano inteiro. Era obrigado a participar e as regras eram simples:

Sem linguagem vulgar.

Sem deixar pistas de quem você é.

E, absolutamente, sem trocar de amigo por correspondência. A diretora Followhill, a mãe de Jaime, achou que isso motivaria os alunos a serem mais legais um com o outro, porque nunca poderíamos ter certeza de que não estávamos falando realmente com o amigo por correspondência com quem estabelecemos uma amizade por escrito. Foi surpreendente como um jogo antiquado e ultrapassado nos pegou. Aparentemente, as pessoas não se importavam de verdade em escrever para os seus amigos por correspondência. Eu vi os olhares nos rostos das pessoas quando o professor designado para aquele dia colocou envelopes em seus armários, desejando poder atacar o referido professor e perguntar quem diabos era seu amigo por correspondência. Mas era inútil.

A diretora Followhill era a única que sabia quem escrevia para quem. Os alunos nunca souberam. As cartas eram sempre impressas, sem escrita à mão, e deveríamos assinar com nomes falsos para manter nossas identidades escondidas.

Apesar disso, me apeguei ao meu amigo por correspondência desde a primeiríssima carta que recebi durante a primeira semana no novo colégio. Talvez fosse porque ninguém ligava para mim em All Saints High. Black decidira começar nossa conversa desse jeito:

A moralidade é relativa?

— *Black*

Era uma pergunta filosófica que normalmente alguém de dezoito anos não faria. Não deveríamos compartilhar nossas cartas com outros alunos, mas eu sabia com certeza que a maioria dos amigos por correspondência conversava sobre o colégio, dever de casa, shopping, festas, música e apenas coisas comuns, não sobre isso. Mas era o início do ano e eu estava esperançosa e muito bem comigo mesma, então, respondi:

Depende de quem pergunta.

— *Pink*

Só era obrigatório trocar uma carta por semana, então, fiquei animada

por receber uma carta de volta em meu armário apenas dois dias depois.

Boa jogada, Pink. (Tecnicamente, você está quebrando as regras já que posso dizer pelo seu nome que você é uma garota.) Outra pergunta indo em sua direção e, dessa vez, tente não contorná-la como uma cagona. Quando não tem problema – se é que alguma vez não tenha – desobedecer a lei?

— Black

Eu ri de verdade, pela primeira vez desde que cheguei em Todos Santos. Umedeci os lábios e pensei na pergunta a tarde toda antes de escrever uma resposta.

Bom, Black (e não consigo enxergar como Pink é diferente de Black. Claramente, você também está quebrando as regras, porque posso dizer pelo seu nome que você é um garoto), vou te dar um resposta direta e surpreendente: Acho que tudo bem desobedecer a lei às vezes. Quando é uma necessidade, uma emergência, ou quando o senso comum anula a lei.

Como a desobediência civil. Quando Gandhi desceu ao mar em busca de sal, ou quando Rosa Parks se sentou naquele ônibus. Não acho que estamos acima da lei, mas também não acho que estamos abaixo dela. Acho que precisamos nos nivelar a ela e pensar antes de fazer as coisas.

OBS:

Me chamar de “cagona” está quebrando a regra de “sem linguagem vulgar”, então, tecnicamente, você é praticamente um anarquista no âmbito deste mundo de amigo por correspondência.

— Pink

A resposta veio no mesmo dia, e foi um recorde histórico. Ninguém ficava ansioso para escrever mais do que precisava, mas eu gostava do Black. Eu também gostava do anonimato do projeto porque estava começando a acreditar que Black, como todos os outros, me tratava como lixo diariamente só porque eu era a filha dos empregados. Um amigo seria útil.

Estou meio impressionado. Talvez devêssemos quebrar mais regras e você aparecer na minha casa esta noite. Minha boca não é boa apenas para falar de filosofia.

— *Black*

Fiquei vermelha e amassei a carta dele, jogando-a na lata de lixo ao lado da minha cama no meu quarto em casa. Aqui, eu achava que estava conversando com alguém que era mesmo divertido e inteligente e tudo o que ele queria era me levar para cama. Não respondi a Black e quando eu absolutamente tive que mandar a carta semanal, respondi com:

Não.

— *Black*

Black também esperou até o último dia antes da resposta seguinte.

Quem perde é você.

— *Black*

Na semana seguinte, resolvi parar com os joguinhos e escrever algo longo. Foi uma semana ruim. A semana que aconteceu o incidente com meu livro de matemática. Vicious dominou meus pensamentos, então, tentei acalmá-lo pensando em outras coisas.

Você acha que algum dia iremos desvendar o enigma do envelhecimento? Você já se perguntou se talvez tenhamos nascido cedo demais? Talvez cem, duzentos anos de quando encontrarão a cura para a morte. Então, todos que estiverem vivos olharão para trás, para nós, e pensarão: “Bom, eles estavam ferrados. Nós vamos viver para sempre! Muahahaha.”

Acho que devo ser pessimista.

— *Pink*

Ele respondeu na manhã seguinte.

Acho mais provável que essas pessoas terão de lidar com o mundo destruído e poluído que deixaremos para eles porque nós fodemos com tudo e nos divertimos muito quando eles nem eram um espermatozoide e um óvulo ainda. Mas quanto à sua pergunta, não, eu não gostaria de viver para sempre. Qual seria o sentido disso? Você não tem fome de alguma coisa? Não tem sonhos? Que peso e significado terão seus sonhos se não tiverem um prazo? Se não tiver que ir atrás deles hoje porque pode fazer isso amanhã, daqui a uma semana, ou em cem anos?

Acho que você é apenas realista e, possivelmente, esquisita pra cacete.

— Black

Não escrevi para ele no dia seguinte porque eu estava estudando para outra prova importante, embora estivesse planejando escrever para ele naquela noite. Mas era tarde demais. Black escreveu outra carta.

Não quis dizer de uma maneira ruim. Sua esquisitice não é desestimulante.

— Black

Aposto que é apenas uma cantada para tentar me pedir para ir à sua casa outra vez.

— Pink

Suspirei, esperando que não significasse outro período de seca de cartas, mas Black escreveu dois dias depois.

É uma oportunidade única, querida. Não vou te perguntar de novo. Você perdeu o trem. Além disso, tenho uma sensação chata de que sei quem você é e, se for o caso, não te quero mais perto da minha cama nem dentro da minha casa.

As guerras podem algum dia ser justas?

— Black

Meu coração bateu violentamente no meu peito o dia inteiro. Olhei em volta dos corredores, tentando pegar alguém que pudesse me olhar estranho, mas ninguém olhou. Todos agiam da mesma forma. O que

significa que ou me ignoravam ou zombavam de mim. Com exceção de Dean. Dean dava em cima de mim constantemente. Eu queria muito dizer não, queria explicar que era uma má ideia, que eu nutria sentimentos pelo amigo dele, mas até eu sabia o quanto isso soava patético. Desejar o cara que te humilha. Cobiçar alguém que te acha nojenta.

Seja como for, não respondi a Black. Decidi dar-lhe uma resposta curta quando eu tive que fazer isso de qualquer jeito e conduzir a conversa para outro rumo como da última vez, mas não consegui. Porque outra carta chegou no dia seguinte.

Eu te fiz uma pergunta, Emilia. Você acha que guerras podem ser justas?
— *Black*

Agora eu *definitivamente* sabia quem ele era e, sempre que sentava ao lado dele na aula de Literatura ou o via no corredor, eu desviava o olhar, por algum motivo sentindo raiva de mim mesma por conversar com Black tão livremente. Era como se Vicious tivesse um pedaço íntimo meu, agora que ele tinha acesso às minhas verdades descaradas. O que, claro, era estúpido. E como se tivesse ficado qualquer dúvida, a carta seguinte dele chegou para mim dois dias depois, mas não estava no meu armário. Estava em cima da minha mesa, no meu quarto, na dependência dos empregados.

Por que você nunca revida? Eu roubei seu livro. Eu te humilho. Eu te odeio. Brigue comigo, Criada. Mostre do que é feita.
— *Black*

Nós trocamos páginas em branco pelo resto do mês. As minhas cartas para ele eram desprovidas de palavras, embora, às vezes, eu rabiscasse alguma coisa ofensiva quando estava especialmente entediada. As cartas dele para mim não tinham nada mesmo. Às vezes, eu cheirava os pedaços de papel que ele me mandava. Às vezes, eu os enrolava entre meus dedos, sabendo que ele também tinha tocado neles.

E, depois, eu comecei a namorar Dean.

Eu me senti mal por isso o tempo todo, mas fiz mesmo assim. Eu não o

estava usando, porque gostava mesmo dele. Não o amava, mas amor não era algo em que eu pensava que deveria necessariamente sentir nessa idade. Podia ser mais fácil pensar que Dean não me amava também. Além do mais, nós éramos bons juntos. Nós nos divertíamos. Mas ambos queríamos ir para faculdades fora do estado e isso deixava as coisas mais leves e menos sérias entre nós. Pelo menos, eu achava isso.

Logo depois que comecei a namorar Dean, Black voltou a escrever.

Você consegue dizer a diferença entre amor e desejo?

— *Black*

Eu fiz a vontade dele, não porque queria, mas porque aproveitava cada chance que tinha de falar com ele.

Desejo é quando você quer que a pessoa te faça se sentir bem. Amor é quando você quer fazer a outra pessoa se sentir bem.

— *Pink*

Na carta seguinte que recebi dele, minhas mãos tremiam. E elas continuariam tremendo pelos próximos meses conforme Black rastejava para dentro da minha alma e sentava no fundo do meu coração, ficando confortável.

E se eu quiser ferir a pessoa, é ódio?

— *Black*

Eu respondi:

Não, é dor. Você quer causar dor na pessoa que te feriu. Acho que se você odeia alguém, simplesmente quer que ele vá embora. Você realmente me odeia, Black?

— *Pink*

Foi a pergunta mais corajosa que já lhe fiz. Ele levou a semana inteira para me responder assim:

Não.

— *Black*

Você quer falar sobre isso pessoalmente?

— *Pink*

Outra semana passou antes de ele responder.

Não.

— *Black*

Nós ficamos nesse pingue-pongue pelo resto do ano, conversando sobre filosofia e arte. Eu estava namorando Dean e Vicious estava dormindo com todas as outras. Nós nunca mais mencionamos nossas verdadeiras identidades. Nós nunca admitimos um para o outro, nem pessoalmente nem nas cartas, que éramos quem éramos. Mas estava ficando evidente que éramos compatíveis.

E sempre que o via andando pelo corredor com seu sorriso preguiçoso e um harém de líderes de torcida ou sua equipe de futebol atrás dele, eu sorria discretamente. Um sorriso que dizia que eu o conhecia mais do que eles. Que eles podiam se divertir com ele todos os dias e comparecerem às suas festas idiotas, mas era eu que realmente sabia coisas importantes sobre ele.

Mesmo quando ele tentou me beijar naquela noite, não falamos sobre Black e Pink. Na verdade, na semana seguinte, ele escreveu para mim como se nada tivesse acontecido. Como se Vicious e Black fossem pessoas completamente diferentes.

A única vez que ele admitiu ser Black foi quando eu saí de Todos Santos para sempre. Nosso projeto de amigo por correspondência havia terminado semanas antes, mas eu ainda encontrei um envelope em cima da minha mala. A caligrafia era desconhecida, mas, mesmo assim, eu sabia de quem era. Do lado de fora dizia:

Abra quando sentir que pode me perdoar.

Eu ainda não tinha aberto.

Nem mesmo depois que transamos, porque eu sabia que não tinha nada a ver com perdão. Tinha a ver comigo satisfazendo a minha necessidade dele. E agora? Agora, eu ainda não podia perdoá-lo, mas minha curiosidade, enfim, vencera meu autocontrole.

Tirei a última carta de dentro da minha caixa de sapatos, o papel amarelado e quebradiço, e a li.

Você sempre foi minha.

— *Black*



VICIOUS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

PASSEI PELAS PORTAS duplas da FHH ignorando as caras espantadas dos funcionários de Nova York que pensavam que não teriam mais que lidar com a minha cara azeda. Meu semblante estava relaxado e minha postura, equilibrada. Eu era o mesmo Vicious de sempre, independente de com o que estivesse lidando na minha vida pessoal. O escritório estava movimentado por causa dos telefonemas pós-feriado, falatórios sobrepostos, o barulho das impressoras funcionando e pessoas sorvendo seus cafés mornos em suas canecas idiotas de “Melhor Pai/Mãe/Avó”.

Andei a passos largos direto para a sala de Dean. Eu não poderia trabalhar lá dentro neste exato momento por um motivo óbvio: ela estava ocupada por Dean, mas eu não planejava sair de Nova York porque não havia outro lugar onde eu preferia estar.

Depois que a vi na exposição, sentado na banheira com água fervendo e tentando recuperar as sensações em meu entorpecimento, com os pés congelados, tomei uma decisão: eu não iria embora até que Emilia LeBlanc fosse comigo. Mesmo que isso significasse que teria que levar o pacote completo com Rosie, sua irmã caçula faladeira.

Emilia, minha pintura é a vingança.

A sua é o perdão.

Você é melhor que eu.

Eu não te mereço.

Mas, mesmo assim, vou te levar comigo.

Porém, Jaime estava certo. Eu estava agindo como a porra de um babaca quando se tratava dela, então, no mínimo, eu devia a mim mesmo não deixá-la escapar pelo meus dedos por causa disso desta

vez.

Abri a porta da sala de Dean sem bater, entrei direto e plantei o rabo na cadeira bem em frente à mesa dele.

Ele estava sentado lá, falando ao telefone e intencionalmente não prestando nenhuma atenção em mim. Escrevia algo num bloco de anotações da FHH enquanto falava.

— Claro que sim. Vou avisar para Sue e mandaremos alguém assim que possível. Não deve levar muito tempo para redigir algo assim.

Ele deslizou o bloco de anotações pela mesa de vidro, apontando para o que escreveu, com um sorriso irônico.

Você está uma merda

Arranquei a caneta da mão dele, peguei o bloco e escrevi algo, levantando para que ele visse, bem ao lado da minha expressão seca.

Sue parece foder mal

Ele riu, ainda absorto na conversa telefônica.

— Bom, na verdade, eu tenho um contato em Los Angeles. Ele é um dos CEOs da FHH. O nome dele é Baron Spencer. Sue vai deixar os detalhes de contato dele junto com a sua oferta. Tudo bem?

Eu lhe devolvi o bloco de anotações e a caneta e ele escreveu, arrancando o papel do bloco batendo-o em meu peito. Apanhei-o do meu terno e li.

Sua madrasta é uma foda ruim. Nós não vamos trocar de filial

Era a minha vez de escrever.

Tudo bem. Vou ficar com você aqui. Importa-se se eu sentar no seu colo?

Ele olhou para mim e eu pisquei.

Voltamos a ser adolescentes brigões. Antes de Emilia aparecer na cidade e acabar com o nosso relacionamento.

— Desculpe, Stephen? Sinto em te interromper. Tenho uma ligação

importante na outra linha, algo pessoal. Posso te retornar em dez minutos? Obrigado. Certo. Obrigado. Você também. Cuide-se.

Ele bateu o telefone na mesa. Percebi que havia algumas pessoas espiando da recepção em direção ao escritório dele com curiosidade, e minha mão estava coçando para fechar as persianas automáticas, mas eu sabia que era melhor não dar mais nenhum passo em seu território. Ele mijaria bem ali no meio da sua sala, se fosse conveniente.

— Emilia se demitiu — manifestou ele, abrindo uma gaveta e jogando a carta de demissão dela em minha direção.

Não fiz nenhuma menção de pegá-la.

— Eu sei — disse dando de ombros. — Ela pode fazer a merda que quiser. Não vou a lugar nenhum sem ela e preciso de mais tempo aqui.

— Diga... — Dean se apoiou na mesa, entrelaçando os dedos. — Como você teria reagido se eu tivesse feito a mesma coisa com você? Contasse que mandei sua namorada do colégio embora da cidade só porque não conseguia te ver com ela e, então, dez anos depois, vou e como ela na sua sala, na sua cama, em tudo o que é seu? Bem na sua cara. Como você se sentiria com isso, Vicious? Porque estou começando a acreditar que você é um sociopata por não entender a profundidade da traição. Verdade que nós dois nunca fomos tão próximos quanto você e Jaime e eu e Trent, mas ainda éramos, no conjunto da obra, irmãos.

Foi a minha vez de me apoiar na mesa.

— Eu sou um canalha, Dean, mas você sabia disso. Naquela noite, na minha festa, antes de ela ir te procurar para vocês terem o primeiro encontro? Você sabia como eu me sentia. Mas você foi e saiu com ela mesmo assim. Eu fiquei com raiva de você por anos, mas agora entendo. Ela valia a pena. Emilia é uma compulsão. Você simplesmente a quer, que se danem as consequências.

“Embora, quando vai lá no fundo e pensa sobre isso, tenha que admitir que eu estava lá primeiro. O coração dela batia por mim e você via isso. Você via nas aulas. Você via nos corredores. O jeito que ela me olhava na cafeteria. Você via o jeito que ela ia para os nossos jogos de futebol, mas apenas quando eu jogava, mesmo que você jogasse todas as semanas enquanto eu ficava no banco na maior parte

da temporada. Ela nunca mostrou a cara naquelas arquibancadas azuis até eu me tornar titular. Todos nós sabíamos. Jaime sabia. Trent sabia. Você e eu sabíamos. Acho que a única pessoa que não se deu conta disso foi a própria Emilia. Você seguiu em frente. Você nunca se contentaria com ela hoje em dia e sabe disso. Você gosta demais de variar.

Ele analisou as minhas palavras, abaixando o queixo em aceitação.

— Nós dois não podemos estar na mesma filial. O escritório em Los Angeles é importante demais para ser negligenciado e ter dois de nós por aqui vai resultar numa luta por poder que não queremos. Mas, Vic, estou tão puto com você que nem consigo olhar para a sua cara agora. Não só pelo que você fez quando tínhamos dezoito anos, mas também pelo que fez na minha cama. Na minha casa. Com *ela*.

Cerrei meu maxilar, mas não ousei desviar o olhar. Fiquei encarando-o tanto que pensei que iríamos nos lançar um sobre o outro novamente. Meu olho esquerdo ainda estava roxo e o nariz dele, ainda com hematoma de nosso episódio no hotel.

Dean foi o primeiro a abrir a boca.

— Faça valer a pena o tempo que eu ficar em Los Angeles enquanto você persegue Millie e a implora que te perdoe pelo babaca que você é.

— Diga o seu preço. — Eu sabia que teria que fazer sacrifícios e eu estava disposto a fazê-los. Era justificável. Eu entendia isso. Eu estraguei tudo e precisava de expiação para os meus pecados.

— Me venda dez por cento de suas ações. — Dean deu de ombros. — E eu faço uma mala e espero em Los Angeles por seis meses.

— Isso vale sete milhões de dólares — gritei.

Cada um de nós detinha 25% das ações. Tínhamos poder igualitário. Comprar as minhas ações era tirar o meu poder, a minha influência, tudo meu. Eu queria rir na cara dele, mas ele parecia sério demais. Pela forma com que sua mão segurava o telefone enquanto o batia em seus lábios, eu sabia que ele falava sério.

— Foda-se esta merda. Digo, é sério, Dean? — Eu me irritei. — Não é como se eu tivesse comido a sua irmã.

— Na verdade, eu desconfio que você fodeu a Keeley em algum

momento, mas não vou te perguntar sobre isso pelo seu bem. Você pediu para eu dar o meu preço, Vicious, e eu dei. É pegar ou largar.

— Cinco por cento — rebati. Eu estava tão acostumado a negociar que pensei que talvez pudesse vender algo que conseguiria comprar de volta pelo dobro ou pelo triplo do valor.

— Dez por cento por seis meses e, se você tentar negociar mais uma vez, vou retirar a oferta e nós dois sabemos o que vai acontecer.

Sim. Trent e Jaime voariam para Nova York para nos vigiar de novo. Depois, Jaime iria arrastar meu rabo de volta para Los Angeles como se eu fosse uma criança esperneando e eu a perderia. Para sempre. Ela era minha. Eu não cheguei tão longe para dar meia-volta e sair disso outra vez.

— Tudo bem — falei finalmente. — Dez por cento. Vou redigir o contrato amanhã.

— Não é necessário. Vou pedir ao meu advogado para fazer isso — declarou Dean. — Não confio mais em você com nada. Ah, quero que você mantenha Sue. Você tem razão. Ela é uma foda medíocre e quer que eu conheça os pais dela, mesmo eu tendo dito que nunca quero namorar. Nunca. Na. Minha. Vida.

— Tudo bem. — Minhas narinas inflaram e eu fechei os olhos. Isto era a porra de um pesadelo.

Mas Dean continuou, determinado.

— Eu também não te quero no meu apartamento. Você não vai mais foder a minha ex-namorada na minha cama. Pode ficar no apartamento que deu a Millie. Afinal, está vago agora.

Eu não disse uma palavra, processando tudo. Minha expressão devia estar desanimada, porque o sorriso de Dean só ficava mais largo a cada segundo.

— Merda, cara, você vai fazer isso, é? De verdade. — Ele jogou uma bola de espuma em mim.

Eu não pisquei nem respondi. Cacete, eu estava fazendo um acordo com este palhaço.

Dean levantou da sua cadeira e se inclinou de frente para o meu rosto.

— Até onde está disposto a ir por essa garota, Vic?

Passei a mão pelos cabelos, puxando as raízes com força.

— Bom, acho que estou prestes a descobrir essa porra.



Os dois dias seguintes foram movimentados. Assinei o contrato que o advogado de Dean redigiu (não o pai dele, mas um idiota lamentável recém-saído da faculdade de Direito que redigiu um contrato repleto de lacunas e saídas suficientes para eu brincar quando chegasse a hora) e mudei minhas coisas para o apartamento de Emilia no andar de baixo. Dean programou para ir para Los Angeles no final da semana. Nós dissemos à equipe dele que eu iria ficar para recrutar mais dois advogados para a filial de Nova York e que precisava treiná-los. Era apenas uma meia mentira. Isso já estava sendo planejado há meses, mas nunca fui designado para treiná-los em Nova York.

As pessoas acreditaram. Embora eu não soubesse por que precisávamos explicar qualquer coisa. Eles trabalhavam para nós, porra.

Jaime perdeu a cabeça quando soube que eu só tinha quinze por cento da empresa.

E Trent riu e disse que não sentia pena de mim depois que eu o tratei como um idiota quando ele me confidenciou sobre engravidar aquela stripper.

Dei dois dias a Emilia. Duas porras de dias antes de ir atrás dela. Descobrir onde ela morava não foi problema. A Fiscal Heights Holdings ainda tinha que mandar um cheque de pagamento a ela pela última semana de trabalho e nosso chefe de pessoal tinha seu novo endereço.

Resolvi entregar o cheque pessoalmente, porque eu era gentil assim mesmo.

Verdade seja dita, eu não tinha caralho de ideia nenhuma do que estava fazendo. Sabia que a estava perseguindo, que desisti de muita coisa para ficar em Nova York por ela, adiando minha vingança de Jo e colocando meus objetivos pessoais em segundo plano, mas não

entendia nenhuma outra parcela disso. Tentei não rotular o que sentia por ela. Tentei não me preocupar muito com isso. Como eu disse, Emilia era um impulso. Neste momento, tudo o que eu sabia era que eu estava agindo. Por instinto. Por necessidade. Por algo selvagem e essencial.

Ela se mudou para um bairro decadente no Bronx.

Seu apartamento era bem em cima de um restaurante chinês que cheirava a gordura e suor e tinha paredes com azulejos de banheiro. Por toda parte em seu quarteirão, vi carros velhos com vidros e para-brisas quebrados. Lixo cinza e úmido juntava-se nas sarjetas e mulheres magras de olhos arregalados carregavam compras com pressa para escapar de qualquer perigo que as esperava na esquina.

Uma coisa era morar num lugar que não era exatamente desejável por ter problemas monetários, mas outra completamente diferente era morar num bairro que parecia ter o maior índice criminal na cidade.

Em que diabos ela estava pensando? Ela e Rosie gritavam “alvo”. Elas eram pequenas, bonitas, inocentes e sozinhas.

Esperei do lado de fora da porta que levava ao andar de cima por duas horas antes de ela voltar para casa. Estava entediante *pra* caralho, então, passei o tempo lendo e-mails e fazendo telefonemas. Eu me destacava neste bairro como um polegar inflamado, mas não dei a mínima.

Emilia se aproximou do prédio e, quando se deu conta de que eu estava lá em frente à sua porta de entrada, ela revirou os olhos e suspirou.

— Vá embora, Vicious. Você parece um cachorrinho me implorando para te adotar e te levar para casa. Só que significativamente menos fofo. — Ela franziu o nariz.

Não lhe dei o prazer de responder àquela merda, apenas tirei o cheque dela do bolso e entreguei a ela. Ela o arrancou do meio dos meus dedos com os olhos passeando sobre ele. Houve um breve momento em que pensei que ela fosse jogar o cheque na minha cara, entretanto, ela deve ter se lembrado do quanto estava pobre.

— Obrigada — murmurou ela, enfiando o cheque em sua bolsa.

— Não gosto de você morando neste bairro. — Dei um passo, me

aproximando.

Ela cruzou os braços enquanto me analisava.

— Então, que bom que isso não é da sua conta.

— Desde quando você é tão fria?

— Desde que você invadiu a minha vida de novo e eu fui idiota o bastante para deixar – *de novo* – e prometi a mim mesma que não haverá uma terceira vez. O que você quer, Vicious?

Essa era uma boa pergunta. Mordi o lábio inferior e observei seu corpinho, em seu casaco xadrez amarelo e vermelho.

— Quero foder você de novo — admiti com um gemido.

— Me foder ou me usar para se vingar da sua madrasta?

— Não é por isso. Que se foda o dinheiro. Que se foda a minha madrasta — falei, me dando conta de que essa era a verdade. Eu não ligava para essas coisas. Não quando eu estava prestes a perdê-la.

Se já não tivesse perdido.

— Eu não acredito em você.

— Nunca mais vou te pedir para fazer nada disso de novo. Só te peço um tempo para eu poder explicar.

— Obrigada, mas não, obrigada. — Ela inseriu a chave na fechadura e estava na escada do lado de dentro, com a porta fechada antes de eu ter a chance de fazer minha jogada habitual de enfiar o pé no vão da porta.

Dei um soco no metal pintado. Pelo menos a porta parecia resistente.

— Agora que sei que horas você chega do trabalho todos os dias, vou te esperar do lado de fora do metrô e garantir que chegue em casa em segurança.

Ela riu do outro lado, uma risada fria que aprendera e dominava por minha causa. Por causa de tudo o que fiz com ela.

— Se quiser desperdiçar seu tempo, fique à vontade. Eu não vou te perdoar. E mesmo que perdoasse, não iria querer ficar com você.

— Veremos. — Esperei por outra resposta, mas, desta vez, houve apenas o silêncio.

Sorri calmamente para mim mesmo. O vai-e-vem estava de volta. Ela podia ir o quanto quisesse, mas seria puxada de volta para o lugar ao qual pertencia. Meus braços.

Eu ainda estava olhando para a porta quando um cara branco e magrelo, que era um viciado a julgar pelos dentes podres e olhar perdido, se arrastou pela porta segurando uma sacola plástica.

— Você mora aqui? — Grunhi.

Ele assentiu, confuso.

— Terceiro andar. E aí, cara? Está procurando drogas?

— Não, imbecil, sou a porra do seu pesadelo. Fique longe das garotas do segundo andar. Diga aos seus amigos drogados e a qualquer um que você conheça nessa porcaria de buraco de merda a mesma coisa.

— Enfiei quinhentos dólares na mão dele. E porra, por que ela estava suja? Eu nem quis saber. — Por cada dia que elas estiverem seguras e em paz aqui, você vai receber mais cem. — Fechado?

Ele arregalou os olhos sem acreditar, de queixo caído. Não acho que ele tenha ouvido alguma frase que fizesse sentido há algum tempo.

— Claro, cara. Claro.

Virei-me e fui embora, esperando que valesse a pena.

Tinha que valer.

Eu desconfiava de que valeria.



Emilia

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

FIEL À SUA palavra, Vicious esperou por mim no metrô todos os dias às 20h em ponto. Era quando eu surgia da estação congelante e me juntava a ele na minha rua.

Nós andávamos em silêncio. No início, ele tentou conversar comigo sobre o meu dia, meu novo emprego, meu novo chefe, tentando obter informações sobre a minha vida. Eu não queria nada disso. Finalmente, nos encaixamos numa rotina onde não dizíamos nenhuma palavra até chegar à minha porta. Depois, ele me assistia pegar a minha chave e abri-la. Todos os dias, exatamente um segundo antes de eu fechar a porta atrás de mim, ele me perguntava a mesma coisa.

— Me escuta? Dez minutos é tudo o que eu peço.

Eu dizia que não.

E acabava por aí.

Depois das duas primeiras semanas, ele mudou o texto de “dez minutos” para “cinco minutos”. Eu ainda dizia que não. Provavelmente deveria ter sido mais insistente dizendo que ele fosse embora e parasse de me seguir, mas a verdade era que realmente era um bairro muito ruim e eu estava grata por ele me acompanhar até a minha porta todas as noites.

Sua determinação e dedicação à causa, qualquer que fosse ela, me surpreendeu. Nós passamos apenas alguns dias de felicidade juntos na cama, então, o combustível do seu desejo estava fadado a acabar a qualquer momento, certo?

Uma parte de mim ainda desconfiava de que era apenas mais um de seus jogos. Vicious era um péssimo perdedor. Ele provara isso

incansavelmente. Quando ele queria alguma coisa, pegava, deixando pontes incendiadas e campos de batalha de terras queimadas por onde passava. Eu só conseguia imaginar o que ele planejava para Josephine agora que havia lido o testamento.

Não tinha certeza do que ele queria de mim. Mais ainda, eu não confiava em mim mesma para não confiar nele novamente. Mas ele estar lá todos os dias acalmava meu orgulho ferido. Principalmente depois de Georgia. Mesmo assim, não o bastante para ouvi-lo.

Um mês depois que nos mudamos, Dean veio ao nosso novo apartamento. Ele estava bonito, se você gostar do estilo americano de Bradley Cooper. O que eu pensei que gostasse, mas, aparentemente, eu curti mais o tipo Colin Farrell taciturno e obsessivo. Era um sábado e eu estava acabando de me arrumar para ir à mercearia da esquina. Abri a porta e ele estava lá, com seu sorriso largo e cabelos hollywoodianos ondulados.

— Bom Jesus! Dean — exclamei, segurando a porta com força, lembrando-me do *Post-It* que ele deixou. — Se você está aqui para me provocar, não se preocupe, Vicious chegou primeiro e ele é bem insistente.

— Millie — disse ele num tom de reprovação, empurrando a minha porta e entrando como se fosse o dono do lugar.

Ele estava vestido com uma blusa de gola alta branca, jeans escuro, um sobretudo cinza de lã, e aquele sorriso eu-sou-melhor-que-você com o qual provavelmente nasceram todos os HotHoles. Dean parou quando avistou Rosie sentada no sofá, lendo alguma coisa em seu *iPad* antigo que a faculdade oferecera a ela. Ele estreitou os olhos para ela e eu para ele.

Ah, de jeito nenhum.

— Ei, olá, Rosie. Você cresceu e se tornou um colírio para os olhos. — Ele piscou para ela. Eu engasguei.

— Ei, olá, Dean. Você cresceu e se tornou um babaca arrogante. — Ela piscou de volta para ele, balançando os ombros de forma petulante e acrescentou: — Não, espere, você sempre foi um babaca arrogante. Foi mal.

— Por que está aqui? — Exigi, virando Dean pelos ombros para ele

ficar de frente para mim. Eu não gostei disso. A eletricidade no ar quando Dean olhou para Rosie. Era a mesma que sentia quando ficava perto de Vicious.

Pensei muito sobre como me sentiria se Dean voltasse para a minha vida, principalmente desde que comecei a dormir com Vicious. Pensei que sentiria vergonha, dor e arrependimento, talvez até tristeza. Mas com ele parado na minha sala, tudo o que eu senti foi raiva e um pouco de incômodo. Ele olhava para mim como se fôssemos estranhos, não ex-namorados.

Até certo ponto, éramos as duas coisas.

Dean voltou seu olhar para mim com relutância, como se Rosie fosse o motivo por ele vir até aqui em primeiro lugar.

— Certo. Eu só queria que você soubesse, se vale de alguma coisa, que eu apoio totalmente seu relacionamento com Vic, e não estou dizendo isso porque ele me expulsou de Nova York para ficar aqui e ir atrás de você como um cãozinho, e me implorou para vir falar com você.

Isso soou mais ensaiado do que um show da Broadway.

Ergui uma sobrancelha e cruzei os braços.

— Você não se importa?

Ele balançou a cabeça. Havia algo de leve nele. Não apenas sua linguagem corporal, mas seu semblante também. Eu acreditava nele.

— Nós éramos garotos. Ele era ciumento e você era... — Ele umedeceu os lábios, ponderando sua próxima palavra.

Ele ainda tinha sido o meu primeiro. Meu primeiro amante. Meu primeiro namorado. Meu primeiro parceiro sexual.

O olhar de Dean caiu conforme ele terminou suavemente...

— E você estava com o cara errado. Eu nunca deveria ter me metido entre vocês dois, mas me meti, e não me arrependo nem um segundo disso. Nós éramos um bom casal, Millie, mas Vicious e você...

Outra pausa. Rosie ouvia atentamente atrás de nós. Seu rosto me dizia que ela também estava bastante convencida. Dean simplesmente tinha isso nele: a habilidade de soar verdadeiro e crível, independente do que dissesse.

— Vocês obviamente são destinados a ficar juntos. Mesmo que eu não acreditasse totalmente nisso antes, acredito agora, por causa dos

sacrifícios que ele fez por você. Foi a primeira vez. E a última. Dê uma chance a ele, Millie. Ele merece pelo menos isso.

Amei o silêncio que seguiu o discurso de Dean. Todos nós estávamos processando isso. Tudo o que havia sido dito. Sem drama, Dean me contou que para ele estava tudo bem o que Vicious e eu fizemos. O que fomos e o que não fomos. O que poderíamos ter sido ou o que seríamos, se eu ainda quisesse.

— Você deveria ficar para um café — disse Rosie, ainda lendo em seu *iPad*.

— Não. — Ele deu de ombros, me puxando pela blusa para um abraço longo e sufocante.

Foi gostoso.

Foi seguro.

Mas, principalmente, foi platônico.

— Se eu ficar, vou dar em cima da sua irmã e isso seria uma confusão daquelas agora, não seria, Millie? — Sussurrou ele em meu ouvido.

E, desse jeito, o momento tocante se foi.



Eu me divertia muito no meu novo emprego. Brent era talentoso e secular e sabia tudo sobre tudo. Nós conversávamos sobre arte todos os dias e nos preparávamos para outro evento, uma exposição na qual planejavamos exibir vinte pinturas contemporâneas sobre natureza e amor.

Uma dessas pinturas seria minha.

E também seria bem interessante. Não era uma árvore de flor de cerejeira, como pensei em pintar.

Mas, definitivamente, era uma verdadeira definição da palavra amor.

Rosie começara a trabalhar como barista novamente. Ela estava se sentindo bem. Nós comíamos muita massa, mas às vezes comprávamos carne moída e fazíamos almôndegas. Ela entendia o quanto a exposição significava para mim, então, me deixava pintar até altas horas da noite trancada no nosso quarto (Tínhamos apenas um e o

dividíamos com alegria.) Abria todas as janelas, mesmo ainda estando frio, e esperava pelo melhor.

Havia tantas perguntas que eu gostaria de fazer a Vicious. Por que ele ainda estava em Nova York? O que aconteceu com o pai dele? Ele estava pobre agora? Bom, pobre não, obviamente. Mais para não rico. E quais eram seus planos para Jo? Mas mordida a língua e não dizia nada em todas as vezes que saía da estação e via seu corpo alto e largo, envolto num terno e num sobretudo deliciosos. Ele acenava brevemente e se juntava a mim enquanto eu caminhava.

Dois meses e meio depois que ele começou a me acompanhar para casa, aconteceu. O momento inevitável pelo qual esperava, mas temia. Ele não estava lá para me levar para casa.

Minha expressão desabou e meus músculos fraquejaram quando percebi que ele não estava esperando por mim. Não estava mais tão frio – embora nem de longe estivesse quente – então, me sacudi para tirar o casaco e andei um pouco rápido demais para verificar a rua. Talvez eu não o tivesse visto. Talvez ele estivesse na mercearia turca da esquina tomando uma xícara de café. Ele gostava do café forte e amargo. Sempre que ele chegava cedo o bastante, se recompensava com uma xícara e bebia enquanto me esperava.

Ele também lia o *Wall Street Journal* e conferia a bolsas de valores asiáticas no celular. Era quase como se ele tivesse feito esse acordo de tempo livre consigo mesmo.

Olhei em volta, meus olhos pairando sobre os prédios de tijolos, a multidão de pessoas correndo para todos os lugares, a antiga cervejaria me encarando de volta e os edifícios industriais sendo erguidos do concreto sujo e esfarelado.

Ele não estava lá.

Meu coração afundou. Eu deveria saber que esta sua pequena missão tinha uma data de validade. Havia um limite para o que um homem aguentava e, principalmente, um homem como Vicious, que nunca havia implorado por um encontro antes. Eu recusei dar dez minutos do meu tempo para ouvi-lo. Ou cinco.

Ele tinha todos os motivos para parar de vir.

Eu sabia de tudo isso, mas saber não me fazia sentir melhor.

Recoloquei meus fones de ouvido, enfiei as mãos nos bolsos e segui meu caminho para o apartamento, passando por todos os viciados sentados na calçada encostados aos muros e segurando cartazes contando suas histórias tristes. Eu sempre remexia em meus bolsos e dava uns trocados para eles. E sempre tendia a dar um trocado para pessoas com cachorros.

Atravessei a rua e voltei para o meu apartamento, estava quase chegando à entrada do meu prédio quando o vi. Ele vinha correndo da direção do metrô, parecendo um pouco vermelho. *Vicious*. Engoli meu sorriso e puxei os fones do ouvido. Quando ele estava a cerca de trinta centímetros de mim, parou, endireitando a gravata com a mão.

— Ei — disse ele. Seus cabelos estavam bem despenteados e eu gostei. Gostei muito.

Lembrei como era a sensação deles nas minhas mãos quando ele caiu de boca em mim na sala de Dean. Limpei a garganta e acenei.

— Você está bem? — Perguntei.

— Sim, estou. Só queria te avisar que na semana que vem, na quinta-feira, eu não vou conseguir vir. Surgiu uma coisa. Vou chamar um táxi e me certificar que ele te pegue no trabalho.

— Não precisa — falei. — Você não me deve nada. E, além disso, tenho uma exposição no trabalho nessa noite. Provavelmente vou ficar até tarde mesmo.

Ele me olhou estranho, tirando os olhos do meu rosto e focando na construção atrás de mim, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

— Pode me dar cinco minutos do seu tempo? — Perguntou, como fazia todos os dias, cinco dias por semana, exceto aos finais de semana.

— Não. Tchau, *Vicious*. — Virei-me e bati a porta na cara dele. Reconhecia que não me sentia bem. Eu me senti muito mal na primeira vez em que fiz isso e, conforme o tempo foi passando, foi se tornando cada vez pior. Agora, eu absolutamente me odiava por fazer isso com ele.

Mas, mesmo assim, eu fiz.

Porque proteger meu coração se tornou a minha prioridade.

O problema era que eu estava certa o tempo todo. Amar alguém era essencialmente querer fazer a pessoa se sentir bem, e não o contrário. Independente do que Vicious sentia por mim, eu sabia exatamente o que eu sentia por ele.

E eu não o odiava. Nem de longe.



Já tinha passado quase uma semana quando recebi a ligação. Em seguida, tirei o horário do almoço mais cedo, pulei para o metrô e corri direto para o edifício do escritório de Vicious. A recepcionista no saguão me conhecia do meu curto tempo como assistente pessoal de Vicious e me deixou entrar. Contudo, quando passei pela área da recepção da FHH, encontrei um novo rosto de uma jovem recepcionista que substituíra a Patty.

Eu sabia que Patty já tinha se aposentado porque mantive contato com ela, principalmente por e-mail, então, não era novidade, mas eu não tinha tempo para gentilezas.

— Preciso ver o Sr. Spencer. — Bati no balcão da recepção com os nós dos dedos, sem dar nenhuma explicação. Cada pelo do meu corpo se eriçou e arrepios quentes correram pela minha espinha. Eu estava com muita raiva.

A recepcionista, bonita, entediada e desinteressada, bateu os cílios algumas vezes.

— Desculpe, senhora, você tem hora marcada?

— Não preciso de hora marcada — suspirei, jogando os braços no ar.

— Eu sou sua... sua... — O que exatamente eu era de Vicious? Amiga? Não. Amante? *Ha!* Ex-vizinha? Só que eu era mais do que isso. Balancei a cabeça, sem ter realmente vontade de debater o assunto neste momento. — Ele vai querer falar comigo. Por favor, apenas diga que Emilia está aqui.

— Receio não poder fazer isso. — O tom dela não estava em sincronia com meu estado físico e mental. Ela parecia tão cansada e sonolenta e eu me sentia um grão de milho prestes a estourar a qualquer

momento. — Ele não quer nenhuma interrupção quando está trabalhando.

— Olhe... — Eu me debrucei no balcão, seriamente tentada a agarrá-la pela gola de sua camisa branca. — Eu sei que ele é um babaca e você tem medo de que ele seja ainda mais babaca com você se desobedecer as regras dele. Mas estou te avisando. Se ele descobrir que eu estive aqui e você não me deixou entrar, irá te demitir. Rapidinho. — Estalei os dedos. — Então, por favor, apenas diga a ele que estou aqui, esperando por ele.

Ela me encarou com uma expressão peculiar antes de pressionar o ramal dele e levar o fone ao ouvido.

— Senhor? Tem uma mulher chamada Emilia aqui para o senhor. Ela diz que é importante. — Ela esperou alguns segundos, murmurando um “mmm-hmm”, assinalando com um aceno, antes de levantar a cabeça e seu olhar encontrar o meu. — Ele disse que não conhece nenhuma Emilia, mas conhece uma garota chamada Criada.

Maldito Vicious. Revirei os olhos e apoiei os cotovelos no balcão.

— Diga a ele que é importante e que ele é um canalha.

Ela ficou boquiaberta e seus olhos castanho claro me encaravam como se eu tivesse acabado de recrutá-la para a SS.

Eu repeti devagar. — Diga isso a ele.

Ela disse.

E isso quase me fez esquecer por um segundo o quanto eu estava com raiva. Um leve sorriso fez cócegas em meus lábios.

Um minuto depois, Vicious abriu sua porta e apareceu no corredor em frente à sua parede de vidro. Levei menos de um segundo para perceber que sua nova recepcionista tinha uma queda séria por ele. Ela engoliu seco quando seus olhos deslizaram pelo corpo dele e depois me olhou com ódio quando viu o mesmo olhar no rosto dele quando nossos olhares se encontraram.

— Sentiu a minha falta? — Ele deu um de seus sorrisos arrogantes enquanto eu ia a passos largos até ele.

— Não exatamente. — Eu o empurrei de volta para dentro da sua sala. Ele não resistiu. Na verdade, ele sorriu como um idiota e piscou para a recepcionista significativamente enquanto eu estava de costas para ela

e ele andava para trás. Bati a porta na cara dela, depois, o empurrei sentado em seu sofá e me agachei para olharmos um para o outro. Ele ainda sorria como se eu tivesse vindo para outra sessão de pegação.

— Sua madrasta demitiu meus pais porque eu trabalhei para você — falei calmamente.

Ele franziu a testa substituindo o sorriso.

— Que vaca.

Assenti, sentindo lágrimas quentes rolarem dos meus olhos.

— Como ela sequer soube disso? — Ele quis saber.

Essa foi fácil. Pensei sobre isso no trem a caminho daqui.

— Minha mãe comentou com ela. Olhe, Vicious, eles não têm para onde ir. Sua madrasta é a única referência deles. Eles moraram e trabalharam na sua propriedade por dez anos. O que eu faço? Eu voaria até eles, mas tem a exposição... Quero dizer, eu poderia. Eu *iria*. É só que... — Balancei a cabeça.

Vicious ponderou as minhas palavras por alguns segundos, olhando para suas mãos, antes de me olhar com uma solução.

— Vou pegar o próximo voo para San Diego e resolvo isso.

Arregalei os olhos.

— Você não disse que tem alguma coisa na quinta-feira? — Já era terça-feira à tarde e, independente de quais fossem seus planos, era um tiro no escuro conseguir chegar a tempo de o que quer que ele queira fazer nesse dia.

Ele deu de ombros. — Vou adiar meus planos.

— Quais eram eles?

— Isso importa?

Analisei sua pergunta por um segundo. Será que eu tinha algum direito de perguntar o que ele estava fazendo? Não, vendo que eu continuava afastando-o e nem mesmo dei a chance de ele se explicar por cinco minutos.

Balancei a cabeça. — Obrigada. Você pode me manter informada?

Ele arqueou uma sobrancelha, o que eu imaginei significar “que merda você está pensando?” e caminhei até sua mesa de vidro.

Estar de volta no escritório me lembrava que, não muito tempo atrás, éramos diferentes. Por uma fração de segundo, estivemos juntos e era

divino. Não bom. Não seguro. Não subestimado. Era uma recordação dolorosamente curta e bonita. Como a árvore pela qual eu era obcecada.

— Algo mais? — Ele sentou em sua cadeira executiva e não tentou me implorar por mais do meu tempo. Ele pressionou o interfone. — Sue, reserve o primeiro voo para San Diego e compre meu sanduíche de peru com cranberry. E também, pelo amor de Deus, diga à garota na recepção para parar de me enviar cartões de “Tenha um bom dia”. Todos sabemos que meus dias são uma merda porque esta cidade é deprimente *pra* caralho.

Ele desligou o telefone e se virou de volta para mim.

— Você ainda está aqui. Quer seu emprego de assistente de volta?

Balancei a cabeça depressa. — Só não consigo entender como você pode ser bom e compreensivo e, ao mesmo tempo, um babaca horrível — resmunguei.

Ele sorriu. — É um trabalho difícil, mas alguém tem que fazê-lo.



VICIOUS

CAPÍTULO VINTE E CINCO

ESTAVA NA HORA de encarar Jo.

Eu precisava fazer isso. Não para uma conclusão ou para falar sobre isso nem sobre alguma besteira psicológica, mas porque eu precisava lidar com o que ela havia feito. Ela enganara meu pai. Mandara o irmão para matar a minha mãe. E, agora, revelara sua verdadeira personalidade de merda novamente ao despedir os pais de Emilia.

Isso tinha que parar.

Tinha que ter parado muito tempo atrás, mas eu não tinha mais tempo para cozinhar a minha raiva. Eu tinha que agir.

Meu plano não era complexo. Não era brilhante. Na verdade, beirava o estúpido. Mas, neste momento, era o único que eu tinha.

Esperava que Jo não estivesse lá quando eu chegasse à cidade, porque isso facilitaria muito as coisas, mas eu sabia que era bem provável que ela estivesse lá e esperando por mim.

O voo para San Diego passou rápido. Eu tinha tanta merda para pôr em dia, visto que dormi a maior parte do dia, dois dias atrás – daí o meu atraso para ir à casa de Emilia. Pelo menos, vi o alívio total e absoluto na cara dela quando eu finalmente consegui chegar, ainda que dez minutos atrasado quando ela já estava na porta.

Cliff, nosso motorista particular, não estava mais à minha disposição, visto que meu pai não era mais o dono do carro, então, peguei um táxi para Todos Santos e liguei para Dean a caminho de lá. Ainda nos tratávamos friamente, mas ser o novo acionista majoritário da FHH – algo de que nem Jaime, nem Trent gostaram nem um pouco – tornou Dean bastante agradável para variar. Ele não tinha mais o coração falsamente partido por causa da ex-namorada, e se eu não soubesse

bem, pensaria que ele realmente amava a vida em Los Angeles.

— *Onde tem um bom restaurante mexicano para comer nesta cidade?* — resmungou ele quando atendeu ao telefone, depois, bocejou. Eram sete da manhã. Caralho.

— *Pink Taco.* Ouça, preciso de um favor.

— *Outro?* — Grunhiu Dean.

Eu praticamente o podia ouvir revirando os olhos no outro lado da linha e isso me deu nos nervos. Eu também praticamente podia ouvir outra mulher na minha cama gemendo para que ele falasse mais baixo.

E depois outra.

Duas. Cacete, Dean.

— *Fala logo.* — Ele suspirou.

— Vou estar aí hoje à noite, às dez ou mais tarde. Vamos curtir a noite toda. Você vai dar uma festa do caralho no meu apartamento e deve convidar um monte de gente. Estou falando de pelo menos cinquenta.

— *E por que essa merda?*

— Dean — alertei. Eu odiava quando ele fazia perguntas. Ele nunca fazia as perguntas certas. — Só faça.

— *Tudo bem, cuzão.*

Desliguei o telefone assim que entrei na propriedade. Os códigos eram os mesmos. Jo não se preocupou em mudá-los por algum motivo. Ela não achou que eu voltaria. Obviamente. Ela não sabia que eu estava a par do que eles fizeram com a minha mãe. Acho que apenas presumiu que eu a odiava porque era concorrência. Infelizmente, para ela, essa não era a verdade.

Minha primeira parada foi nos pais de Emilia, na dependência dos empregados. Bati à porta deles e entrei direto. Eles estavam fazendo as malas. Charlene, a mãe dela, enfiava suas toalhas de mesa cafonas e as fotos de família numa caixa enquanto o pai varria o chão. Como a porra da Jo merecesse que eles limpassem a casa antes de ir embora.

— Vocês precisam vir comigo — disse-lhes. Não perguntei como eles estavam porque a resposta era óbvia *pra* caralho, e eu não me desculpei porque não era minha culpa Josephine ser uma figura desagradável. Em vez disso, ofereci soluções. Rápidas. — Reservei um

quarto num hotel e aluguei um lugar para as coisas de vocês em um depósito de auto armazenamento fora da cidade. Vamos, o táxi está esperando.

A mãe de Emilia foi a primeira a reagir. Ela parou o que estava fazendo, andou silenciosamente para onde eu estava e me deu um tapa na cara. Com força. Acho que ela fez o que as duas filhas tentaram em algum momento, então, eu mereci.

Inclinei a cabeça para o lado e a observei. Lágrimas escorriam pelo seu rosto livremente. Uma diferença e tanto de Emilia, que sempre se continha. Embora Emilia parecesse uma Jo jovem, ela não se parecia em nada com nenhum de seus pais.

Charlene parecia cansada e abatida.

— O que você fez com a minha filha? — A voz dela tremia.

Eu a olhei nos olhos.

— Eu fiz com ela exatamente o que ela fez comigo, mas te prometo que vou cuidar dela de agora em diante. Isso é, se ela deixar.

Foi a vez do pai de Emilia se juntar à conversa e meu coração parou quando o observei caminhando em minha direção. Nunca me importei com o que os pais de nenhuma garota pensavam de mim. Nunca. Mas havia algo neste cara que me fazia querer implorar que ele me desse uma segunda chance.

Suas sobrancelhas e seu nariz estavam franzidos.

— Eu nunca gostei de você — disse ele simplesmente.

Assenti. — Não posso te culpar.

— Não te quero perto da minha filha, Baron. Você não faz bem para ela.

— Veja, é nesse ponto que eu discordo. — Entrei na sala deles e peguei duas malas grandes. Voltei para a porta, fiz um gesto com a cabeça para eles me seguirem. — Eu vou pôr em ordem a situação com Jo e garantir outro emprego para vocês dois, mas enquanto isso, vocês terão que respeitar os desejos dela e desocupar o local.

Era uma ordem que eles não tinham muita opção a não ser obedecer. Eles me seguiram pela passarela de pedra em frente ao jardim para o táxi que esperava do lado de fora do portão. Dei duzentos dólares para o motorista registrá-los no hotel, porque o casal LeBlanc nunca se

registrou num hotel antes, o que, novamente, era um lembrete doloroso do quanto a criação de Emilia foi humilde e do quanto ela ainda não dava a mínima para a minha riqueza.

Depois de me certificar que os LeBlanc estavam a caminho do Vineyard, o melhor hotel cinco estrelas de Todos Santos, entrei na mansão que costumava ser minha como se eu ainda fosse o dono do lugar. A casa estava aberta, o que significava que Jo estava lá. Fui direto para a cozinha e, quando não a encontrei lá, fui olhar na piscina.

Ela estava se bronzeando, deitada numa espreguiçadeira, usando um enorme par de óculos escuros e um biquíni mínimo que gritava *eu ainda sou jovem*. E mentia.

Caminhei silenciosamente até ela e sentei ao seu lado. Eu ainda estava usando meu terno. Era início da manhã e o sol nem tinha saído totalmente, sem falar que era o meio de março, mas lembrei que Jo falava com suas amigas da sociedade sobre como seu bronzeado natural sempre era melhor que as máquinas e as loções bronzeadoras. Ela congelaria o rabo do lado de fora por uma amostra de raio de sol.

— Você acha que isso vai descongelar seu coração frio? — Perguntei calmamente.

Acho que ela estava de olhos fechados porque assim que comecei a falar, deu um pulo e quase bateu no guarda-sol atrás de nós. Ela se sentou, arrancando os óculos de sol da cara e fez cara feia para mim.

— O que você está fazendo aqui? Vou chamar a polícia!

Ela poderia chamar a polícia, mas... sério? Para seu enteado? Não era invasão de domicílio. E eu não fui agressivo de jeito nenhum.

Ainda.

Encostei na minha espreguiçadeira e cruzei as pernas, olhando para a piscina em formato de rim. Jo adorava nadar nela. Eu me perguntei se ela ainda continuaria entusiasmada para usá-la se soubesse quantos adolescentes foderam lá dentro durante as minhas festas da pesada do colégio por quatro anos seguidos.

— Pensei que você tivesse dito que queria jantares e vinhos com mais frequência — falei com a voz ainda calma.

Colchões de água flutuavam na superfície da piscina gigantesca como

se fossem bailarinas levíssimas, de diferentes cores, tamanhos e formatos e tudo isso me lembrava de um livro de Bret Easton Ellis. Os ricos babacas. A madrasta vadia. Foi tudo tão fodido até o âmago. Não que estivesse dando desculpas, mas eu realmente tinha uma chance minúscula de virar algo diferente do que eu tinha.

— Você não veio aqui para passar um tempo comigo e, independente do que tenha a pedir, a resposta é não. Eu não os quero mais na minha propriedade. Eles são mesmo muito velhos para o trabalho. — Josephine ergueu um copo de água gelada e levou os canudos aos lábios, os movimentos eram femininos e delicados.

Era engraçado ouvir isso dela. Os pais de Emilia tinham exatamente a mesma idade de Jo. A única diferença era que os LeBlanc trabalhavam de verdade para viver. Eles não eram uns inúteis. Ela era.

— Não tem problema. Charlene vai cozinhar para mim em Los Angeles e Paul precisava ter se aposentado há dois anos. — Eu ainda precisava encontrar um lugar para eles morarem, mas de outra forma, duvidava que Dean veria algum problema. — Na verdade, eu vim aqui para te contar um segredo. — Sorri para ela.

Ela parou de sugar o canudo e arqueou uma sobrancelha.

— É?

— Eu sei o que você e Daryl fizeram. Eu sei com o que meu pai concordou em fazer. Sei como minha mãe morreu. Eu. Sei. De. Tudo. Foi lindo ver o rosto dela ficar pálido e seus dentes trincarem quando o clima e as minhas palavras frias finalmente envolveram seu corpo. O copo se espatifou nos ladrilhos, cubinhos de gelo voaram por tudo quanto é canto. Ela abriu a boca, certamente prestes a negar a acusação...

— Por favor, Josephine. Chega de mentiras. O único motivo pelo qual te poupei da justiça esse tempo todo foi porque eu não merecia ser arrastado para toda essa merda junto com você. — Além do mais, o plano sempre foi garantir que Josephine também ficasse sem nada pelo que viver.

E isso quase aconteceu.

Sem marido.

Sem irmão.

Sem família.

Sem nada.

Exceto o dinheiro.

— Eu estava ponderando minhas opções em Nova York, tentando descobrir o que quero fazer sobre toda essa situação. Bom, acho que finalmente tomei uma decisão. — Minha voz era muito leve, mas a expressão dela obscureceu.

Tudo ficou tenso e deformado. Ela me encarava com total horror e choque, segurando com força o material duro da espreguiçadeira.

— Baron... — Seus lábios de *Botox* tremiam. — Não sei o que te fez pensar que tenho alguma coisa a ver com a morte da sua mãe...

— Não minta para mim. — Pisquei, observando-a atentamente, depois, balancei a cabeça. — Eu ouvi sua conversa com meu pai. Ouvi a conversinha íntima que teve com ele. Você é bastante convincente, não é? Bom, você nunca me enganou. Era uma questão de *quando* atacar, não *se* atacar.

— Você entendeu mal. Prometo que vou recontratar os Leblanc e nós dois devemos conversar sobre o testamento. Não foi justo seu pai ter deixado tudo para mim. Podemos chegar a um acordo financeiro. Eu posso...

Eu me desliguei dela. Ela achava que era por causa do dinheiro. O quanto sua vida era patética? Inclinei-me para frente, segurando seu rosto em minhas mãos. Com delicadeza.

Sua respiração falhou. Seus olhos arregalaram. Eu estava perto dela. Inclinando-me para ela. Nossos joelhos roçaram um no outro. A bile borbulhou na minha garganta quando sorri para ela serenamente. De forma doentia. Agindo como o psicopata que ela sempre pensou que eu fosse.

E talvez eu fosse um psicopata. Talvez ela fosse a pessoa que me transformou em um.

— Jo? — Falei com a voz suave. — Faça um favor a si mesma. Saia desta casa esta noite. Também te advirto sobre compartilhar esta conversa com quem quer que seja. Você é corajosa, Jo. Tão corajosa que disse ao meu pai que Marie estaria melhor morta do que vivendo naquela condição. Eu gostaria de ver o quanto você é corajosa se eu

for à polícia. É verdade que você ainda pode escapar impune do assassinato dela. Mas está disposta a correr o risco? Agora, volte ao seu precioso bronzamento — dei um tapinha em sua bochecha, levantando. — Quem sabe? Pode ser o último.



Desde que eu era uma criança, sonhava, sonhos vívidos, sobre incendiar a mansão do meu pai. Apenas sabia que precisava ser feito. Eu sabia que isso acalmaria a dor, a faria sumir. Não ela toda, mas o suficiente para eu viver. Depois que cresci, até acreditava que ela era a raiz dos meus problemas de sono. Eu só queria que o lugar deixasse de existir, junto com minhas lembranças de Daryl me batendo, a conversa entre Jo e papai e todo o resto.

Mas a mansão Spencer se estendia sobre quase quatro mil metros quadrados. Era enorme e feita de tijolos, não exatamente a coisa mais fácil de incendiar.

Ainda assim... Você nunca vai saber se não tentar, certo?

A dependência dos empregados ficava a apenas cerca de trinta metros da casa principal, não muito longe, e enquanto Jo entrava e saía da cozinha principal várias vezes ao dia, ela nunca bateu à porta dos LeBlanc nem mesmo uma vez. Então, depois de dizer adeus a uma Jo assustada, voltei para lá.

Entrei no quarto de Emilia, mais despreocupado do que nunca. Cantarolei *Nightcall*, de Kravinsky, porque finalmente me dei conta, embora do nada, de que Emilia gostava dessa música porque era sobre *mim*. Peguei tudo que achava que ela sentia falta. Fotos emolduradas. Lembranças do colégio. Suas botas preferidas. Enfiei tudo o que já não tinha sido guardado pelos seus pais dentro de uma caixa.

Passei as três horas seguintes carregando todas as caixas dos LeBlanc para uma SUV na garagem e fazendo três viagens para o depósito de armazenamento fora da cidade.

Contudo, as caixas de Emilia, guardei comigo.

Todo esse tempo, vi Jo pelas largas portas francesas da cozinha da

mansão. Andando de um lado para o outro, virando um copo de vinho atrás do outro e perdendo a cabeça. Depois, quando finalmente acabei, abri os queimadores de gás do fogão na casa da piscina – todos os quatro – e saí.

Eu não causaria o incêndio. Precisava de um álibi. Mas isso iria acontecer. Finalmente. Se Jo decidisse ficar na casa e queimar com ela, era problema dela, não meu.

Eu lhe avisei.

Agora, tinha mais uma missão antes de voltar para Nova York: conquistar o casal LeBlanc.



Emilia

CAPÍTULO VINTE E SEIS

— JÁ VIU AS NOTÍCIAS? — Rosie se jogou no nosso pequeno sofá ao meu lado. O sofá veio com o apartamento. Era pequeno, mas era legal sentar num lugar de verdade para assistir televisão. Rosie foi clicando nos botões até chegar num canal de notícias. Uma mansão que conhecíamos muito bem estava pegando fogo, o telhado desabando em chamas dançantes. Fiquei olhando para aquilo por um bom tempo, sabendo exatamente o que significava.

Vicious.

Quando estávamos no último ano, ele pôs fogo no *La Belle*, o iate que também era um restaurante e que pertencia a outro jogador de futebol que se tornou inimigo dos Four HotHoles. Vicious gostava de fogo. Talvez por ser muito frio, ele gostasse do calor rodopiando na palma de sua mão. Tinha a assinatura dele em tudo isso.

Peguei meu telefone da mesinha de centro e levantei, digitando o número dele. Queria me certificar que meus pais estavam bem. Que *ele* estava bem. Ele atendeu no quarto toque.

Parei o que quer que fosse dizer, porque ouvi que ele estava em algum lugar barulhento. Uma festa? Um restaurante? Ouvi mulheres rindo e homens gritando. Meu coração afundou.

— Oi — resmunguei. — Estão todos bem? Eu vi que está tendo um incêndio enorme em seu antigo bairro. — Mantive vago porque eu sabia que não havia jeito de ele me contar toda a história por telefone. Ou talvez nunca. Prendi um cacho do meu cabelo lavanda atrás da orelha e coloquei uma mão atrás do pescoço, andando de um lado para o outro do apartamento.

— *Seus pais estão no Vineyard.* — Ele foi seco, como sempre, mesmo quando me perseguia todos os dias. Fiz uma anotação mental para agradecê-lo pelo táxi que tinha ficado me esperando hoje, quando ele não pôde me acompanhar até em casa. — *Vou levá-los para Los Angeles amanhã. Preciso de alguém encarregado do serviço de bufê da filial de Los Angeles e a sua mãe é perfeita para o trabalho.*

Fechei os olhos, respirando fundo. A última coisa que eu queria era a caridade dele, mas meus pais não eram pessoas orgulhosas. Eles só queriam trabalhar e ganhar a vida. Belisquei meu nariz, odiando ter precisado da ajuda dele e aceitá-la, mesmo depois de tudo pelo que passamos.

— Obrigada — falei. — Bom, vou te deixar voltar para a sua festa.

— *Tchau* — disse ele, como se nada tivesse acontecido. Como se ele não tivesse salvado a minha pele... *mais uma vez.*

— Espere — falei depressa antes que ele desligasse. Ele ainda estava na linha, mas não falou nada. Esfreguei a mão nas coxas. — Quando você volta para Nova York?

— *Pode simplesmente admitir que sente a minha falta? Não é tão difícil assim.* — Ouvi o sorriso em sua voz.

Eu me contraí. Eu sentia. Eu sentia falta dele. Eu odiava ele não ter estado aqui hoje.

— Estou disposta a te dar seus cinco minutos. — Esquivei-me da acusação.

— Dez — contestou. Mesmo depois de todo esse tempo.

— Oito — repliquei. Era tudo um jogo. Eu teria dado quantas horas ele precisasse para me explicar tudo.

— *Péssima negociadora* — disse ele num tom reprovador. — *Eu teria aceitado cinco num piscar de olhos. Boa noite, Em.*

Em. Uma sorriso hesitante curvou meus lábios. Eu sabia que ficaria ali por longas horas depois disso.

Ele me chamou de Em.



Na quinta-feira, coloquei um vestido longo branco e dourado para a exposição, deixando meus cabelos ondulados e pesados caídos sobre as minhas costas nuas. Brent alugou este vestido – *alugou!* – sabendo o quanto a exposição era importante para mim. Não consegui dormir a noite inteira pensando nisso. Tentei me convencer de que não seria nada de mais se ninguém comprasse o meu quadro. Seria a primeira vez que um quadro meu ficaria exposto para venda numa galeria – inclusive uma prestigiada – e eu estava com alguns dos melhores artistas em Nova York. Eu deveria ficar feliz apenas com o fato de que meu quadro estava lá.

Na parede branca imaculada.

Olhando para mim. Sorrindo para mim. Exigindo a minha atenção.

Eu não conseguia focar em nada a não ser o quadro.

Nesta tarde, falei com meus pais pelo telefone. Eles já estavam em Los Angeles e morando num apartamento no mesmo prédio onde ficava a cobertura de Vicious em Los Feliz. Eu não quis saber quantos apartamentos os HotHoles haviam comprado no decorrer dos anos.

Mamãe ainda estava chateada com o que aconteceu com a mansão Spencer.

— *A pior parte* — a voz dela tremeu de novo — *foi que pensaram que o que causou o fogo foi o fogão. Eu nunca deixei meu fogão aceso. Você sabe disso. Eu verifico três vezes antes de ir para a cama todas as noites. Estou dizendo, Millie, não fomos nós.*

— Eu sei — falei, escovando os cabelos em frente ao espelho, minutos antes de Brent me buscar. — Não foram vocês. Sei disso. Mas quem sabe? Talvez Josephine tenha entrado? Talvez uma das outras pessoas que trabalhavam para ela?

Deixei o nome de Vicious de fora por motivos óbvios.

Mamãe suspirou.

— *E se pensarem que deixamos de propósito porque ela nos demitiu?*

— Bom, alguém realmente sabe que ela demitiu vocês?

— Não.

— Vamos tentar deixar isso assim.

— *Seu namorado disse a mesma coisa.*

— Ele não é meu namorado. — Eu estava ficando um pouco cansada de repetir isso para todo mundo, principalmente, porque eu queria que o contrário fosse verdade.

— *Bom, tenho que ir, Millie. Dean vai nos levar para comprar algumas coisas para o nosso apartamento. É bem legal. Grande. Mas todos os vizinhos são tão novos. É muito estranho morar aqui.*

Dean os estava ajudando? Mordi minha bochecha por dentro, mas não disse nada. Isso era o principal sobre os HotHoles. Eles eram uns babacas, mas no fundo, tinham grandes corações.

— Aproveite, mamãe.

E, agora, aqui estava eu, vivendo o meu sonho, ou o que deveria ser o meu sonho. Fiquei olhando para o meu quadro de novo, segurando com força uma taça comprida de champanhe e respirando fundo. Rosie deveria estar aqui, mas ela dobrou o turno no Café. Ela não queria, mas estava cobrindo uma colega doente e Rosie sabia como era ficar debilitada pela doença. Ela não queria que a garota, Elle, tivesse problemas.

Estava tudo bem. Eu não precisava de ninguém para comemorar comigo. Além do mais, eu tinha Brent.

Uma mulher alta e bonita, por volta dos cinquenta anos, se aproximou de mim, com um vestido preto de coquetel, um colar de pérolas e batom vermelho. Ela sorria enquanto analisava meu quadro na parede.

— Natureza ou amor? — Refletiu ela. Ela apenas queria iniciar uma conversa e não fazia ideia de que eu era a *ELB* que assinara o canto inferior da tela. Emilia LeBlanc.

— Definitivamente amor. Quero dizer, não é óbvio? — Ergui uma sobrancelha.

Ela riu sem fôlego, como se o que eu disse fosse totalmente engraçado e deu um gole em seu vinho.

— Talvez para você. Por que acha que é amor?

— Porque a pessoa que pintou está obviamente apaixonada pelo

indivíduo.

— E por que não o contrário? — Ela se virou para mim com um sorriso sagaz. — Veja o rosto dele. — Ela traçou seu dedo com a unha feita perto da tela. — Ele parece feliz. Satisfeito. Talvez seja ele quem esteja apaixonado pela pessoa que o pintou. Ou, talvez, eles estejam apaixonados um pelo outro.

Eu corei. — Talvez.

— Eu sou Sandy Richards. — Ela estendeu a mão para mim e apertou. Sandy parecia uma mulher rica e não necessariamente por causa de sua roupa. Havia um ar nela. Nesse sentido, ela me lembrava do homem em meu quadro.

— Emilia LeBlanc.

— Eu sabia. — Depois ela apontou para as iniciais no canto inferior da pintura.

Não havia por que negar. Além disso, eu estava orgulhosa desse quadro. Foi a tela que pintei na véspera de Natal. Pensei em ficar com ela e fazer alguma outra coisa para a exposição, mas a verdade era que eu não queria o rosto de Vicious me encarando todos os dias. Sempre que eu fechava os olhos, ele estava lá. Eu não precisava de outro lembrete da minha obsessão por ele.

— Tem certeza de que quer vendê-lo? — Sandy encostou a taça fria em seu rosto, seus olhos se moviam novamente pelo quadro.

Assenti. — Nunca estive tão certa de nada na minha vida.

— Ele é lindo.

— A beleza de tudo passa — falei. *Minha própria flor de cerejeira.*

— Então, vou comprá-lo — disse ela, levantando um ombro.

Minha boca secou e eu pisquei espantada.

— Vai?

— Claro. Tem algo sobre ele. Não é como um modelo. Simplesmente... parece interessante. Mas o que eu gosto realmente nele é que você capturou a tempestade em seus olhos. Ele está sorrindo feliz, porém, seus olhos... Parecem torturados. Tão problemáticos. Eu amo isso. Aposto que o cara tem uma boa história.

— Não, ele é um babaca.

Ouvi a voz atrás de mim e virei imediatamente. Vicious estava parado

ali, com um de seus ternos azul marinho que faziam meu coração acelerar e provocavam uma dor persistente entre as minhas coxas.

Fui acometida pela incredulidade. Ele veio à minha exposição. E... Que diabos ele segurava na mão? Parecia um tipo de recibo.

Não sabia como reagir. Queria pular em cima dele, beijá-lo com vontade, agradecê-lo por estar ali, mas nós não éramos assim. Não neste momento e, talvez, nunca. Lembrei a mim mesma que da última vez que eu perguntei o que ele queria de mim, sua resposta foi me foder. Eu precisava ser cuidadosa com meu coração desta vez.

Vicious aproximou-se de nós, ignorando Sandy, enfiou a mão em meus cabelos cor de lavanda, com os lábios ridiculamente perto dos meus. A conversa parou à nossa volta. Senti os olhos de Brent em nós dois. Os olhos de Sandy em nós dois. Os olhos de todos em nós dois.

Então, era isso que ele tinha planejado para quinta-feira. Ele sabia. Ele queria estar aqui o tempo todo.

— Pergunte o que eu quero — murmurou Vicious na minha cara.

A demonstração pública de afeto dele – nada sexual, nada humilhante, mas afeição nua e crua – encheu meu peito de calor, porém, eu tentei engolir minha esperança.

— O que você quer? — Virei meu olhar para encontrar o dele e, de repente, não estávamos em Nova York numa galeria repleta de pessoas. Estávamos em meu antigo quarto. Ignorando a festa e o mundo à nossa volta, um mundo que ignorávamos constantemente quando estávamos juntos.

— Eu quero você — disse simplesmente. — Só você. Nada mais. Nada além de você. — Ele respirou com dor, fechando os olhos. — Caralho, Emilia. Você.

Eu queria beijá-lo com vontade igual aos filmes, mas isso era a realidade e eu era uma funcionária e uma artista que ainda tinha que se comportar de certa maneira. Contudo, eu o abracei mais apertado e inalei seu cheiro único, permitindo me embriagar dele. Contive todas as emoções que me inundavam. O alívio. A felicidade. A cautela e o amor. Amor demais.

Quando finalmente nos afastamos, olhei para baixo, para sua mão fechada.

— O que é isso na sua mão, Vic?

— Isso? Vi uma coisa que gostei, então, comprei quando cheguei. — Ele abriu o punho e me mostrou.

Era um recibo pelo meu quadro. Meu coração perdeu um compasso.

Ele apertou a minha mão na sua e sorriu.

— Vai ficar épico *pra* caralho no meu quarto, não acha? Eu poderia te foder e olhar para mim mesmo enquanto faço isso. Tem alguma merda de Napoleão lá.

Foi a melhor noite da minha vida.

Porque Vicious não só ficou a noite inteira, mas porque ele também me permitiu mergulhar no reconhecimento que recebi. Ele ficou ao meu lado na maior parte do tempo, embalando seu copo de *whiskey*, mexendo no celular e, de vez em quando, tirando uma foto minha quando eu estava sorrindo ou rindo com alguém. Ele agia como um namorado. Mas não qualquer namorado. O namorado que Vicious deveria ser e nunca foi.

E quando a noite terminou e eu me virei prestes a falar para ele que queria ir devagar, que não podia mais lhe dar apenas o meu corpo, porque vinha num pacote único com meu coração e a minha alma, ele me venceu.

Vicious me colocou correndo num táxi, depositando um beijo suave na minha testa e bateu a porta do carro, fazendo um gesto para eu abaixar a janela. Eu abaixei.

— Pensei que fosse tentar me levar para casa. — Ergui uma sobrelanceira brincando.

— Pensou errado. Sua boceta não me interessa neste momento. Seu coração, sim.

Sempre tão grosso, mesmo quando era doce.

Ele bateu no teto do veículo.

— Tente dormir, apesar da adrenalina. Você arrasou nessa merda, Emilia. Estou orgulhoso de você. Vou te pegar para almoçar amanhã ao meio-dia. Boa noite.



CAPÍTULO VINTE E SETE

O UNIVERSO ESTAVA a meu favor nessa semana.

Dean parou de ser um filho da puta babaca e resolveu me ajudar. Ele não só deu uma festa completa com dezenas de pessoas que me viram, para o caso improvável de Jo explorar a minha acusação pelo que aconteceu na mansão, mas ele realmente levou os LeBlanc para comprar os móveis e ir fazer compras no mercado. Foi com sentimentos misturados que assisti a sua interação com Charlene, porque o filho da puta era encantador e ela gostava dele de verdade. Pude notar pelo jeito que ela o olhava que queria que a filha tivesse ficado com ele. Ela teria que se acostumar comigo.

Josephine não estava no local quando a casa dela explodiu em chamas. Eu pedira a um cara que conhecia para passar por lá em sua *Harley* com uma máscara de ski e jogar uma bomba perto da garagem. Ele jogou.

Duzentos mil dólares foi o que me custou.

Mas a mansão Spencer já era. Varrida da face da terra. As marcas no chão lamacento e enegrecido eram a única prova de que ela existira realmente.

Na manhã seguinte, minha madrastra me enviou um texto formal me informando que ela estava se mudando para Maui. Respondi que ela deveria deixar a herança onde eu pudesse vê-la porque ela não iria a lugar algum, inclusive para o inferno, com o meu dinheiro.

Ela não respondeu, mas a mensagem era clara. Eu venci. Ela perdeu. Na vida. Na morte. Em tudo o que importava.

Não foi fácil voltar a Nova York a tempo da mostra na galeria. Tive que subornar um viajante para me vender sua passagem. Paguei o dobro do preço, mas consegui ir à exposição. E quando cheguei à

galeria, incerto do que diria, ela fez todo trabalho para mim.

Ela havia me pintado.

Não apenas me pintou (e indiscutivelmente me deu um nariz melhor do que o meu de nascimento), mas também era o que eu estava fazendo na pintura que me fazia sorrir como um cafajeste. Eu segurava um baseado e ria para uma câmera não existente – embora meus olhos ainda fossem os meus, meio tristes, sombrios e assustadores *pra* caralho – e eu vestia uma camisa preta simples que dizia *Black* escrito em branco. O fundo era cor-de-rosa forte e ridículo. Eu era o Black dela.

Ela era a minha Pink.

Comprei o quadro num piscar de olhos, arrastando o chefe dela para o lado. *Gay, que bom.* Ele estava lá com o namorado, Roi. Neste momento, reparei que Emilia estava parada perto da imagem, conversando com uma mulher e eu esperava que não fosse tarde demais para comprá-la.

Não era.

Emilia não sabia ainda, mas ela iria pintar outro quadro, um dela mesma vestindo uma camisa rosa num fundo preto e ficaria pendurado ao lado do meu.

No dia seguinte, cheguei à galeria pontualmente ao meio-dia. Ela estava parada na porta com um vestido de marinheiro azul e branco e sapatos laranja, esperando por mim com um sorriso. Era tão simples. Ela, neste dia de primavera, me dando tão facilmente o que eu queria. Não parecia tão simples quando estávamos no Ensino Médio. Porém, eu podia enxergar agora que Trent estava certo na noite em que descobri que ela estava namorando Dean. Eu arrastei todo mundo para um monte de merda obscura porque não conseguia admitir esse fato simples e único para mim mesmo.

Tudo o que eu queria era que ela fosse minha, mas continuava pensando – acreditando – que eu não era o bastante. Que algo tão destruído não teria nenhuma possibilidade de merecer alguém tão inteira.

Mantive meu ritmo da cafeteria onde estive esperando, levando um tempo para apreciar o fato de que ela estava esperando por mim no

outro lado do quarteirão. Ela perdeu a paciência e veio passeando em minha direção, mal contendo o sorriso em seu rosto. Quando estávamos a centímetros um do outro, nós dois paramos. Eu queria beijá-la, mas ainda não era hora. Então, coloquei um cacho dos seus cabelos atrás de sua orelha e engoli seco.

— Vamos.

Pegamos um táxi. Era primavera. Era incrível. A única coisa boa em Nova York, além do fato de que Emilia LeBlanc morava aqui, era o que eu estava prestes a lhe mostrar.

— Para onde estamos indo? — Ela mordeu o lábio inferior.

— Patinar no gelo — falei irônico. — Depois, quero fazer uma tatuagem gigante de um cuzão na minha testa porque me representa.

Ela riu aquela risada gutural que fazia meu pau se contorcer.

— Posso desenhar alguma coisa para você — falou piscando.

— Eu adoraria.

O táxi parou na entrada do Central Park West e nós descemos. Não trouxe nada comigo além da minha história. Nada para um piquenique. Nem mesmo uma porra de cobertor para sentar. Esperava que fosse o suficiente. Emilia me deu um sorriso de Mona Lisa que se alargou ao máximo quando segurei sua mão e a levei para a sua árvore de flor de cerejeira perto da pequena ponte. A árvore estava cheia de flores. Era especialmente bonita, igual a ela, e ela ficou parada observando-a em silêncio.

Eu havia ensaiado este momento ontem logo antes de ir para a galeria. Conteí meus passos para ter certeza de saber exatamente onde a árvore estava localizada e me certifiquei de que ela estaria realmente florida. O Central Park era enorme e eu não queria estragar tudo. Chega de estragar as coisas com essa mulher.

Ela se virou de frente para mim.

— Flores de cerejeira?

Dei de ombros. — Acho que consigo entender o porquê de tanto entusiasmo.

Nós nos sentamos debaixo da árvore.

A ideia de contar tudo a alguém, mesmo sendo ela, era paralisante. O advogado dentro de mim queria me arrastar para longe disso. Mas o

advogado dentro de mim morria perto de Emilia LeBlanc. Fodê-la contra a porta do meu escritório tinha provado muito bem isso.

Ela olhou para mim com expectativa antes de falar:

— Olha, você não precisa se explicar para mim. Você é quem você é. Eu sabia quem era Vicious Spencer antes de resolver trabalhar para você. Sabia que me perseguiria. Sabia que me pediria coisas que eu poderia ter problema em fazer. E você estava certo, nós não éramos exclusivos. Por mais que isso doa, você tinha todo o direito de dormir com Georgia...

— Você acha que eu dormi com Georgia? — Interrompi-a incrédulo.

— Eu não toquei nela. Tentei. Acredite, eu tentei. Só que ela não era você. E eu sei que você não espera que eu te dê respostas, mas vou fazer isso mesmo assim porque tem uma partezinha de mim que acha que talvez, só talvez, você vá me dar uma chance depois.

Porém, havia uma parte enorme que suspeitava que ela iria chamar a polícia e me entregar. Mesmo assim, eu tinha que fazer isso.

O silêncio reinou entre nós. Meus olhos pousaram na grama enquanto eu falava. Era mais fácil assim.

— Depois que minha mãe foi lesionada naquele acidente de carro quando eu era criança, tudo mudou. O casamento dos meus pais nunca foi maravilhoso até onde me lembro, mas foi depois que mamãe ficou deficiente que paramos de ser uma família. Sem mais jantares juntos. Sem mais viagens de férias. Ele quase não ficava mais conosco. Mergulhou no trabalho. Quando eu estava com nove anos, meu pai finalmente decidiu trocar mamãe por Josephine. Eles estavam tendo um caso, mas ele não podia se divorciar da pobre esposa parálitica, certo? Então, Jo o convenceu a mandar um homem fazê-la desaparecer. O homem era Daryl Ryler, o irmão de Jo.

Emilia engasgou e segurou a minha mão.

Continuei: — Eu ouvi a conversa de meu pai com Jo – naquela época ela era secretária dele e, como eu tinha nove anos, não tinha certeza do que significava. Deixei passar. E, então, algumas semanas depois, cheguei em casa da escola no meio do dia porque estava doente. Vi Daryl sair apressado do quarto da minha mãe. Ela morreu naquele dia e Josephine e meu pai se casaram um ano depois. — As palavras

tenham um gosto amargo na minha boca. Eu ainda não havia superado o fato de que ele me odiava *pra* caralho a ponto de deixar praticamente nada para mim.

“Depois do que aconteceu com mamãe, parecia quase perverso ser feliz. E Daryl... Ele acabou se tornando um acessório em nossa casa. Como uma peça da mobília velha, esfarrapada, feia *pra* cacete da qual a gente quer se livrar. Ele era um bêbado e, às vezes, drogado – cocaína era o ponto fraco dele – e um sádico do caralho. Eu era novo e quebrado, e era fácil me arrastar para a biblioteca e me bater e me ferir. Eu não tinha para quem reclamar. Eles mataram a única pessoa que me amava.

— Jesus — ouvi Emilia resmungar enquanto fungava alto e segurava forte a minha mão. Os olhos dela já estavam cheios de lágrimas. — Isso é horrível, Vic.

E eu também sou, pensei.

— Pensei em ir à polícia e contar sobre tudo, mas àquela altura, eu sabia que era eu contra o mundo. Além do mais, se tornou pessoal. Eu sabia o que iria fazer. Eu tinha um plano. Porém, conforme eu ia em direção a ele, acho que me tornei insensível. Insensível demais para perceber tudo que era bonito e suave à minha volta.

E, aí, entra Emilia LeBlanc. Eu sabia o que sairia da minha boca a seguir e tentei me convencer de que não era um erro terrível. Emilia não era minha namorada. Tecnicamente, ela nem mesmo era minha amiga. E eu estava prestes a admitir algo para ela, sabendo que estava colocando minhas bolas em suas mãos, esperando que ela não as espremesse até a morte.

— Havia um jogo a ser jogado e eu o jogava muito bem. Quando você e eu nos vimos pela primeira vez, Daryl já tinha parado de aparecer na minha casa. Ele estava se drogando de novo e meu pai mandou que Jo tirasse as chaves dele. De qualquer forma, ele não me abusava há alguns anos. Eu estava grande na época. Talvez 1,80m, 1,90m e era jogador. Ele era apenas um viciado frágil que estava perdendo os cabelos, mas pensava que ainda podia me intimidar. Quando te encontrei do lado de fora da biblioteca, pensei que tivesse ouvido demais e a pior parte foi que quando olhei para você, tudo o que vi foi

a Jo. Você tinha os lábios e os cabelos dela, os olhos e sua postura. Isso me fez querer te odiar.

Emilia enxugou suas lágrimas silenciosas com as costas da mão e aninhou a cabeça no vão do meu ombro. Eu deixei. Respirei fundo aquele ar fresco, fechando os olhos. Estava prestes a contar.

— Depois que você saiu de Todos Santos, tudo piorou. Não estávamos mais no colégio e eu não era mais um rei. Não tinha mais ninguém para jogar *Desafio*, o que deixava a minha frustração com o mundo fervilhando. Principalmente com a minha madrastra e o irmão dela. Eu queria matar Ryler. Acabar com ele. Eu apareci na casa dele. Nem precisei chutar a porta para entrar. Ele estava no ofurô no quintal relaxando, com os olhos fechados.

Eu contei a ela como o matei. Como caminhei despreocupadamente até ele, sentei na beirada de seu ofurô e joguei seu telefone, que estava no deck de madeira, dentro da água.

A autópsia disse que Daryl se afogou num torpor induzido pelas drogas. Era uma história incontestável. Também era a certa. Ele tinha se afogado... mas eu dei as drogas para apagá-lo.

Depois que acabei, travei, sem nem me atrever a inalar a próxima dose de oxigênio.

Ela não se levantou e foi embora.

Ela não gritou comigo.

Ela não emitiu som nenhum.

Ela apenas ficou tensa ao meu lado e passou a mão pelo meu braço, me motivando a continuar. Soltei o ar que estava segurando em meus pulmões e fiz exatamente isso.

— Depois, estava na hora de lidar com Josephine e papai. A interesseira merecia perder o que havia tramado com tanto afincio para ter. O fato de que meu pai ficou doente levou a maior parte de tudo. Meu plano era simples. Meu pai trabalhou até a morte para criar um legado de negócios. Tudo o que eu queria era confrontá-lo antes de ele morrer. Deixá-lo saber que eu sabia o tempo todo sobre minha mãe e que eu iria me livrar do que ele construiu, começando com a mansão que eu odiava.

— Você incendiou a casa — terminou ela delicadamente.

Assenti, afundando o queixo em sua têmpora. Eu me senti mais leve de alguma forma. Esperava que isso não fosse me foder na próxima vez que Emilia e eu ficássemos um contra o outro, o que iria acontecer, porque era assim que nós funcionávamos. Ela afastou a cabeça do meu peito e me encarou. E eu deixei. Porque não tinha mais nada a esconder.

— Você fez tantas coisas horríveis para vingar a sua mãe — sussurrou. Uma lágrima escapou de seu olho direito.

Assenti. Eu teria que dizer que me arrependia, mas isso seria uma mentira que ela não merecia ouvir.

— E você está me contando isso porque...?

— Porque confio em você. Porque quero saber se ainda existe alguma chance de você poder saber quem eu sou, quem eu sou de verdade, e ainda... — *Não diga me amar, não diga me amar, não diga me amar* — ficar comigo.

— Eu quero ficar com você — confirmou ela sem hesitar e, caralho, acabou de ficar muito mais quente. — Eu sei que eles te destruíram e ainda te quero. Nem mesmo quero te consertar. Eu te quero do jeito que você é. Quebrado. Incompreendido. Babaca. Quero a versão verdadeira, a versão sombria, a que me deixou o mais triste que já estive em minha vida, mas também o mais feliz.

A hora é agora.

Encostei meus lábios nos dela e eles eram quentes e corretos e eram meus. Nós nos beijamos sob a árvore de flor de cerejeira até eu sentir que nossos lábios estavam a segundos de racharem antes de ela se afastar, piscando para mim. Eu me levantei e ofereci a minha mão.

Ela pegou.

Ela pegou, porra.

Mesmo sabendo o que eu tinha feito, ela ainda estava ali. Ainda por cima, ela ainda era forte. Essa era a linda verdade sobre esta garota. Ela nunca se acovardava. Ela sempre era corajosa e pensava por si mesma, sabendo o que era certo e o que era errado no universo dela. Sempre.

Foi o que Pink disse há tantos anos. Que não estávamos acima da lei, mas também não estávamos abaixo dela.

Havia pessoas à nossa volta. Pedalando e organizando piqueniques, tirando fotografias e passeando com seus cachorros. O lugar vibrava com vida, mas eu tinha acabado de conversar com ela sobre a morte que eu havia causado. Eu sabia que ela ainda tinha uma pergunta na cabeça, então, esperei, permitindo que ela a manifestasse.

— O que você vai fazer com Josephine? — Os olhos dela piscaram para mim e eu sorri.

— Vou puni-la onde dói. Eu vou tirar o dinheiro dela.



Era bastante incrível o quanto seis meses podiam passar rápido. Eu não estava em posição de falar merda para Dean porque ele cumpriu sua palavra, ficando em Los Angeles e até ajudando os pais de Emilia a se acomodarem enquanto eu estava namorando a filha deles.

Sim, isso mesmo, namorando.

Eu não fazia ideia de como fomos de foder na minha sala em todas as posições conhecidas pelo homem a mim segurando sua bolsa enquanto a acompanhava do metrô até seu apartamento de merda todas as noites, mas aconteceu. Perguntei se ela queria ir morar comigo, junto com Rosie, e voltar ao antigo apartamento delas em Manhattan, o que eu estava ocupando. Eu tinha mais do que espaço suficiente para nós três, mas depois que ela disse que não, eu nunca mais toquei no assunto novamente.

Nós faríamos as coisas do jeito dela. Eu entendia isso. O jeito dela era uma porcaria, mas eu precisava começar a aprender como jogar o jogo das outras pessoas se quisesse algo significativo.

Não falamos explicitamente em voz alta que estávamos namorando, mas com certeza não estávamos fodendo e, mesmo assim, nos víamos todos os dias. Sem falar que nossos finais de semana estavam reservados e nós os passávamos juntos. Rosie ia junto com mais frequência do que eu gostaria, mas eu segurei a barra. Íamos a museus e ao cinema. Passeávamos e até fomos uma vez a Coney Island. Rosie levou um cara junto quando isso aconteceu – um cara nojento

chamado Hal – então, eu tive algumas horas para arrastar Emilia para trás de um prédio e dar uns amassos nela até ela ficar com queimaduras de concreto nas costas quando me esfreguei nela.

Rosie continuava me provocando sobre os Hamptons, perguntando que tipo de pessoa rica eu era se não tinha uma casa lá, até que finalmente eu cedi e aluguei um lugar para o final de semana, mas não sem antes contar a ideia para a irmã caçula de Emilia e dizer que se ela não levasse Hal junto, eu daria um chute na bunda dela na estrada a caminho da casa de praia que aluguei.

Na semana anterior à viagem para a praia, nós visitamos a árvore de flores de cerejeira outra vez. As flores já tinham morrido àquela altura, o que era meio deprimente de se pensar, eu acho. Pior, a primavera já estava quase acabando e eu sabia que estava ficando sem tempo.

Naquela noite, nós finalmente fomos para a cama de novo e não foi nada parecido com as primeiras vezes.

Rosie precisava do apartamento no Bronx porque o namorado dela iria passar a noite lá. Uma oportunidade perfeita para mim. Perguntei a Emilia se ela queria dormir na minha casa, e ela disse que sim. Não organizei um jantar à luz de velas elegante nem comprei flores para ela porque seria tudo uma mentira, e eu prometi a mim mesmo que não mentiria para ela. Mas pedi um pouco de comida vietnamita daquele lugar que ela gostava e comprei algumas bebidas. Ela veio depois do trabalho e se livrou dos sapatos de salto – amarelo limão com bolinhas verdes – resmungando algo sobre como ela estava a cinco segundos de ceder e colocar um tênis com vestido como o resto das advogadas e contadoras na cidade de Nova York.

Sorri e servi uma taça de vinho para ela. Eu já estava de jeans e camiseta.

— Mmm. . . Mulheres de terninho e tênis. O antídoto para uma ereção.

Ela riu e jogou um dos sapatos em mim de brincadeira, me errando de propósito por um centímetro. Arqueei uma sobrancelha, caminhando até ela e lhe entregando uma das taças com vinho.

— Você anda agressiva ultimamente. Deve ser toda essa tensão sexual.

— Sem lhe dar a opção de responder, virei-me e comecei a abrir as caixas com a comida, servindo nossos pratos.

Ela deu um gole no vinho e eu senti seus olhos em meu corpo.

— Como você tem dormido esses dias, Vic? — O tom dela era doce e sedutor.

— Como a porra de um bebê. Obrigado por perguntar.

Por algum motivo, consegui dormir um pouco mais programado recentemente, principalmente porque eu não tinha mais que me preocupar com tudo. Jo era minha única ponta solta e eu iria lidar com ela em breve. Todo o resto já funcionava sem problemas. Eu dormia a cada duas noites, o que era um progresso enorme. Não sei como aconteceu. Talvez fosse o fato de que eu tinha alguém ao meu lado agora.

Ela inclinou ligeiramente a cabeça e olhou para mim quase sonhando, e eu a amava por isso.

Merda. Eu amava.

Ela abriu meus dedos da minha taça de vinho e a colocou na ilha da cozinha enquanto prendia os braços em volta do meu pescoço, e foi aí que me dei conta de que todo esse tempo, toda a porra do tempo em que eu a persegui, na verdade, eu a amava.

Eu a amava quando a odiava.

E a amava quando não queria ter nada a ver com ela.

Eu era tão louco por ela que as linhas haviam se confundido. Sentimentos misturados, emoções tecidas umas às outras.

Eu roubava suas canetas e seus lápis quando, na verdade, eu estava desesperado pelas suas palavras.

Todas elas. Cada letra e cada sílaba. Cada rabisco bobo.

Ficou claro para mim então, numa cozinha branca genérica que eu particularmente não gostava, numa cidade que eu odiava, num apartamento que eu deveria desocupar em três semanas, que eu estava apaixonado.

Era um amor velho e surrado, mas que ainda ardia.

— Pergunte mais uma vez o que eu quero — falei suavemente e ela sorriu, encostando os lábios em meu peito por cima da camiseta.

— O que você quer? — Murmurou. O cheiro do cabelo dela era

fantástico. Tipo, cheiro de flores, e era como a porra do meu travesseiro iria cheirar esta noite.

— Nada. Estou farto de querer coisas. Já tenho tudo o que quero. Pergunte como me sinto.

— Como você se sente?

— Apaixonado. — Respirei fundo, enterrando o rosto em seus cabelos.

— Eu me sinto apaixonado e é você que eu amo. *Pra caralho.*

Não jantamos. Em vez disso, eu a carreguei para a minha cama nova, uma em que Dean nunca havia dormido, e a coloquei em cima do colchão, de bruços, observando sua bunda nua em formato de coração e todo aquele cabelo roxo espalhado pelas suas costas e pelos meus travesseiros. Inclinei-me para frente, beijando sua tatuagem e enfiando a mão entre suas pernas, passando um dedo em sua abertura. Ela se arrepiou de prazer, mas esperou, sem se mexer.

Esperei, desta vez, propositalmente. Esperei para que parecesse certo. Para mostrar a ela que não era um casinho.

Lambi desde sua nuca até o cóccix, onde parei e segurei sua bunda levantando seus joelhos. Ela estava de quatro agora, virou a cabeça para trás para ver o que eu estava fazendo. Roubei um beijo desesperado e guiei seu rosto para ela ficar de frente para a cabeceira novamente.

— Você não confia em mim?

— Estou começando a confiar. — Ela riu sem fôlego e eu afundei meus dedos nela outra vez, sentindo-a ficar mais molhada.

Peguei emprestado um pouco daquele calor e girei em torno de seu botão, as pontas dos meus dedos acariciando suavemente, e senti sua boceta se esfregando em minha mão desesperadamente. Coloquei uma mão na parte baixa de suas costas, prendendo-a.

— Não se mexa.

— Você é sempre tão mandão — resmungou, mas obedeceu. Desta vez, não me esqueci de colocar um preservativo. Diabos, desta vez, não me esqueci de nada. Devagar, meti dentro dela por trás enquanto ainda trabalhava em seu clitóris. Era bom estar dentro dela outra vez, mas era ainda melhor saber que desta vez significava alguma coisa.

A princípio, fui devagar. Desesperadamente devagar. Provocando.

Frustrando-a de propósito.

— Vicious — implorou ela, sua cabeça caindo no travesseiro enquanto ela soltava um suspiro. — Por favor.

— Por favor o quê?

— Por favor não me torture.

Acelerei dentro dela, ainda não fazendo do jeito que ela queria. Emilia gostava que fosse com força. Ela gostava que fosse violento e com raiva. Razão pela qual éramos tão compatíveis, para começar.

— Acho que você gosta de ser torturada. — Inclinei-me para frente, sussurrando em seu ouvido. — Acho que sempre gostou. Muito.

A primeira onda de prazer a acometeu e seus joelhos e cotovelos cederam. Ela desabou, deitando na cama, mas eu ainda bombeava dentro dela com força, meus dedos ainda trabalhavam em seu clitóris. Eu fui implacável. E, depois de me privar dela por tanto tempo, tinha um bom motivo para ser.

— Levante — instruí. Minha voz mantinha o tom frio de sempre.

— Acho que não consigo. — Ela soava como quem estava prestes a desmaiar.

Puxei-a para cima para suas costas encontrarem meu torso, segurando um de seus seios que pulavam conforme eu a fodia por trás, esfregando seu mamilo com meu polegar incansavelmente, fazendo círculos enquanto chupava sua tatuagem.

— Você sabe como eu te sinto? — Grunhi em seu pescoço. Eu iria gozar a qualquer segundo. Eu sabia, e alguns orgasmos, você sabe que são a mesma coisa de sempre. Mas este? Pareceu o primeiro. Um clímax épico uma-vez-a-cada-década.

— Gostosa?

— Isso também. — Sorri contra sua pele quente e suada, lambendo para prová-la mais uma vez. Eu estava metendo nela com tanta força que sabia que ela ardia em todos os lugares, mas era por mim, então, não me importei.

Usei uma das minhas mãos para sustentá-la enquanto brincava com seus peitos, e com a outra, segurei seu joelho e abri sua perna para o lado para ter um acesso melhor, depois, meti com mais força. Ela gritou. Tudo entre nós latejava.

— Te sinto como uma redenção. E você sabe como é isso?

Eu a virei, mas ainda estava metendo e ela estremeceu com o que pode ter sido o terceiro orgasmo.

— Não. Diga.

Gozei dentro dela com força, sentindo minha ejaculação dentro da boceta quente e apertada.

— É perfeito, igual a você.

Fodi Emilia tão forte que parecia que as minhas costas haviam lutado com a porra de um urso pardo quando terminei.

Quando desabamos de costas na cama, ela rolou para cima de mim e gemeu:

— Eu amo você.

— Eu sei — falei. Porque eu sabia. Porque quem mais teria aturado as minhas merdas se não me amasse?

— Isso me assusta — acrescentou.

— Não permita. Prometo que vou te proteger de qualquer coisa. Até de mim mesmo.

Uma hora depois, eu já a estava arrastando para a varanda – ei, estava um dia quente lá fora, já era quase verão – sentando-a nua no jogo de jantar e abrindo suas pernas com meus ombros. Passei a língua pela sua abertura provocando, ficando duro dentro da cueca de novo. Deslizei a mão para o meio das pernas dela e belisquei seu clitóris. Era bom sentir sua pele contra a minha outra vez. E pelo menos agora, eu sabia que a viagem que eu tinha agendado nos Hamptons seria uma festa do sexo.

— As pessoas podem nos ver — disse ela para mim e não foi a primeira vez. Claro que ela estava certa. Estávamos no vigésimo andar, só que a maior parte do resto de Manhattan também.

— Que se fodam — falei, comendo-a todinha, preenchendo-a com a minha língua e meus dedos ao mesmo tempo.

Ela gritava meu nome e eu o adorava tanto em seus lábios que quase explodi. Sua boca ficou aberta pelo resto do tempo enquanto eu a fodia com a minha língua. Depois que ela gozou mais uma vez, levantei e abaixei seu corpo para que ela ficasse deitada na mesa e a fodi cruamente, o jogo de jantar dançava embaixo da bunda dela até

nós dois gozarmos.

Quando comemos nosso jantar frio na mesa de jantar do lado de dentro, resolvi que iria usar minha característica de ser honesto e simplesmente falaria para ela sem rodeios.

— Eu vendi dez por cento das minhas ações na Fiscal Heights Holdings para o Dean em troca de seis meses em Nova York.

Talheres de prata tilintaram na mesa e o silêncio preencheu o ar.

Continuei: — Isso foi em janeiro. Tenho mais três semanas antes de precisar fazer a mala e voltar para Los Angeles. Não vou te pedir nada porque sei que tem sua vida aqui e que ama seu trabalho, mas. . . Só queria te avisar.

Seus olhos arregalaram e ela engasgou com seu dim sum. Eles brilhavam com diferentes emoções, às quais eu ainda era muito babaca para reconhecer. Mas estava bastante certo de que ela não ficou puta comigo dessa vez.

— Três semanas? — Repetiu.

Assenti sério. — Posso tentar vender mais dez por cento das minhas ações, mas não tem como Trent e Jaime deixarem isso acontecer. Eu arriscaria o rabo deles também.

Ela bebeu mais vinho, provavelmente para se dar algum tempo. Depois de acabar com a taça toda, ela se retraiu.

— Obrigada por me contar.

Eu não sabia o que estava esperando. Na verdade, sabia, sim. Esperava que ela dissesse que o trabalho podia ir se foder porque ela ia morar comigo.

Entretanto, por que ela desistiria de sua carreira apenas para eu poder ir atrás da minha?

— Claro. Você vai comer o último dim sum? — Apontei os hashis para o prato dela. Ela balançou a cabeça em negação, parecendo triste de repente. Peguei o pastelzinho e o enfiei na boca, mastigando para não ter que falar mais nada. — Isso é bom.



Emilia

CAPÍTULO VINTE E OITO

— E, NOVAMENTE, SINTO MUITO — repeti minhas próprias palavras pela centésima vez, torcendo meus dedos enquanto estava em pé como uma criança castigada na sala de Brent. Era toda branca, com exceção dos quadros pendurados em cada uma das paredes do ambiente. Eram lindos.

Um era de um campo de morangos.

Um de homens nus usando sapatos elegantes.

Um de uma arma chorando.

E um de uma árvore de flor de cerejeira.

Ele olhou para o meu quadro e suspirou, empurrando seus óculos vermelhos em seu nariz.

— Não sei bem o que te dizer, Millie, a não ser o óbvio. Você está cometendo um erro enorme.

Eu teria argumentado, mas não havia sentido. Ele provavelmente estava certo. Quantas garotas deixariam tudo o que conheciam e amavam – sua cidade, seu emprego dos sonhos, *sua irmã* – por um cara que a mandou embora quando tinham dezoito anos? Não muitas. E, mesmo assim, eu era essa garota.

Eu era tudo de ilógico e imprudente, tudo de estúpido e irracional... porque eu era dele.

Então, continuei parada lá, batendo o pé com nervosismo. Brent se levantou de sua cadeira, afastando-se de sua mesa branca e caminhou até mim. Foi diferente de ficar em frente a Vicious quando ele era o meu chefe.

Porque, agora, eu não estava com medo, apenas triste. Sacrifícios eram como vícios. Você os fazia, desistia de algo bom, para conseguir algo melhor.

— O que Rosie vai fazer? — Perguntou. Ele não conhecia minha irmã tanto assim, mas encontrara com ela algumas vezes e sabia da nossa história. Dei de ombros. Essa era a parte mais dolorosa. A parte que me fazia sentir como uma traidora.

— Ela conheceu um cara. Hal. Vai ficar aqui em Nova York. Está querendo mesmo se matricular de novo na faculdade de enfermagem. Brent me lançou um olhar... Aquele olhar que dizia: *Está vendo? Você também deveria ficar*, mas o descartei fixando o olhar no quadro dos homens nus.

— Sinto muito por te desapontar — falei. E era verdade.

— Você não me desapontou. — Brent se inclinou para o meu rosto, suspirando. — Só espero que não vá desapontar a *si mesma*.



Fui para o escritório de Vic logo depois que entreguei minha demissão. No metrô, pensei sobre o fato de que nunca pedi demissão de tantos empregos num espaço tão curto de tempo. Nunca. Porém, eu sabia o que queria, e o que eu queria era me mudar para Los Angeles. Nunca estive lá, mas isso não importava. Ele estaria lá. Meus pais estavam lá.

Los Angeles era o meu lar e eu não havia estado lá ainda.

Entrei rebolando no escritório de Vicious e, como sempre, sua recepcionista me olhou torto, pensei que a esta altura ela saberia bem que não deveria tentar me impedir de entrar. Ao longo dos últimos meses, entrei por aquela porta inúmeras vezes e, embaraçosamente, fazia barulhos que ela podia ouvir perfeitamente enquanto eu estava lá. Barulhos que claramente entregavam a ideia de que eu estava envolvida em alguma atividade exaustiva de cardio. Vicious não tinha uma esteira em sua sala, então, ela sabia exatamente o que estávamos fazendo.

— Oi. — Acenei para a recepcionista.

— Mmm — respondeu, folheando uma revista brilhosa com uma foto da Selenia Gomez absurdamente editada na capa.

Sentia falta de Patty. Só trabalhei lá por uma semana, mas isso não me impediu de me apegar. Ela era divertida, mesmo quando torcia meu braço para que eu pedisse coisas para Vicious por ela.

Demorou exatamente três segundos para a jovem recepcionista se dar conta de para onde eu estava indo e, quando ela finalmente rompeu sua névoa de fofoca, pulou de sua cadeira e agitou os braços para mim.

— Você não quer entrar lá!

Eu já tinha parado de bater à porta de Vicious há muito tempo. Desde que ele me levou para ver a árvore de flor de cerejeira, para ser exata. Foi como se depois disso não houvesse segredos entre nós.

Arqueei uma sobrancelha e olhei para ela perguntando:

— Por quê?

Ela balançou a cabeça, parecendo desesperada e estressada ao mesmo tempo.

— Ele está... Ele está com uma mulher. Ficou barulhento durante a última meia hora.

Ela estava de sacanagem comigo.

— O quê? — Senti meu rosto empalidecer. A recepcionista empurrou os cabelos para trás. Ela estava suando. Parecia não ter certeza do que fazer. Isso era sério.

— Eu não sei, espero que ele esteja bem. Eu...

Antes de terminar a frase, girei a maçaneta e entrei na sala dele.

Estava barulhento lá dentro, mas não era ele quem estava gritando.

E ele *estava* com alguém.

A última mulher que eu esperava ver.

Jo.

Josephine estava parada perto da mesa dele, com seus dedos de unhas feitas agarrados ao vidro, gritando, enquanto Vicious estava sentado perfeitamente imóvel em sua cadeira executiva. Os olhos dele voaram dela para mim e ele me deu um sorriso íntimo temperado com uma piscada. Ele dizia ao mesmo tempo “que bom te ver” e “não se apegue a essa calcinha porque eu vou arrancá-la de você em um segundo”.

Ele descansava o queixo na mão e voltou a encarar Josephine, que se virou e fez uma careta para mim.

— Não está vendo que estamos no meio de uma conversa? — Ela sacudiu a cabeça para mim espumando.

Caminhei até ela em silêncio e lhe dei um tapa. Com força.

Violência nunca é a resposta. Porém, era bom quando direcionada à mulher que deixou órfão o homem que eu amo.

Um silêncio de choque preencheu o ar depois do golpe da minha palma, antes de Jo erguer a mão e esfregar a pele rosada de sua bochecha.

— Eu te odeio — falei, olhando para ela através de uma cortina de lágrimas por cair. — E vou protegê-lo de você. De todas as maneiras possíveis.

Ela não se mexeu, abismada demais para reagir.

— Está tudo bem. — Vic gesticulou para ela com desprezo, levantando de sua cadeira e vindo em minha direção.

Eu ainda olhava para ela como se fosse o lixo que me esqueci de tirar, e ele deu um beijo em meu rosto, reunindo meu cabelo selvagem num rabo de cavalo e soltando-o sobre os meus ombros.

— Emilia sabe de tudo, e quero dizer da porra toda, então, você pode falar abertamente na frente dela.

Eu ainda não conseguia desgrudar meus olhos de Jo. Nós éramos mesmo parecidas. Mais ou menos. E isso me deixou enjoada. Ah, como Vicious devia se sentir quando me via todos os dias e tudo em que conseguia pensar era na mulher responsável pela morte de sua mãe?

Eu o abracei, depois, fui lentamente até ela. Tudo o que fiz foi estreitar os olhos e ela quase se desintegrou, ainda usando seu vestido *Prada*, seus saltos altos e uma falsa expressão recatada.

— Por que você está aqui, Josephine? Está implorando para ser jogada na cadeia? — Perguntei.

Ela piscou, como se tivesse certeza de que eu era incapaz de realmente falar só porque eu não era a dona orgulhosa de mil vestidos de grife superfaturados.

— Emilia? Pensei que seu nome fosse Millie, querida. Deus te abençoe e eu pensei que você estaria limpando o banheiro de outra pessoa agora mesmo. Sabe, como seus pais? Por falar em ingratidão... Eu te dei um teto, um emprego e uma boa educação e é desse jeito que você

retribui?

— Josephine — alertou Vic —, eu não irritaria a minha namorada a menos que estivesse ansioso para sair daqui em pedacinhos.

— Tudo bem — bufou. — Vim aqui para fazer um acordo, não para ser estripada. — Ela apontou para Vicious imediatamente. — Não vou dar tudo para você.

— Vai, sim, a menos que queira ser acusada de assassinato. — Ele afrouxou a gravata.

Fiquei presa ao chão, atordoada demais para fazer alguma coisa. Ele estava tão calmo durante todo o tempo que confundi sua indiferença com falta de sentimento. Mas eu estava errada. Vicious era cheio de sentimentos. Ele era uma bola de sentimentos ambulante. Só porque não os demonstrava, não significava que seu coração não estivesse sangrando.

— Baron, se você acha que sou idiota, você está totalmente enganado. Eu sei exatamente o que você fez. Sempre achei estranha o momento em que meu irmão morreu. Logo depois que você foi para a faculdade, depois de já ter crescido, fisicamente mais forte. — Ela gemeu, piscando. — Sempre afirmei que havia algo estranho em você. Disse ao seu pai que você era louco.

Vicious deu de ombros.

— Isso é adorável *pra* caralho. Você entende que sua opinião tem peso zero no tribunal, certo, Miss Paranoica? O que você precisa é de uma coisinha chamada prova concreta. Tem alguma?

— Bem, nã... Não... — começou ela, e ele a interrompeu.

— Eu ouvi você conspirando para a morte da minha mãe com meu pai e meu corpo é coberto de cicatrizes. Agora, pare um pouco para absorver isso. — Ele deu uma pausa dramática. Estava zombando dela, entrelaçou as mãos por trás das costas e respirou fundo. Então, continuou: — Você tinha uma motivação. E Daryl não era nenhum anjo. Depois, tem o testamento estranho que meu pai deixou. Por nenhuma razão em absoluto, e sem me informar ou ao seu advogado, ele deserdou seu único filho. Viteri me disse que o novo testamento foi misteriosamente encontrado em seu cofre no banco depois que ele morreu e as duas testemunhas que o assinaram estão mortas.

— Isso não tem nada a ver comigo. Uma coincidência. E quanto a estas outras acusações absurdas, você nunca disse uma palavra a ninguém até agora. Um júri saberá que está mentindo. — Ela se pôs a frente dele, sua pele pálida, sua testa com uma fina camada de suor frio. — *Você não tem nenhuma prova contra mim.*

Só que ele tinha.

Ele tinha a mim.

Eu agitei a mão no ar com um sorriso.

— Na verdade, durante o último ano, Vicious e eu éramos amigos por correspondência. Dever de colégio. Ele me contou tudo sobre você e o abuso de Daryl naquelas cartas. Os registros da escola mostram que isso é verdade e eu inclusive guardo as cartas numa caixa de sapato. Ainda as tenho — falei dando de ombros. — Meus pais também sabiam o que estava acontecendo.

Vicious se virou e me encarou um pouco surpreso. Ele não estava esperando por isso. Éramos dois.

Eu menti por ele.

Ele fechou as mãos em punho e riu.

— Santo Batman, Jo, isso é muita evidência contra você. Vou ter um dia cheio te queimando viva. Na verdade, apenas observe enquanto dedico meus próximos anos a sentar no tribunal te assistindo suar. E não vou parar com o testamento. Vou exumar o corpo da minha mãe. É incrível o que podem testar mesmo depois de anos após o ocorrido. Eu pessoalmente conheço uma indústria farmacêutica gigantesca que tem recursos incríveis. Você nem precisa ser condenada pelo assassinato da minha mãe. Vou te processar por homicídio doloso.

O único som audível era o zumbido do ar condicionado e eu, engolindo seco. Jo, cabisbaixa, tremendo e desequilibrada, agarrou sua bochecha cerosa. Com força.

— Você não pode me deixar sem nada. Me dê dois milhões.

— Nem mesmo um centavo — rebateu Vicious. — E eu sei sobre cada conta de banco e automóvel vintage que meu pai tinha. Você vai sair com cerca de dois mil e as poucas roupas que não queimaram, então, é melhor fazer planos imediatos para ir à agência de empregos no Havaí porque vai precisar de dinheiro em breve. Ah, sim, isso mesmo,

você nunca mais teve um emprego desde que se infiltrou na vida da minha família. Acho que é hora de começar a procurar por um.

Josephine estava branca, tão branca que pensei que ela fosse desmaiar. Ela soltou um grito, um choro frustrado que ecoou e balançou as paredes, correndo em direção a ele e socando seu peito.

Ele deixou.

Depois, a segurou quando seus joelhos cederam e ela desabou em algo que lembrava um abraço. Foi tudo tão surreal. Eu não sabia o que fazer. Imaginei que nenhum de seus funcionários sabia também como lidar porque vi os olhares curiosos pelas paredes de vidro.

— Não posso — murmurou no peito dele, agarrando suas roupas, deixando marcas de maquiagem em sua camisa social azul-bebê impecável. — Não posso voltar a ser pobre. Baron, por favor. Baron, eu vou morrer.

— *Shhh...* — Ele deu um tapinha na cabeça dela de um jeito quase paternal. — Acabou, Jo. Você fez uma boa corrida, mas desviou a porra do veículo. Você achou mesmo que sairia impune? O que estou dizendo? Claro que achou, sua coisinha estúpida. Mas acabou. Acabou a guerra e os bons venceram.

— Você não é uma boa pessoa — ela fungou.

Ele sorriu.

— Minha mãe era.



Acabei dormindo na casa dele naquele dia. Eu ainda não tinha conversado com ele sobre a minha demissão. Parecia inapropriado falar sobre qualquer coisa afora o que aconteceu com Jo e, além do mais, ele tinha um monte de telefonemas a fazer para Eli Cole, para o Sr. Viteri e para outras pessoas que iriam lidar com montanhas de papelada relacionada a Jo renunciando a sua reivindicação de propriedade de Baron Spencer.

Vicious até se certificou de que a madrastra devolveria as joias e os vestidos de grife que pegou antes de a casa ser queimada. Cada um

deles. Na verdade, eu fiquei surpresa por ele não ter alertado todas as casas de penhores na Costa Leste para não fazer acordo com sua madrasta. Ele estava ocupado se vingando. Ocupado sendo ruim. E eu deixei.

Naquela noite, fizemos sexo como costumávamos fazer antes de ele voar para Todos Santos. Violento. Ávido. Ele estava indiferente, mas eu não liguei. Eu sabia que ele voltaria para mim em algum momento. E voltou.

Na manhã seguinte, acordei e vi um café da manhã com iogurte grego e frutas esperando por mim. Vicious sempre comeu como uma pessoa rica. O que significava que ele não curtia muito carboidrato e gostava de proteína magra e vegetais orgânicos.

— Onde estão meus ovos e bacon? — Bati na mesa como se a comida tivesse me ofendido pessoalmente, mas por dentro eu estava sorrindo. Ele organizou uma mesa cheia de café, suco de laranja e frutas cuidadosamente cortadas enquanto eu estava ocupada roncando.

Da cozinha, Vicious lançou um olhar frio sobre seu ombro e ergueu uma sobrancelha.

— Puta merda. Você passou a noite aqui. Não chamei um táxi para você?

Sorri e coloquei a mão na barriga, fingindo rir, depois, me sentei e tomei o iogurte. Estava de boca cheia quando falei:

— Preciso te contar uma coisa.

— Tudo bem, mas eu preciso te contar uma coisa primeiro. — Ele se virou e caminhou até a mesa, segurando sua xícara de café. Seu maxilar se contraiu e ele engoliu. — Quero fazer outro acordo com Dean. Estava pensando em talvez estender minha estadia por mais seis meses, mas não vou poder dar outros dez por cento para ele. Daria se pudesse, e que se foda a empresa e as minhas ações. Não é pelo dinheiro. Só que Jaime e Trent nunca assinariam por esta merda. Talvez eu possa convencer Dean a vender algumas de suas ações para eles...

Eu o parei bem aí, porque ele estava falando coisas sem sentindo e, mesmo tendo apreciado o gesto, não queria assisti-lo jogando sua carreira pela descarga só para eu poder explorar a minha.

— Eu pedi demissão — falei serenamente.

Ele levantou o olhar para encontrar o meu. Havia esperança e confusão neles.

— O quê?

— Eu pedi demissão. Vou com você. Rosie vai ficar com Hal. Pedi que ela fosse comigo, mas ela quer dar uma chance ao relacionamento deles e, além disso, ela nunca viveria em outro lugar que não fosse Nova York. Eu disse que ela nem tinha dado uma oportunidade a Los Angeles...

Ele me interrompeu. — Emilia, sem faltar com respeito, mas quem se importa com sua irmã? Rebobine. Você vai se mudar comigo para Los Angeles?

Levantei da minha cadeira com as pernas trêmulas e sorri tímida.

— Surpresa...?

Ele me agarrou e me jogou no ar como se eu fosse uma criancinha, rodando comigo, seu rosto mais feliz do que jamais vi. Recuperei o fôlego entre os beijos, sabendo que isso iria se desenrolar para algo maior, algo bem maior, contar qual era a minha condição. Porque havia uma condição. E tinha que ser cumprida.

— Só tem uma coisa — falei.

— Qualquer coisa — prometeu.

— Quero que deixe Rosie alugar este apartamento de volta. Não gosto dela morando num bairro ruim. Acho que ela e Hal vão morar juntos mesmo, então, eles provavelmente vão poder pagar o aluguel.

— Eles não vão ter que pagar o aluguel. Talvez algumas centenas de dólares para os procedimentos legais, mas não tudo. Eu te prometo. E ela pode ficar aqui, sim. Vou me certificar disso.

Assenti. — Então, serei uma garota de Los Angeles. — Houve um momento de silêncio. Nós dois sorrimos.

— Eu te amo. — Ele sorriu como o garoto que um dia eu fui tão desesperada em impressionar.

— Eu te amei primeiro — brinquei como a garota que, lá no fundo, sabia que ele sempre gostou dela também.

— Impossível. — Ele me beijou com força, sua língua deslizando para dentro da minha boca. Depois recuou. — Eu te amei desde que você

me disse que seus amigos te chamavam de Millie. Mesmo naquela época, quando eu te peguei bisbilhotando, soube que não iria te chamar assim, porque você não seria a porra da minha amiga. Você estava destinada a ser minha esposa.



EPÍLOGO

VICIOUS

Dois meses depois

— ISSO É RIDÍCULO — falei, com as mãos nos bolsos, ainda encostado à parede do lado de fora da sala de parto. Eu odiava Chicago. Também odiava Nova York. Pensando bem, eu odiava qualquer lugar que não fosse Los Angeles ou a boceta da minha noiva. Felizmente, eu vivia nos dois lugares.

— Isso pode levar dois dias. — Jaime soltou um suspiro e esfregou os olhos, andando de um lado para o outro. — Melody ficou em trabalho de parto por dezoito horas antes de ter Daria.

— Caramba. — Emilia levantou a cabeça do bloco de desenhos em seus joelhos e passou os olhos pelo corpo minúsculo de Melody.

Minha antiga professora de Literatura, que se tornou a esposa do meu melhor amigo, estava sentada ao nosso lado, lendo em seu *Kindle*. Os olhos dela deixaram a tela. Um sorriso se formou em seus lábios.

— Ah, é. E o parto foi induzido. Bons tempos.

— Eu nunca vou ter filhos. — Emilia balançou a cabeça, boquiaberta. Ela vestia um jeans azul-bebê, uma camiseta verde e tinha flores em seus cabelos cor-de-rosa.

Levantei uma sobancelha e fiz beicinho.

— Obrigado pela notícia. Da próxima vez, anuncie em rede nacional. Contudo, eu não liguei. A última coisa que eu queria era dividir minha futura esposa com outra pessoa. E filhos podiam ser exigentes. Tínhamos dez anos agindo como idiotas para recuperar. Talvez em três, quatro, seis anos. Mas no futuro imediato? Sem porra de chance. Ela sorriu com malícia.

— Nós conversamos sobre isso. Você odeia crianças.

— Ódio é uma palavra forte. Eu não ligo para elas. — Dei de ombros.

— E, caralho, não consigo acreditar que Trent vai ser pai.

Assim que eu disse isso, um médico com roupa verde – ou era azul? – passou por nós no corredor e me olhou de cara feia. Acho que eu deveria tomar cuidado em não soltar a bomba-c a cada segundo neste lugar.

— É ridículo — concordou Jaime.

Ouvimos passos e Dean apareceu no corredor, correndo em nossa direção, segurando a mão de uma mulher nova que eu não conhecia. Não conseguia me decidir quem era o maior galinha: ele ou Trent. Embora, agora que Trent seria pai, acho que muitas coisas mudariam para ele.

— O que eu perdi? — Falou Dean.

— Nada além das habilidades sociais básicas. — Jaime olhou para ele de cara feia, depois, encarou indignado a garota que trouxe junto com ele. — Sem ofensa à dama, mas é realmente o lugar adequado para trazer seu encontro?

— Dê um desconto a ele. — Emilia bocejou de sua cadeira encostada à parede, continuando a rabiscar. Flores de cerejeira. As preferidas dela. As minhas também. — Ninguém se importa além de você.

Meu celular tocou na minha mão e eu grunhi.

— Tenho que atender.

Emilia sorriu calorosamente e se apresentou à garota que Dean trouxera. Ela sempre era legal com as garotas que Dean e Trent arrastavam para qualquer evento social que todos nós íamos, mesmo sabendo que poderia nunca mais vê-las. Essa era Emilia. A mais doce. A mais gentil. E... minha.

Enfie um dedo em meu ouvido para abafar o barulho da comoção no corredor e me encostei na parede.

— Alô?

— *Sim* — ouvi o Sr. Viteri dizer, ele ainda não era um homem de muitas palavras. — *Falei com seu consultor financeiro. Então, você está dispondo de seis milhões de dólares por aquela galeria em Venice Beach?*

— Quero fazer a oferta esta noite — confirmei. — Comprar o complexo inteiro.

— *Em seu nome?* — O tom de Viteri era cauteloso, beirando o prestativo.

Balancei a cabeça, mesmo ele não podendo ver.

— Emilia LeBlanc. Minha noiva.

— *Eu lembro* — falou Viteri entredentes, irritado. — *A mesma noiva com a qual você gostaria de se casar sem um acordo pré-nupcial. Preciso expor minha opinião sobre esse assunto novamente, Sr. Spencer?*

— Não.

Eu a amava. Eu a amava tanto que só haveria uma saída desse casamento além da morte, e seria se Emilia acordasse um dia e resolvesse foder cada cara da minha lista de contatos. Mesmo assim, provavelmente, eu a perdoaria.

Eu costumava pensar que as pessoas que não assinavam um acordo pré-nupcial – pessoas ricas que não faziam planos – eram idiotas demais para ter tanto dinheiro, para começo de conversa. A seleção natural das classes mais altas. Era como eu chamava. Mas, agora, eu entendia. Entendia por que faziam isso.

Eles não queriam pensar no “e se”.

Eles não queriam considerar o fracasso.

Porque para eles, simplesmente não era uma opção.

Tudo o que eu sabia quando ajoelhei sob uma árvore de flor de cerejeira em nossa viagem ao Japão era que, desta vez, Emilia não iria a lugar algum. Nunca. A menos que fosse comigo.

Aceitar o fato de que você amava alguém era muito mais difícil do que se apaixonar pela pessoa. Levava tempo. E coragem. Mas quando eu finalmente tomei esse tempo, encontrei a coragem, quando eu finalmente baixei a minha guarda, descobri algo espetacular.

Eu queria criar um mundo e preenchê-lo com sua voz gutural e seus sorrisos. Com sua risada, seus olhos de pavão e seu guarda-roupa maluco. Ela era a cápsula de felicidade que eu tomava todos os dias para garantir ser capaz de dormir, comer e viver bem.

E eu fazia tudo isso. Graças a ela.

Saí do celular e voltei para onde todos os meus amigos estavam reunidos. A garota que Dean levou estava sentada ao lado de Emilia e empolgada com seu desenho. Estufei meu peito cheio de orgulho.

Dean me deu uma cotovelada e apontou Emilia com o queixo.

— Vocês são os próximos? Filhos?

— Vai se foder — falei, como se ele estivesse sugerindo a morte e não a criação de uma nova vida.

— Aliás, estive pensando e estou querendo vender suas ações de volta. Imagino que tenha se humilhado o suficiente para todos a quem devia desculpas.

— Por quanto? — Perguntei, virando para a parede, escondendo as mãos enquanto enrolava um baseado. Isso tudo era demais. Trent se tornar pai era demais. Fiz uma nota mental para garantir que o serviço social visitasse esse bebê mensalmente com esses dois como seus pais. Coloquei o tabaco e a erva dentro do papel enrolado, espalhando-os uniformemente com as pontas dos dedos.

— Sete milhões e meio, mais desculpas. — Dean ergueu um ombro.

— Oito sem as desculpas — falei.

— Oito com as desculpas, só porque você é um babaca que não se incomoda em fazer a coisa certa.

Eu ri. — Sete e meio com as desculpas — repeti. — Quer que eu fique de joelhos?

— Só se você chupar um pau tão bem quanto a sua namorada. — Ele movimentou as sobrancelhas e eu dei um soco em seu braço. Com força.

— Caralho! — Ele se retraiu.

— Eu ouvi isso — disse Emilia da cadeira ao nosso lado, me tranquilizando com sua doce voz. — Ele está mentindo. E para a sua informação, é noiva agora. — Ela balançou o dedo anelar.

Enorme, uma porra de diamante enorme. Cor-de-Rosa para a minha Pink, claro.

— Eu sei que ele está mentindo, amor. Vem comigo para o telhado? — Pedi. Ela assentiu e se levantou, deixando o bloco de desenhos. Quando as portas do elevador fecharam atrás de nós, coloquei o baseado no meu bolso e a imprensei na parede, beijando-a com força. Ela gemeu na minha boca e logo suas mãos estavam em meus cabelos, minhas mãos em sua cintura e éramos dois corpos se transformando em um, apesar das roupas.

— O que você quer? — Perguntou ela.

Precisava pensar em algo depressa. Ao longo dos últimos dois meses,

transformamos a pergunta em nossa brincadeirinha. *Pergunte... o que eu quero?*

Pensei rapidamente antes de falar:

— Quero que seja preto.

— O que você quer que seja preto? — Ela estava ofegante.

Enfieí minha mão dentro do jeans dela e massageei seu clitóris por cima da calcinha. Estaríamos tão fodidos se tivesse câmara no elevador...

— Sua galeria em Venice Beach — falei.

Ela parou de me beijar. Parou de puxar meu cabelo. Olhou para cima e me analisou, desconfiada.

— Não — disse ela.

— Sim — respondi. — Nunca entendi por que as galerias são sempre tão brancas *pra* caralho, sabe?

— Vic. — Os lábios dela tremiam e seus olhos brilhavam por causa das lágrimas. Lágrimas de felicidade. Porque agora eu a fazia feliz. A porra do tempo todo. — Eu te amo tanto que às vezes sinto como se nem fosse mais real — admitiu ela.

Eu sabia exatamente como ela se sentia.

— É real e é sua.

Fumei maconha enquanto ela dançava no telhado e sorria para mim de vez em quando. Eu a assistia com um sorriso. A vida era boa. E estava prestes a melhorar em breve, quando esta mulher se tornasse completamente minha.

E estava tudo *certo*, porque papai estava morto, Daryl estava morto e Jo morava num apartamento nos subúrbios de San Diego e trabalhava como garçõnete, dobrando os turnos. Ela nunca voltou ao Havaí. Às vezes, tentava me mandar mensagem, implorando por um empréstimo. Nunca respondi.

Passamos mais de dez minutos no telhado antes de voltarmos para o andar da maternidade onde estávamos esperando a stripper de Trent dar à luz, mas ninguém estava no corredor. Ninguém.

— Tem certeza de que estamos no andar certo? — Emilia olhou ao redor, confusa. Parecia o lugar certo. Por outro lado, o problema com hospitais era que tudo parecia idêntico *pra* caralho.

Avistamos seu bloco de desenhos na cadeira na recepção assim que uma enfermeira gorda saiu de um quarto, olhando para a prancheta em sua mão.

— Amigos de Vasquez e Rexroth?

Nós dois assentimos.

— Parabéns, é uma menina saudável. Vou mostrar o quarto a vocês.

Nós praticamente corremos atrás dela. A enfermeira bateu à porta, esperou e logo Trent disse: — Sim? — e nos deixou entrar.

Emilia foi na frente, mas eu segurava sua mão, logo atrás dela. Trent parecia bem. Feliz. Até resplandecente. Ele segurava uma coisinha em suas mãos, embrulhada num cobertor branco, com um chapéu de lã rosa claro e azul-bebê na cabeça. Ela parecia tão pacífica e doce. Valenciana estava deitada na cama, falando em português com sua mãe, que estava sentada ao seu lado.

— Brasileira, afro americana e alemã — disse Trent, nos apresentando sua bebê e Emilia apertou a minha mão.

— É um nome bastante grande. Que tal usar as iniciais e chamá-la de “Baaa” como apelido? — Ergui uma sobancelha e Trent riu.

Era difícil de dizer, mas achei que a filha dele seria tão bonita quanto os pais, o que era uma notícia horrível para o resto da população masculina. Sua pele era morena e seus olhos acinzentados. Como os de Trent.

— É a descendência dela, cuzão.

— Trent! — Todos no quarto gritaram em uníssono e eu sorri como o idiota que era.

— Tsc-tsc — falei, balançando a cabeça. — Então, como vão chamá-la?

Ele entregou a bebê para Emilia sem perguntar se ela queria segurá-la, mas pelo sorriso que quase dividiu seu rosto em dois, eu sabia que ela estava dentro. Ela agarrou a bebê apertado em seu peito e arrulhou.

Depois, Trent olhou para Valenciana e ela olhou para ele. Algo se passava entre eles. Eu sabia que não estavam juntos. Mais do que isso, eu sabia que este bebê provavelmente não foi um acidente. Trent era uma das pessoas mais ricas onde morava em Chicago, sexy *pra* caralho, e se tornaria ainda mais rico quando expandíssemos. Mas

nada disso importava neste momento, porque estava claro que, apesar de tudo, ambos estavam comprometidos com este bebê e a amavam muito mais do que alguns pais casados amavam seus filhos.

— Luna — disseram ambos.

Emilia estava prestes a desmaiar de felicidade. Ela sorriu e arrulhou mais um pouco, segurando Luna mais perto, murmurando sobre como era um nome perfeito para uma menina perfeita.

Enfim, era a vez de Melody segurar a bebê e ela a tirou da minha noiva antes que esta conseguisse sair correndo com ela. O quarto estava vibrando de animação e risadas e eu recuei, sentei perto de Emilia e sorri.

Esta era a minha família.

Minha noiva.

Os HotHoles.

E até as garotas sem nome que vinham com eles.

— Mudei de ideia sobre bebês — disse Emilia em meio ao falatório, inclinando-se para mim. — Talvez não agora nem em poucos anos, mas pelo caminho, eu quero. Acho que realmente quero. O que você acha?

Eu sorri com ironia. Emilia LeBlanc, de Richmond, Virgínia, estava me pedindo para colocar um bebê dentro dela.

Então, dei de ombros e me inclinei de volta para ela.

— Não se preocupe. Não vou parar de tentar te engravidar, mesmo depois que já estiver grávida.

Ela riu.

— Combinado? — Perguntei.

— Combinado.

AGRADECIMENTOS

Este livro nunca teria acontecido se não fosse por tantas pessoas. Esta é a parte que me esqueço de 40% delas, mas ainda vou fazer o melhor que posso para incluir a maioria das mulheres fortes, atrevidas e talentosas que me ajudaram em cada passo do caminho.

Sunny Borek. Sério. Esta garota. Uma das minhas melhores amigas e a única pessoa que tem a habilidade de me enlouquecer e me manter sã ao mesmo tempo. Obrigada por sua leitura beta de *Vicious* inúmeras vezes. Obrigada por amá-lo. Por sempre me apoiar quando precisei de você. Mas, acima de tudo, por ser você.

Minhas leitoras beta: Amy. Obrigada por ler a história várias vezes, fornecendo conselhos legais e me fazendo rir quando eu entrava em colapso. Lilian, Paige, Josephine, Ilanit, Sabrina, Rebecca Graham, Ava Harrison e Ella Fox. Vocês são incríveis. Agradeço muito, muito, o tempo de vocês, a paciência e os esforços. Cada uma de vocês trouxe algo para este livro que, na minha opinião, tornou-o melhor.

Membros da minha equipe de rua, para citar alguns: Julia Lis, Lin Tahel Cohen, Kristina Lindsey (que também assumiu a administração do lançamento e organizou a festa, porque ela é durona desse jeito. Obrigada por passar longas e exaustivas horas no meu marketing, mulher fabulosa!) Sonal, Jessica, Brittany, Sher, Tamar, Avivit, Tanaka, Oriana e muitos mais. Não importa onde eu vá, vocês estão lá para me apoiar. Sou a garota mais sortuda do mundo por ter vocês ao meu lado.

Muito obrigada à minha equipe profissional. Aos meus editores, Karen Dale Harris, que deixa cada livro que escrevo muito, muito, muito melhor do que era inicialmente, e Vanessa Leret Bridges. A Stacey Ryan Blake pela bela formatação e Letitia Hasser pela capa maravilhosa (foi divertido trabalhar nela, não?)

(Esta é a parte em que eu estava prestes a agradecer ao meu marido e ao meu filho, mas, então, lembrei que eram as mesmas pessoas que imploravam repetidamente para eu sair do meu escritório para poder preparar o jantar/lanche/assistir TV/ir às compras com eles. Vocês não merecem um obrigada, rapazes, mas ainda os amo mais do que tudo no mundo.)

Um enorme obrigada a todos os blogueiros que compartilharam, incentivaram, divulgaram e revisaram este livro e meus livros em geral. Não sei o que fiz de certo para merecer a atenção de vocês. Só espero que continuem sempre fazendo isso, porque vocês são ouro. Cada um de vocês: incríveis. Para os meus leitores. Obrigada por realizar meu sonho comprando meus livros. Acordo todos os dias com um grande sorriso no rosto sabendo que ganho a vida fazendo o que amo e pelo que sou apaixonada, e vocês fazem isso acontecer.

Acima de tudo, porém, gostaria de agradecer a todos que chegaram até aqui no livro. Gostando ou não, sua avaliação sempre é valorizada. Por favor, considere deixar uma antes de prosseguir para a próxima aventura literária.

Amor, abraços e olhares inadequados.

L. J.

Xoxo

SOBRE A AUTORA

L.J. Shen é autora bestseller internacional de Romance Contemporâneo e New Adult. Mora no norte da Califórnia com seu marido, filho pequeno e gato gordinho.

Ela gosta das coisas simples da vida, como passar o tempo com sua família e amigos, *HBO*, *Netflix*. Ela lê entre três a cinco livros por semana.

Vicious abre o lançamento de algumas de suas séries a serem publicadas pela *Editora Bezz*.

Notas

[←1]

HotHole (gíria) poderia ser traduzido como “um cara gostoso, mas totalmente babaca”. Ou ainda, mais característico dos personagens em questão, “fodedores”.



be22
EDITORIAL

NOS BRACOS DO ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



ELIZABETH BEZERRA

Proibida
PARA MIM

SÉRIE NEW YORK

1

bezz
EDITORA

Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)



*Se ele tiver um coração,
ela pretende conquistá-lo*

LIGADOS PELA *honra*

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 1

CORA REILLY



Ligados Pela Honra

Reilly, Cora

9786586066111

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nascida em uma das principais famílias da máfia de Chicago, Aria Scuderi luta para encontrar seu próprio caminho em um mundo onde não há escolhas. Aos quinze anos, ela foi escolhida para ser a aliança que uniria duas das maiores máfias americanas, casando-se com ninguém menos que 'o vice', Luca Vitiello, o próximo capo da máfia de Nova Iorque. Agora, aos dezoito, o dia que ela mais temia se aproxima: o do seu casamento. Apesar da fama que seu futuro marido carrega, e do medo que ele causa nela, Aria sabia que não tinha escapatória, e teria não só que se casar com um homem implacável, como que conviver com pessoas que até bem pouco tempo eram inimigas declaradas de sua família. Mas o jeito de predador alfa de Luca provoca nela um conflito interno; sentimentos novos; desejos sensuais e uma grande dúvida: seria aquele homem conhecido por não ter um coração capaz de amar?

[Compre agora e leia](#)

KATY REGNERY

BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

O Coração da Fera

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM BELA E A FERA



bezz
EDITORIA



O coração da fera

Regnery, Katy

9788554288006

347 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto de Fadas Moderno de A Bela e a Fera, vencedor do Kindle Book Awards® de 2015, na categoria Romance, e finalista do prêmio RITA®, no mesmo ano. Contém vocabulário e cenas de conteúdo adulto. Recomendável para leitores acima de 18 anos.

Um erro de julgamento destruiu a carreira dela...

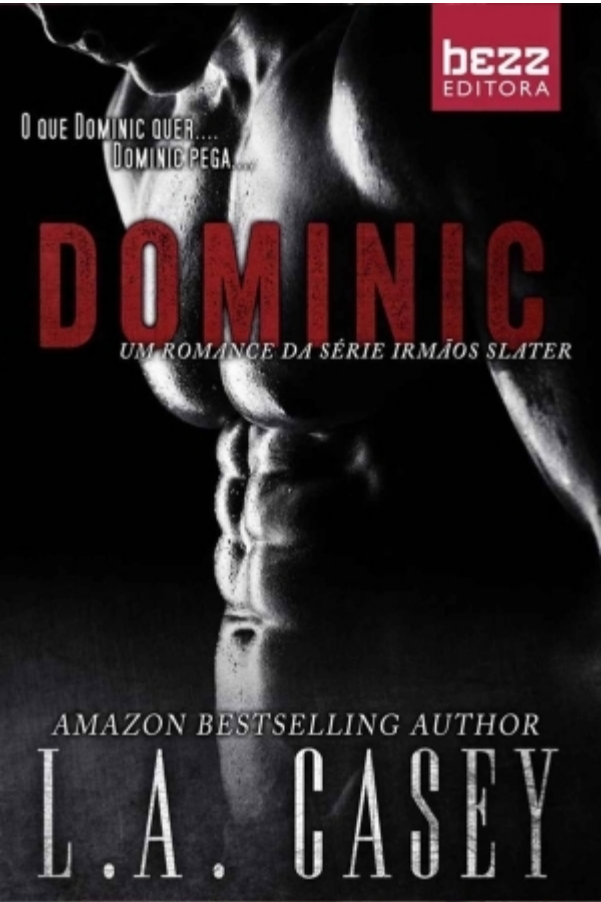
A promissora jornalista investigativa, da cidade de Nova York, Savannah Carmichael, viu sua carreira ir por água abaixo quando foi enganada por alguém em quem confiava ao ser apresentada a uma fonte não fidedigna. Voltando à sua cidade natal, ela tem uma nova oportunidade quando um jornal de menor expressão lhe dá a chance de provar seu valor, escrevendo uma matéria especial para a edição de Quatro de Julho. Imediatamente, Savannah se lembra do "eremita" da cidade; um veterano ferido que retornou há oito anos e nunca mais foi visto. Ele seria seu passaporte para voltar à ativa.

Um passo em falso destruiu a vida dele...

Asher Lee quis fazer a diferença na vida dos outros, pelo seu país, e se alistou após o 11 de Setembro. Alguns anos depois, teve sua vida modificada quando uma mina no Afeganistão praticamente destruiu o lado direito de seu corpo. Agora, ele faz jus ao apelido que recebeu na cidade ao viver escondido em sua enorme casa; uma 'fera' vivendo uma semi-vida através dos romances que lê avidamente. Quando uma bela repórter aparece à sua porta, trazendo-lhe brownies e querendo fazer sua história conhecida, a princípio ele reluta, para mais adiante, não só aceitar, como se ver enredado em sentimentos que nunca ousou pensar que lhe seriam permitidos novamente. Ela era seu passaporte para a esperança.

E juntos, tornaram suas cicatrizes uma ponte para o Amor. Savannah e Asher criaram um vínculo imediato, tocando o coração um do outro de formas que nem imaginavam ser possível. Mas um terrível erro ameaça distanciá-los, e terão que decidir se o amor que aprenderam a conhecer é forte o suficiente para lutarem por seu final feliz.

[Compre agora e leia](#)

The book cover features a high-contrast, black and white photograph of a man's muscular torso and arms. The lighting is dramatic, highlighting the contours of his muscles. In the top right corner, there is a red rectangular logo for 'bezz EDITORA'. At the top left, there is a small text snippet. The title 'DOMINIC' is prominently displayed in large, red, distressed capital letters. Below the title, a subtitle is written in a smaller, white, italicized font. Further down, the author's name is preceded by the text 'AMAZON BESTSELLING AUTHOR'. The author's name itself is in large, white, serif capital letters.

bezz
EDITORA

O QUE DOMINIC QUER...
DOMINIC PEGA...

DOMINIC

UM ROMANCE DA SÉRIE IRMÃOS SLATER

AMAZON BESTSELLING AUTHOR

L.A. CASEY

Dominic

Casey, L.A

9788568695104

371 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de um acidente que matou seus pais, quando ainda era uma criança, Bronagh Murphy escolheu se afastar das pessoas, em um esforço para se proteger de futuras mágoas. Se ela não se apegar, se não conversar ou tentar conhecê-las, elas a deixarão em paz, exatamente como ela quer. Quando Dominic Slater entra em sua vida, ignorá-lo é tudo que ela precisa fazer para deixá-lo intrigado. Dominic está acostumado se destacar, e quando ele e seus irmãos se mudam para Dublin, na Irlanda, por causa de um negócio de família, isso é exatamente o que ele consegue: a atenção de todos. Menos da linda morena de língua afiada.

[Compre agora e leia](#)